

YOUNG SHERLOCK

SNAKE BITE

ANDREW LANE

Equipe: Luízes.

Dedicatórias

Dedicado a Mike Elliott, Keith Garland, Derek Rothwell, Angus Martin, Lynn Martinez (ou Lynn Furby, como ela era antes), Paula Fountain e (mais especialmente) Sonia Morrish – as pessoas que me ajudaram a sobreviver aos anos 1982-1985 com alguma parcela de sanidade. Obrigado por estarem lá.

Dedicado também a Steven Moffat, Mark Gatiss and Guy Ritchie, por manterem a lenda viva nas telinhas e telonas.

E meu grato reconhecimento a habilidade e diplomacia de Sally Oliphant, que tem trabalhado antes e além da chamada do dever em me manter são e focado em tempos difíceis, e Polly Nolan, quem gerenciou o corte de 12,000 palavras de meu primeiro esboço (incluindo algumas centenas de desnecessários usos da palavra “just”) e o melhorou incomensuravelmente.

Prólogo

Os corredores e salas do Diógenes Club são, possivelmente, os lugares mais silenciosos em toda Londres. A ninguém lá dentro é permitido falar – exceto na sala dos visitantes, e somente com a porta bem fechada. Os funcionários que trabalham lá – os criados e os garçons – tem tecidos acolchoados presos as solas de seus sapatos a fim de que possam se mover apenas silenciosamente, e os jornais que os membros do clube leem são impressos especialmente para o Diógenes em um papel que não produz ruído quando é folheado. A qualquer membro que limpar a garganta ou assuar o nariz mais de três vezes no mês é dado uma advertência por escrito. Três advertências resultam em sua expulsão do clube.

Os membros do Diógenes Club valorizam o seu silêncio.

Quando Amyus Crowe empurrou o criado no hall de entrada e atravessou o labirinto de corredores e salas de leitura até onde Mycroft Holmes estava esperando por ele, ele não disse uma palavra, mas havia algo sobre ele que fez com que todos olhassem pra cima em desaprovação, e então desviassem o olhar rapidamente quando ele os encarava. Embora ele estivesse em silêncio, mesmo que suas roupas mal fizessem ruído quando ele andava, mesmo que o couro da sola de seus sapatos fizesse um pouco mais que um ruído de raspar nos ladrilhos, ele parecia irradiar uma energia que crepitava ferozmente e estrondosamente. Ele parecia transmitir uma fúria audível em cada poro de seu corpo.

Ele bateu a porta da sala dos visitantes atrás de si com tanta força que nem mesmo as dobradiças pneumáticas especiais puderam impedir o “bang”!

“O que você ouviu?” Ele exigiu.

Mycroft Holmes estava em pé de um lado da escrivaninha. Ele estremeceu.

“Meus agentes confirmaram que Sherlock fora raptado em Farnham e transportado para Londres sob o efeito de drogas. Ele fora levado a bordo de uma embarcação nomeada Glória Scott.”

“E o que você está fazendo a respeito para resgatar seu irmão e meu aluno?”

“Eu estou fazendo tudo o que eu posso” Mycroft falou. “O que não é muito, eu temo. O navio partiu rumo a China. Eu estou tentando rastrear um manifesto com o qual eu consiga antecipar quando e onde o navio atracará para obter suprimentos ao longo da rota. Mas isto está se mostrando problemático. As viagens deste navio são organizados sob as ordens de seu capitão, o qual é notoriamente excêntrico, de acordo com meus agentes. Seus pontos de partida e chegada estão fixados – Londres e Changai – mas ele pode parar em qualquer lugar nesse meio tempo.”

“E –” Crowe fez uma pausa – “e você tem certeza de que Sherlock está vivo?”

“Por que iriam drogá-lo e raptá-lo se a intenção fosse matá-lo? Por que ter o aborrecimento de transportá-lo a uma embarcação quando poderiam

simplesmente sepultá-lo em um bosque qualquer? Não, a lógica me diz que ele permanece vivo.”

“Então qual é o ponto em levá-lo?”

Mycroft pausou por um momento. Seu rosto ficou, o que se pode dizer, mais grave. “A resposta a esta pergunta depende de quem o levou.”

“Eu acho que ambos sabemos a resposta a isto,” Crowe rosnou.

Mycroft assentiu. “Relutante como eu sou em tirar conclusões com ausência de evidências, eu não posso pensar em nenhuma outra possibilidade. A Câmara Paradol o tem.”

“Há alguma evidência,” Crowe ressaltou. “Em seu caminho para Edimburgo ele jura ter visto o Kyte, que terminou por ser um agente da Câmara Paradol na plataforma da estação em Newcastle. Ele mencionou isso a Rufus Stone, e Stone mencionou a mim. Nós dois suspeitamos que a Câmara Paradol mantinha um olho nele, mas não imaginamos que eles tomariam qualquer ação.”

Mycroft assentiu novamente. “E isso explica a sua irritação, que não é dirigida a mim mas a si mesmo. Você está furioso por não ter antecipado o perigo que Sherlock corria.”

Crowe desviou o olhar de Mycroft, seus olhos começaram a brilhar por debaixo de suas espessas sobrancelhas brancas. “Você disse que se soubéssemos quem o teria levado então saberíamos o porquê o teriam levado. Então – Nós sabemos que foi a Câmara Paradol. O que eles querem?”

“A Câmara Paradol são – perdoe-me, você gostaria de uma pequena dose de xerez seco? Não? Bem, então se importaria se eu me servisse? Sim, como você já sabe, a Câmara Paradol são um grupo de agitadores com motivação política que desejam mudar os governos a fim de atingirem seus objetivos, que eu presumo que façam uma grande quantidade de dinheiro a partir da negociação de ações e venda de armas, entre outras coisas. Eu tenho ouvido descrições deles como sendo uma pequena nação sem limitações, território ou uma capital, o que parece uma descrição tão boa como qualquer outra. Em minha limitada experiência eles raramente têm apenas uma razão para fazer qualquer coisa. Qualquer atividade deles é baseada em ações que contribuam para o progresso de uma série de frentes. Se eu fosse arriscar um palpite...” Ele interrompeu, e meneou sua grande cabeça. “Um passatempo que eu acho repugnante, a propósito. Mas sim, se eu for arriscar um palpite, então eu diria que suas razões para abduzir Sherlock são, primeiramente para puni-lo por seu envolvimento em interromper vários de seus golpes, segundo para prevenir que ele venha a interromper mais desses golpes, e terceiro para jogar a você e a mim em um estado de confusão que dificultaria nossos esforços para descobrir o que seus outros golpes realmente são.”

“Mas não irão matá-lo,” Crowe ressaltou. “Por que não?”

“Matar Sherlock iria puni-lo por alguns segundos, após o que ele não iria se

importar de um modo ou de outro com o que eles fizessem. Estando preso em um navio, separado de seus amigos, sua família e de qualquer possibilidade de uma refeição decente – é o tipo de tortura que dura por um bom tempo, sem nenhum custo para eles. E em vez de dificultar nossos esforços pra descobrir seus planos, eles devem saber o suficiente sobre você e sobre mim para entender que se Sherlock morresse então iríamos gastar cada momento e cada guinéu para rastreá-los e trazê-los a justiça."

"Ou fazer nossa própria justiça," Crowe grunhiu. "O tipo de justiça que vem no cano de uma arma."

"Por uma vez," Mycroft admitiu calmamente, "Eu só posso concordar com você nesse caso."

"Você não pode enviar um navio da Marinha Real para interceptar esse Glória Scott?"

Mycroft meneou a cabeça. "Eu não tenho a autoridade para despachar uma embarcação por um rapaz, mesmo que este rapaz seja meu irmão. Mesmo que eu pudesse, eu não o faria. Estes navios têm deveres mais importantes, guardando nossas costas contra ataques e fazendo cumprir a vontade da rainha no exterior. Contra isso, a vida de uma criança não pesa muito." Ele suspirou, e cerrou o punho impotente. "Toda essa discussão nos deixou melhores informadas mas não em melhor posição. Nós não podemos ajudar o Sherlock. Ele está por conta própria."

"O Sherlock por conta própria tem melhores recursos à sua disposição do que a maioria das pessoas rodeadas por amigos e familiares." O tom de Crowe era mais calmo agora, e a energia feroz que parecia irradiar de seu corpo tinha diminuído um pouco.

"Ele é corajoso, ele é forte e ele tem conhecimento de si mesmo. Oh, e ele é habilidoso com os punhos também. Eu acho que ele vai perceber que terá de dar o melhor de si. Ele sabe que a embarcação voltará a Londres, eventualmente, o que lhe dá uma garantia de retorno que ele não conseguirá se tentar pular do navio no meio da viagem para encontrar outro navio que venha na direção oposta. O capitão será mão de ferro, porque os capitães sempre são, e por isso ele vai pôr o rapaz pra trabalhar. E será trabalho árduo, mas ele vai passar por isso. E ele provavelmente virá através disso mais forte e autossuficiente também."

"Difícilmente o tipo de tortura que a Câmara Paradol estava pensando," Mycroft ressaltou secamente.

Crowe sorriu. "As pessoas encarregadas da Câmara Paradol, tanto quanto posso dizer, vivem uma vida confortável, com servos para cuidarem de cada capricho seu. Para essas pessoas, amarrar um mastro ou puxar uma âncora seria tortura. Para o jovem Sherlock isso será uma aventura – se ele optar por fazer assim."

"Eu espero que sim. Eu realmente espero que sim."

"Eu acho que tirei proveito deste xerez agora," Crowe disse. "Deus sabe que eu não consigo ver como isso me aproveita, mas eu sinto a necessidade de algum licor forte."

Mycroft ocupou-se enchendo um copo para Crowe da garrafa sobre o aparador.

"Vou escrever umas cartas," ele disse enquanto lhe entregava o copo do outro lado. O qual quase se perdera na enorme – e castigada pelo tempo, mão de Crowe. "Eles podem ser transmitidos por telégrafo para vários portos ao longo da rota. Eu posso garantir que as equipes diplomáticas estarão a procura do Glória Scott. Eles transmitirão nossas mensagens e nos informarão sobre como ele está. Ele pode nos escrever. Haverá navios em cada porto que ele descer que estarão na direção da Inglaterra. Eles poderão trazer as cartas de volta."

"Ele só ficará fora por um ano ou mais," Crowe ressaltou. "Talvez menos, o tempo e o vento permitindo. Você irá vê-lo novamente."

Mycroft assentiu. "Eu sei. Eu só... Eu me sinto responsável. Tão indefeso." Ele tomou um longo suspiro, firmando-se contra alguma repentina tempestade de emoções. "Não contarei a Mamãe, é claro. Sua saúde não suportaria isso. E não escreverei para nosso Pai até que eu tenha mais notícias – e talvez nem mesmo depois disso. Enviarei uma nota para nosso tio e nossa tia em Farnham, dizendo-lhes que está tudo bem. Eles estão preocupados com ele."

"E eu vou encontrar alguma maneira de contar a Virgínia sobre o que aconteceu," Crowe falou. "E, francamente, essa conversa me assusta mais do que qualquer outra coisa. Ela realmente tem ganhado afeição por este teu irmão."

"E ele por ela," Mycroft refletiu. "Vamos esperar que as memórias que ambos tem um do outro seja o suficiente para mantê-los..."

Capítulo 1

Havia uma linha escura no horizonte. Sherlock podia vê-lo enquanto contemplava todo o oceano. A maior parte do céu era azul-claro, mas lá, ao longe, ia sombreando até um roxo escuro insalubre, como uma contusão antiga. Ele teria assumido que aquilo era terra, exceto por estar a oeste do navio. A única terra nas proximidades estava a leste – o extremo sul da África.

Ele se perguntou se deveria contar ao primeiro imediato – Sr. Larchmont – sobre isso. O Sr. Larchmont colocara Sherlock sob sua proteção e dado a ele um lugar na tripulação depois que Sherlock tinha acordado e se encontrado a bordo do navio, já navegando para longe da Inglaterra. Talvez ele devesse comunicar ao Capitão Tollaway ele mesmo, mas o Capitão era uma figura remota, raramente vista no convés. Talvez ele devesse apenas contar a um dos outros marinheiros. Sherlock olhou ao redor, mas estavam todos indo para seus deveres despreocupadamente – como ele deveria estar. Ele fora designado a limpar abaixo do convés: eliminando os pedaços de madeira e os comprimentos de cordas velhas acumuladas ao longo dos dias, junto com a fina geada de sal que cobria tudo graças aos jorros de água do oceano e a evaporação pela ação do sol.

Ele meneou a cabeça e voltou para o seu esfregar. Ele era o marinheiro menos experiente a bordo. Não era seu trabalho trazer as coisas a atenção dos outros. Eles não gostavam disso.

Ele molhou o esfregão em seu balde e limpou uma mancha do convés onde um dos marinheiros tinha sangrado, mais cedo naquela manhã. O homem teve seu dedo mindinho apanhado por um rolo de corda que tinha sido despachado, de repente, por um movimento das velas, levando o dedo junto. O médico do navio – na verdade um dos assistentes do Sr. Larchmont, que tinha um certo conhecimento de medicina – limpou e fez bandagem na ferida, e o marinheiro estava agora descansando em sua rede com uma ração dupla de rum para anestesiá-lo. Isto deixou uma lacuna na escala de serviço que Sherlock sabia que seria aguardado para preencher.

Pelo que parecia ser a milésima vez, ele se perguntava como ele deixou de ser um menino que vive em Hampshire para ser um marinheiro em um navio com destino à China. Havia uma lacuna em sua memória entre o adormecimento súbito, estando de volta na biblioteca de seu tio em Farnham, e acordando no Glória Scott. A melhor conclusão a que ele podia chegar era que ele tinha sido drogado, sequestrado e abandonado no navio antes que ele partisse, mas quem teria feito isso com ele, e por quê?

A única resposta que ele podia conceber era a organização criminosa chamada Câmara Paradol. Ele havia cruzado o caminho deles muitas vezes. Talvez esta era sua vingança?

Por um tempo Sherlock tinha planejado abandonar o navio na primeira oportunidade para tentar encontrar o seu caminho de volta para casa, mas a

lógica finalmente superou a saudade de casa. O Glória Scott era uma variável conhecida – ele fizera amizade com a tripulação, ele tinha uma rede de descanso e comida, e ele sabia que o navio retornaria para a Inglaterra eventualmente. Se ele fosse abandonar o navio a qualquer hora que ele atracasse para obter suprimentos ele estaria sozinho, em um país estrangeiro. Ele poderia ser vítima de qualquer número de criminosos, e não havia nenhuma garantia de que qualquer navio que pudesse encontrar a caminho de casa seria tão confortável quanto o Glória Scott – e o Glória Scott estava longe de ser confortável o bastante.

Suspirando, ele empurrou os detritos do convés para a lateral. Havia espaços nas grades lá através da qual ele poderia empurrá-los e vê-los cair na água. As aves marinhas – albatrozes e gaivotas – que seguiam o navio mergulharam para investigar, no caso de haver comida entre a madeira e as fibras de corda. Muito abaixo, os detritos bateram na água jorrando um spray branco.

Sherlock levantou o seu olhar para o horizonte novamente, para verificar aquela linha escura, mas seus olhos foram atraídos para um movimento debaixo da água. Enquanto ele olhava, uma forma cinza cintilante rompeu a superfície. Era um peixe, mas um que parecia ser maior do que ele próprio – tão grande quanto seu tutor, Amyus Crowe. Ele engasgou de surpresa com os outros cinco – não, dez ou mais formas romperam a superfície após o seu líder. Eles eram compridos, com nariz alongado, e cauda achatada, e seus olhos eram grandes e escuros.

“Cortejando as bonequinhas?” alguém chamou atrás dele.

Sherlock virou a cabeça e gritou de volta, “Uma delas diz que é tua esposa! Ela disse que você prometeu lhe enviar metade dos seus salários, mas você nunca o fez. Ela veio buscá-los!”

Houve risadas dos marinheiros no convés. Sherlock descobriu depressa que eles estavam sempre sondando uns aos outros com piadas pessoais. Isso o fazia lembrar dos cães – sempre mordendo uns aos outros, e dando dentadas para estabelecer quem está no comando. Você poderia se ofender, e neste caso as piadas ficariam mais duras e pontiagudas, ou poderia entrar no jogo, e fazendo isso elevar o seu status. Sherlock estava tomando a segunda opção desde que ele se juntara a tripulação, e aparentemente estava funcionando. Eles o aceitaram, e ele não ficara na parte mais inferior da hierarquia. Ele tinha um longo caminho até o topo, mas, pelo menos, ele era tratado como um deles, não como um intruso.

Um dos da tripulação – Jackson, era nome dele – estava perto de Sherlock. Ele indicou as coisas na água com uma torção do seu polegar. “Nunca vi um desses antes, eu presumo.”

“Isso é verdade,” Sherlock admitiu. “O que são? Nós podemos comê-los?”

Jackson se benzeu. “Eles são botos,” ele falou, “e é má sorte matar um, quanto mais comê-lo. Eles se mantêm na companhia do navio. Alguns dizem que

se um marinheiro cai ao mar, então eles circulam ao seu redor e o mantêm na superfície, e lutam com qualquer tubarão que tente chegar até ele.”

“Tubarão?” Sherlock perguntou.

“Os lobos dos oceanos,” Jackson falou. “Com dentes iguais a uma serra de fita. Eles arrancam seu braço fora apenas para escovar os dentes com ele.”

“Certo. Vou tentar não cair então. Ou, se eu for cair, tentarei fazer isso só quando houver qualquer boto por perto.” Ele aproveitou a oportunidade para acenar em direção ao horizonte. “O que é aquilo?” Ele perguntou. “Aquele cor de aparência...estranha.”

Jackson levantou seu olhar para o horizonte, e franziu o cenho.

“Você tem uma boa visão,” ele admitiu. “Aquilo me parece uma tempestade tropical. O Sr. Larchmont vai querer saber sobre isso. Você quer ir lá e contar a ele?”

Sherlock meneou a cabeça. “Você conta,” ele disse. Ele sabia que o Sr. Larchmont mantinha uma lista mental de todos os marinheiros, com uma pequena marcação em cada nome para denotar o quão bem ou quão mal ele pensava de cada um deles. Essas marcações deslizavam para cima ou para baixo dependendo se os marinheiros estavam trabalhando duro ou não, quão subordinados eles pareciam, como prestavam deferência a ele e ao Capitão e em quantas brigas eles se envolviam a bordo do navio. Por ser o primeiro marinheiro a trazer a atenção do Sr. Larchmont para a tempestade, Sherlock poderia obter alguns pontos adicionais – se aquilo fosse uma tempestade. Mas por passar a oportunidade para Jackson, Sherlock poderia fazer do marinheiro um amigo mais apegado, o que poderia se provar útil no futuro.

“Obrigado,” Jackson falou, olhando para Sherlock curiosamente. “Eu não me esquecerei disso.”

Ele deu meia volta e caminhou em direção a seção elevada na parte de trás da embarcação, onde se localizava a sala do leme, e onde o Sr. Larchmont geralmente poderia ser encontrado.

Sherlock olhou para o horizonte novamente. A linha escura estava agora ainda mais pronunciada. Aquilo se estendia até acima do horizonte como um par de dedos de um braço comprido, e as bordas estavam se alongando para os lados, como braços buscando cercar o navio. Havia algo sobre a cor roxa não natural da tempestade que o fez sentir um frio na boca do estômago. Ele podia sentir uma briza quente em sua face, soprando da direção da tempestade. Ele notou que o convés estava balançando sob os seus pés com mais força do que momentos antes. Quando ele olhou a grande massa verde cinzenta do oceano, ele pode ver que as ondas estavam ficando maiores, e a espuma branca em seus topos sopravam como a espuma de um copo de cerveja flutuando na superfície das águas.

“Marujos! Todos no convés!” Uma voz rouca chamou. Sherlock virou-se para

ver o Sr. Larchmont em pé na elevação na parte traseira do navio. Jackson estava em pé ao seu lado. “Levantem tantas velas quanto for possível, e apertem todas as cordas,” Larchmont gritou, sua voz ecoando claramente de uma extremidade a outra do Glória Scott. “Uma tempestade se aproxima, rapazes! É a mãe de todas as tempestades que está vindo, e nós vamos tentar superá-la.” Ele segurou Jackson pelo ombro. “Vá e notifique o Capitão,” ele disse, mais quietamente. Sherlock poderia dizer quais eram as palavras da forma como suas bocas mexiam. “Diga-lhe o que está acontecendo.”

“Sim senhor,” Jackson respondeu, e deu meia volta.

O convés do navio estava de repente um turbilhão massivo de atividade, com os marinheiros correndo ou subindo em todas as direções.

O olhar de Larchmont caiu sobre Sherlock, que estava parado em pé em meio aquele caos. “Vamos, jovem clandestino! Levante este cordame e cheque os cabos de vela do mastro de proa para apertá-los ou eu deixo você pra trás com um bote a remo para enfrentar a tempestade sozinho!”

“Sim, sim senhor!” Sherlock correu para a rede de cordame mais próxima. Isto conduzia como uma teia de aranha feita de cordas até as inúmeras velas. A corda era áspera contra a pele, e ele sentiu seus recém-desenvolvidos músculos retesando ao puxar-se para cima. O navio arfou e sacudiu empurrado contra as fortes ondas: por um momento, ele inclinou-se, Sherlock olhou para baixo e viu o mar diretamente abaixo dele. As ondas quase pareciam chegar até ele – centenas de mãos pálidas arranhando seu caminho a partir da água. Ele sacudiu essa imagem para longe e continuou escalando.

Ele chegou a vela mais baixa e se arrastou ao longo da verga, pressionando os dedos contra a madeira áspera, verificando por sua vez cada uma das cordas que amarravam o topo da vela a verga. Estavam todas apertadas – nenhuma chance de escaparem com a tempestade a menos que fossem particularmente ruins. Ele manteve um firme controle sobre as cordas para evitar que ele mesmo caísse, e manteve um olho nas lascas sobre a madeira da verga. Ele tinha visto o que acontecia com os marinheiros que tinham uma lasca enfiada em suas peles: a ferida podia ficar infectada e inchar duas vezes o seu tamanho normal, e então ficaria insensível ao toque e a área lesada teria que ser removida. Havia mil e uma maneiras de ficar gravemente ferido em um navio. Por uma vez, Sherlock pode ver o ponto de vista Mycroft – a maneira mais segura de se continuar a viver era ficar em casa todo o tempo. Mas se você fizer isso, você fica de fora de toda aventura. Ele sorriu para si mesmo. Talvez a melhor coisa a se fazer era travar uma amizade com um médico – dessa forma você sempre teria um tratamento ao alcance da mão.

Distraído com esses pensamentos, sua mão deslizou em um pedaço de alga que de alguma forma tinha se enroscado no comprimento de corda e ele encontrou-se caindo. Ele apertou suas pernas em torno da verga mas o peso de

seu corpo o arrostou em torno dele até que ele estivesse pendurado de cabeça para baixo. A lona molhada da vela permanecia esbofeteando sua face conforme o vento passava por ela. Ele não conseguia se orientar. Qual era o lado de cima? Ele arqueou as costas e estendeu a mão para onde ele imaginou que a verga estaria, mas suas mãos permaneciam agarrando o ar.

Ele podia sentir suas pernas escorregando. A qualquer segundo agora ele despenharia todo caminho até o convés – de cabeça para baixo.

Sua mão direita segurou em alguma coisa quente. Ele se agarrou freneticamente aquilo, e sentiu-se sendo puxado na vertical. Sua mão esquerda agarrou uma corda e ele soltou-a desesperadamente. De repente ele estava na posição correta novamente. Ele olhou para a face da pessoa que o salvara. Era um marinheiro jovem chamado Gittens. Ele encarava Sherlock desde cima de onde ele havia se agachado, agarrando-se ao mastro com o braço esquerdo.

“Obrigado,” Sherlock ofegava.

“Marinheiro de primeira viagem!” Ele largou abruptamente da mão de Sherlock e escalou o mastro para a vela seguinte sem olhar para trás. Sherlock manobrou até o mastro e puxou-se para cima arrastando-se por uma corda. Era como segurar no topo de um tronco de árvore no meio de um terremoto. O mastro chicoteava para trás e para frente como se o navio estivesse sendo jogado pelas ondas. Ele tomou um momento para olhar para o distante horizonte, e em seguida desejou não tê-lo feito. A tempestade agora ocupava completamente um quarto do céu. Estava chegando sobre eles.

Os outros marinheiros foram tomando suas obrigações, e Sherlock sabia que ele deveria tomar as suas. Apesar da palpitação de seu coração, e o terror que ele poderia sentir escorrendo como gelo ao longo de seus nervos, ele se mexeu passando pelo mastro para o outro lado da verga para checar as cordas de lá. Elas estavam todas vibrando. No tempo em que ele voltou ao mastro principal ele estava encharcado com uma mistura de água do mar e suor, e seus músculos doíam como se tivesse corrido uma maratona. Aliviado, mas com bastante cuidado, ele desceu desajeitadamente da teia do cordame para o convés.

Ele nunca se sentira tão feliz em ter algo firme sob seus pés como naquele momento.

O Sr. Larchmont estava perto. “O cordame está bem preso no mastro, senhor,” Sherlock reportou.

“Bom trabalho, rapaz.” O primeiro imediato virou-se para olhar para ele. “Você tem o que é necessário para ser um bom marinheiro. Se passarmos por essa tempestade e chegarmos a Xangai inteiros, você poderá ficar. Se você quiser.”

“Eu gostaria disso, senhor,” Sherlock respondeu. Apenas se for voltar para a Inglaterra, e meus amigos, pensou ele.

Larchmont se afastou, repreendendo um pobre marinheiro que tinha deixado

um comprimento de corda correr muito rápido por entre os seus dedos, e agora estava olhando para as palmas de suas mãos sangrentas em estado de choque. ‘Saia do caminho, seu idiota desajeitado!’ Larchmont gritou. “Deixe isso para alguém que saiba o que está fazendo!” Quando ele pegou a ponta corda e empurrou o homem para longe Larchmont se virou para ver o que estava acontecendo através do convés. “Lacrem todas as escotilhas!” Ele gritou. “Prendam tudo o resto que possa se mover. Oh, e levem essas cabras e ovelhas para debaixo do convés antes que elas virem comida de tubarão!”

Um rangido de madeira atraiu atenção de Sherlock. Ele olhou para cima, para onde os mastros balançavam e as velas agitavam-se. As velas esticaram-se sendo empurradas pelo vento, e os mastros pareciam quase estar se dobrando para a frente sob a imensa pressão. Um imenso movimento de espuma em forma de V se lançava para trás do navio a partir da proa, e Sherlock podia ouvir um som de assobio enquanto o navio cortava as ondas separando-as. Ele olhou para cima de novo. O azul puro do céu equatorial transformou-se em uma estranha sombra metálica. Algo estava faltando, e ele levou um momento para descobrir o que era. Pássaros. As sempre presentes aves haviam desaparecido. Sabendo que uma tempestade se aproximava, elas provavelmente aproveitaram sua chance de sair do caminho, cavalgando os ventos precursores para uma área mais calma. Muito sensíveis também, Sherlock pensou.

Parecia de repente, muito mais frio no convés, e as luzes assumiram um tom ameaçador. Olhando para trás, em direção a popa do navio, Sherlock viu que nuvens roxas haviam obscurecido metade do céu agora. Um punhado de gotas de chuva espirrou através de seu rosto e sua testa – não frias e finas como agulhas, como ele teria esperado de volta a Inglaterra, mas eram gordas e quentes. Sherlock apoiou-se enrolando o braço com o cordame e olhou ao redor, tentando descobrir se havia alguma coisa que ele poderia fazer para ajudar. Ele viu algo que fez seu coração apertar com um súbito medo. A medida que a frente do barco torcia de uma maneira, a parte traseira torcia de outra. Toda a estrutura do navio fora flexionada nas garras do vento e das ondas. Para Sherlock, que vinha pensando no navio como algo sólido, aquilo era uma revelação, e não uma muito boa. De repente ele percebeu o quão frágil era esta pequena estrutura de madeira e pano que havia se tornado seu mundo.

“Sherlock!” Uma voz chamou. “Sherlock! Por aqui!”

Ele olhou na direção de onde a voz vinha. Uma das escotilhas ainda não estava lacrada, e uma figura saía dela, o cabelo preto emplastrado através de seu rosto e seus olhos. Era Wu Chung o cozinheiro do navio. Ele era um homem grande e alegre, com um rabo de cavalo preto, um longo bigode que pendia de cada lado da boca e a pele cheia de marcas por causa de alguma doença. Ele tinha se tornado a coisa mais próxima de um amigo que Sherlock teve no Glória Scott, e ele estava até mesmo pacientemente ensinando Sherlock a falar o

cantonês – a língua que era falada em Xangai, para onde estavam indo.

Sherlock soltou o cordame e cambaleou até a escotilha, tentando antecipar o balanço do convés conforme ele ia. O cozinheiro o segurou pelo braço para impedir que ele passasse direto com o vento. “Preciso de você na cozinha”, ele gritou contra o rugido do vento. “Minhas panelas e frigideiras, elas estão espalhadas pra todo lado. Preciso deixá-las protegidas.”

“Tudo bem!” Sherlock gritou, e seguiu Wu descendo as escadas da escotilha para o interior do navio.

Os corredores eram uma massa tremulante de sombras, o balanço e a vibração do Glória Scott fez com que as lanternas, que eram fixadas em ganchos ao longo das paredes, rolassem para frente e para trás. A luz das velas dentro delas faziam tudo parecer amarelo e doente. Sem a visão de um horizonte para manter o senso de equilíbrio intacto, Sherlock estava começando a sentir-se exatamente assim. O cheiro ali era a combinação usual de humanos não banhados e velas de sebo. Água espirrava em todos os conveses enquanto o navio se movia. Normalmente era só nas profundezas negras do porão que a água penetrava, mas parecia estar presente em todos os lugares.

Sherlock seguiu Wu até a cozinha, que era um cômodo estreito, no final de um dos corredores. O fogão já estava apagado, Sherlock notara, caso contrário alguma faísca poderia cair e atear fogo a alguma coisa. As panelas de cobre que Wu utilizava deveriam estar penduradas em ganchos no teto, mas a maioria delas tinha caído e estavam rolando no chão. As poucas que restavam balançavam perigosamente. Um golpe de uma delas poderia deixar um homem inconsciente. Armários e gavetas foram construídos em todos os cantos disponíveis, e como o navio balançava de um lado para o outro as portas se fechavam e abriam, e as gavetas deslizavam para frente e para trás. Era como se um fantasma malévolo estivesse tentando causar o caos. O som era ensurdecedor.

Wu estendeu a mão para Sherlock. “Tome!” ele disse. Sherlock ergueu as mãos em concha, e Wu deixou cair dez ou mais pequenas cunhas de madeira. “Cunhe as gavetas e portas rápido”, ele disse. “Faça isso agora!”

Sherlock pegou a ideia. Rapidamente, evitando a pista de obstáculos de panelas balançando, ele encunhou todas as portas dos armários e gavetas fechadas empurrando os triângulos de madeira em qualquer brecha que ele podia ver e martelando suas bases com a palma de sua mão. Wu, por sua vez, fez o seu melhor para descer o resto das panelas sem tê-las atacando seus miolos e jogou-as em um grande armário.

Ao redor deles, Sherlock podia ouvir as vigas de madeira do navio ranger, devido ao stress a que estavam sendo submetidas. Certa vez, em Londres, ele tinha visto uma carruagem de madeira se partindo inteira quando tentara fazer uma curva muito rapidamente vindo a tombar e cair no chão. Agora ali estava ele, dentro de uma grandiosa caixa de madeira presos entre si com nada além de

pregos e alcatrão, muito longe da costa para nadar para a segurança caso o navio se partisse.

Era isso que a Câmara Paradol tinha em mente para ele? Este era o castigo?

Quando todas as gavetas e portas estavam seguras, ele virou-se para Wu. O rangido e gemido das vigas do navio eram grandes demais pra que alguém pudesse ouvir qualquer coisa, então ele fez um gesto em volta encolhendo os ombros quando gritou: “Eu quero estar no convés!” Na verdade, ele não queria – ele simplesmente não queria ficar preso dentro do navio caso a tempestade viesse a emborcá-lo, mas Wu não era um marinheiro. Wu concordou. Seu rosto em forma de lua cheio de cicatrizes de varíola estava sério. Ele meio que empurrou Sherlock para a porta, dirigindo-se à esquerda, para longe da escotilha que levava ao convés. Sherlock resistiu. Quando Wu tentou empurrá-lo novamente, Sherlock agarrou seu pulso e balançou a cabeça violentamente.

Wu obviamente queria estar tão longe quanto possível da tempestade, e se isso significava se aprofundar nas entranhas do navio então estava tudo bem para ele.

Wu tentou empurrar Sherlock novamente, mas Sherlock meneou a cabeça. “Não!” Ele gritou. Wu parecia ler em seus lábios o que ele estava dizendo, porque ele soltou o ombro de Sherlock e lhe deu batidinhas tristemente. Aquilo era um adeus, uma separação. Wu obviamente, não esperava ver Sherlock novamente.

Sherlock deslizou passando pelo cozinheiro chinês e meio que correu, meio que tropeçou em direção à escada que levava a escotilha.

Ele virou-se quando colocou o pé no primeiro degrau, e viu o cozinheiro de costas largas desaparecer ao contornar uma curva. Ele arremeteu até a escada, esperando que Wu estivesse errado, e que ambos sobrevivessem. Que todos eles sobrevivessem.

Três marinheiros iam fixar a tampa de madeira da escotilha quando ele colocou a cabeça sobre a borda. Eles estavam encharcados da cabeça aos pés, e os seus rostos estavam abatidos com a tensão e o medo. Um deles puxou-o para cima, enquanto os outros desceram a tampa no lugar e a pregaram.

As coisas estavam piores do que antes ali no convés. O céu estava um roxo de horizonte a horizonte – ou, pelo menos, seria assim, se o horizonte estivesse visível. Como estava, a visibilidade caíra para zero a apenas algumas centenas de metros do navio. Sherlock ficou um segundo ou dois absorvendo tudo isso – as ondas que subiam mais alto do que o navio, a espuma que cobria tudo, o forte cheiro de sal no ar – e, em seguida, correu para o cordame mais próximo onde ele poderia enrolar seu braço em uma corda e pendurar ali sua preciosa vida. Quando estava a meio caminho de seu objetivo o navio de repente deu uma guinada para um lado e o convés horizontal tornou-se uma rampa inclinada em que ele derrapou, lascas pegando em suas roupas. Ele bateu na grade ao redor da

borda do navio, quase quebrando as pernas, e ele teria passado por entre as lacunas e desaparecido nas águas turbulentas abaixo se não tivesse conseguido se agarrar a um botão de bronze firmemente aparafusado na grade de madeira. Ele se perguntara muitas vezes para que aquele botão servia – aparentemente nenhum dos marinheiros nunca amarrou qualquer coisa a eles – mas seja qual for o uso a que era destinado, ele estava grato por aquilo estar ali quando ele precisou. Cuidadosamente ele se puxou de volta ao convés girando um braço, em seguida o outro em torno da grade, seguido de perto por suas pernas.

Seu coração estava batendo forte em seu peito, e ele podia sentir a garganta fechando com o terror. A tempestade os tinham alcançado com uma velocidade assustadora.

Os outros marinheiros estavam espalhados em torno das plataformas, cada um com os braços enrolados no cordame de modo que uma onda não os levasse para o mar arfante.

Um flash de luz de repente o cegou. Automaticamente ele contou os segundos – um... dois... e, em seguida, um estrondo tremendo ecoou por toda parte. Sherlock podia senti-lo por meio da madeira do convés e das grades, tanto quanto ouvi-lo. Duas milhas. A tempestade continuava a duas milhas de distância. Ele sabia que tinha isso porque Mycroft lhe disse uma vez que a diferença de cada segundo entre trovões e relâmpagos significava que a tempestade estava a mais uma milha de distância.

E se era assim a duas milhas do centro da tempestade, como seria em seguida no centro dela?

Através da chuva e da água do mar que espirrava ao redor, ele conseguiu ver o Sr. Larchmont em pé na sala do leme. Suas pernas estavam apoiadas contra o convés e suas mãos firmemente agarradas a uma grade que Sherlock podia jurar que elas estavam embutidas na madeira. Seu cabelo chicoteava ao redor de seu rosto. Ele não parecia assustado, nem aflito. Ele parecia apenas determinado. Ele olhou diretamente para baixo ao centro do navio, como se desafiando a tempestade a fazer o seu pior. Sherlock viu seus lábios se moverem e, incredivelmente, ouviu o tom de comando de sua voz, até mesmo acima da tempestade.

“Soltem as velas!” Ele gritou. “Soltem as velas se vocês quiserem ver suas mães e suas amantes de novo!”

Sherlock olhou para as velas, e compreendeu imediatamente. Elas estavam bem esticadas sob a força do vento – tão esticadas que elas poderiam rasgar de cima a baixo se a tempestade piorasse – e se o Glória Scott estava a duas milhas do centro dela, poderia muito bem piorar. As cordas que seguravam as velas também estavam tão tensionadas quanto cordas de violino. Elas poderiam se romper, deixando a lona oscilar de forma destrutiva. O vento poderia também vir forte o suficiente para tombar o navio, caso não rasgasse as lonas. Se as velas

fossem soltas logo, a tripulação teria uma chance. Eles estariam a deriva e a mercê da tempestade, sem saber onde parariam, mas suas chances de passar por ela aumentariam.

Inacreditavelmente, alguns marinheiros começaram a mexer-se de seus lugares seguros em todo o convés convergindo ao ponto em que as velas eram anexadas. Sherlock não tinha certeza se eles estavam mais assustados com o Sr. Larchmont do que com a tempestade, ou se eles simplesmente sabiam que teriam que arriscar suas vidas para salvar o navio. Seja lá qual fosse a razão, eles chegaram aonde as cordas estavam enroladas em ganchos e estacas e, dois ou três juntamente, aplicavam sua força sobre ela, e aliviavam a tensão das cordas deixando-as livres. De imediato o vento pegou as velas esticando as cordas, mas então o vento mudou de direção deixando as velas soltas e as cordas cederam, apenas para serem tensionadas novamente momentos depois.

Sherlock olhou para além das grades, e prendeu a respiração. Certa vez, um ano atrás ou mais, ele tinha acordado em um quarto num castelo da França pertencente ao barão Maupertuis. Pensando que ele estava em Farnham, ele abriu as cortinas, e ficou chocado sem palavras pela visão das montanhas fora da janela. Agora lá estava ele novamente, olhando para as montanhas em perplexidade, mas estas montanhas eram feitas de água, e elas estavam muito mais perto. Tão perto que ele quase que podia estender a mão para tocá-las.

De repente a imensidão e a grandeza do mundo o comoveu. Um sentimento de exultação parecia inundar-lhe o corpo, lavando todo o medo e o substituindo por um deslumbrante espanto. Farnham era pequena. Londres era pequena. Havia tanta coisa lá fora para ver. Como podia Mycroft ficar em seu apartamento e em seu clube e em seu escritório, passando de um para o outro em uma carruagem fechada, quando havia todo esse espetáculo do mundo?

A verdadeira tempestade estourou mais de uma hora depois, mas até aí Sherlock já tinha perdido o controle sobre suas emoções. A partir daquele momento ele era apenas um espectador, impressionado com tudo o que via. Toda a sensação física – o medo, o cansaço, a dor, a fome – tudo isso desaparecera em face das incríveis imagens e sons da natureza em jogo. Não importava que o Glória Scott estava sendo lançado em volta com uma folha na beira da cachoeira, não importava que um raio tivesse atingido o mastro principal duas vezes, deixando profundos cortes na madeira seca e um cheiro de queimado em seu rastro; não importava que tanta água inundasse o convés que as pranchas ficassem invisíveis sob ela e as escotilhas lacradas estivessem à vista somente porque a água se chocava contra elas e espirravam para cima. Nada disso importava. O navio e os marinheiros eram como formigas em face algo tão enorme e imparável e belo.

No estágio em que ele havia imergido entre o sono e o estado hipnótico, ele permanecia com os olhos abertos, mas não via nada. Ele voltou gradualmente

aos seus sentidos para descobrir que a tempestade havia diminuído. Os marinheiros estavam através do convés, apertando as linhas, destampando as escotilhas e varrendo a água do convés de volta pro mar tanto quanto possível. O céu estava azul novamente, azul e claro. Havia, mais uma vez, pássaros seguindo o navio à espera de alimentos serem jogados no mar.

O Sr. Larchmont estava a poucos metros de distância. Ele olhou para Sherlock.

“Aproveitou o seu pequeno sono?” Perguntou ele.

Sherlock sabia o que era esperado que ele dissesse. “Pronto para o serviço, senhor!” Ele retrucou, subindo para seus pés.

“Fico feliz em ouvir isso,” Disse Larchmont. Ele olhou para o mastro. “Eu vejo algumas linhas soltas por aí. Eu ficaria muito grato se você os apertasse para mim.”

“Sim, senhor!” Sherlock dirigiu-se para o equipamento, mas voltou-se e olhou para Larchmont por um momento. “Quantos marinheiros perdemos, senhor?”

Larchmont meneou a cabeça. “Muitos,” Disse ele calmamente. “E bons homens, todos eles.”

Capítulo 2

Apesar de todo o esforço do dia anterior, Sherlock acordou cedo. Deitado na rede, balançando suavemente de um lado para o outro na escuridão relativa da área de dormir – o que era um pouco mais do que uma seção alargada do corredor com ganchos aparafusados em cada lado da parede onde as redes poderiam ser penduradas – ele escutou por um tempo o ruído de fundo suave das madeiras rangendo, as ondas batendo contra as laterais do navio, marinheiros roncando, roncando ou falando durante o sono, e o som dos homens desajeitados que saíam ou entravam em suas redes. O trabalho de vigia no Glória Scott durava o dia todo e a noite toda, é claro, e quando um turno começava o outro ia dormir. Sinos tocavam para sinalizar o início e o fim dos turnos, e Sherlock não teria seu turno por um tempo ainda.

Eventualmente Sherlock deslizou para fora de sua rede e vestia-se com as mesmas roupas que usara no dia anterior, e no dia antes desse, e em todos os dias anteriores que levavam até o dia do seu rapto. A sua única lavagem de roupa foi a imersão nas ondas que teve na lateral do navio. Esquivando-se por debaixo das redes que, estranhamente, quase lembravam as velas do navio por seu volume, estando elas ocupadas, ele fez o seu caminho para a cozinha.

Wu Chung estava ausente. Em seu lugar, outro marinheiro – um indivíduo cadavérico chamado Scorby – estava servindo uma mistura de biscoitos duros, mingau de aveia e carne seca. Sherlock levou um prato, sentou-se em um banco vago e brevemente riu-se daquilo. Ele se perguntou o que teria acontecido ao cozinheiro Chinês. A última vez que Sherlock o viu, Wu estava indo em direção as profundezas do navio. Será que ele tinha sobrevivido a tempestade, ou algo lhe tinha acontecido? Talvez ele tivesse acidentalmente batido a cabeça em uma viga baixa quando o Glória Scott fora inspecionado de ponta a ponta pela pesada mão do vento. Ou talvez ele tivesse ido até os porões – a escuridão, as profundezas inundadas mais próximas da quilha – e de alguma forma caído e se afogado na água estagnada que infiltrava por detrás e debaixo.

Sherlock empurrou o prato vazio e se levantou. Seu lugar foi imediatamente tomado por outro marinheiro. Voltando para onde Scorby ainda estava servindo, ele perguntou, “Onde está o Wu?”

“Wu Chung?” Scorby perguntou, como se houvesse outro marinheiro chinês a bordo chamado Wu a quem Sherlock poderia estar se referindo. “Lá no convés, companheiro. Ele está fazendo alguma espécie de dança estranha.”

Sherlock sentiu um banho de alívio em cima de si. Wu não era exatamente um amigo, mas ele era um dos poucos marinheiros que tivera qualquer interesse por ele. Se Wu tivesse morrido quem mais ensinaria cantonês a Sherlock?

Ele dirigiu-se a escada que leva ao convés. A luz brilhante o fez piscar e apertar os olhos. Depois que eles se ajustaram ele olhou em volta, checando os danos que a tempestade havia causado. Era como se nada tivesse acontecido. As

velas estavam infladas, os mastros e verga estavam intactos, e o convés estava tão seco como sempre esteve. Os marinheiros do turno se moviam ao redor normalmente. Apesar da violência da noite anterior Sherlock tinha a impressão que as tempestades tropicais eram algo que acontecia, lidavam com elas e as esqueciam. Todos e tudo mudaram.

Wu Chung estava em pé no centro do convés. Ele estava apoiado com todo o seu peso na perna direita flexionada. Sua perna esquerda estava estendida sobre o convés à sua frente. Seu braço direito estava levantado em forma de gancho quase cobrindo a parte traseira de sua cabeça, e seu braço esquerdo estava estendido para coincidir com sua perna esquerda. Seus dedos estavam juntos em forma de anel, com a palma de sua mão virada para cima, como se estivesse apontando alguém que se aproximava dele. A pose em que estava era como se estivesse colocando um estresse significativo nos músculos da perna direita e nas costas, mas ele continuou ali parado como uma estátua por um minuto ou mais antes de mudar lentamente para outra pose.

Enquanto Sherlock assistia, Wu Chung tomou uma série de poses de estátua intercalados com movimentos lentos. Como Scorby descrevera, era como uma dança, mas era mais do que isso. Sherlock começou a detectar elementos que se repetiam nas poses – obstruções e ataques, como se Wu estivesse envolvido em uma luta muito lenta contra um oponente invisível.

Eventualmente, ele se endireitou, deixando cair os braços para os lados. Ele respirava profundamente, mas não demasiado. Ele olhou para onde Sherlock estava em pé.

“Você me assistiu praticando, né?” ele falou em inglês.

“Sim. O que é que você praticando?”

Wu sorriu. “O que você acha?”

“Acho que foi como uma luta, tipo boxe, mas diferente. Eu acho que é shadow-boxing.”

Wu meneou a cabeça, e se inclinou ligeiramente para Sherlock. “Muito bom. A maioria das pessoas dizem que eu estou dançando mal.”

“Eu nunca o vi fazer isso antes.”

“Você nunca esteve acordado tão cedo antes. Eu faço isso todas as manhãs, por uma hora.”

“Porquê?” Sherlock perguntou simplesmente.

“Ah, essa é uma boa pergunta. Wu veio e ficou ao lado de Sherlock. “No seu país, o boxe é algo que os homens aprendem para que eles possam acertar outras pessoas e fazê-las sangrar. Em meu país, o Tai Chi Chuan é algo que as crianças aprendem de forma que possam acalmar sua mente e dominar seus corpos.”

“Tai Chi Chuan? Sherlock perguntou.

“Significa ‘punhos sem limites’, ou talvez ‘extremamente grandioso boxe’”

“Conte-me mais,” Sherlock pediu.

Wu apontou para uma área vazia em um lado do convés. “Vamos sentar. Há muito a dizer, e eu não sou tão jovem como fui uma vez.” Uma vez que ambos sentaram, de pernas cruzadas sobre o convés, ele começou a falar, e Sherlock escutava, fascinado. “Gostaria de começar por dizer-lhe que existem dois estilos diferentes de luta na China. Este é o Shaolinquan, que é sobre” – ele agitou os braços ao redor descontroladamente – “ação e atividade, tudo sobre o corpo fazer as coisas, e este é o Wudangquan, que é tudo sobre a mente controlar o corpo.” Ele fungou de maneira zombeteira. “Aqueles que praticam Shaolinquan desenvolvem a força e o vigor, mas os que não são bons nesse tipo de treinamento logo perdem o fôlego e ficam esgotados. O Wudangquan é diferente. Nós nos esforçamos para sossegar o corpo, a mente e a iniciativa. Procuramos nos concentrar em nosso interior a partir de onde todas as nossas atividades devem começar.”

“Eu não entendo,” Sherlock admitiu.

“Bom,” disse Wu. “Isso é um começo.” Ele pausou por um momento, reunindo seus pensamentos. “Já lhe contei um pouco sobre a China, mas você deve saber mais sobre os Chineses antes de chegar lá.” Ele olhou em volta para os outros marinheiros. “Estes homens são todos tolos. Eles não se preocupam com para onde eles estão indo. Eles querem que todos os lugares aonde vão seja igual – mesma comida, mesma língua, os mesmos tipos de pessoas. Eles não se interessam em diferenças, só em mesmice. Você! Você é diferente. Você observa as diferenças e está interessado nelas. Você é mais inteligente do que eles.”

“Eu sempre me interessei em aprender coisas,” Sherlock admitiu.

“No seu país, boxe e Deus e alimento e natureza – eles são diferentes, não é?”

“Si sim,” Sherlock respondeu, não tendo certeza onde Wu queria chegar.

“Na China são todos parte de alguma coisa. Acreditamos que tudo está conectado. Mudar uma coisa afeta todo o resto.” Ele sorriu.

Wu continuou falando, e Sherlock ouvia, mas ele não estava certo se entendia o que era dito. Mas isso não importava. Wu era, obviamente, apaixonado por suas crenças, e Sherlock encontrou-se encantado com a eloquência de seu amigo. Em certas horas Wu escorregava para o cantonês quando não sabia quais as palavras em inglês corretas a usar e Sherlock percebeu que conseguia acompanhar a conversa. O que Sherlock entendeu é que o Tai Chi Chuan era algo entre um modo de meditar e uma forma de luta, e que era um reflexo de um aspecto religioso mais profundo da vida chinesa.

Eventualmente quando Wu cessou as palavras, Sherlock perguntou, “Você pode me ensinar?”

“Eu já estou lhe ensinando – cantonês. Quer que eu lhe ensine a cozinhar também?”

Sherlock sorriu. “Não – não cozinhar. Eu quero que me ensine Tai Chi Chuan.

Wu olhou para ele por um longo momento. “Você quer que eu lhe ensine a lutar?”

Sherlock reconheceu o truque na pergunta.

“Não,” disse ele. “Quero que me ensine a controlar meu corpo com a mente.”

“Resposta correta.” Wu sorriu. “Então lhe ensinarei isso. A luta virá junto.”

O clima ficou mais quente à medida que entravam mais próximos ao sul da África – O Cabo da Boa Esperança – e voltou em direção ao Equador. O céu voltou a ser azul puro, e o sol batia no convés e nos marinheiros, secando a madeira de um a ponto de fazê-la ranger e fazendo bolhas nas costas e nos ombros do outro. O mar ficou em silêncio novamente, e botos começaram a acompanhar o navio, como haviam feito antes, correndo à frente dele como uma matilha de cães de caça. Sherlock às vezes tinha um vislumbre de outras coisas paralelas ao navio, sob as ondas, formas escuras que pareciam tão grandes, senão maiores, do que o próprio navio, mas nunca rompiam a superfície. Eram tubarões? Ou talvez baleias? Ele havia lido sobre as baleias. Ou eram algum tipo novo de vida a quem ninguém designara um nome ainda? Ele não sabia, mas queria desesperadamente saber.

Os dias se evaporavam em outro. Quando não estava trabalhando ou dormindo, então Sherlock praticava o violino, aprendia cantonês com Wu Chung ou seguia seus lentos movimentos do Tai Chi Chuan ensaiados no convés todas as manhãs. Sherlock percebeu que adquiriu movimentos graciosos que acelerados realmente fariam um eficaz combate defensivo – bloquear socos e, em seguida, retornar golpes tanto com as mãos como com os pés. Ele notou também que, praticando os movimentos lentamente, tão lentamente que seus músculos, por vezes, gritavam sob a tensão, ele construía uma memória deles. Se ele tivesse a oportunidade de usar esta arte marcial de verdade, então ele veria que seguiria automaticamente os movimentos que havia memorizado, sem se quer ter que pensar sobre isso.

Por que algo como o Tai Chi Chuan nunca fora desenvolvido na Inglaterra? Ele se perguntou. A coisa mais próxima que a Inglaterra tinha a uma arte marcial era o boxe, e essa coisa que Wu estava ensinando era muito mais eficaz do que o boxe. Haveria outros tipos de arte marcial? Ele se perguntou novamente. Será que outros países têm as suas próprias, em diferentes versões?

Quando Sherlock estava trabalhando ele se concentrava tanto em suas tarefas que não via nada que acontecia ao seu redor. Mas nas ocasiões em que ele tinha algum tempo para si mesmo, às vezes à noite ou no início da manhã, notava o Capitão do navio, Tollaway, de pé sobre a plataforma traseira fazendo observações do céu. Ele usava um dispositivo de bronze que parecia um cruzamento entre um pequeno telescópio e um grande conjunto de compassos. Ele parecia observar as estrelas. Sherlock lembrou de algo que havia lido uma

vez sobre navegação em alto-mar, e decidi que aquilo que o Capitão usava devia ser um sextante.

Como o navio só avançava através de ondas, e o horizonte era uma linha que separava um tom de azul do outro, era difícil acreditar que estavam a fazer qualquer progresso. Talvez o Glória Scott estivesse estagnado sobre a superfície do oceano, e a sensação de movimento era uma ilusão causada pelas ondas e sensação do vento em seus rostos. Apenas a ondulação das velas indicava que algo realmente os estava impulsionando para frente.

Sherlock encontrou-se cada vez mais junto às canções da noite. Após os marinheiros receberem sua ração de rum aguado – algo pelo qual Sherlock descobriu que estava pegando gosto – eles se reuniam e cantavam as canções de marinheiro. A desenvolvida competência de Sherlock no violino era muito procurada – tanto que um marinheiro a quem todos chamavam de Fiddler, que havia emprestado a Sherlock o seu instrumento, foi relegado a segundo plano. A excelente memória de Sherlock significava que ele poderia lembrar de todas as palavras, logo que as ouvia, e descobriu, para sua surpresa que tinha uma boa afinação barítone para cantar.

Sherlock descobriu que havia trechos inteiros de tempo – horas na verdade – quando ele não pensava em casa, sobre Mycroft e sobre seus amigos – Amyus Crowe, Matty e Virgínia. Ele estava chegando a conformar-se com sua situação, ele se perguntou, ou era apenas algum tipo de mecanismo mental de autoproteção – sua mente evitando assuntos que eram demasiados dolorosos para pensar?

Sherlock não sabia dizer quanto tempo se passara desde a tempestade, mas em uma manhã o Sr. Larchmont chamou a todos à popa do navio, onde ele se postou na plataforma elevada do convés e olhou para eles.

“Tem sido uma longa jornada rapazes,” ele gritou, “e há mais para percorrer, mas o Capitão supõe que estamos à apenas um cuspe de distância da Sumatra agora. Ele pretende atracar em Sabang Harbour. Sumatra é controlada pelos holandeses, é claro, o que, pelo menos, significa que a comida será comestível, eles vão obter moedas da rainha e nós vamos ser capazes de nos fazer entender. Alguns de vocês já estiveram lá antes – para aqueles que nunca estiveram, tudo que lhes direi é que Sabang é um buraco de rato infestado de todo tipo de doenças tropicais que podem apodrecer os dedos das mãos e dos pés de um homem em questão de um dia. E que é muito melhor permanecer no navio do que ir em terra. A única coisa pior do que Sabang é a selva que cobre o resto da ilha. Não que eu possa impedi-los de ir em terra. Estaremos lá por dois dias, pegando uma carga de grãos de café e admitindo um holandês como passageiro.” Ele olhou ao redor da tripulação, que tinha visivelmente se animado com a notícia de que atracariam em terra em breve. “Isso é tudo. De volta ao trabalho, todos vocês, e adiem o sonho daquelas belas donzelas de Sumatra até a terra estar à vista.”

No dia seguinte, a terra foi avistada. Tudo começou como uma linha escura fracionada acima do horizonte. Por mais estragos que a tempestade tivesse feito, em vez de correr dela o Sr. Larchmont ordenou que estivessem em curso direto contra ela. Como ele sabia que era terra? Sherlock se perguntou. À medida que se aproximavam, no entanto, ficou claro que ele estava certo. Logo toda a tripulação pode ver o que pareciam colinas, mas logo se definiu que eram montanhas cobertas de vegetação verdejante.

Chegaram lentamente a Sabang, acompanhados por uma grande quantidade de crianças acenando desde o cais. Em comparação com Dakar – seu último porto na escala – Sabang era uma massa agitada de pessoas indo em todas as direções em todo tipo de comércios. Os homens usavam o que pareciam ser lençóis coloridos envolvidos em torno da cintura. Alguns usavam casacos para cobrir seus peitos, outros estavam de peitos nus. As mulheres usavam o mesmo tipo de lençóis coloridos, mas enrolados em torno de todo o corpo, e não apenas da cintura para baixo. Tudo somado, fazia o lugar uma profusão de cores e atividades.

Depois de atracado, a prioridade para o Capitão, acompanhado pelo Sr. Larchmont, era ir buscar sua carga de grãos de café. A tripulação foi autorizada a desembarcar, e dentro de alguns instantes, o Glória Scott estaria vazio exceto por dois marinheiros deixados para trás para guardá-lo, e Wu, que disse que preferia dormir.

Sherlock desceu a prancha com alguma apreensão. Tal como aconteceu com a chegada em Dakar, ele percebeu que fazer a transição para caminhar em uma superfície que não estava se movendo para cima e para baixo, era muito complicado. Levou algumas horas para parar de sentir enjoo. Olhando para os homens que passavam por ele no cais e nas ruas, ele poderia dizer quais eram os marinheiros que desembarcaram recentemente. Eram os únicos que cambaleavam de um lado para o outro, antecipando ondas que nunca chegavam.

O cais estava lotado de guindastes feitos de bambu que eram amarrados com alguma espécie de corda local. Eles pareciam muito vulneráveis em comparação com os guindastes mais substanciais que Sherlock vira nas docas de Londres e Southampton. Ele se perguntou quantas vezes eles haviam falhado, e quantos homens se feriram em cada uma dessas vezes.

Sob a sombra dos guindastes ele notou tendas que vendiam todo tipo de alimentos e outros produtos, como roupas, facas, instrumentos musicais e bonecos de madeira. Enjoado e cansado das restritas rações servidas no navio, Sherlock decidiu olhar o que tinha ali em oferta. Lembrando-se do conselho que Mycroft certa vez lhe dera, de nunca pegar o primeiro cabriolé, vendo neste caso uma possível armadilha, Sherlock passou as primeiras barracas e parou em uma mais abaixo na linha.

O homem gerenciando o box era pequeno, de pele morena e cabelos escuros.

Ele sorriu para Sherlock com uma boca que parecia conter muitos dentes. Ele estendeu um espeto no qual havia alguns pedaços de carne revestidos com um molho marrom. “Muito bom,” ele disse. “Quer experimentar, sim?”

Sherlock olhou receoso para o bocado que era oferecido. “O que é isso?” Ele perguntou.

“Satay Ponorogo,” Ele respondeu. “É cabra. Cabra ao molho.” Ele franziu a testa, e virou-se para a vendedora mais próxima dele. Eles falaram em que Sherlock presumira que fosse sumatranos, se existisse realmente tal língua, por alguns momentos. O vendedor voltou. “É molho feito com amendoim,” disse ele.

Sherlock deu de ombros. Ele nunca tinha comido cabra na Inglaterra, e apesar de toda a preocupação, não foi diferente de comer cordeiro ou carneiro. Ele já havia experimentado amendoim quando esteve em Nova York a um ano ou mais, e gostara deles. “Tudo bom,” ele disse, e entregou uma moeda. O vendedor passou o espeto para ele, junto com o troco.

Sherlock mordeu a carne. Por um segundo, ele sentiu o gosto da cabra e dos amendoins, mas em seguida, seus lábios começaram a formigar. Ele considerou se cuspiu ou engolia a carne. No final das contas, ele engoliu, mesmo que apenas para não ofender o vendedor. Ele podia sentir a sensação de queimação descendo por garganta abaixo.

“O molho também é feito com pimenta e limão,” Acrescentou o vendedor com um grande sorriso. “Você precisa beber algo para resfriar a boca e a garganta? O leite de coco é ótimo para resfriar.”

“Obrigado,” Sherlock falou, “mas não, obrigado. E eu admiro sua técnica para conseguir que os clientes comprem suas bebidas, bem como seus alimentos. Muito bom. Muito inteligente.”

Ele seguiu em frente, esperando que a queimação na boca diminuísse. Depois de um tempo ele sentiu um formigamento na parte de trás do seu pescoço. Parecia que alguém o estava vigiando. Ele não acreditava que houvesse um sexto sentido significando que ele poderia deduzir que estava sendo vigiado mesmo estando de costas, mas estava pronto a acreditar que poderia ter tido um vislumbre de um observador com sua visão periférica, e que seu cérebro estava tentando alertá-lo para alguma coisa. Ele virou-se, fazendo seu olhar vagar em toda a multidão de marinheiros, colonos holandeses e ingleses e os moradores locais.

Um homem se destacou. Ele estava vestindo um terno de linho sujo e um chapéu de palha, e sua camisa branca estava amarrotada e manchada de suor, mas o mais óbvio, e estranho, era que seu rosto e cabelo estavam ocultos por um véu de gaze preta, como os que eram usados pelos apicultores. O véu estava enfiado em uma gravata de seda amarrada frouxamente em torno de seu pescoço. A gravata estava murcha com o calor e a umidade. Ele estava apoiado em uma bengala e parecia olhar para Sherlock, embora o véu negro tornasse

difícil ver algo além do formato de sua cabeça.

“Posso ajudá-lo?” Sherlock indagou, sentindo um arrepio correr através de si. Ele pensou que era apenas as memórias de quando era observado de longe pelos agentes da Câmara Paradol que o deixaram nervoso, mas quando o homem começou a caminhar para onde Sherlock estava o sentimento tornou-se mais intenso.

O homem parou a poucos metros de distância. “Você está no Glória Scott?” Perguntou ele. Sua voz era fina e esganiçada, como o som de um oboé, ou uma nota alta a partir de um órgão de igreja.

Sherlock assentiu.

“Meu nome é Arrhenius,” disse ele. “Jacobus Arrhenius. Serei um passageiro em seu navio. Por favor, me diga onde o capitão pode ser encontrado.”

“Ele... ele está atualmente em terra, escolhendo nossa próxima carga,” Sherlock falou. “Suponho que ele pretende voltar em breve, se você puder esperar.”

“Obrigado,” disse Arrhenius. “Vou esperar na sombra pela ponte.” Ele olhou para o céu – ou pelo menos, era a direção que sua cabeça havia tomado, pois o véu tornava impossível dizer o que ele estava realmente olhando. “O sol e eu não nos damos muito bem. Nem um pouco.” Ele virou-se, em seguida olhou para trás para que pudesse ver Sherlock novamente. “Você sabe o meu nome, mas eu não sei o seu.”

“Sherlock. Meu nome é Sherlock Holmes.”

“É um prazer conhecê-lo,” disse Arrhenius. Ele estendeu a mão direita, que estava envolto em uma luva de couro preto, que corria para dentro de sua manga para que nenhuma carne ficasse visível. Sherlock tomou sua mão cautelosamente. Era estranho sob aquele couro macio – não era como uma mão normal.

“Irei vê-lo novamente,” disse Arrhenius, antes de afastar-se, e Sherlock não tinha certeza se iro era uma promessa ou uma ameaça. Ele observou o homem velado indo, então, quando Arrhenius fora engolido pela multidão, ele seguiu em frente.

Depois de um tempo Sherlock estava entediado por entre as barracas. O calor e a umidade pesavam sobre ele. Questionou-se se devia explorar mais a cidade, ou voltar para o navio. Eventualmente, ele decidiu voltar. Afinal não era como se ele estivesse indo morar em Sabang por qualquer período de tempo, e estar de volta a bordo lhe permitiria continuar com sua prática de violino, aulas de cantonês e Tai Chi Chuan em paz por um tempo.

Quando chegou a ponte, ele se virou e olhou ao redor do cais movimentado. Ele podia sentir o mesmo formigamento em sua pele que sentira antes. Em algum lugar, Arrhenius estava olhando para ele de novo. Eventualmente, ele avistou o homem velado nas sombras embaixo de uma palmeira. Quando ele viu

que tinha sido percebido, Arrhenius inclinou-se ligeiramente para Sherlock.

Poucos minutos depois, o Capitão Tollaway e o Sr. Larchmont retornavam de suas incursões em Sabang, e Sherlock assistiu do convés quando o Sr. Arrhenius saiu da sombra para cumprimentá-los. Sherlock não pode ouvir o diziam uns aos outros, mas nenhum dos dois marinheiros pareciam impressionados com o véu preto que encobria ou as luvas. Ou eles já o viram antes, Sherlock fundamentou, ou tinham sido avisados com antecedência.

Os três homens subiram a ponte e desapareceram no interior do navio. Sherlock presumiu que eles tinham ido para a cabine do Capitão. Cerca de meia hora depois, uma carroça parou ao lado do navio, puxado por uma espécie de vaca com chifres grandes. Quando o Sr. Arrhenius apareceu ao lado do navio para checar o conteúdo da carroça sendo levado a bordo, Sherlock concluiu que era sua bagagem.

Uma caixa em particular parecia preocupar o holandês. Ele era feito de madeira e tinha buracos perfurados no topo. Arrhenius desceu a ponte e caminhou atrás dos trabalhadores locais que o carregavam ao navio. O vento mudou de direção rapidamente, soprando em direção a Sherlock, e ele sentiu o cheiro de um estanho, odor de mofo. A caixa desapareceu por uma escotilha que, presumivelmente, levava a cabine de Arrhenius, assim como o resto de sua bagagem, e o estranho cheiro desapareceu com ele.

Mais carroças começaram a surgir com engradados – maiores desta vez. Em vez de serem carregadas a bordo, as caixas foram anexadas a cordas penduradas em dois guindastes de bambu mais próximos e, em seguida, erguidas no ar. O Sr. Larchmont tinha mencionado grãos de café mais cedo, e Sherlock assumiu que eram isso.

Levou o resto do dia e uma boa parte do seguinte para as caixas serem levantadas a bordo e depois serem baixadas até o porão através de escotilhas no convés. Sherlock assistia durante os seus intervalos de seu violino, Tai Chi Chuan e suas aulas de cantonês. Com poucos marinheiros a bordo e o Capitão e o Sr. Larchmont comendo com os habitantes holandeses locais a maioria das vezes, Wu Chung tinha poucas coisas a fazer, assim ele acolheu entusiasticamente Sherlock sob sua asa.

Os marinheiros começaram a voltar de um a um e aos dois ao meio dia do terceiro dia. Sherlock supôs que alguma mensagem tinha saído. Havia alguns que Sherlock não reconheceu – aparentemente o Sr. Larchmont e o Capitão tinham recrutado alguns holandeses e ingleses deixados lá por um navio anterior como substitutos para os homens que morreram na tempestade. No meio da tarde eles foram totalmente tripulados novamente, e depois de o Sr. Larchmont ter assinado alguns papéis no cais, o Glória Scott partiu soltando as cordas que o seguravam ao cais e começou a manobrar para fora das águas cristalinas do porto.

Próxima parada Xangai, pensou Sherlock.

Havia um sentimento diferente a bordo do navio na última etapa de sua viagem de Sabang para Xangai. Os marinheiros pareciam mais ansiosos, mais felizes. Eles sabiam que estavam perto de seu destino, o que significava que estavam perto do ponto em que o navio viraria e voltar para a Inglaterra, onde a maioria deles tinham suas famílias. A presença dos novos marinheiros foi um fator neste novo sentimento, é claro, eles rapidamente se integraram a tripulação, como Sherlock tinha feito.

E lá estava o Sr. Arrhenius, é claro. Ele parecia passar muito tempo no convés, olhando para o horizonte distante. Uma ou duas vezes, quando Sherlock passou por ele, ele acenou com a cabeça em saudação. Os outros marinheiros, obviamente, o evitavam, e Sherlock ouviu murmúrios nos grupos de canto à noite que ele não era humano, mas um tipo de demônio sob o véu. O nervosismo da tripulação chegou a um tal ponto que o Sr. Larchmont teve de convocar uma reunião com todos os marinheiros e tranquilizá-los – em seus tons rudes habituais – que o Sr. Arrhenius era tão humano quanto o resto deles, e ele simplesmente sofria de uma doença que tinha desfigurado sua pele.

O Sr. Arrhenius sempre teve suas refeições em sua cabine. Wu Chung levava uma bandeja duas vezes ao dia – geralmente algo melhor do que tudo o que a tripulação tinha para comer. A tripulação viu isso como outra coisa a murmurar sobre, mas para Sherlock parecia apenas apropriado – afinal, o homem era um passageiro pagante.

Três dias após deixar Sumatra, Wu Chung pediu a Sherlock que levasse algum alimento à cabine do Sr. Arrhenius. O tabuleiro continha duas bandejas sobre ele, um de guisado de frango e outro de peixe cru. Intrigado, Sherlock manobrou seu caminho ao longo dos corredores do navio até chegar a cabine perto da frontal, onde Arrhenius passava seu tempo. Ele bateu com uma das mãos, equilibrando o tabuleiro com a outra, e esperou até que Arrhenius abriu a porta.

A chegada de Sherlock pareceu ter pegado Arrhenius de surpresa. Ele não estava usando o seu chapéu, ou seu véu. Sherlock viu que seu rosto e couro cabeludo estavam sem pelos, mas isso não era a coisa mais desconcertante sobre ele. Não, a coisa mais desconcertante sobre ele era a cor de sua pele. Era um azul prateado, e como a luz das lâmpadas de óleo no corredor brilhavam sobre o homem Sherlock viu que o branco de seus olhos eram também da mesma cor. Era como se ele fosse uma estátua de metal que ganhara vida, e Sherlock encontrou-se dando um passo involuntário para trás.

“Sim?” Sua voz era tão alta e esganiçada quanto Sherlock lembrava.

“Eu trouxe um pouco de comida para você, senhor.”

Arrhenius apenas olhava para ele. “Você é o menino das docas, certo?”

“Sim, senhor.”

“O cozinheiro, o chinês, geralmente ele traz minha comida.”

“Ele está ocupado, senhor. Ele me pediu para trazê-lo.”

“Muito bem.” Arrhenius parecia irritado, embora Sherlock não soubesse dizer o porquê. O holandês alcançou a bandeja.

“Quer que eu o coloque em uma mesa para você?” Perguntou Sherlock

“Não – apenas dê-o para mim.”

Sherlock entregou a bandeja através da porta. Ele se virou para sair, mas quando o fez, viu algo se movendo com o canto de seu olho – uma forma, aproximadamente do tamanho de um cachorro, deslizando rapidamente para fora da vista nas sombras por detrás das costas de Arrhenius. Conforme a coisa se moveu Sherlock pode ouvir um ruído. Ele olhou para Arrhenius para perguntar-lhe o que era, mas o holandês estava olhando para ele com uma expressão que claramente indicava que ele queria que Sherlock sáísse. Confuso, Sherlock recuou. A porta se fechou em seu rosto.

Fiddler estava passando enquanto Sherlock ficara ali, pensando. Sherlock o pegou pela manga. “Será que o nosso passageiro tem um animal de estimação de qualquer espécie?” Perguntou ele.

Fiddler fez uma careta. “O que, aquela criatura diabólica?” Ele meneou a cabeça. “Não que eu saiba,” Disse ele. “Mas se tiver, então será alguma espécie familiar das profundezas do inferno!”

“Muito obrigado,” Falou Sherlock “Ajudou muito.”

Enquanto se afastava seu pé ficou preso em alguma coisa e ele acidentalmente a chutou em direção ao anteparo. A coisa fez ruído. Por um momento, ele pensou que era um dente, que caíra para fora da boca de alguém – uma coisa comum entre os marinheiros, que ele já conhecera – mas tinha um brilho prateado, como a pele do Sr. Arrhenius. Ele pegou. Era um cone pontiagudo, ligeiramente curvado, e ele parecia ter um buraco que passava por ele. Ele não tinha a menor ideia do que pudesse ser, por isso o colocou no bolso, a fim de examiná-lo mais tarde. Se alguém tivesse perdido, então ele poderia devolver-lhe – e descobrir o que era aquele negócio.

Mais tarde naquele dia, um dos tripulantes viu algo no horizonte, e clamou um alerta urgente para o Sr. Larchmont.

“Velas!” Ele gritou de sua posição no cordame. “Velas no horizonte!”

Sherlock estava trabalhando ao lado de Gittens no momento, desfiando cordas e separando em fragmentos que seriam colocadas entre as tábuas do navio para ajudar a mantê-las a prova d’água. Ele olhou para o rapaz de cara preta. “Qual é o problema?” Perguntou ele. “Não há vários tipos de navios que navegam pelo oceano? Nunca tivemos um aviso desse antes.”

“Nós estamos nas águas do sul da China!” Disse Gittens severamente. “Há piratas chineses em todas essas águas. Eles saqueiam qualquer navio que encontram, e raptam qualquer passageiro que pareça ser importante.”

“E se não parecerem importante?”

“Eu ouvi uma história, certa vez,” Gittens confidenciou. “De um velho

marinheiro. Ele esteve em um navio que foi abordado por chineses. Eles estavam saqueando o local e eles acreditavam que o capitão tinha escondido algumas joias deles, então eles o amarraram entre os mastros, uma corda amarrada bem apertada em torno de seu polegar direito e outra amarrada firmemente em torno de seu dedo do pé direito, e o penduraram entre o mastro frontal e o mastro mizzen. Em seguida eles se revezavam montando em cima dele como se fosse um balanço.”

“Ah,” Disse Sherlock simplesmente, mas por dentro ele estava enojado com a brutalidade casual com que Gittens descrevera.

Gittens sorriu, revelando uma boca cheia de dentes enegrecidos.

“Eles normalmente começam com o mais novo,” Disse ele. “Esse será você então.”

“E depois você,” Sherlock ressaltou.

Ele olhou para onde o Sr. Larchmont estava em pé junto a grade, com uma luneta nos olhos. Larchmont virou-se, e sua expressão era tão negra como tinha sido no dia da tempestade que eles tinham escapado tão recentemente.

“Velas no horizonte,” Ele confirmou. “São piratas, rapazes, estamos indo para um confronto!”

Capítulo 3

Larchmont passou por ali e estalou os dedos para Sherlock e Gittens. “Vocês dois,” ele gritou. “Olho vivo agora, e tragam para fora as armas do arsenal. Para serem distribuídas entre a tripulação.” Ele retirou uma chave enferrujada de seu pescoço, onde estava pendurada em um cordão, e entregou a Gittens. “Vão pegá-las agora, rápido. Vou mandar marinheiros para baixo para trazê-las. Quando terminarem com as armas, comecem a trazer os pinos de amarração. Quando terminarem com os pinos de amarração, tragam os ganchos e as correntes.”

“Arsenal?” Sherlock questionou conforme Larchmont se afastava para gritar com outro marinheiro. “Eu nem sabia que tínhamos um arsenal.”

Gittens riu amargamente. “Não comece a ter ideias,” disse ele. “Não é como se esse navio fosse um de guerra naval. O arsenal é apenas um armário perto da cabine do capitão, e as armas são coisas que foram coletadas em várias viagens nos últimos dois anos. Há algumas espadas, algumas facas, e um par de mosquetes e rifles enferrujados. Portanto eles vão provavelmente explodir nas mãos de algum homem, assim que o gatilho for puxado. Há também alguns machados que usamos para cortar a madeira e os cabos de emenda, e há rumores de que o Capitão tem um revólver do Exército que ele adquiriu em um bazar em algum lugar e que ele guarda debaixo do travesseiro, em caso de motim.” Ele riu novamente, mas não havia humor no som. “Oh, eu suponho que podemos também contar com as facas de cozinha do Wu Chung. Vamos esperar que ele as esteja afiando com regularidade.”

“Não é muito para lutar contra piratas,” disse Sherlock ansiosamente. “Não temos um canhão, ou qualquer coisa assim?”

“Este é um navio comercial. Transportamos carga. Canhões são pesados e ocupam espaço que poderia ser usado para empilhar caixas ou sacas. Não, nossa melhor chance é nos meter às velas cheias, e esperar que possamos ultrapassá-los.”

Sherlock franziu o cenho. “Mas estamos em posse de muita carga. Isso vai nos atrasar” Ele olhou ao redor. “O Sr. Larchmont tem que pedir a tripulação para lançar as caixas ao mar! Precisamos estar o mais leve possível – pois é a única maneira de obtermos velocidade suficiente!”

Ele começou a se mover na direção onde Larchmont estava gritando com os marinheiros para desfraldar as velas e apertar as cordas, mas Gittens pegou seu braço.

“Não seja estúpido” ele sibilou. “Nós não navegamos ao outro lado do mundo para despejar nossa carga no mar ao primeiro sinal de problemas. É nisso que o Capitão faz seu dinheiro. Ele prefere ordenar que metade da tripulação salte ao mar do que lançar a carga ao mar. Marinheiros são dez centavos. Podem ser apanhados em qualquer porto. Perder a carga significa perder dinheiro.” Ele

olhou para o mar. “E com base no que eu ouvi sobre os piratas Chineses, eu seria o primeiro da fila a pular. Eu preferiria me arriscar com os tubarões, eu realmente preferiria.”

Gittens puxou Sherlock o levando consigo em direção a escotilha mais próxima. Eles fizeram seu caminho rapidamente para o interior do navio, e Gittens liderou o caminho para uma porta trancada anônima no meio do caminho de um longo corredor. Marinheiros empurravam-se além deles, as expressões de alarme em seus rostos. Alguns deles começaram a formar uma fila do lado do arsenal – presumivelmente por ordem de Larchmont. Gittens conseguiu destrancar o rijo cadeado e os marinheiros de repente apertaram-se para os lados do corredor, e Sherlock viu o Capitão Tollaway caminhando no centro. A expressão em seu rosto era intimidadora, mas Sherlock pensou que poderia identificar um tom cinza de preocupação sob o olhar escuro.

Seu revólver estava balançando em sua mão. “Tenham coragem, rapazes,” ele disse a ninguém em particular quando passou. “Não vamos deixar esses selvagens bárbaros colocar as mãos em nossa carga! Vamos lutar até o último homem, a deixar que isso aconteça! Um shilling para qualquer homem que matar um dos piratas!”

A fila de marinheiros soltou um sonoro grito quando ele passou, mas Sherlock suspeitava que eles estavam imaginando quem seria o último homem.

Gittens puxou a porta do Armário. Dentro Sherlock viu espadas e facas penduradas em ganchos. Alguns deles estavam enferrujados. Gittens gesticulou para Sherlock retirá-los e começar a entregar aos marinheiros na fila. O próprio Gittens puxou para fora um pano oleado da parte do fundo do armário e desembrulhou-os para revelar algumas armas longas e antiquadas. Sherlock tinha visto agricultores em Farnham usarem armas mais modernas para espantar as aves.

Não foi uma boa visão. Ele podia sentir um nó de apreensão enrolando e desenrolando em seu estômago. Certamente, depois de ter sobrevivido a tempestade, iria ele morrer aqui, no meio do oceano, à milhares de quilômetros de tudo o que ele amava? Havia coisas que ele precisava fazer em casa. E quanto a Virgínia?

Após as armas terem sido distribuídas, Gittens fechou e trancou o armário. Ele mantinha duas facas para si mesmo, e ele colocou-as em seu cinto. Um deles era curto e robusto, com um punho revestido de couro. O outro tinha uma lâmina curvada e uma aresta que tinha a forma de uma onda – não era uma faca inglesa, isso era certo.

Gittens fez menção de voltar para a escada, então hesitou. Ele puxou a primeira faca de seu cinto e entregou a Sherlock

“Aqui,” disse ele asperamente. “Fique com isso. Pode ser de ajuda. Se nada for, além de oração.”

Antes que Sherlock pudesse dizer qualquer coisa, Gittens estava correndo para fora.

No convés a tensão era tão espessa que parecia pairar como um véu de fumaça acima da tripulação. Metade dos homens estavam acima no cordame ou puxando cordas no convés; a outra metade estavam armados e agrupados ao longo do lado do navio em que as velas tinham sido avistadas anteriormente. Sherlock atravessou o convés para se juntar a eles, costurando seu caminho através da pressão dos corpos, até que ele estava contra a grade.

O navio estava cortando rapidamente as ondas, e o spray de água voltava sobre os rostos de Sherlock. Seus perseguidores poderiam ter as velas no horizonte vinte minutos atrás, mas agora eles estavam sensivelmente mais perto. Sherlock esticou o pescoço para dar uma olhada.

O navio perseguidor era diferente de tudo que Sherlock já vira antes. Seu casco era curvado de modo que a proa e a popa eram projetados para cima, elevados acima do mar, e parte do meio cavalgava abaixo nas ondas. As velas eram de uma cor castanhos avermelhados, e eram onduladas como leques, e em vez de serem niveladas na parte superior, vinham em vários pontos. Foi difícil ver a popa do navio, mas pelo pouco que Sherlock podia dizer o leme era muito maior que o do Glória Scott, e eram necessários três ou quatro homens para movê-lo. Quaisquer que fossem os princípios de design que os projetistas do navio tinham seguido, eles eram muito diferentes dos utilizados na Inglaterra.

Sherlock conseguiu distinguir figuras agrupadas ao longo do navio perseguidor. Estavam todos segurando espadas, e eles balançavam as espadas acima de suas cabeças.

Os dedos de Sherlock apertaram no punho coberto de couro de sua faca. Não era muito para defender a sua vida.

O vento que soprava na direção da popa trouxe consigo o som das vozes. Os piratas estavam cantando uma espécie de canto de guerra.

Sherlock e o resto da tripulação observava, enquanto a perseguição transcorria. Apesar de cada pedaço de vela que o Glória Scott possuía tivesse sido posto em uso, apesar de cada corda ser apertada até ranger, o navio perseguidor gradualmente comeu a distância entre eles. Sherlock podia ver os rostos dos piratas chineses: tatuados e rosnando. Metades deles eram carecas, enquanto a outra metade tinha cabelos longos que caíam selvagememente em torno dos ombros ou eram amarrados em tranças penduradas nas costas.

A voz do Sr. Larchmont subiu acima do rugido do vento e o canto dos piratas. “Fiquem firmes, rapazes! Estaremos rindo sobre esta aventura e bebendo nas tabernas de Xangai antes que percebam!”

Mas, não estariam. Sherlock tinha certeza disso. O navio pirata Chinês foi construído para ser rápido, enquanto o Glória Scott tinha o peso extra da carga. O navio pirata corria como um galgo através do oceano, enquanto o Glória Scott

revolvia nas ondas feito uma buldogue grávida. Sherlock percebeu que Wu Chung estava em pé ao lado dele. O cozinheiro Chinês olhou impassível para o navio atrás deles.

“Eles são chamados ‘junk’ em seu idioma,” ele disse baixinho depois de um tempo, “Apesar de que não é nossa palavra para ela. Junks são mais rápidos e melhor equipados do qualquer outro navio no mar. Navegávamos com eles por milhares de anos – enquanto seu povo apenas olhava para o oceano querendo saber como andar através deles.”

“O que farão conosco se nos pegarem?” perguntou Sherlock.

“Roubar nossa carga, com certeza,” disse Chung. “Se tivéssemos muitos passageiros então eles poderiam mantê-los para o resgate por parte das autoridades Chinesas em Xangai, mas só temos um e eu não acho que traria muito dinheiro. Estes piratas são camaradas supersticiosos. Um olhar no rosto dele e quererão jogá-lo ao mar.”

“E o resto de nós?”

“Se tivermos sorte, irão nos deixar trancados no porão, à deriva, com as velas rasgadas e toda nossa comida tomada.”

“E se não estivermos com sorte?” Sherlock se viu obrigado a fazer a pergunta, mas ele sabia que não iria gostar da resposta.

Wu Chung obviamente sentia o mesmo. “Nem pergunte,” ele disse calmamente. “Você descobrirá em breve.”

“Mas você fala cantonês,” Sherlock ressaltou. “Você é Chinês – como eles. Você não pode falar com eles – arrazoar com eles? Deve haver alguma coisa que possamos oferecer-lhes que iria fazê-los ir embora.”

Wu balançou a cabeça. “Eu posso até falar a mesma língua que eles, mas eu não sou como eles. Talvez a minha aparência salve a minha vida, talvez não. O fato de estar neste navio com você significa que serei tratado como você. Pior, talvez, como eu deixei minha casa e estou trabalhando com demônios estrangeiros. Não há nada que eu possa oferecer-lhes que eles não possam tomar para si mesmos.”

Sherlock olhou para a mão de Wu. O cozinheiro estava segurando uma grande faca. Os nós dos dedos estavam brancos desprovidos de sangue, pois ele segurava a alça com muita força.

Wu viu que Sherlock estava olhando para a faca. “Vou lutar com você.” ele disse calmamente. “E, se essa for a vontade do universo, vou morrer com você.”

Sherlock estremeceu. “Estou realmente esperando que isso não chegue a este ponto.”

Enquanto Sherlock e Wu falavam, o Junk se aproximou mais. Sherlock conseguia distinguir as vozes individualmente, e podia ver as armas dos piratas claramente. Alguns deles seguravam espadas curvas; alguns estavam segurando lanças longas com lâminas perversamente farpadas na extremidade. Alguns

deles seguravam formas de metal estranhas que pareciam nada mais do que duas espadas amarradas e recobertas de espinhos de metal salientes. O convés do Junk era uma floresta de lâminas afiadas.

Ele nunca se sentira tão intimidado, ou tão impotente, em sua vida. Ele podia ver a ferocidade das expressões dos piratas e a selvageria de suas roupas. Muitos deles usavam turbantes feitos de pano vermelho ou azul. Alguns deles estavam sem camisa, outros usavam camisas ásperas ou coletes. A maioria deles também tinha cintos de couro largos ao redor de suas cinturas em que tinham enfiado uma série de facas, espadas e pistolas antigas e calças largas enfiadas em botas de couro.

Sherlock notou que muitos deles usavam joias. Isso fazia sentido. Não era como se eles pudessem colocar o seu tesouro em um banco na costa, e escondê-lo em algum lugar a bordo do Junk significava correr o risco de que outro pirata iria roubá-lo. A única solução segura era levar consigo o máximo de sua riqueza pessoal tanto quanto podiam.

Apesar de seu terror, Sherlock percebeu que um dos piratas estava segurando alguma coisa. Era do tamanho e da forma de um nabo, e ele o levantava como se pretendesse jogá-lo. Sherlock queria saber o que exatamente ele achava que estava fazendo. Atirar pedras, ou algum equivalente mais próximo, não iria exatamente ajudar os piratas a tomar o Glória Scott, ou iria?

Então ele percebeu que um monte de piratas estava segurando objetos semelhantes.

O restante da tripulação do Glória Scott ficou igualmente intrigado. Sherlock podia ouvir discussões febris de todos ao seu redor com seus companheiros especulando amplamente sobre o que os piratas estavam planejando.

Eles tiveram sua resposta mais cedo do que gostariam. Como os navios ficaram dentro do espaço de arremesso, três dos piratas brincavam com os objetos em suas mãos. Levou um momento para Sherlock descobrir o que eles estavam fazendo, mas quando os piratas se equilibraram como no críquete e jogaram os objetos do tamanho de nabos – no sentido do Glória Scott, Sherlock pode ver que cada um deles levava atrás de si um comprimento de corda que havia sido incendiado.

Um pavio.

“Cuidado, rapazes!” a voz de Larchmont subiu acima do tumulto. “É a obra do Diabo!”

Os objetos fizeram um arco para cima. Um deles atingiu um mastro e ricocheteou, caindo de volta para a faixa do mar entre os dois navios. Os outros dois bateram no convés, saltaram algumas vezes, em seguida, rolaram até parar.

Antes que alguém pudesse chegar a elas, explodiram.

Eram algo como fogos de artifício e como pequenas bombas. Chamas amarelo e escarlate espalharam-se rapidamente sobre o convés como uma

espécie de substância oleosa respingando em toda a madeira e embebendo ela. Faíscas espalharam-se com enxames de insetos de fogo. Os marinheiros correram para jogar baldes de água do mar no óleo inflamado. Vapor subiu do convés, mas as chamas apenas silvaram e, em seguida, continuaram a arder.

“Areia!” Larchmont gritou de algum lugar em volta do convés. “Abram os sacos de areia! Espalhem a areia nas chamas se dão valor a suas vidas.”

Mais cinco bolas de fogo irromperam no convés, derramando óleo, chamas e faíscas em todas as direções. Um marinheiro correndo com um balde de água escorregou e caiu na conflagração. Sherlock o viu rolar novamente, mas a sua camisa estavam em chamas. Sem pensar, Sherlock correu para ele e tentou varrer as chamas, mas o óleo tinha embebido o tecido e não extinguiria facilmente. Outro marinheiro juntou-se a Sherlock, e juntos conseguiram rasgar a camisa das costas do homem e jogá-la ao mar, chamuscando os dedos no processo.

A fumaça preta em todo o convés, obscurecia a visão de Sherlock. A fumaça apegou-se a parte anterior a sua garganta e ele engasgou-se. Seus olhos ardiam.

Pânico tomou conta do navio.

Mas só por um momento, e então a disciplina reafirmou-se, reforçado por ordens gritadas do Sr. Larchmont. Um grupo de marinheiros correram para a frente com sacos de areia, arrastados de algum lugar de dentro do navio. Arrancaram as costuras delas com facas e espalharam areia em toda a queima do óleo. Ele sufocou as chamas instantaneamente. Fumaça escura percorreu o convés, mas o brilho infernal do fogo tinha ido embora. A disciplina reafirmou-se.

Talvez porque perceberam que a tripulação do Glória Scott estava em pé prontos com mais sacos de areia, ou porque os piratas não tinham mais munição, não havia mais bolas de fogo voando do convés do Junk. O tom dos gritos dos piratas mudou também, de um riso triunfante para uma coleção negra de maldições e ameaças.

O movimento no convés do Junk atraiu a atenção dele. Ele olhou atentamente. Piratas estavam se concentrando no ponto mais próximo do Glória Scott. Carregavam ganchos. Vendo que se safaram das bolas de fogo, os piratas preparavam-se para embarcar no Glória Scott. Sherlock podia jurar que alguns deles olhavam diretamente para ele, e sorriam com os dentes expostos.

Ele sentiu um arrepio involuntário correr por ele. Seu estômago se agitou, e houve um gosto ácido, metálico na parte anterior a sua garganta. Parte dele desejava desesperadamente que a perseguição cessasse, para que alguma coisa acontecesse. Como estava, tudo que ele podia fazer era esperar, e a espera era insuportável. Por outro lado, outra parte dele temia a batalha inevitável e esperava que a perseguição continuasse até que atingissem a terra. Tudo o que ele tinha era uma pequena faca para oferecer contra espadas, lanças e armas

como aquelas que ele nunca vira antes. Se chegasse a isso seria uma luta que não duraria trinta segundos.

Em seguida, o primeiro pirata lançou seu gancho. O gancho arqueou através da distância entre os navios, arrastando uma corda por atrás de si, como uma linha de lápis rabiscando a página azul do céu. A distância era muito grande. O gancho atingiu a lateral do Glória Scott e ricocheteou, mas foi um sinal que acionou o restante dos piratas para a ação. Enquanto o primeiro puxou seu gancho para fora da água, pronto para tentar novamente, os outros balançaram seus ganchos ao redor de suas cabeças deixando-os voar. O ar encheu-se com metal afiado e corda molhada. A maioria dos ganchos ficou aquém, mas quatro ou cinco deles passaram pela grade e bateram no convés. Um grande grito subiu dos piratas. As cordas foram puxadas bruscamente para trás antes que qualquer um da tripulação do Glória Scott pudesse chegar até eles – puxaram com força suficiente para que a curva dos ganchos se envolvessem na grade que corria ao redor da borda do convés. As cordas bem apertadas, formaram uma precária ponte sobre a qual os piratas poderiam escalar como macacos, mas antes de qualquer um deles pudessem chegar ao outro lado, a tripulação do Glória Scott começou a serrar as cordas com espadas e facas, ou balançando elas com o machado. Alguns tentaram a sorte com os ganchos na grade de madeira usando as mãos. Nenhuma dessas primeiras cordas durou mais que trinta segundos, fazendo que os piratas que estavam subindo ao longo dela caíssem na faixa estreita de água entre os dois navios, mas por essa altura, havia mais de vinte ganchos se acoplando nas grades do convés e nos mastros do Glória Scott, ou se emaranhando no cordame do navio. Sherlock olhou ao redor desesperado.

Muito em breve haveria mais ganchos e cordas do que a tripulação pudesse lidar.

“Olho vivo!” O Sr. Larchmont gritou. “Se quiserem ver suas esposas e namoradas de novo, não deixem que esses bárbaros ponham o pé cheios de variola no navio!”

Sherlock viu que assim como subiam ao longo das cordas, e as usavam para transportarem-se da segurança de seu convés, tentavam diminuir a distância entre os dois navios. E parecia funcionar. O Glória Scott e o navio pirata estavam quase lado a lado agora, e havia apenas uns cinco metros entre eles.

Um gancho bateu no convés ao lado do pé de Sherlock. Antes que ele pudesse fazer qualquer coisa a corda foi esticada, e o gancho chicoteou para longe dele, pegando no aro de madeira em torno de uma das escotilhas. Sherlock saltou em direção a ela, desesperadamente serrando as fibras com a faca, mas sua lâmina estava cega e escorregou fora da superfície molhada. Ele pegou no gancho e tentou puxá-lo para fora da madeira. Seus dedos lutando para encaixar-se nela.

Ele olhou para cima. Já havia piratas a bordo, lutando corpo a corpo com a tripulação! Tente ignorá-los da melhor maneira possível, ele deixou seu olhar

traçar o caminho da corda até onde se cruzava com a grade. Um pirata com aparência selvagem, cabelo na altura dos ombros e um enorme cicatriz na lateral do rosto já estava na metade do caminho!

Sherlock redobrou seus esforços. O gancho deslocou sob suas mãos – a ponta afiada não tinha penetrado muito longe na madeira ressecada pelo sol, e sob o esforço de cada fibra de seus músculos, os que ele poderia usar para puxá-lo é claro.

Sherlock deu um último suspiro, e o gancho deslocou até que apenas uma ponta prendeu-se no alçapão de madeira. Ele olhou para cima. O pirata sorridente estava quase na grade agora.

Sherlock chutou o gancho, tentando desesperadamente desprendê-lo.

Em algum lugar no navio uma arma disparou, e disparou novamente. O Capitão?

Ainda chutando o gancho, Sherlock olhou para cima novamente.

Era tarde demais. O pirata tinha chegado ao convés do Glória Scott. Ele deu um passo em direção a Sherlock, erguendo sua espada ameaçadoramente.

Ele tinha um dragão tatuado em seu antebraço – uma bela criatura, sinuosamente ondulando sobre seu músculo e colorida em azul iridescente. Por uma fração de segundo que pareceu durar uma eternidade Sherlock encontrou-se a admirar a arte.

O lábio superior do pirata esticou para trás em um irônico sorriso de triunfo. Seus dentes estavam manchados em preto decadente, espaçados como lápides.

Mais de pura frustração do que de esperança, Sherlock chutou o gancho novamente uma última vez. Ele arrancou livrando-se da escotilha com uma ripa de madeira e uma nuvem de farpas. Ao mesmo tempo em que uma repentina rebenção das ondas separou os navios uns dez pés, ou mais. A corda instantaneamente tencionou e o gancho foi arremessado de volta para onde tinha vindo. As pontas afiadas pegaram o pirata no ombro. Seu rosto assumiu uma expressão de dor e espanto quando a corda puxou mais ainda seu aperto, arrastando-o fora de seus pés e de volta para a grade. Suas costas atingiram o topo da grade com um terrível baque e ele desapareceu sobre a borda. Apesar dos sons de confronto com aço, gritos e tiros que enchiam o ar, Sherlock poderia jurar que ouviu um grito aterrorizado interrompido por um ‘splash’.

Como os navios se aproximaram, Sherlock não deu a ele muita chance de subir de volta. Se ele não se afogou imediatamente em seguida, os cascos provavelmente o esmagaram como um inseto que os acompanhava.

E já foi tarde também.

Em um momento de relativa calma, Sherlock olhou ao redor, tentando se orientar. Sua impressão era de que a batalha estava equilibrada. Parecia haver tantos piratas quanto havia de tripulação, lutando corpo a corpo, e uma rápida olhada na desocupada teia de cordas que agora ligava os dois navios juntos

sugeria que todos os piratas que iriam confrontá-los já o tinham feito. O restante era presumivelmente necessário para manter o navio pirata, e conduzi-lo impedindo que, de repente, virasse e se chocasse no Glória Scott.

Em um lado avistou o Sr. Arrhenius. O homem velado tinha saído de sua cabine para ver o que estava acontecendo. Ele estava de pé meio escondido pelo mastro médio. Ele levantou sua mão, e Sherlock viu que ele estava segurando uma pistola. Cuidadosamente ele mirou e disparou. Um pirata do outro lado do convés, de repente virou e caiu.

Arrhenius olhou para Sherlock e assentiu. Sherlock levantou o polegar em reconhecimento pela ajuda do passageiro.

Conforme Sherlock virou, um movimento chamou sua atenção. Um pirata saía do meio da luta e foi se arrastando ao longo do convés para a elevação na traseira do navio, direcionando-se para a entrada no centro – a entrada que levava de volta as cabines. Ele era pequeno, e o pouco cabelo que tinha fora puxado para trás em um rabicho lustroso. Foi a maneira oculta em que ele se movia, que atraiu a atenção de Sherlock. Em meio a um caos de selvagens agitando armas e figuras lutando, este homem se movia como se não quisesse ser notado.

Amyus Crowe muitas vezes disse a Sherlock para olhar as coisas que se destacam, as coisas que não pertencem ali. Essas são as coisas que tem uma história para contar.

Assim Sherlock o seguiu.

No momento em que ele chegou à porta o pirata havia desaparecido nas sombras do corredor. Sherlock ficou recuado por um momento, no caso de o homem virar-se e sair, mas depois de alguns segundos, ele entrou após ele.

O clamor da luta lá fora extinguiu rapidamente. Sherlock pausou um pouco enquanto seus olhos se acostumavam a escuridão relativa. O Pirata tinha ido diretamente para a porta da cabine do Sr. Arrhenius. Mas Arrhenius estava no convés lutando – Sherlock o tinha visto. O que por Deus o pirata estava procurando?

A porta estava com uma fresta aberta, e Sherlock moveu-se silenciosamente para perto. Ele olhou para dentro.

O pirata era apenas um contorno escuro iluminado apenas pela luz escassa que brilhava através da escotilha, mas Sherlock podia vê-lo debruçado sobre uma mesa. Ele parecia olhar fixamente para alguma coisa.

Sherlock desejou poder ver o que era. Como se o destino o tivesse ouvido, o navio de repente lançou para um lado, Sherlock encontrou-se a cair contra a porta da cabine. Ela se abriu e ele cambaleou para a sala.

A cabeça do pirata virou-se para cima. Seu olhar fuzilou Sherlock. Seus dedos, que estavam segurando um conjunto de documentos sobre a mesa, deixou-os, o que os permitiu enrolar-se, mas Sherlock teve tempo de ver que a coisa que o

pirata estava olhando era um conjunto de diagramas que pareciam linhas como teias de aranha.

O que estava acontecendo?

O pirata pegou os papéis e deu a volta na mesa na direção de Sherlock. Ele resmungou algo em Chinês, e levou um momento para Sherlock traduzi-lo. “Saia do meu caminho menino, ou vou arrancar o seu coração e comê-lo.” Pelo menos foi o que Sherlock pensou que ele disse.

Sherlock endireitou-se. “Ponha isso de volta.” Ele encontrou-se dizendo.

O pirata zombou. Ele deu um passo na direção de Sherlock, segurando o maço de papéis na mão esquerda. Ele levantou sua mão direita, e Sherlock viu surpresa que ele segurava uma faca. Lançou a faca, visando o peito de Sherlock.

Sem pensar, Sherlock bloqueou a investida da faca com um movimento de sua mão esquerda entendida, em seguida, enviou a mão direita, acertando o braço direito do pirata com a palma da mão. O impacto paralisou temporariamente os músculos do pirata. Seus dedos espasmaram, e ele deixou cair a faca. Sherlock percebeu com espanto que ele tinha realizado um clássico movimento de Tai Chi Chuan, mas mais rápido do que nunca.

O pirata deu um passo para trás. Ainda segurando os papéis, ele virou-se e atacou com o pé direito, levantando alto o suficiente e se acertasse quebraria o nariz de Sherlock. Seu corpo se inclinou para trás, para manter o equilíbrio. Antecipando o que ia acontecer, Sherlock caiu para sua mão e perna esquerda dobrado, e lançando sua perna direita em paralelo ao chão, batendo na perna direita do pirata por debaixo dele. O pirata caiu, se espalhando desajeitadamente. Os papéis voaram de sua mão e caíram debaixo da mesa.

Sherlock ficou surpreso. Era como se seu corpo já soubesse o que fazer sem o seu cérebro ter que instruí-lo. Graças aos céus pela gentil instrução de Wu Chung.

O pirata se arrastou pelo chão, indo para os papéis. O que quer que fossem, ele os buscava seriamente. E tanto quanto Sherlock queria detê-lo. Ele agarrou o pé direito do pirata e o arrastou de volta. Os dedos do homem agarraram-se ao tapete, mas quando se tornou óbvio que ele não conseguia parar o movimento ele rolou e chutou violentamente. O calcanhar da bota pegou Sherlock em seu rosto. Um raio de abrasante agonia acertou sua cabeça, apagando todos os seus sentidos e todos os seus pensamentos.

Mãos o agarraram pelo pescoço e começaram a apertar.

Capítulo 4

Os picos de dor subiam pelo pescoço de Sherlock e para baixo em seu peito. Seu coração batia forte, mas sua visão embaçada foi estreitando em túnel de arestas escuras.

Ele trouxe as mãos para cima entre os antebraços do pirata e então, com toda a sua força restante, bateu-os. O aperto no pescoço afrouxou. Ele sugou grandes goles de ar até as mãos do pirata serpentarem de volta ao redor de seu pescoço e começar a apertar novamente.

A visão de Sherlock ficou restrita a um ponto do tamanho de uma moeda segura por um braço esticado. Sua pele e seus músculos formigavam como se alguém estivesse cutucando com agulhas e alfinetes em cada polegada quadrada deles. Ele mal podia levantar as mãos, ele os sentia pesados.

Desesperadamente, às cegas, Sherlock estendeu as mãos para o rosto do pirata. Ele fechou os dedos em cada lado da cabeça do homem, e colocou os polegares onde ele achava que seus olhos estavam. Quando sentiu as pálpebras de seu oponente, bem fechados sob a ponta de seus dedos, ele empurrou tão forte quanto conseguiu.

O pirata gritou. Suas mãos desapareceram do pescoço de Sherlock. Ele se afastou, deixando Sherlock cair para trás. Sherlock estava vagamente ciente de uma fuga, uma desajeitada, como se o pirata tentasse ficar de pé para correr pra fora da cabine mas teve que correr pela parede da cabine e na moldura da porta no caminho. Sherlock rolou e ficou em suas mãos e joelhos, em seguida, empurrou até que estava de pé. Sua visão estava voltando agora. A cabine estava deserta. Ele colocou a mão trêmula sobre a mesa e apoiou-se lá por alguns momentos até que ele sentiu que suas pernas poderiam aguentar seu peso sem ceder.

O rolo de papéis estava debaixo da mesa. O pirata não o pegara quando saiu da cabine.

Quando ele se sentiu forte o suficiente, ele se abaixou e pegou os papéis trazendo-os para cima. Ele estava prestes a colocá-lo na mesa para dar uma olhada quando notou uma caixa no canto. Ele era o único no navio que tinha visto carregarem os pertences do Sr. Arrhenius. Havia algo nele, olhou ao redor. Antes que ele pudesse investigar, ele ouviu uma voz na porta.

“O que pensa que está fazendo?”

O Sr. Arrhenius estava em pé na soleira da porta. Ele estava segurando uma arma, e franzindo uma testa.

“Um dos piratas estava aqui.” Disse Sherlock, sentindo uma raspar doloroso na garganta. “Eu o segui até aqui e nós tivemos uma luta. Ele fugiu. Não sei para onde foi.”

“Eu o vi cambalear para fora para o convés,” disse Arrhenius. Ele levantou a arma e bateu-a na testa, sob o véu. “Eu... o parei, então eu vim ver o que ele

estava fazendo aqui.”

“Ele esteve tentando levar isso,” Sherlock disse, segurando o rolo de papéis para cima.

“Ele estava agora?” Arrhenius disse. Havia algo de estranho em sua voz, e ele estava olhando curiosamente para Sherlock.

“O que é isso?” Sherlock perguntou, sentindo-se mais ousado, agora que ele tinha tomado fôlego.

“Nada com que deva se preocupar.”

Arrhenius estendeu sua mão para os papéis. Sherlock os entregou. Ele ainda queria desesperadamente saber o que eram, mas sabia que o estranho passageiro não iria contá-lo.

“O que está acontecendo no convés?” perguntou ele.

“O Capitão Tollaway e o resto da tripulação estão virando a maré,” declarou Arrhenius. “Parece-me que eles estão a repelir os atacantes. Você deveria ir se juntar a eles. “Ele olhou ao redor da cabine. “Tenho de ver se alguma coisa está faltando.”

Sherlock saiu para o convés. Um corpo jazia amarrotado para um lado. Era o pirata que tinha atacado Sherlock na cabine. Sherlock olhou para ele por um momento, depois se afastou. Ele não sentia nenhuma dor, ou remorso, ou medo. Na verdade, além da dor na garganta e as batidas em sua cabeça, ele não sentia nada.

O Sr. Arrhenius estava certo – a tripulação parecia estar a bater os piratas de volta. Um punhado de corpos foram espalhados por todo o convés, contorcidos em várias posições, e alguns dos piratas pareciam estar se retirando, lesionados.

“Basta!” a voz de Larchmont gritava do outro lado do navio. “Retornem a mim, rapazes!”

Sherlock assistiu em confusão como a tripulação do Glória Scott abandonavam suas lutas individuais e recuavam para Larchmont através do convés. Eles estavam ganhando. Por que abandonar a luta agora?

A tripulação retornou, em um instante um caminho abriu-se entre Sherlock e o Sr. Larchmont, e Sherlock de repente percebeu o que estava acontecendo. Larchmont estava em pé junto à grade, e segurava uma engenhoca estranha. Era um tubo de metal tendo o comprimento do braço de um homem, selada em uma das extremidades e aberto na outra. Foi girando em um botão de metal que estava anexado à grade. O botão de alguma maneira encaixado dentro de um rebaixo no tubo. Sherlock vira aquele botão de metal antes, enquanto ele trabalhava no convés, e ele se perguntava para que servia. Agora ele sabia. Gittens tinha dito que eles não tinham um canhão a bordo, mas ele estava errado. Havia um – um pequeno – e Larchmont estava segurando-o. Ele o apontava para os piratas.

“Acendam,” disse ele severamente. Uma mão segurando uma vela acesa

emergiu da multidão de tripulantes. A vela tocou em buraco no final selado do canhão.

O caos rompeu pelo convés.

O que quer que estivesse no canhão, não era uma bala de canhão. Sherlock deduziu que era provavelmente um pedaço de corrente de metal, junto com pregos e pedaços de sucata.

Os piratas que milagrosamente não foram atingidos pela tempestade de metais viraram-se e correram. Os outros... Bem, Sherlock não queria nem olhar. Haveria um monte de limpeza a fazer mais tarde.

A tripulação soltou um grito ruidoso.

“Muito bom, rapazes!” Larchmont gritou. “Rum extra para todos! Agora certifiquem-se se aqueles sem mães, filhos do diabo realmente se foram!”

Sherlock juntou-se com a maioria da tripulação atravessando para o outro lado do convés. Eles juntaram-se na grade, assistindo incrédulos. Era verdade – os piratas estavam abandonando as cordas que os prendiam ao Glória Scott, e seu navio estava se afastando. Os piratas no convés estavam gritando maldições contra a tripulação do Glória Scott e agitando os punhos, mas eles eram muito mais fracos do que tinham sido anteriormente. Havia menos deles também.

Sherlock sentiu-se mal, e suas pernas ficaram fracas de repente. Apoiou-se no lado do navio e fixou o olhar no horizonte distante, esperando que a sensação diminuisse.

Por que ele estava se sentindo assim? Não era como se ele nunca tivesse corrido perigo antes. Nos últimos dois anos ele tinha sido perseguido, ficado inconsciente, drogado, trancado em um hospício e atacado diversas vezes por homens, cães, leões da montanha, lagartos, falcões e ursos. Tinham sido anos bem agitados. Então, por que ele estava reagindo desta forma agora?

Porque, o lado lógico do seu cérebro lhe disse que ele estava longe de casa. Ninguém saltaria no último momento para salvá-lo – nada de Matty, nem Mycroft, nem Amyus Crowe e nem Virgínia. Ele nunca havia contado com suas ajudas antes, mas na parte de trás de sua mente, ele sempre soube que, se sua inteligência e força não fossem suficientes para salvar o dia, em seguida, um deles estaria lá por ele. Mas não agora. Aqui não. E não por um longo tempo por vir.

O peso total da solidão desceu sobre ele como uma nuvem escura, e encontrou seus olhos ardendo com lágrimas quentes. Se ele morresse aqui, a bordo do Glória Scott, milhares de milhas da Inglaterra, então ninguém jamais saberia. Mesmo os outros marinheiros iriam esquecê-lo dentro de poucas semanas.

“Perigosa situação,” disse uma voz ao seu lado. “Estou grato que você passou por isso com vida.”

Wu Chung estava ali, olhando para longe através da água com um leve

sorriso enigmático no rosto. Ele tinha um arranhão no ombro que tinha sangrado no seu avental de cozinheiro, e havia arranhões no rosto.

“Você está bem?” perguntou Sherlock.

Wu Chung assentiu. “Houve uma luta,” disse ele. “Eu venci.”

“Tai Chi Chuan?” Sherlock perguntou, imaginando Wu Chung em pleno combate, lutando contra um adversário com movimentos sutis de suas mãos e pés.

Wu balançou a cabeça. “Não – eu usei uma frigideira. Combate desarmado serviria muito bem, mas se o universo em sua infinita sabedoria fornece uma arma à mão, então seria rude não usá-lo.”

“Eu fui bem em uma luta,” disse Sherlock.

“Posso ver. Seu pescoço aparenta que alguém o amaciou com um martelo de carne, e sua voz está tão rouca como um homem que esteve fumando tabaco bruto por muitos anos.”

“Usei as habilidades que você me ensinou. Elas funcionaram.”

“É claro que funcionaram,” disse Wu, ainda olhando para longe através do mar. “Eu sou um bom professor, não sou?”

Ele se virou, ainda sem olhar para o rosto de Sherlock, e caminhou de volta pelo convés. Foi só então que Sherlock percebeu que ele não tinha certeza se eles haviam conversado em inglês ou cantonês.

Sherlock passou o resto do dia em atividades que ele esperava não ter que lembrar por muito tempo – limpando o sangue para fora do convés, jogando corpos de piratas ao mar, e usando retalhos de lona das velas para cobrir o punhado de marinheiros do Glória Scott que pereceram na batalha. No momento em que o sol tocou o horizonte o convés ficou claro e havia pouco sinal de que alguma coisa desagradável acontecera, além da linha de corpos envoltos em lonas alinhados no convés. O Capitão Tollaway leu uma Bíblia, e os corpos foram jogados no oceano. As mortalhas eram pesadas de modo que afundaram.

Os marinheiros estavam com vontade de cantar aquela noite. O Capitão Tollaway ordenou que a ração de rum fosse triplicado, o que tornou os marinheiros mais indisciplinados do que o normal, e também, obviamente, eles queriam apagar da lembrança o ataque dos piratas, de qualquer maneira que pudessem. Sherlock viu-se tocando canção após canção no violino rachado que Fiddler o havia emprestado. Ele perdeu algumas notas e, por vezes pulava de uma canção para outra sem perceber, mas os marinheiros pareciam não notar. Enquanto houvesse rum e música eles estariam felizes.

Mesmo enquanto arranhava canções no velho violino, cercado por marinheiros bêbados cantando no topo de suas vozes, a mente de Sherlock recusou-se a parar de pensar. Ele encontrou-se tentando descobrir por que o pirata que invadiu a cabine do Sr. Arrhenius, tinha ido diretamente buscar aqueles estranhos diagramas como teias de aranha. Isso implicava que ele sabia que eles

estavam lá, e que ele tinha algum motivo para querê-los. Mas isso significava que, ou o pirata aproveitara a coincidência completamente acidental que o seu navio e o Glória Scott se encontraram no mesmo ponto no oceano, ou que o ataque tinha sido deliberado – os piratas haviam reconhecido antecipadamente qual o alvo em que eles estavam indo atacar. Isso sugeria algum tipo de conspiração acima e além da pirataria normal. Como poderiam os piratas saberem que o Glória Scott era o navio que queriam atacar?

Havia algo muito estranho acontecendo aqui. Ele desejava ter alguém para discutir o assunto, mas ele não queria confiar em ninguém a bordo mais do que era necessário.

O que ele não daria para ter Mycroft, ou Amyus Crowe, ou mesmo Matty por perto.

Um sentimento mal disfarçado de tensão pairou sobre o Glória Scott pelo restante da viagem. A tripulação continuou lançando olhares preocupados para o horizonte distante, vigiando por mais navios piratas, e tanto o Capitão quanto o Sr. Larchmont passaram mais tempo andando para cima e para baixo no convés do que tinham feito antes do ataque, tentando tranquilizar os homens com a sua presença. A tripulação estava tendo que trabalhar mais também. No final de cada turno estendido, Sherlock subia para sua rede exausto, tão cansado que tinha sonhos sem sonhos até que o sino tocava para seu próximo turno.

Durante uma pausa, poucos dias depois do ataque, ele estava em pé na amurada e olhava para o mar, quando percebeu que alguém estava em pé ao seu lado. Ele virou a cabeça, esperando que fosse Wu Chung, ou talvez Fiddler. Um arrepio percorreu-o quando ele viu que era o Sr. Arrhenius.

Ele ainda o seu véu preto de apicultor debaixo do chapéu de abas largas. Sherlock podia distinguir a silhueta de seu rosto abaixo. Suas luvas de couro preto aderidas firmemente à grade. Ele parecia olhar para o mesmo ponto no horizonte que Sherlock.

“Eu acredito que deveremos ver terra em breve.” Disse ele. “De acordo com o Capitão, temos um ou dois dias até chegar em Xangai.”

“A terra firme pode não aparecer tão cedo,” Sherlock replicou em voz baixa. “Esta viagem parece durar para sempre.”

Arrhenius assentiu. “Ela certamente tem sido agitada.” Ele admitiu. Ele ficou em silêncio por um tempo, então disse de repente: “Acredito que lhe devo uma explicação.”

“Sobre o quê?” Sherlock esperava pudesse ser sobre os papéis a que o pirata estava atrás.

“Sobre minha aparência. Eu entendo que tenha ficado chocado, ver-me sem o véu no momento em que me trouxe a comida em minha cabine. Eu peço desculpas.”

Sherlock meneou a cabeça. “Você não me deve nada. Eu admito que fiquei

curioso, mas você não tem que me dizer qualquer coisa, se não quiser.”

“Ainda assim.... Eu sei como marinheiros chegam a ser supersticiosos. Outros têm me visto, em momentos de descuido, sem o meu véu.” Ele riu tristemente. “Eles provavelmente acham que sou algum tipo de criatura sobrenatural – um demônio, ou um vampiro, talvez. Se eu explicar a minha condição para você, talvez você possa tranquilizá-los.”

“Eu duvido que eles iriam me dar ouvidos sobre qualquer coisa.” Sherlock disse duvidosamente. “Eu ainda sou praticamente um estranho neste navio. Mas ficarei feliz em dar-lhe esta chance, se é isso que deseja.”

Arrhenius assentiu. “Eu preciso disso. Obrigado.” Ele fez uma pausa, e Sherlock teve a impressão de que ele procurava as palavras certas. “Minha pele não foi sempre desta cor.” Disse ele finalmente. “Quando eu era mais jovem, era da mesma cor que a sua.” Ele olhou de soslaio para Sherlock. “Bem, talvez não tão bronzeada. De qualquer forma, assuntos de negócios me faziam ter um monte de viagens para outros países – África, Egito, América do Sul.... se você disser um nome de porto em qualquer lugar do globo posso garantir-lhe que já estive lá.”

“Eu costumava querer viajar.” Disse Sherlock “Até que eu tentei. Agora posso ver por que meu irmão prefere ficar em casa.”

“Viagens ampliam a mente.” Disse Arrhenius. “Mas tem as suas desvantagens. Países quentes têm tipos específicos de doenças mais virulentas do qualquer uma que existe na Inglaterra, ou na Holanda. Você já deve ter ouvido falar sobre os efeitos terríveis da cólera e febre tifoide ou a peste bubônica, mas os efeitos pouco conhecidos da black formosa corruption são horríveis de se observar, e a quanto a febre Tapanuli....” Ele estremeceu. “Assistir a um homem morrer de febre Tapanuli é como assistir a um homem cuja pele está derretendo lentamente para fora de seu corpo. Verdadeiramente uma maneira horrível de partir.”

“Você nunca.... pegou qualquer uma dessas doenças?” Sherlock perguntou após alguns instantes de silêncio.

“Alguma vez você já ouviu falar de prata sendo usada para prevenir uma doença?”

Sherlock meneou a cabeça.

“Prata teve alguns usos medicinais se voltarmos alguns séculos.” Arrhenius continuou. “Hipócrates, o grego filósofo que se diz ter sido o pai da medicina, escreveu que prata pode prevenir doenças e pode ajudar na cicatrização de feridas. Os fenícios, que navegaram o mundo muito antes do seu país ou o meu terem uma marinha, supostamente armazenavam água, vinho e vinagre em garrafas de prata para impedi-las de estragar. Tenho ouvido falar de pessoas colocarem moedas de prata em garrafas de leite para evitar que o leite azede, acredite ou não.”

“E você tem se tratado com prata?” Perguntou Sherlock fascinado.

“Parecia.... lógico.” Disse Arrhenius. “Pareceu-me, com base em tudo o que eu pesquisei, que fazia sentido. Prata previne doenças. Assim, todos os dias durante os últimos dez anos tenho tomado uma bebida coloidal de prata – isto é, de pó de prata suspensa em óleo de ricino. Em todo esse tempo eu não fiquei doente. Nem uma única vez.”

“Mas....” Sherlock solicitou.

“Sim, há sempre um 'mas'. Nesse caso, ao longo só tempo as partículas de prata foram absorvidas por meus tecidos – mais intensamente em minha pele e meus olhos. Disseram-me, os especialistas que eu consultei, que a condição é chamada argyria. É aparentemente muito raro.” Ele riu de repente. “Que irônico, que eu deveria evitar tantas outras doenças para cair nesta.”

“Isto dói?” Perguntou Sherlock

Arrhenius meneou a cabeça. “Nem um pouco. Só.... qual é a palavra? A desfiguração, nada mais. Não machuca, e não sofro nenhuma outra mudança com maus efeitos, exceto a cor da minha pele. Para ser franco com você, se eu soubesse então o que sei agora, teria tomado a mesma decisão. Minha aparência é estranha, é lamentável, mas nunca sofro de qualquer doença, nem mesmo um resfriado.... que é algo que realmente vale a pena.”

“O que acontece se você parar de tomar a prata? Será que sua pele irá recuperar-se?”

Pareceu que Arrhenius meneou a cabeça, por trás do véu. “Infelizmente, não. As mínimas partículas ficaram incorporadas em minha carne. Não há como voltar atrás. Não que eu o fizesse.”

Aparentemente não havia nada que Sherlock pudesse dizer quanto a isso, e os dois ficaram lá por um tempo em silêncio, olhando para o oceano. Eventualmente Arrhenius foi embora, deixando Sherlock com seus próprios pensamentos.

Ingenuamente, Sherlock esperava que houvesse um momento em que a terra fosse avistada como uma mancha escura no horizonte, acompanhado, provavelmente, por um grande ânimo da tripulação e abrir de mais garrafas de rum. Na verdade, a primeira pequena ilha, pouco maior do que o navio, foi vista a distância. Depois outra. Depois de algumas horas, havia dez ou vinte ilhas em ambos os lados dos arcos, e o Sr. Larchmont ordenou que as velas fossem reduzidas para diminuir o Glória Scott e dar a ele mais controle no leme. Eles fizeram seu caminho lentamente entre as ilhas. O continente parecia deslocar-se sobre eles. Por um tempo, parecia que era uma ilha maior. Depois de um tempo ficou claro que era mais do que isso, distintas colinas eram visíveis no interior por trás das enseadas e portos.

Eles haviam chegado a Xangai. Chegaram a China. Os sentimentos de Sherlock ficaram misturados. Em parte, ele estava cheio de entusiasmo com

ideia de experimentar um país novo, uma nova cultura, onde nada seria o mesmo que ele já provara. ('exceto', ele ouvia a voz de Amyus Crowe na parte de trás de sua mente, 'a natureza humana'). Ao mesmo tempo, ele ficou cheio de tristeza, sabendo que ele estava no momento tão longe de casa e tão longe de seus amigos, enquanto chegava lá. Este era o final de sua jornada para fora. Com sorte, e talvez um pouco de planejamento cuidadoso, ele poderia ficar no Glória Scott e ser parte da tripulação para a longa viagem de volta pra casa.

Será que seu lar seria o mesmo quando voltasse?

Ele voltaria?

A temperatura e a umidade subiram drasticamente à medida que eles se aproximaram da terra. A brisa do mar que simultaneamente empurrava o navio e refrigerava a tripulação havia morrido, deixando um silêncio pesado no ar. Sherlock podia sentir o suor descer em lâminas sobre seus ombros cada vez que se movia.

Felizmente, a profusão de ruído e a cor em movimento de Xangai no porto eram o suficiente para distraí-lo de seus pensamentos de desconforto. Barcos e navios de incomum projeto estavam indo em todas as direções, geralmente em na mesma velocidade, e todo mundo gritava com todo mundo. Isso lembrou a Sherlock das vezes que ele chegava de trem na Estação de Waterloo em Londres e via as pessoas cruzando o saguão, de alguma forma, evitando bater uns nos outros sem, aparentemente, desviar ou diminuir.

Sherlock reparou que vários dos navios no porto eram Junks Chineses. Ele sentiu sua pele arrepiar, lembrando-se do ataque dos piratas, mas disse para si mesmo que o projeto era comum a quase todos os navios Chineses. Ele tinha certeza que os piratas estavam muito longe agora.

O Sr. Larchmont ordenou que todas as velas fossem abaixadas. Sherlock teve trabalho a fazer quando o navio fez uma parada gradual em uma área livre nas águas do centro do porto. O Sr. Larchmont ordenou que a âncora fosse abaixada. Por um tempo eles só esperaram, mas Sherlock tomou conhecimento de que um punhado de pequenos barcos de fundo chato, estavam em sua direção. Presumivelmente tinha que ver com algum tipo de inspeção, ou, pelo menos, para uma discussão com os administradores locais, antes que fossem autorizados a atracar.

Sherlock olhou além para o porto. Uma série de cais e paredões fora construído ao longo de sua curva, com torres de vigia em cada extremidade de crescente. Atrás do cais e dos paredões Sherlock podia ver uma séria de armazéns, todos pareciam ser construídos com o mesmo design. Olhando para outro lado, a distância sob uma névoa alastrada, estava a cidade de Xangai. Ela era cercada por um muro que Sherlock estimou que tivesse cerca de cinco vezes a altura de Amyus Crowe. A presença do muro e das torres sugeriu a Sherlock que a cidade tinha sido sujeita a muitos ataques através de sua história, mas o

muro estava desmoronando em vários lugares, e as torres estavam surradas pelo tempo – quase caindo. Fosse lá que coisas ruins tivessem acontecido no passado, Xangai agora parecia segura e complacente, como um velho e sonolento gato gengibre com cicatrizes em seu rosto e um nariz arrancado.

Assim como os Junks Chineses, havia um punhado de navios que eram mais parecidos com o Glória Scott no porto. Comerciantes ocidentais eram, obviamente, bem-vindos pelos Chineses. Um navio em particular chamou sua atenção. Era longo, e baixo na água, e era pintado de branco – ou, pelo menos, era no começo, branco – agora era uma espécie de cinza cremoso. Tinha dois mastros – um na frente e outro atrás – mas entre eles havia uma chaminé e nas laterais do chaminé, alguma espécie de gaiola, que sobressaía para os lados do deck, era uma enorme roda de pás. Lembrou a Sherlock do navio que ele tinha viajado para a América em um ano ou mais atrás. Aquele tinha uma potência de máquina a vapor para alimentar um par de rodas de pás. A ideia era que, se o vento diminuísse, em seguida o motor poderia ser acionado e o navio mover-se-ia pela rotação das rodas de pás sobre a água.

A chaminé parecia mais nova do que o resto do navio. Ele se perguntou se haveria tido algum tipo de acidente. Talvez o navio tenha sido danificado, e a chaminé tenha sido reparada e pintada de novo.

Seus pensamentos foram interrompidos por um barulho atrás de si. O Capitão Tollaway aparecera no convés, com o Sr. Larchmont em pé um passo atrás dele. Ele estava usando um uniforme novo e estava até mesmo tentando sorrir.

Os tripulantes perto de Sherlock estavam ajudando três homens a subir a bordo. Eles haviam subido uma escada de corda de seu barco de fundo chato. Dois deles usavam túnicas largas de seda estampados que acondicionavam em torno de seus corpos, e chinelos acolchoados. O terceiro homem usava uma túnica semelhante, mas com uma jaqueta preta solta por cima. Todos os três tinham chapéis pretos em suas cabeças. Os chapéis tinham lados retos, topos lisos e sem abas. O efeito total era uma estranha mistura de ostentação e reserva. Eles cumprimentaram o Capitão efusivamente, curvando-se repetidamente. O Capitão inclinou-se de volta, parecia desconfortável.

O homem com a jaqueta preta parecia ser um tradutor. Quando os dois administradores falavam em cantonês ele ouvia, em seguida, repetia a mensagem de volta para o Capitão em um forte sotaque inglês. Quando o Capitão respondia, ele fazia o mesmo no sentido inverso.

Seja lá qual fosse a discussão ou negociação que estava acontecendo, foram concluídas a contento de ambas as partes. A reunião finalizou-se com mais um bocado de curvaturas, e os três homens foram escoltados para fora do Glória Scott novamente.

O Sr. Larchmont falou com o Capitão, em seguida, virou-se para a atenciosa tripulação. “Atracaremos logo em Xangai.” Ele anunciou. “A intenção do

Capitão é ficar aqui por uma semana enquanto vendemos nossa carga, e trocamos por uma nova em nossa viagem para casa. Vou entregar-lhes o salário, em dinheiro, lá embaixo na sala da tripulação durante a próxima hora. Se quiserem seu suado dinheiro, vocês precisam estar lá para pegá-lo comigo, senão vou gastá-los em vestidos e jóias para minha patroa de volta em Lambeth.” Ele sorriu para as risadas e assobios que se seguiram a seu comentário. “Essa é a minha história rapazes, sou gamado nela. Agora, eu vou fixar uma lista para aportar, e eu quero que todos vocês o leiam e o sigam. Este navio tem a equipe reduzida todas as vezes, e não temos homens suficientes para descer e subir a carga.” Ele fez uma pausa. “Foi uma viagem difícil, e nós perdemos alguns companheiros. Vocês merecem um bom tempo, mas mantenham uma mão em suas carteiras e um olho nas leis locais. Se vocês forem pro xilindró então não garanto ser capaz de fazer com que saiam!”

Levou a maior parte do resto da tarde para a Glória Scott ser rebocado para uma seção vaga no cais por uma esquadilha de barcos menores. No momento em que o navio foi ao preso ao cais por cordas grossas e um passadiço colocado do convés até o cais, o sol estava mergulhando sob as colinas.

Depois de meia hora que foi atracado, o navio estava quase deserta. Todos os membros da tripulação que não foram solicitados para ficarem para trás tinham ido. Mesmo o Sr. Arrhenius, vestido com seu véu de apicultor e suas luvas pretas, tinha deixado o navio. Ele acenou para Sherlock, enquanto caminhava em direção a ponte. Talvez ele tenha sorrido um pouco, mas o véu tornou difícil dizer. Os marinheiros deram-lhe um amplo espaço enquanto ele passava, e nenhum deles andava pela ponte, enquanto ele andava por ela.

Eventualmente, quando o céu passou de azul para vermelho, Sherlock ficou no topo da ponte, olhando para a cidade. Ele queria explorar, mas ele estava nervoso. Ele não sabia nada sobre os costumes locais, ele poderia se meter em apuros.

Uma grade mão tocou seus ombros. “Você pode vir comigo.” Disse Wu Chung em voz gentil atrás dele. Ele estava falando em Cantonês, mas Sherlock conseguia entender perfeitamente. “Você precisa conhecer a minha família. Eles vão cozinhar ostras, caranguejos e águas-vivas para você. Será uma festa como você nunca viu antes.”

Sherlock sorriu, mas balançou a cabeça. “Não, esta é sua hora,” respondeu ele. “Vá lá vê-los novamente. Ponha as fofocas em dia. Conte-lhes sobre suas aventuras. Eu não quero que eles se distraiam com um estrangeiro lá, e tenham que ser hospitaleiros.”

“Você é um homem sábio,” disse Wu. Ele apertou os ombros de Sherlock. “Sempre que você quiser ir me ver, faça seu caminho para Renmin Dong Lu, e pergunte pela família Wu. Todo mundo sabe onde moramos. Você será sempre bem-vindo.

Ele tirou a mão do ombro de Sherlock, mas ficou ali onde estava por alguns momentos. Ele parecia relutante em partir. Sherlock virou-se para olhar para ele. O grande cozinheiro estava olhando melancolicamente para além na cidade.

“Eu me pergunto se eles irão lembrar-se de mim,” disse ele em voz baixa.

Antes que Sherlock pudesse dizer qualquer coisa, Wu Chung partiu ponte abaixo. Observando-o ir, Sherlock considerou o quanto aprendera com o cozinheiro. Não só como defender-se usando os movimentos do Tai Chi Chuan, mas também como se comunicar com os locais em cantonês. Ele dera sorte nos professores que conhecera nos últimos anos – Amyus Crowe, Rufus Stone e Wu Chung. E Mycroft, é claro, embora seu irmão raramente desse a impressão de que estava ensinando algo a Sherlock, apesar disso, tudo o que ele dizia continha lições de algum tipo.

Ele questionou-se com um leve e súbito bater de seu coração, onde seus amigos e familiares pensavam que ele estava agora. Quando estava prestes a desembarcar ele ouviu uma voz atrás lhe dizer, “Eu sempre quis ter um tripulante que pudesse receber ordens sem reclamar, que trabalhasse duro, sem fingir e, em seguida, fosse para fora do navio sem ser pago. As pessoas me diziam que eu era louco, mas eu lhes disse, ‘Esperem vocês – um dia hei de encontrar um tripulante justamente assim.’ E aqui está você, rapaz. Aqui está você.”

Sherlock virou-se. Ele já tinha reconhecido a voz. Era o Sr. Larchmont, e ele estava olhando para Sherlock com uma expressão confusa no rosto. Ele ergueu o envelope – áspero, marrom pardo, manchado com vários conjuntos de impressões digitais. “Você quer o seu salário, ou devo doá-lo para a Caridade para os Mestres de Navio Jim Larchmont?”

“Desculpe,” disse Sherlock, estendendo a mão para o envelope. “Eu quase me esqueci.”

“Você é um bom marinheiro, rapaz.” Disse Larchmont enquanto o entregava. “Eu continuo sempre esquecendo que você começou como um clandestino. Você merece o pagamento – mais do que alguns resíduos de provisões que eu fui obrigado a empregar.” Ele fez um pausa. “Vai voltar, eu espero? Não parando por aqui para fazer sua fortuna, ou ver um pouco mais do mundo?”

“Eu vou voltar,” confirmou Sherlock. “Eu quero ir para minha casa na Inglaterra.”

Larchmont fitou-o por alguns instantes. “Há alguns navios em doca que estão partindo mais cedo do que nós iremos, e voltando para Grã-Bretanha,” disse ele em voz baixa. “Se você quiser, eu poderia dar uma palavra com um ou dois Capitães para você. Pode ter uma vaga.”

“Obrigado,” falou Sherlock, “mas prefiro esperar alguns dias e partir com o Glória Scott.” Ele encolheu os ombros. “Eu nunca pensei que diria isso, mas nesse navio me sinto em casa.”

“Sim”, Larchmont murmurou. “Ele nos faz mesmo.” Ele fez uma pausa e,

em seguida, ele disse em voz alta: “Você tem que ir agora antes que o sol se ponha e os ratos saiam de seus buracos. Fique longe dos jogos de cartas, bebidas fortes e qualquer mulher que tente falar com você antes que você tenha falado com ela.”

“Sim, senhor!” Sherlock saudou, em seguida, virou-se e dirigiu-se para a ponte. Enquanto ia, ele deslizou o envelope que o Sr. Larchmont lhe dera em um bolso de sua jaqueta. Antes que ele pudesse puxar os dedos para fora, ele encontrou outra coisa – uma lisa e curva peça de metal. Ele puxou-a para fora, curioso para saber o que era. Demorou um momento antes que ele reconhecesse como o objeto que ele tinha pego no deck do lado de fora da cabine do Sr. Arrhenius alguns dias antes. Ele olhou para ela, confuso.

“Mais quinze segundos, rapaz, e você terá que ficar e será presenteado com os crustáceos do lado de fora do casco!” O Sr. Larchmont gritou.

“Sim, senhor!” Sherlock gritou de volta. Ele deslizou o objeto de metal de volta para o bolso junto ao envelope de dinheiro e correu para a ponte em direção ao cais de Xangai.

Capítulo 5

De pé sobre o cais, Sherlock ficou impressionado com a muralha da cidade que pairava sobre tudo. A pedra estava em óbvio desuso, mas ele também podia ver cicatrizes que pareciam ter sido o resultado de balas de canhão que atingiram as paredes e saltaram fora. As cicatrizes pareciam frescas – a pedra por baixo ainda brilhava, não estava escurecida pela idade e não estava coberta de musgo. Era como se tivesse havido algum tipo de combate em volta da cidade em um passado não muito distante. Ele se perguntou o que teria acontecido – e se era provável acontecer de novo, enquanto ele estivesse lá.

Para a direita estava o portão da cidade. Guardas com elmos de metal e uniformes coloridos paravam todos os que queriam entrar na cidade – questionando-os e verificando seus papéis. Novamente, foi uma evidência de que não havia distúrbios no país. Ele esperava que as coisas ficariam calmas enquanto ele estivesse aqui. Os locais poderiam ter quaisquer guerras e batalhas que quisessem, desde que eles esperassem até o Glória Scott ter partido.

Ele observou enquanto várias pessoas passavam por ele. Os Chineses estavam em sua maioria vestido com várias variações das roupas largas envolventes que ele tinha visto mais cedo no navio, embora alguns estivessem com combinações de calças largas e uma camisa de gola redonda. Os materiais eram todos bordados, estampados ou tingidos em cores brilhantes. Era muito diferente do marrom, cinza e pretos que ele estava acostumado a ver na Inglaterra, mas descobriu que algumas coisas ainda eram as mesmas. Ele poderia dizer vários ofícios com os sinais que ficavam. Um homem vindo em sua direção, estava na casa dos trinta, mas tinha as mãos que pareciam como se pertencesse a outra pessoa muito mais velha – enrugada e branca. Ele provavelmente passou por uma lavanderia, e passou a maior parte de seus dias de trabalho com as mãos na água quente e sabão. Outro homem tinha o rosto e os braços bronzeados, mas suas mãos eram de um branco cadavérico. Ele era provavelmente, um padeiro, e a brancura fora causada pela farinha que revestia sua pele. Vários cozinheiros passaram por ele – eles, como Wu Chung, tinham as mãos cobertas com minúsculos cortes. Inúmeros transeuntes tinham rugas e manchas de lama em suas calças, e Sherlock provisoriamente os classificava como agricultores que passavam muito tempo ajoelhados plantando ou colhendo legumes.

Lembrando-se do envelope que o Sr. Larchmont tinha dado a ele, ele puxou do bolso em que havia escondido e examinou seu conteúdo. Era um conjunto disperso de moedas de cobre de vários tipos. Não eram moedas britânicas. A maioria delas tinha buracos quadrados nelas e símbolos estranhos em torno das bordas. Presumiu que eram Chinesas. Ele supôs que era lógico – não havia nenhum sentido em pagar a tripulação em libras esterlinas se as empresas locais só tinham moedas locais. Ele não tinha nenhuma maneira de saber qual o valor que as moedas tinham, ou se somavam um salário justo pelas muitas semanas

que ele tinha passado a bordo do Glória Scott, mas ele descobriu que ele particularmente não se importava. Dinheiro nunca teve importância para ele. Matty nunca entendera isso a seu respeito.

Antes que ele pudesse decidir o que fazer a seguir, duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: Uma mão pegou o envelope, e algo golpeou duramente a parte inferior de suas costas, mandando-o para a frente expansivamente. Ele conseguiu torcer-se quando caiu de modo que sua lateral bateu no chão em vez de seu peito. Ele podia sentir as pedras cavando sua pele.

Três meninos de cabelos escuros se agruparam onde ele estava parado. Eles eram todos do seu tamanho. Apesar de sua juventude óbvia aquele que tinha tomado seu envelope tinha um bigode fino e o garoto à sua direita tinha uma barba rala. O terceiro rapaz estava bem barbeado, mas seu cabelo era longo e gorduroso.

Ao redor deles, as pessoas caminhavam como se nada desagradável estivesse acontecendo. Era como se estivessem em sua própria pequena bolha, separados do resto do mundo.

“Você não vai precisar disso, não é?” O que segurava o envelope falou em cantonês. Ele segurava o envelope para cima sorrindo. “Basta falar se você o quiser de volta.”

Os três meninos riram.

“Sim, eu quero de volta”, disse Sherlock, também em Cantonês, quando ele ficou de pé e tirou a poeira de suas roupas.

Os meninos olharam para ele, surpresos. “Você fala Yue?” O dos cabelos gordurosos exclamou. “Eu não sabia que os bárbaros brancos poderiam aprender a nossa língua!”

“Eu posso fazer mais do que falar a sua língua”, disse Sherlock sombriamente. “Devolva-me”.

“Ou o quê?” O jovem barbudo zombou.

Ele notou seus pés e suas mãos, naturalmente, assumindo as posições defensivas do Tai Chi Chuan. “Ou vou pegá-lo de volta.”

O menino olhou para seus amigos. “Um contra três? Dificilmente justo. Um de nós poderia derrotar três de você, moleque.”

“Os números não importam. Eu quero isso de volta mais do que você quer mantê-lo.”

“E, além disso,” disse outra voz no sotaque cantonês de um dos lados, “não é um contra três – é dois contra três. Dois de nós podem enfrentar três de vocês facilmente.”

Os meninos todos viraram a cabeça para ver quem estava falando. Sherlock aproveitou a oportunidade para avançar e arrebatar o seu pagamento do menino que o havia tomado. A cabeça do menino girou de volta, e ele agarrou o envelope, mas Sherlock o tirou do caminho.

Do outro lado dos meninos estava um jovem ocidental da idade de Sherlock e com cerca da altura de Sherlock. Ele era magro e usava óculos de aros de metal. Seu cabelo era loiro, quase branco, puxado para trás grande o suficiente para cair sobre suas orelhas e pescoço. Suas roupas eram chinesas, mas de algum forma nova e mais limpa do que todo mundo usava.

O jovem de bigode se adiantou para tomar o envelope de Holmes, ao mesmo tempo que seus amigos decidiram retirar o recém-chegado da equação. Um deles – o barbudo – estendeu a mão para empurrar o ombro do garoto loiro, enquanto o outro – aquele com cabelos oleosos – tentou passar por ele e colocar um pé atrás de sua perna de modo que quando se movesse para trás para evitar o empurrão ele tropeçaria.

Sherlock agarrou o pulso que se aproximava com a mão direita e, em seguida, torceu seu corpo inteiro debaixo dele. O menino estremeceu para frente, forçado pela pressão em seu braço. Sherlock olhou para o recém-chegado. O menino facilmente desviou a mão que se movia em direção ao seu ombro. Ele adiantou-se, em vez de ir para trás, deixando o menino com cabelo gorduroso fora de equilíbrio. Sua mão direita disparou, dedos curvados de modo que a palma da mão bateu nas costelas do jovem barbudo. O jovem dobrou de dor. Antes que o de cabelos gordurosos pudesse reagir, o loiro recém-chegado atacou com o cotovelo, acertando-o na face. O de cabelo gorduroso recuou, sangue escorrendo de seu nariz.

Sherlock sentiu o menino cujo braço ele estava torcendo tentando se libertar. Ele torceu mais duramente. O menino atacou para trás com o pé, mas Sherlock tinha antecipado o movimento e esquivou-se. Ele soltou o pulso do jovem, mas antes que ele pudesse virar-se Sherlock chutou com força suas nádegas. O menino inclinou-se para a frente, para o pó.

“Melhor irmos agora.” Disse o garoto loiro em inglês. Ele puxou Sherlock para uma corrida. “Foi uma boa vitória, mas há três deles, e eles estudam artes marciais desde os cinco anos de idade.”

“Nós não fomos mal.”

“Nós tivemos sorte. Os pegamos de surpresa.” Ele olhou ao redor. “Eles tem amigos nas proximidades. Eu sei como eles são. Apesar de passar a vida a falar de comportamento honrado, eles não tem honra em si mesmos quando se trata de estrangeiros. Um grito e nós poderíamos nos encontrar perante uma multidão.”

“Bom ponto,” Sherlock admitiu.

Juntos, eles percorreram a multidão, torcendo e girando no caso de os meninos chineses os estarem seguindo. O menino loiro mudou de direção várias vezes. Eventualmente, ele levou Sherlock atrás de uma barraca que vendia pratos de peixe em algum tipo de molho. Um grupo de caixas havia sido deixado na grama, e ele gesticulou para Sherlock se sentar.

“Obrigado por me resgatar.” Disse Sherlock. “Eu apreciei sua assistência.”

“Sem problema.” Disse o menino. Ele tirou os óculos e poliu-os com um lenço que tirou do bolso. “Meu nome é Cameron. Cameron Mackenzie.”

“Sherlock” Sherlock respondeu. “Sherlock Scott Holmes.”

“Você é do navio que acabou de chegar.” Disse Cameron. Ele não fez uma pergunta – ele parecia já saber. “Mas você não é um marinheiro comum. Você é mais jovem do que a maioria deles, e você não foi direto para as tabernas como eles fazem.” Ele riu – uma rápida bufada de ar, foi assim que Sherlock o ouviu. “Eles ganham seu dinheiro quando saem dos barcos e geralmente o gastam no momento em que chegam às portas da cidade – se não os guardas não os deixam entrar. Xangai ainda é uma cidade em isolamento.” Ele falou em inglês, embora houvesse um acento em sua voz que Sherlock achava familiar.

“Você obviamente vive aqui.” Disse Sherlock em troca. “Seu cantonês é excelente. Mas você é originalmente americano, não é? Eu reconheço o sotaque.”

Cameron concordou. “Bem meu pai é. Viemos pra cá quando eu tinha cinco anos. “Ele enxugou a testa com o lenço, e colocou seus óculos de volta. “Meu pai é um agente de transporte local. Ele compra cargas dos navios que atracam aqui e depois vende-os para os empresários chineses com o lucro. Foi assim que eu soube que seu navio tinha atracado. Eu vi você descer a ponte mais tarde do que todos os outros. Também vi que você tinha por volta de minha idade, então eu pensei em dizer Olá. Depois esses primatas tentaram tomar o seu dinheiro, então eu decidi dar uma mão. Espero que não se importe.”

“Não”, Sherlock respondeu. “Acho que vocês passam um grande tempo aqui no cais, olhando os navios que chegam e partem.”

Cameron concordou. Ele desviou o olhar, aparentemente um pouco embaraçado. “Eu não me lembro muito sobre a América.” Disse ele finalmente. “Na verdade, eu acho que até mesmo as coisas de que eu me lembro são apenas sonhos, ou coisas que eu inventei ou que li em algum lugar. Eu gosto de conversar com as pessoas que são recém-chegados para saber se elas estiveram na América, e se podem me dizer algo sobre ela.”

“Eu fui para Nova York” Disse Sherlock. “Só por uma semana ou coisa assim, mas daí fui para o interior. Você quer ouvir algo sobre isso?”

Cameron assentiu ansiosamente. “Meu pai é de Chicago”, ele disse. “Mas Nova York vai servir. É outra grande cidade.” Ele fez uma pausa, pensando. “Já sei – em vez de ficarmos sentados aqui no escuro, você não gostaria de vir até a minha casa? Tenho certeza de que Mamãe e Papai não vão se importar que você jante com a gente.”

“Se você tem certeza que vai dar tudo certo.”, disse Sherlock.

“Tenho.” Cameron olhou criticamente para as roupas de marinheiro de Sherlock. “Embora, conhecendo minha Mãe, ela vai insistir para que você vista-

se com algumas das minhas velhas roupas. Ela é defensora de vestir-se adequadamente para o jantar.”

“Nós somos do mesmo tamanho.” Sherlock estimou.

“Tudo bem. Vamos então.”

Cameron liderou o caminho de volta para a estrada, e depois para os portões da cidade. Olhando para trás, Sherlock notou o navio branco baixo e longo que tinham visto anteriormente, a partir do convés do Glória Scott.

“O que é aquele navio?”, perguntou ele. “Você conhece todos os que chegam.”

Cameron seguiu com o olhar o dedo que Sherlock estava apontando. “Esse é um navio de guerra americano. É o chamado USS Monocacy. Ele atracou ontem.”

“Um navio de guerra?”, perguntou Sherlock, lembrando as marcas de bala canhão nas paredes da cidade. “Não vai ter uma guerra aqui, vai?”

“Agora não. É uma visita de boa vontade. O capitão do Monocacy está pedindo permissão para subir o rio Yangtze. Ele diz que suas ordens são para preparar melhores mapas da região. Ele já fez uma visita de cortesia a meu Pai, como o americano mais importante na área.”

“O que aconteceu com a chaminé?”, Sherlock perguntou.

“Você viu isso? Eu ouvi o Capitão dizer ao meu Pai que eles perderam em uma tempestade, mas que eles colocaram em reparos num porto do Japão.”

Sherlock ficou nervoso quando se aproximaram das muralhas da cidade, lembrando-se dos guardas que ele tinha visto antes, mas os guardas obviamente reconheceram Cameron e acenaram para ele entrar. Eles ignoraram completamente Sherlock – presumivelmente se ele estava com alguém que foi autorizado a seguir, ele estava autorizado também.

“Este é o 'Portão do Dragão que pula'”, Cameron explicou quando eles passaram. “Há quatorze portões no total.”

Ao entrarem na cidade, Cameron virou-se para Sherlock. “A cidade foi aberta aos estrangeiros apenas nos últimos anos. Antes disso, tínhamos que viver especialmente em áreas fora das muralhas da cidade, se quiséssemos seguir com os negócios, as pessoas tinham que vir até nós. Não éramos autorizados a ir até elas.”

“O que causou a mudança?” Perguntou Sherlock

Cameron sorriu. “A Grã-Bretanha entrou em guerra com a China e forçou o país a abrir-se e permitir que os estrangeiros entrassem.”

“Nós, obviamente, vencemos.” Sherlock admitiu. “Não me lembro de ouvir sobre isso, no entanto.”

“Vocês tiveram a vitória. Meu Pai provavelmente vai querer te agradecer pessoalmente.”

Sherlock pensou em seu irmão, que tinha algum tipo de trabalho importante

para o governo britânico. “Vou passar seus agradecimentos adiante.”, disse ele.

Cameron riu – o mesmo fungo rápido que ele tinha dado antes. “Claro, mesmo que as autoridades chinesas nos deixem entrar na cidade, eles ainda certificam-se que todos os estrangeiros sejam agrupados todos em uma mesma área, e há patrulhas regulares da polícia para certificar-se de que não vaguem para muito longe. Eles também não gostam de nos ver em roupas chinesas. Sempre que reparam em mim, me criticam.”

Os edifícios da cidade eram diferentes de tudo que Sherlock já tinha visto antes. A maioria deles eram apenas um ou dois andares de altura, e em vez de serem em meio a jardins, como eram os edifícios ingleses, eles pareciam ser construídos em torno dos jardins. Os telhados das casas eram surpreendentemente ornamentados, cobertos com azulejos coloridos e, geralmente, curvado para cima nos cantos, e muitas das residências tinham pequenas estatuetas do lado de fora, geralmente de cera, homens calvos bem-humorados, mas Sherlock deduziu que havia mais sobre eles do que aparentava à primeira vista. Em esquinas, e em pequenas áreas cobertas entre as casas, também havia estatuetas que Sherlock assumiu que eram de animais míticos. A maioria deles parecia um cruzamento entre cães e lobos, mas alguns deles tinham chifres e outros tinham asas.

“Bixie, Qilin e Tianlu.”, disse Cameron, percebendo seu interesse. Sherlock não reconheceu as palavras, e Cameron não entrou em detalhes.

A residência da família Mackenzie não era longe dos portões da cidade. Do lado de fora parecia como todas as outras casas. Cameron bateu à porta da frente. Um homem idoso em um terno escuro a abriu.

“Mestre Cameron – sua mãe estava começando a se preocupar.” Sua voz era quieta e seca.

Cameron passou por ele. “Eu estou bem, Harris. Estou sempre bem.” Ele virou-se e indicou Sherlock “Este é um amigo meu. Seu nome é Sherlock – Sherlock Holmes. Ele vai ficar para o jantar.”

“Muito bem.” Harris acenou com a cabeça ligeiramente a Sherlock, e segurou a porta aberta para que ele pudesse entrar. “Vou notificar a cozinha. Presumo que notificará seus pais?”

“Vou fazer isso agora.” Cameron indicou para Sherlock segui-lo. “Vamos lá – eu vou apresentá-lo.”

Sherlock não sabia como o interior de uma casa chinesa tradicional seria, mas o interior da casa Mackenzie era surpreendentemente similar ao de sua tia e seu tio. Tinha os semelhantes painéis de madeira escura, semelhantes azulejos no piso do salão, tapetes profundos semelhantes nas principais salas e uma seleção da mesma aleatória arte espalhadas ao redor. A única diferença era que as obras de arte na casa Holmes eram paisagens e pinturas de cavalos, ao passo que as obras de arte na casa Mackenzie eram principalmente pequenas estatuetas de

dragões e pinturas de idosos chineses com longas barbas brancas.

Sherlock sentiu-se deslocado com suas roupas de marinheiro. Ele mudava de posição inquieto, mas Cameron não pareceu notar. Puxou Sherlock ansiosamente para uma sala ao lado. “Mãe, Papai – Eu trouxe um amigo para o jantar. Está tudo bem?”

O quarto era obviamente uma sala de estar – com confortáveis cadeiras, mesas laterais e uma sensação de relaxamento. Havia um homem em uma das cadeiras, lendo um jornal. Ele estava, provavelmente, na casa dos quarenta e poucos anos, Sherlock adivinhara, cabelo curto que era preto no topo, mas grisalho nas têmporas. Ele estava fumando um cachimbo. Uma mulher estava sentada perto dele, costurando. Ela estava usando um vestido que parecia a Sherlock que fosse local – seda escarlate bordado com folhas verdes. Seu cabelo era vermelho cobre, e Sherlock notou que seus olhos eram verdes. Ela estava vestida de modo a acentuar sua tez. Ela olhou para cima com um sorriso quando Cameron entrou.

“Querido – estávamos querendo saber onde você estava. Não nos importamos que traga amigos para o jantar, mas não um desses chineses, e não sem um pouco de antecedência.” Ela avistou Sherlock “Oh. Olá.”

Sherlock inclinou a cabeça. Parecia a coisa educada a fazer. “Sinto muito por me intrometer.”, disse ele. “Eu conheci Cameron a pouco. Ele me ajudou quando estava em apuros. Meu nome é Sherlock Sherlock Holmes.”

O Pai de Cameron levantou-se e pôs o jornal para um lado. Ele estendeu a mão para apertar a mão de Sherlock.

“Prazer em conhecê-lo. Eu sou o Sr. Mackenzie, e esta é minha esposa. Bem-vindo à nossa casa. Não há muitos ocidentais meninos por aqui para fazer amizade com Cameron, por isso estamos mais do que satisfeitos em tê-lo aqui.” Ele olhou criticamente para as roupas de Sherlock “É de um algum navio, eu presumo. O Glória Scott?”

Sherlock balançou a cabeça, envergonhado. “É uma longa história.” Ele começou a dizer, mas a Sra. Mackenzie o fez silenciar-se. “As histórias ficam para mais tarde. Cameron, leve Sherlock lá para cima e deixe-o experimentar algumas de suas roupas. Você também tem que se vestir para o jantar. O Capitão e os oficiais superiores do USS Monocacy jantarão conosco essa noite.” Ela torceu o nariz para Sherlock “Normalmente nós não seríamos tão formais, mas você sabe que os capitães de navio são.”

Ele voltou a pensar no Capitão Tollaway. “Si sim.”, disse ele com cuidado. “Sr. Mackenzie.... Sra. Mackenzie.... Eu não quero causá-los qualquer problema. Seria errado de minha parte intrometer-me com seus convidados para o próximo jantar. Provavelmente é melhor eu ir embora.”

Ele tentou ignorar o rosto de Cameron, que era quase cômico em sua combinação de descrença e decepção.

O Sr. Mackenzie bateu no ombro de Sherlock. “Ótimas maneiras.”, disse ele. “Exatamente o que eu esperaria de um Britânico. Não se preocupe com isso, filho – nós temos comida suficiente e cadeiras suficientes, e eu garanto que você vai comer melhor aqui do que em qualquer outro lugar a que você possa ir. Assunto encerrado.”

“Malcom...” A Sra. Mackenzie começou. O marido olhou para ela. Ela olhou para Sherlock depois de volta para ele. Ela estava, obviamente, tentando transmitir uma mensagem.

“Filho – onde você está hospedado?” Malcom Mackenzie perguntou.

Sherlock abriu a boca para responder a pergunta, em seguida, percebeu que realmente não tinha uma resposta. “Eu... suponho que estarei no navio.” Ele respondeu, hesitante. “No Glória Scott.”

A Sra. Mackenzie ficou olhando para seu marido. Após alguns segundos, ele disse: “Bobagem. Você vai ficar aqui, com a gente, durante o tempo em que estiver no porto. Cameron, obviamente, gosta de você, e isso é uma coisa boa. Ele não costuma andar com outros garotos.”

“Aparentemente sou muito crítico.” Disse Cameron em voz baixa. “O que significa que digo as pessoas o que eu acho, ao invés do que elas querem ouvir.”

“Se você puder lidar com isso,” Disse o Sr. Mackenzie. “Então será bem-vindo aqui.” Ele verificou o relógio que pendia em uma corrente em seu colete. “O jantar será em uma hora. Vocês dois podem ir lá para cima, se esfregarem e se vestirem. E estejam no seu melhor comportamento – Capitão Bryan é um homem importante.”

Cameron levou Sherlock ao andar de cima – até onde Sherlock podia dizer, não havia ali um andar de cima – mas havia, ao longo de um corredor e em seguida, através de uma porta de entrada para uma área central quadrada que ficava a céu aberto. Era lindamente paisagístico, com pedras e árvores pequenas, e bancos onde as pessoas podiam sentar. Lanternas de papel de cores vivas tinham sido penduradas nos cantos, lançando um caleidoscópio de luz através do rodapé no caminho, mas deixando o meio em relativa escuridão. Um ocasional pássaro voou pela noite com um bater de asas.

Cameron atravessou para o outro lado. O quarto de Cameron era cheio de modelos de navios e fotos que Sherlock assumira serem cenários das ruas americanas, com cavalos e carroças.

O menino loiro abriu um armário e apontou para as roupas penduradas lá dentro. “Encontre algo inteligente.” Disse ele. “Jaqueta e calça. Meu pai estará vestido com um traje de noite, e minha mãe usará um vestido, mas eles não esperam que estejamos todos vestidos assim. Se estivermos com aparência inteligente, estaremos bem.”

Sherlock olhou para a variedade de roupas com espanto. Ele tinha esquecido tudo sobre ter mais de um conjunto de roupas, sobre as graças sociais, como

vestir-se para um jantar e usar corretamente os talheres.

“Vou pedir a camareira para preparar dois banhos para nós.” Disse Cameron, interrompendo seus pensamentos. “Olhando para você, eu diria que você não tem um banho quente a algum tempo.”

Depois de tanto tempo gasto atravessando o oceano, Sherlock não tinha certeza de que ele queria ver água novamente, mas depois de alguns instantes olhando para a banheira de pé e à espera por algum tipo de reação emocional ocorrer, ele escorregou cautelosamente sob a água. Estava quente, e pareceu envolvê-lo e acariciá-lo enquanto ele estava ali, sentindo seus músculos relaxarem e as camadas de sal e sujeira que tinham acumulado desde a Inglaterra passar a dissolver-se.

Quando ambos estavam vestidos eles se dirigiram de volta para o restante da casa. Sherlock podia ouvir as vozes elevadas em conversa.

Malcom Mackenzie e sua esposa estavam dando boas vindas a seus convidados no jardim. Servos chineses estavam circulando com bandejas de bebidas. O mordomo – Harris – estava de pé em um lado, olhando para certificar-se de que todos os convidados estavam satisfeitos.

Os convidados do USS Monocacy estavam usando uniformes: casacos azul-marinho com duas fileiras de botões dourados que corriam de cima a baixo, calça azul-marinho e quepes brancos com correntes de ouro ao redor do topo. Havia também um ou dois homens em trajes sociais, quem Sherlock assumiu que eram conhecidos de negócios do Sr. Mackenzie. A Sra. Mackenzie era a única mulher lá, mas aparentava não estar embaraçada com este fato. Pelo contrário, ela movia-se facilmente entre os convidados, certificando-se de que todos tinham uma bebida e alguém pra conversar.

“Eu odeio essas reuniões.”, disse Cameron melancolicamente. “Eu sempre acabo falando com a pessoa mais chata presente. O problema é que eu tenho o costume de lhes dizer isso.”

“Você está falando comigo.” Sherlock apontou.

“Sim, mas esta noite é diferente.” Cameron fez um gesto para um servo que passava, ele veio com uma bandeja contendo copos de champanhe. Cameron tomou dois copos, e passou um para Sherlock. “Aqui, isso deve fazer com que a noite passe mais rápido.”

O Capitão Bryan era facilmente reconhecível. Ele era o homem mais velho lá, e a quantidade de tranças de ouro e o número de estrelas douradas em seu uniforme era difícil de perder. Ele também tinha uma voz alta, e Sherlock ouviu quando ele contou a história de como a chaminé da Monocacy tinha sido rompida fora como papel de seda por uma tromba d'água que varrerá o navio ao largo da costa do Japão.

“Eu pensei em perguntar,” a Sra. Mackenzie interrompeu quando ficou claro que o Capitão poderia falar a noite toda sem parar, “qual é o significado do nome

da embarcação? Monocacy soa como se ele fosse de uma forma de governo que apenas uma pessoa pode governar!”

“Madame, o rio Monocacy é um afluente do poderoso Rio Potomac,” respondeu o capitão, mudando a direção da conversa com um charme gracioso. “O nome vem do idioma original Shawnee para rio, Monnockkesey, que, segundo me disseram por aqueles que conhecem, traduzido é ‘rio de muitas curvas.’” Ele olhou ao redor para sua audiência, e continuou, “A Batalha da Junção do Monocacy foi travado durante a guerra entre os Estados, seis anos atrás agora, e nosso bom navio foi nomeado em homenagem a essa batalha, ao que caso contrário, seria esquecida....”

A menção da guerra entre os Estados lembrou Sherlock de seu tempo em Nova York e de seu confronto com o bizarro Duque Balthassar. O homem estivera do lado confederado – o lado perdedor – e ele tinha planejado a criação de uma nova Nação Confederada no Canadá. O que quer que tivesse acontecido na América, aparentemente deixara cicatrizes profundas.

“Como é esplêndido,” disse a Sra. Mackenzie, invadindo seus pensamentos. “Temo que estejamos longe de nosso país natal por tanto tempo, e as notícias nos chegam tarde aqui, que nós só tínhamos uma grosseira ideia do que acontecera com os Confederados e os Sindicalistas.” Ele descansou a mão no antebraço do capitão. “Foi.... muito terrível?”, ela perguntou em uma voz mais serena.

Ele bateu a mão tranquilizadamente. “Madame, nunca é fácil ou agradável quando o país tenta rasgar a si mesmo, quando o pai é confrontado com o filho e irmão precisa enfrentar irmão. Mas devemos lembrar que a América é um país jovem, e é composto por diversas partes, mas que tem certos desentendimentos com outras partes. Disputas são previsíveis.”

“Não são apenas os países jovens”, disse Malcom Mackenzie, se juntando ao grupo. “A China é um país antigo, mas há elementos rebeldes dentro dela mesma agora, e lutas irrompem de tempos em tempos.”

Sherlock lembrou-se das cicatrizes de bala de canhão na muralha da cidade. Isso explicaria o que aconteceu – tinha sido algum tipo de batalha pelo controle da cidade entre diferentes elementos. Ele se aproximou para ouvir mais.

“A maior parte da população local é conhecida como 'Han' chinês”, Mackenzie continuou, “e eles tem vivido aqui há centenas de anos. O problema é que os governantes são os descendentes de uma força invasora conhecida como os 'Manchus', que vieram do norte. A Dinastia Qing que controla a China é inteiramente composta de chineses Manchu, e os Hans são os governados.”

“Eu presumo que os Hans não estão felizes com isso?” Perguntou o Capitão Bryan.

“Na verdade, a maioria deles não se importam nem de uma forma nem de outra, desde que possam viver suas vidas em paz.” Mackenzie respondeu. “Mas houve uma pequena e persistente rebelião por elementos do Han contra o Qing

há 20 anos atrás. É conhecido localmente como a Rebelião Taiping porque foi onde começou. De vez em quando há uma luta em algum lugar, ou uma cidade é tomada pelos rebeldes e em seguida, libertada. A própria Xangai caiu nas mãos de um grupo chamado “Sociedade das Pequenas Espadas” em 1853, mas foi retomada pelos Qing dentro de algumas semanas. Entre 1860 e 1862, os Rebeldes Taiping atacaram a cidade duas vezes e destruíram subúrbios no leste e no sul, mas eles não conseguiram realmente capturar o lugar. Seu objetivo é fazer com que os invasores Manchus saiam, mas a Dinastia Qing não se consideram mais invasores, e os Rebeldes não tem um plano claro para fazê-los sair. Então, eles continuam fracassando continuamente.”

Cameron puxou a manga de Sherlock. “Vamos lá – isto está chato. Vamos encontrar um lugar no jardim, onde possamos sentar e falar sobre a América.”

Ele se virou para ir, obviamente, na certeza de que Sherlock iria segui-lo, mas ele esbarrou em um homem que estava passando por detrás dele. O homem estava vestido com roupa de noite, e o branco do colarinho e punhos revelavam claramente a cor azul prateada da pele no rosto e nas mãos.

Era o Sr. Arrhenius.

Capítulo 6

Cameron pulou para trás, chocado. Sherlock o segurou antes que ele tropeçasse e caísse.

“Ah, o jovem marinheiro Holmes, não é?” A voz era tão seca e sussurrante como Sherlock lembrava. O olhar de Arrhenius escaneava Sherlock de cima a baixo. “Você está melhor vestido do que me lembro no navio. Estou, confesso, surpreso ao vê-lo aqui. Acreditava que este seria um sarau para os empresários e os da classe militar. Eu não havia percebido.... meros membros da tripulação foram convidados.”

Sherlock respirou fundo. “Sr. Arrhenius”, ele reconheceu. “É bom vê-lo novamente.” Ele indicou Cameron. “Fui convidado a ficar com o Sr. e a Sra. Mackenzie, enquanto o Glória Scott está ancorado. Este é Cameron – filho deles.”

O olhar de Arrhenius se voltou para Cameron, e Sherlock pode sentir o rapaz se encolhendo. “Está tudo bem”, disse ele calmamente. “O Sr. Arrhenius sofre de uma.... condição de pele. Não é grave, e não pega.”

Agora que ele sabia que o Sr. Arrhenius estava presente no jantar, Sherlock podia ver que os outros convidados estavam lançando um olhar ocasional para o homem de pele azul. Eles não estavam nervosos, ou preocupados, mas estavam certamente interessados. Era como se houvesse algo magnético sobre o homem que atraía sua atenção, mas eles eram muito educados para dizer qualquer coisa, ou seja, fazer um alarido. O que Sherlock achou interessante era que, embora eles estivessem fascinados, eles não estavam agrupados em torno do Sr. Arrhenius para lhe fazer perguntas. Sherlock realmente não entendia isso – se ele tinha uma pergunta, então geralmente ele perguntava.

Cameron Mackenzie, obviamente, tinha a mesma abordagem na vida que Sherlock. “Dói?”, ele perguntou, aproximando-se e olhando fascinado o rosto de Arrhenius. “Parece que pode doer.”

“Não, não dói, meu jovem amigo. Na verdade, é exatamente o oposto. A prata coloidal que tenho consumido ao longo dos anos, e que dá a minha pele esse... brilho atraente... me protege de doenças – nem uma gripe, e nem uma dor de garganta – por todo esse tempo. Não só não machuca, como impede que eu me fira. Você vê?”

Cameron concordou. “Sim, eu vejo”, disse ele sério. “Isso deve ser realmente útil. Isso quer dizer que sua pele é valiosa? Se é prata, quero dizer. Você tem medo que alguém possa te sequestrar e tentar descascar sua pele para vendê-la?”

Arrhenius riu, um som parecendo folhas sussurrando ao vento. “Infelizmente, não. A prata é mantida na forma de óxidos e nitratos. Demandaria um químico muito inteligente para extrair qualquer real prata da minha pele – quase não sendo suficiente para valer o esforço, eu temo.”

Houve algo sobre o pensamento que, de repente intrigou Sherlock. Não sobre

esfolar o Sr. Arrhenius e extrair a prata de sua pele – o que aliás seria macabro e errado – mas a ideia de que a prata pode vir em diferentes formas, como os nitratos, e óxidos, e assim por diante, e que alguém que soubesse o suficiente de química saberia dizer a diferença entre eles, e talvez converter entre um e outro. Era, ele pensou, um pouco como ser capaz de brincar com os blocos de construção a partir do qual tudo, desde pedras e árvores às pessoas, eram feitas.

Ele percebeu com um choque repentino que a Sra. Mackenzie juntara-se a eles, enquanto ele estava distraído com seus pensamentos.

“Sr. Arrhenius, não é?”, ela disse, tocando na manga de Arrhenius. “Estamos muito satisfeitos que você pôde estar aqui.”

Arrhenius assentiu. “E eu estou muito grato pelo convite.”, disse ele. “Descobri que minha aparência pode, por vezes ficar no caminho de eventos sociais. Me acostumei a comer sozinho em minhas viagens.”

“Bobagem”, disse a Sra. Mackenzie com um sorriso. “O Sr. deveria ver os efeitos que algumas das poções e medicamentos locais têm. Meu marido comprou um remédio local para queda de cabelo em um comerciante do mercado há um ano. Ele não me contou, é claro, mas ele o esfregou seu couro cabeludo todas as noites em segredo. Certa manhã, ele agiu, e seu cabelo se tornou verde brilhante. Não apenas isso, mas ele teve uma erupção cutânea em todo seu couro cabeludo, em seu rosto e suas mãos. Passei o resto do dia fingindo que eu não havia visto nada de errado, e orientei os servos a fazer o mesmo. Foi muito divertido!”

“E eu a divirto da mesma forma?” Perguntou Arrhenius. Seus lábios estavam curvados em um sorriso, mas não havia humor em sua voz.

“Claro que não”, disse a Sra. Mackenzie tranquilizadamente, tocando em sua manga novamente. “Estamos muito gratos de tê-lo conosco, e estamos ansiosos para ouvir sobre suas viagens. Agora, venha conhecer meu marido...”

Ela levou Arrhenius para longe dos dois meninos, ainda conversando com ele. Sherlock notou várias pessoas observá-los ir.

“Que homem estranho”, disse Cameron. “Me pergunto se conseguiria tornar minha pele uma armadura de ferro, se o comece todos os dias.”

“Você provavelmente sentiria apenas dores de estômago”, Sherlock respondeu. “Isso se tiver sorte.”

Ele observou enquanto Arrhenius e a Sra. Mackenzie se aproximaram do pai de Cameron. A Sra. Mackenzie introduziu-os brevemente e, em seguida, afastou-se para falar com outra pessoa. Sherlock encontrou o seu olhar fixo em Malcom Mackenzie e o Sr. Arrhenius. Eles não pareciam com homens que tinham sido apresentados a poucos momentos. Eles pareciam, de fato, como homens que já se conheciam – ou, pelo menos, já sabiam algo sobre o outro.

Enquanto Sherlock observava, o Sr. Arrhenius enfiou a mão no casaco do uniforme e tirou um pacote. Passou-o para o Sr. Mackenzie, que imediatamente o

escondeu guardando-o no interior do bolso de seu casaco. Foi uma transação perfeitamente inocente, mas havia algo sobre a maneira como ambos tentaram minimizar o tempo em que o pacote ficara visível, e a forma como eles tanto olhavam em volta mais tarde para ver se ninguém estava olhando, que fez Sherlock se perguntar o que exatamente era o pacote.

Os dois homens conversaram por um momento ou dois. Havia desconfiança ali, e Sherlock detectou raiva também – especialmente na maneira em que o Sr. Arrhenius permaneceu em pé. O Sr. Mackenzie parecia na defensiva, mas o Sr. Arrhenius estava definitivamente perdendo a paciência.

“Vamos lá”, disse Sherlock abruptamente. “Mostre-me o jardim. Eu não quero ficar aqui mais tempo. Alguém pode tentar falar com a gente, apenas por educação, e eu odeio ficar de conversa fiada.”

Cameron concordou, e liderou o caminho ao longo das vias que serpenteavam pelo jardim bem cuidado. Eventualmente, ele encontrou um punhado de pedras grandes colocadas em um trecho de areia próximos uma da outra. A areia foi cuidadosamente amontoada em uma série de círculos concêntricos ondulado para fora de onde as pedras estavam assentadas. Apesar daquele cuidadoso arranjo, que pareceu a Sherlock bastante artístico, mas também bastante inútil, Cameron caminhou pela areia e se sentou em uma das pedras. Sendo um pouco mais cuidadoso, mas ainda deixando pegadas, Sherlock sentou-se do outro lado.

“Você ia me falar sobre a América”, disse Cameron.

“Eu ia”, Sherlock respondeu. “mas eu queria te perguntar algo primeiro. Você mencionou a guerra entre a Grã-Bretanha e a China mais cedo, e seu pai mencionou novamente agora a pouco. O que realmente aconteceu? Não me lembro de ter ouvido nada sobre isso no momento, ou ser ensinado sobre isso na escola, e a escola era geralmente muito eficiente em fazer-nos saber sobre as guerras.”

Cameron deu de ombros. “Houve realmente duas guerras”, disse ele. “Ambas bastante curtas. Os chineses chamam-lhes as Guerras do Ópio.”

“Guerras do Ópio?” Sherlock perguntou, sentindo um leve calafrio. O Ópio era algum tipo de droga – ele sabia que tinha sido nocauteado em diversas ocasiões, por agentes da Câmara Paradol. Eles tinham usado uma solução de ópio em álcool, que era chamada de láudano. Ele tinha deixado Sherlock inconsciente por alguns segundos, e lhe dado alguns sonhos estranhos.

“O ópio é algo que é feito de papoulas”, Cameron disse. “Ele pode ser fumado em um cachimbo, aparentemente. Isso faz as pessoas se sentirem em paz, e os faz esquecer todos os seus problemas, pelo menos por um tempo. Vocês britânicos estavam se naturalizando na Índia para cultivarem papoulas e extraírem o ópio, então seus navios os traziam para a China e os vendia em troca de sedas e outras coisas.”

“Mas é uma definição de comércio. Você vende coisas e compra coisas, e tenta fazer um lucro.”

“O ópio é viciante”, Cameron ressaltou. “Uma vez que você o usa, você quer continuar a usá-lo. Você não consegue se controlar. Pelo que eu tenho ouvido, e pelo que eu tenho visto, muitos dos comerciantes e dos agricultores locais e até mesmo dos funcionários públicos passam mais e mais tempo fumando ópio. Lavouras foram deixadas apodrecendo nos campos, e havia cada vez menos alimentos disponíveis para comprar nos mercados. Chegou a um ponto em que as ruas estavam vazias a maior parte do tempo, porque as pessoas estavam em suas casas fumando ópio.”

“Isso é obviamente uma coisa ruim”, Sherlock observou.

“Os Manchu também achavam. Eles emitiram uma lei proibindo a venda ou o uso do ópio.”

“Ah”, disse Sherlock que percebeu as implicações do que Cameron estava dizendo. “Então os fundos foram tirados do mercado para os importadores britânicos. Eles ainda estavam trazendo mais ópio da Índia, mas eles não podiam vendê-lo.”

Cameron assentiu com a cabeça. “Pelo que meu pai diz, a economia britânica inteira estava dependente da renda que vinha da venda do ópio.”

“Assim como os comerciantes chineses e os agricultores eram dependentes em fumá-la.” Sherlock pausou. “Então nós fomos para a guerra, de modo que pudéssemos manter a venda desta droga na China, apesar de as pessoas estarem ficando viciadas nela e tendo maus resultados.”

Cameron deu de ombros. “As guerras não acontecem apenas por razões boas”, ele apontou. “Elas acontecem por razões ruins também, embora seu governo mascarasse isso como se o Imperador chinês tentasse sufocar o livre comércio e os nobres ingleses faziam seu melhor para se certificar que seus comerciantes pudessem ter uma vida decente. Não havia nenhuma menção de ópio lá.”

“Mas ainda assim – isso é errado! Não devíamos vir a vender essa droga, e nós certamente não devíamos ter vindo a guerrear para podermos continuar a vendê-la!”

“Concordo”, disse Cameron. “Mas o que eu sei? Vocês ganharam a guerra. Fumar ópio não é ilegal na Inglaterra, de modo que os comerciantes alegaram que não estavam fazendo nada de errado em primeiro lugar, e o Imperador estava exagerando.”

“Talvez não devêssemos ter vencido a guerra”, Sherlock murmurou sombriamente. Ele não podia ajudar, mas perguntou-se o quanto seu irmão Mycroft sabia sobre isso. Mycroft trabalhava para o Ministério das Relações Exteriores, e isso tinha algo a ver com as relações internacionais. E se ele tivesse se envolvido nessas Guerras do Ópio? E se ele tivesse aconselhado contra eles, ou

se tivesse sido a favor deles? Sherlock fez uma nota mental para perguntar a Mycroft a próxima vez que o visse. Supondo que vê-lo-ia novamente.

Pensar sobre Mycroft e sobre o ópio o fez pensar de novo nas vezes em que tinha sido drogado pela Câmara Paradol, na confusão, e na sensação de leveza que experimentara. Ele estremeceu. Por horrível que tivesse sido, havia algo estranho e perigosamente sedutor sobre esse sentimento. Ele nunca quis experimentar isso de novo, e ainda assim havia um pouco de saudade do jeito que me fazia sentir. A forma como me fazia esquecer de tudo que o estivesse me preocupando.

“Então”, Cameron solicitou. “América?”

Sherlock começou a lhe contar sobre suas experiências em Nova York, e a viagem de trem através do deserto americano, mas transformou-se mais em uma narração das aventuras que ele, Matty e Virgínia tiveram. Cameron ouviu, de olhos arregalados. De vez em quando ele questionava um detalhe ou fazia um comentário, mas, em geral, ele deixou Sherlock falar.

Depois de vinte minutos mais ou menos um gongo soou, deixando que todos soubessem que era hora do jantar. Cameron e Sherlock dirigiram-se juntos à sala de jantar, onde todos estavam se reunindo. Felizmente, os dois foram sentados juntos, e ainda mais, felizmente, os convidados sentados ao lado e em frente a eles na longa mesa passaram o tempo todo a falar uns com os outros e ignoraram os meninos. Quando Sherlock terminou sua história, e Cameron tinha acabado de fazer perguntas, eles mudaram para outros assuntos – as experiências de Cameron na China, e as aventuras de Sherlock de volta a Inglaterra.

De vez em quando Sherlock ouvia algum fragmento das conversas acontecendo ao seu redor – O Capitão Bryan ou outros oficiais da USS Monocacy falavam sobre suas viagens, o Sr. Mackenzie falava sobre a China, ou outros empresários que contavam histórias sobre lugares estranhos em que foram e pessoas estranhas com quem negociaram. A certa altura ouviu Malcom Mackenzie pedir ao Capitão Bryan, “Será que você será recebido pelo governador, enquanto estiver aqui?”

O Capitão Bryan deu de ombros. “Devo admitir”, disse ele, “fiquei confundido pelas várias fileiras de dignatários da China. Eu tinha antecipado o envio de minhas credenciais para a pessoa que governa Xangai, mas meu tradutor me diz que ele é de baixa patente, e não vale a pena tratar com ele.”

“Isso é verdade”, confirmou Mackenzie. “Apesar de Xangai ser uma grande cidade, do nosso ponto de vista, é governada por um prefeito. Ele é subserviente ao governador da Província de Jiangsu, cujo palácio está localizado em Nanjing – um pouco para o interior.”

“Ah”, disse o Capitão Bryan. “Creio que nos reuniremos com o Governador de Jiangsu em algum lugar rio acima, em uma cerimônia especial.”

O interesse de Sherlock na conversa – que não era alta no começo – diminuiu

quando a comida chegou. Era bastante surpreendente: pedaços de pato suculento servido com um molho feito de ameixas, seguido de fatias de cordeiro apimentada com uma mistura de legumes crocantes, e, em seguida, culminou em bolinhos cheios de frutas. A comida foi regada com vinho branco doce. Sherlock comeu tanto quanto conseguiu. Os sabores e texturas traziam à sua mente, estranhamente, Wu Chung. Ele se perguntou como a reunião de Wu com sua família tinha transcorrido, e ele decidiu ir à procura do cozinheiro, logo que pudesse no dia seguinte.

Quando o último prato fora retirado, o Sr. Mackenzie sugeriu que os homens se retirassem para a porta e charutos. A Sra. Mackenzie liderou os dois meninos para fora da sala de jantar. “Eles falarão por horas”, disse ela, “e não vão ser coisas que valham a pena ouvir. A sala ficará tão cheia de fumaça de charuto que vocês seriam capazes de cortar o ar com uma faca. Eu sugiro que vocês dois deitem suas cabeças no travesseiro. Sherlock – pedi a uma serva que fizesse uma cama separada para você no quarto de Cameron.” Ela bocejou de repente, e cobriu a boca. “Oh nossa. Acho que vou me recolher também. Foi um dia exaustivo.”

Por agora Sherlock conhecia o caminho através do jardim interior até o quarto de Cameron. Ele liderou o caminho em silêncio ao longo de uma das vias pavimentadas que atravessavam a grama, passando pelos arbustos e pela área de areia onde tinham se sentado antes. O céu acima deles estava negro e sem nuvens, salpicado de estrelas. A pequena fatia de lua lançou uma luz prateada sobre tudo, lembrando a Sherlock o Sr. Arrhenius e sua pele cinza azul.

Um forma escura se moveu entre dois arbustos. Sherlock parou abruptamente.

“Qual é o problema?” perguntou Cameron, quase trombando nas costas de Sherlock.

“Pensei ter visto um animal.”

Cameron abriu a boca pra dizer algo, mas Sherlock fez um gesto para que ele se calasse. Ele ficou imóvel, tentando detectar algum som de movimentos, ou de respiração, mas não havia nada lá.

Ele deu um passo em direção ao mato em que a forma escura tinha estado. Era um animal – um gato ou um cão, talvez? Presumivelmente, eles tinham cães e gatos na China?

Outro passo. Ainda nada. E se ele tivesse se enganado?

Ele deu outro passo, pronto para voltar e ir para a cama. Ele soltou a respiração que nem tinha percebido que estava segurando. Ele provavelmente tinha confundido algum pássaro noturno com algo mais substancial. O cansaço, e o estresse de estar em um país estranho, estavam deixando-o nervoso.

Uma pedra voou para fora do meio do mato. Se ele não tivesse resvalado em um ramo na saída teria batido nele bem no centro de sua testa. Assim como foi

ela pegou em seu rosto e ricocheteou para longe. Ele recuou atordoado. Ele podia sentir algo quente e úmido em sua pele: sangue. A pedra o tinha cortado!

“Hey!” Ele gritou, indignado. Antes de Cameron poder responder, Sherlock lançou-se no mato, mas outra pedra girou em direção ao seu olho direito. Ele abaixou-se e a pedra passou por cima, raspando em seu cabelo ao passar.

De repente, uma sombra negra rompeu do mato e encabeçou pelo gramado. A luz escassa da lua não era suficiente para Sherlock determinar quaisquer detalhes – tudo o que ele podia ver era algo com cerca da metade do tamanho dele se afastando rápido. Ele não tinha certeza se ele estava correndo, flutuando, voando ou rolando. Antes que ele pudesse se concentrar na forma, ele já tinha desaparecido na escuridão.

Deixando Cameron lá, Sherlock se lançou na perseguição. Ramos arranharam seu rosto enquanto ele corria por entre os arbustos. Pétalas e folhas explodiam para longe dele, sujando o chão. Ele rompeu em uma área clara. À frente dele ele pode distinguir a forma escura subindo o tronco cinza de uma árvore que se torcia a partir do chão como uma nuvem de fumaça de um incêndio. Sherlock correu pelo chão que o separava da árvore, somente enquanto corria percebeu que estava deixando crateras como pegadas na suave areia de outro jardim de pedras. Ele saltou sobre uma pedra lisa que bloqueava seu caminho. O tronco da árvore estava a poucos metros à sua frente agora, e sem abrandar ele pulou, agarrando com os dedos os galhos mais baixos, com ambas as mãos, enquanto seus pés arrastavam para subir no tronco cinza prateado. Segundos depois, ele estava puxando-se para cima pela escorregadia casca da árvore. Era como subir pelo cordame do Glória Scott. À frente dele, ele podia ver uma sombra negra contorcendo-se através dos galhos maiores. Folhas atacavam o rosto dele, pegando no corte deixado pela pedra. O sangue escorria pelo seu rosto.

Ele emergiu à luz da lua, a cabeça acima da folhagem assim como um nadador emergindo de um oceano áspero. Além das bordas das folhas, ele podia ver o telhado da casa dos Mackenzie – telhas vermelhas levemente inclinadas para longe dele. Algumas das telhas foram perturbadas, batendo para fora do lugar. Esse foi o único sinal deixado pelo que quer fosse que ele estava perseguindo. Ele tinha desaparecido ao longo do terraço e, presumivelmente, saltado para a rua. Ele nunca iria pegá-lo agora.

Ele fez o seu caminho de volta para o jardim. Seus músculos queixavam-se pela ação inesperada, e seu rosto latejava onde a pedra tinha acertado. Ele suspeitava também que tinha pequenos cortes e arranhões por toda a face, onde os galhos e as folhas tinham pegado na pele.

“Você”, Cameron exclamou quando viu Sherlock, “parece que foi usado para varrer as folhas com o cabelo.”

“Muito engraçado”, Sherlock rosnou.

“O que aconteceu?”

“O que você viu?”

Cameron deu de ombros. “Algumas saíram dos arbustos em sua direção. Eu não tinha certeza se eram pássaros, ou o quê.”

“Não eram pássaros – eram pedras.”

“Tudo bem – eram pedras. Você fugiu. Segui, mas na hora que eu cheguei aqui você estava a meio caminho da árvore. Depois você desceu novamente. Se este era algum tipo de jogo, então eu acho que você ganhou, mas você precisa me contar as regras da próxima vez.”

“Eu acho que havia um hóspede não convidado”, disse Sherlock, tentando manter a voz calma e o mais nivelada possível. Seu coração, no entanto, ainda estava acelerado.

“Que tipo de hóspede não convidado? Você quer dizer um ladrão?”

Sherlock deu de ombros. “Eu não pude ver. Poderia ter sido um animal, ou poderia ter sido uma pessoa.” Ele franziu a testa, tentando imaginar a coisa que ele teve um meio vislumbre. “Uma pessoa bem pequena, talvez.”

“Ele jogou duas pedras”, Cameron ressaltou. “De acordo com você, de qualquer maneira.”

Sherlock levou a mão ao rosto. Ela ficou pegajosa com sangue, mas o corte não parecia estar tão ruim. “Talvez fosse um macaco. Eles podem atirar pedras. Vocês tem macacos na China?”

“Há com certeza muitos deles em torno de Xangai. Os marinheiros os trazem e os deixam aqui.”

“Vamos ver se há qualquer rastro”, disse Sherlock.

Ele liderou o caminho de volta para a areia do jardim de pedras. Se Sherlock esperava ver marcas de garras ou pegadas distintas, então ele ficou desapontado. Suas próprias pegadas tinham destruído todo o rastro que o intruso tinha deixado.

“Eu deveria contar ao Papai”, Cameron falou depois de um tempo. Ele parecia indeciso. “Ele pode querer chamar a polícia local.”

Sherlock meneou a cabeça. “Não há nenhum ponto nisso”, disse ele. “Eu não tenho certeza exatamente do que vi, e o que quer que fosse, já se foi agora. Estaríamos interrompendo a festa por nada. Vamos contar a ele de manhã, no café da manhã.”

Sherlock checou rosto novamente. O sangramento tinha quase parado. Ele seguiu Cameron pelo resto do jardim, mantendo-se atento para quaisquer movimentos nos arbustos.

“Você precisa limpar-se”, Cameron ressaltou. “Vou pegar um pouco de água e um pano.”

Depois de lavar o sangue de seu rosto e a sujeira de suas mãos, Sherlock despiu-se e subiu na cama baixa que tinha sido preparada para ele. Demorou um tempo para ele pegar no sono, no entanto. Não era só a emoção e a tensão da

perseguição. Ele havia se acostumado a uma rede pendurada entre dois ganchos, balançando com o movimento do mar e o som das ondas chocando-se contra o casco. Uma cama plana, um colchão confortável e o silêncio total além da respiração de Cameron o perturbavam de uma forma que não fariam a alguns meses. Eventualmente, porém, ele dormiu, e quase desejou que não o tivesse. A bordo do Glória Scott ia dormir sempre cansado demais para sonhar, ou pelo menos, tão cansado que dormia entre os seus sonhos, mas nunca lembrava deles de manhã. Aqui, no quarto de Cameron, na casa dos Mackenzie, ele encontrou-se sonhando com Virgínia Crowe. Ela estava em pé no campo, a poucos metros de distância dele, o vermelho de seus cabelos deslumbrantes a luz do sol de Farnham. Sherlock andou até ela, mas ela parecia mover-se dois passos para trás a cada passo que ele dava. Ela ficou mais e mais longe dele, e quanto mais rápido ele se movia mais rápido ela se afastava. Seus lábios se moviam, mas o que ela estava dizendo, a mensagem que estava tentando transmitir, estava tão tênue que ele não podia compreendê-la. Logo ela era apenas uma mancha escura contra o verde exuberante dos campos e, em seguida, ela se foi.

Sherlock acordou com lágrimas no rosto, mas ele não estava muito certo a respeito de que estava chorando.

Os meninos se lavaram e se vestiram rapidamente. Cameron tinha algumas peças de roupas chinesas que Sherlock vestiu. Ele gostou da ideia de poder se misturar.

O café da manhã era o que ele estava acostumado na Inglaterra – bacon, ovos mexidos, salsichas e bastante torradas. As salsichas tinham um gosto estranho, picante, e o bacon foi tão frito que ele o partia com um audível 'crack', mas foi a coisa mais próxima de comida que ele se lembrava, por meses. Houve até café - forte e preto, com muito açúcar. Ele tinha esquecido o quão bom era café.

O Sr. Mackenzie estava sentado a cabeceira da mesa lendo um jornal. Não parecia chinês – Sherlock suspeitou que o USS Monocacy trouxe uma pilha de jornais americanos, e que o pai de Cameron recuperava o atraso nas notícias do ano passado ou por volta disso. Ele parecia estar distraído. Ele continuou virando as páginas e, em seguida, volta, como se percebesse que não estava entendendo algumas sentenças.

“Pensamos ter visto um ladrão noite passada”, anunciou Cameron de repente.

O Sr. Mackenzie olhou para cima. Fixou o olhar em Cameron franzindo a testa.

“O que está dizendo, um ladrão?” Perguntou a Sra. Mackenzie, interessada, a partir do outro lado da mesa.

“No jardim”, disse Cameron amplificando. “Quando íamos para a cama. Sherlock pensou ter visto algo nos arbustos. Ele foi dar uma olhada, mas quem quer que fosse atirou pedras nele.”

“Ou, o que 'quer' que fosse”, corrigiu Sherlock “Não temos certeza se era uma pessoa.”

“Os cães não atiram pedras”, Cameron ressaltou. “Nem os gatos.”

“Mas macacos podem, e eu não sei se há outros animais na China que podem atirar pedras.”

“As chances são”, disse o Sr. Mackenzie casualmente, “que fosse uma criança local. Eu duvido seriamente que assaltantes jogassem pedras. Eles seriam mais propensos a atirar facas, ou aquelas estrelas de metal com bordas afiadas que já os vi utilizar. Acho que vocês imaginaram demais. Foi uma longa noite. Talvez a excitação os tenha pegado.”

Ele levantou o jornal novamente, escondendo o rosto por detrás dele, mas Sherlock interessou-se em ver que seus dedos estavam brancos, como se ele estivesse apertando os dedos firmemente no papel. Algo estava o preocupando.

Depois do café, Sherlock e Cameron perguntaram se podiam ir a cidade e olhar por aí.

“Tenham cuidado”, disse a Sra. Mackenzie, “e estejam de volta para o almoço. Tragam-me algumas laranjas, se puderem. Alguns que estejam bons, sem machucados.” Ela virou-se para o marido. “E você, Malcom? Eu esperava que pudéssemos repassar alguns detalhes para o coquetel de amanhã. A cozinha já está em um estado de preparação para isso.”

O Sr. Mackenzie abaixou o jornal novamente. Sua expressão taciturna, pensativa. “Eu temo não poder – não esta manhã. Eu estarei em meu escritório – eu tenho alguns... alguns documentos para cuidar.”

“Eles não podem esperar?”

“Não”, disse o Sr. Mackenzie, tão enfaticamente que sua mulher encolheu-se. “Preciso vê-los hoje.”

Por alguma razão, Sherlock lembrou do pacote que o Sr. Arrhenius tinha entregado ao Sr. Mackenzie no jantar da noite anterior. Eram esses ‘documentos’, a que ele estava se referindo?

“Oh”, disse a Sra. Mackenzie, em voz baixa. “Bem – talvez eu pudesse ir mais tarde lhe levar uma xícara de café e um prato de biscoitos, e poderíamos falar sobre isso.”

“Estarei com a porta trancada”, disse o Sr. Mackenzie. Sua voz era dura. “Esses documentos são bastante sensíveis. Eu não posso permitir a ninguém vê-los. Não quero ser rude minha querida”, ele disse em um tom mais calmo. Quando terminar com eles, virei encontrá-la. Poderemos falar então.”

“Como achar melhor”, disse a mãe de Cameron em uma voz neutra, mas seus lábios estavam franzidos e suas bochechas coradas.

Sherlock olhou para Cameron. Seu novo amigo encolheu os ombros. Ele estava com a testa franzida de preocupação. Obviamente, isso era um comportamento incomum à mesa do café.

O resto da refeição foi conduzida em silêncio. O pai de Cameron parecia envergonhado por sua explosão, e sua mãe parecia não querer começar outra conversa, caso ela provocasse mais raiva. Cameron passou a maior parte do tempo olhando nervosamente de um para o outro, tentando descobrir o que estava acontecendo. Sherlock também tentava descobrir o que estava acontecendo. Em particular, ele estava interessado em por que o pai de Cameron tentara explicações para o que acontecera na noite anterior. Pela experiência de Sherlock, a maioria dos proprietários de casas que tivessem recebido involuntariamente um visitante para assaltá-lo, estariam preocupados em impedir que isso acontecesse de novo – não fingiriam que nada tinha acontecido em primeiro lugar.

Depois do almoço, os dois meninos dirigiram-se para cidade. O céu estava azul e sem nuvens, e embora houvesse um vento gelado aquele prometia ser um bom dia.

“O que você quer fazer?” Perguntou Cameron.

Sherlock lembrou de seus pensamentos na mesa de jantar na noite anterior. “Na verdade”, ele disse, “Eu quero ir procurar um amigo.”

“Pensei que você não tivesse amigos em Xangai.”

“É o cozinheiro do Glória Scott. Ele tem família aqui.” Sherlock tentou lembrar o endereço que Wu Chung tinha dado a ele antes de sair de navio. “Ele disse que eu poderia encontrá-lo em Renmin Dong Lu. É Oriente Renmin Street, não é?”

Cameron assentiu. “Eu sei onde é. Não é das áreas mais bonitas de Xangai. Você tem certeza que quer ir ver esse cara?”

“Eu gostaria.” Sherlock pausou. “Se você achar que é seguro.”

“Se algo acontecer, podemos sempre lutar ou fugir.”

Juntos eles caminharam pelas ruas de Xangai.

Como no dia anterior, havia pessoas por todos os lugares: transportando cestas ou empurrando carrinhos, lavando cavalos ou empurrando ovelhas na frente de si com varas longas. Muitos deles usavam chapéus de palha largos para se proteger do calor do sol. Ao contrário dos chapéus que Sherlock usava na Inglaterra, estes tinham só aba, sem copa: cones rasos que lembravam a Sherlock do telhado inclinado da casa Mackenzie.

Cameron, obviamente, sabia o caminho. O percurso levou-os por vielas estreitas e ruas largas, contornando esquinas e passando por fileiras de lojas e bancas.

Um som explodindo repentinamente, ecoou em toda a cidade, fazendo Sherlock parar completamente em seu percurso. Outras pessoas na rua tinham parado também, e estavam falando umas com as outras em voz baixa. “O que é isso?” Perguntou ele.

Cameron fez uma careta. “Sou como uma buzina de navio”, disse ele. “Eu

acho que é o USS Monocacy chamando seus marinheiros de volta, prontos para saírem em sua missão de mapear as voltas e reviravoltas do rio Yangtze.”

Sherlock percebeu que as outras pessoas na rua não pareciam muito satisfeitas. “Eu não tenho certeza se os moradores aprovaram”, ele ressaltou.

“Isso não foi mencionado ontem à noite – pelo menos, não enquanto estávamos lá – mas você tem que se perguntar por que o governo americano quer ter mapas precisos de um rio chinês a milhares de quilômetros das águas americanas. Duvido que eles estão fazendo isso fora a bondade de seus corações.” Cameron deu de ombros. “A sugestão óbvia é que eles pensam que podem precisar de mapas precisos, em algum momento no futuro, e há apenas duas razões para isso – uma possível ação militar ou um carregamento inteiro de comerciantes americanos navegando rio acima.” Ele indicou os moradores locais, que ainda estavam resmungando uns com os outros em voz baixa. “Eles estão debatendo qual das duas opções eles preferem.”

Eventualmente, à medida que viraram uma esquina, Cameron desacelerou até parar.

“Este é o East Renmin Street.”

Sherlock assentiu. “Então vamos perguntar a alguém onde mora a família de Wu.”

Cameron sorriu para uma velha desdentada que vendia frutas no acostamento da estrada. Ele disse algo em uma explosão de cantonês muito rápida para Sherlock poder identificar as palavras. Ela disse algo em resposta, e apontou para uma casa em particular, nada diferente do resto, um pouco mais a frente no caminho. Tal como as outras que ele tinha visto, era simples e anônima do lado de fora: paredes de reboco branco, telhado de telhas vermelhas e uma porta pintada de verde.

Os dois rapazes tinham dado alguns passos em direção à casa, quando a porta da frente se abriu e uma mulher saiu correndo. Ela estava chorando.

“Ele está doente!”, Ela gritava em cantonês, olhando em volta desesperadamente por ajuda. “Alguém me ajude! Meu marido – ele está doente! Eu acho que ele está morrendo!”

O pânico da mulher era óbvio pela sua expressão desesperada. Ela claramente temia pela vida de seu marido.

Outras pessoas na rua desviavam dela enquanto ela tentava chamar sua atenção. Sherlock avançou. Apesar do fato de ele ser europeu, não chinês, ela moveu-se para ele.

“Meu marido”, disse ela novamente. “O nome dele é Wu Chung. Por favor – você pode me ajudar?”

Capítulo 7

Isso fez com que Sherlock sentisse seu coração congelar de repente, e que o menos movimento poderia fazê-lo quebrar-se. “Ele está doente?” Sherlock repetiu. “Mas – mas ele estava bem ontem. Eu o vi.” Apesar da paralisia gelada em seu coração, ele descobriu que sua mente estava a mil. Fatos e memórias giravam passando por seu olhar mental. Wu Chung não parecia doente no Glória Scott. Quando ele caminhara pela ponte e dera um passo em terra seca ele parecia bem – feliz com a perspectiva de ver sua família, talvez um pouco nervoso. Se houvesse alguma doença derrubando os marinheiros, então certamente ele deveria ter se alastrado a bordo do navio, enquanto ele estavam no mar – e Sherlock deveria estar mal também. Todos os marinheiros deveriam estar mal – eles ficaram juntos no mar durante semanas a fio. Não, se ele estava doente, então o mais provável era que o cozinheiro tinha pego alguma doença local no momento em que tinha pisado no cais. Mas poderia uma doença agir tão rapidamente? Sherlock perguntou a si mesmo.

A mulher puxou-o pela manga. “Por favor, você tem que ajudar!”

Cameron deu um passo para trás. “Olha, Sherlock, se há alguma doença aqui, então devemos ficar longe. Já vi doenças passarem de pessoa para pessoa nessa cidade, tão rápido que você teria que correr para acompanhá-la.”

Sherlock olhou em volta desesperadamente, esperando que alguém interromperia com uma oferta de ajuda, talvez um médico que estivesse passando, mas todos os moradores estavam ignorando o que estava acontecendo. Eles se quer faziam contato visual.

“Alguém mais está doente?” Perguntou Sherlock, ignorando a sugestão de Cameron.

A mulher meneou a cabeça. “Ninguém.” Ela deu um passo para trás, obviamente esperando que Sherlock iria segui-la. “Nem eu, nem o nosso filho, e nenhum dos vizinhos da rua, até onde eu sei.” Ela olhou ao redor, com amargura. “Não que eles estejam dando alguma atenção agora”, disse ela mais alto. “Eles estão com medo de que Wu Chung trouxe alguma doença estranha de lugares estrangeiros. Covardes!”

Sherlock virou-se para olhar Cameron. “Olha”, disse ele com urgência para o menino americano. “Wu Chung é um amigo meu. Provavelmente, o melhor amigo que fiz por um bom tempo, além de você. Se ele precisa da minha ajuda, então eu tenho que ajudar.”

“Se você quer fazer algo para ajudar”, Cameron respondeu, balançando a cabeça, “então você conseguir uns curandeiros locais para dar uma olhada nele. Você não pode fazer nada por si mesmo.”

O olhar de Sherlock mudou da expressão implacável de Cameron para o quase pânico no rosto da esposa de Wu Chung, às suas costas. “Vamos pelo menos dar uma olhada. Pode ser algo que ele comeu.”

Ele gesticulou para a mulher chinesa liderar o caminho para a casa. Ela assentiu com a cabeça, um brilho de gratidão momentâneo deslocando sua preocupação.

“E você pode dizer a diferença entre uma dor de estômago e uma doença contagiosa de maneira exata?” Cameron perguntou a Sherlock enquanto o seguia até a entrada escura.

Sherlock olhou por cima do ombro. “Não sei”, admitiu ele, “mas tenho que fazer alguma coisa para ajudar. Mesmo que seja apenas para tranquilizá-lo. Ou a ela.”

Cameron hesitou, deu de ombros e seguiu Sherlock para dentro. “Isso é estúpido”, disse ele em voz baixa. “Isso é tão estúpido. Minha mãe daria a luz se soubesse.”

O interior da casa era frio e escuro. Havia um cheiro estranho, como uma fumaça doce. As paredes eram feitas de reboco áspero, e havia quadros pendurados sobre eles, e não em telas emolduradas como eram na Inglaterra, mas em rolos com bastões de madeira na parte superior e inferior para impedir que enrolassem. Nos cantos das salas, colocados em nichos nas paredes, havia estatuetas de madeira – dragões e homens gordos com tangas. Não havia cadeiras, apenas almofadas no chão de azulejos, e as mesas eram baixas no chão para que as pessoas pudessem se ajoelhar ou sentar com pernas cruzadas junto a elas.

“Você disse que conhece o meu marido? Nós ainda não nos conhecemos, não é? Você não vive em Xangai?”

“Eu estava no navio com ele”, Sherlock respondeu. “O Glória Scott. Eu disse que viria vê-lo, uma vez que ele tinha resolvido voltar para casa.”

“Ah – então você é o Sherlock! Ele nos contou sobre você.” Ela sorriu brevemente, antes de seu rosto assumir as linhas de preocupação. “Ele disse que esperava que você se juntasse a nós para uma refeição, porque ele tinha uma notícia para você – mas, de repente, ele entrou em colapso.”

“Sim, eu sou Sherlock – e este é meu amigo Cameron.”

Ela assentiu: O pequeno gesto com a cabeça parecia envolver os ombros também. “Eu sou Tsi Huen.”

Ela os levou para baixo em um corredor que ia, obviamente, para um quarto. A cama, como as mesas do primeiro cômodo, eram colados no chão. Em contraste com as janelas que eram altas, bem acima da altura da cabeça de um homem.

Wu Chung estava deitado na cama. O suor cobria o rosto cheio de marcas, e ele estava tremendo. Quando Sherlock chegou mais perto ele pode ver que os olhos do cozinheiro estavam vermelhos.

“Meu amigo Sherlock!” Ele exclamou. Ele tentou, obviamente, soar saudável, mas sua voz era fina e tensa.

“Wu Chung – o que aconteceu?”

Ele meneou a cabeça. “Eu não sei. Fui dormir ontem à noite. E acordei com um susto de manhã, antes do sol nascer. Eu não sei o que foi que me acordou, mas quando tentei sair da cama, constatei que minhas pernas não me suportavam. Eu desmaiei e comecei a tremer. Parece que tem fogo correndo em minhas veias! E minha boca está mais seca do que um deserto!”

Um rapaz entrou pela porta. Ele tinha por volta da idade de Sherlocke Cameron; chinês é claro, mais fino do que Wu Chung, Sherlock assumiu. Ele carregava um jarro de água, que ele estendeu na direção de seu pai. A expressão de seu rosto era igual ao de sua mãe: pânico, mal mantendo o controle.

“Aqui, beba isso. Eu peguei para você do poço.”

Wu Chung pegou no jarro e esvaziou-o em três grandes goles. Ele enxugou sua boca úmida com a mão. “Isso ajuda”, disse ele. “Obrigado.” Ele olhou para Sherlock, e sorriu. “Eu esperava poder vê-lo”, disse ele. Ele deu um tapinha na cama ao lado dele. “Vem, Sherlock, sente-se. Há algo que quero dizer a você, é uma mensagem que eu preciso que leve para mim.”

“O que é?” Sherlock perguntou.

“A coisa que eu quero te dizer é que eu não estarei no Glória Scott, quando ele zarpar.”

“Eu sei que você pensa assim”, disse Sherlock, tentando soar reconfortante, “mas você vai passar por isso. Eu prometo.”

“Não, quero dizer que me foi oferecido outro emprego.”

“Como cozinheiro?” Perguntou Sherlock, surpreso.

“Sim. A bordo do navio grande que vimos no porto ontem. O norte-americano.”

“O USS Monocacy?” Sherlock balançou a cabeça, tentando imaginar Wu Chung cozinhando para centenas de pessoas da marinha americana, em vez de algumas dezenas de marinheiros ingleses. “Como isso aconteceu?”

Wu Chung olhou para sua esposa, e sorriu. “Conversando com Tsi Huen ontem, quando cheguei em casa, ela me convenceu a não ir embora por um período tão longo de novo. Ela me disse que eu precisava estar aqui para Wu Fung-Yi, enquanto ele está crescendo.” Wu tossiu, bloqueando a boca com as costas da mão. “Eu sabia que ela estava certa, por isso, enquanto ela fazia o jantar eu caminhei de volta para o porto para ver se alguém estava à procura de um cozinheiro. Em um bar perto do cais eu descobri que o navio de guerra americano estava procurando por um assistente de cozinha. Eu me inscrevi imediatamente.” Ele sorriu. “Eles precisam desesperadamente de um homem que saiba o que está fazendo. Eu descobri que o novo Chefe Cozinheiro solicitou demasiados barris de água doce. Centenas deles! O navio está se dirigindo ao Rio Yangtze – que terá toda a água doce que eles querem! Eu disse a ele que era demais, mas ele não quis me ouvir.”

“Você disse ao Capitão Tollaway que você não voltaria?”

“Enviei uma mensagem ao Sr. Larchmont. Eu sei que ele e o Capitão vão entender.” Ele olhou para sua esposa. “Já passei muito tempo longe. Eu perdi tanto de suas vidas. O navio americano navegará o Rio Yangtze pelas próximas semanas. Estarei de volta antes que alguém sinta falta de mim, e então vou procurar outras oportunidades em Xangai.”

“Mas quando ele partirá?” Perguntou Sherlock. Ele sentia-se triste com o fato de que não compartilharia a viagem de volta a Inglaterra com seu amigo.

“Amanhã”, disse Wu. Seu rosto estava pálido. “Mas eu não vou ser capaz de fazer isso. Não do jeito que estou me sentindo agora. E um cozinheiro doente, é um cozinheiro que ninguém quer preparando seus alimentos. Eu preciso de você para levar uma mensagem ao capitão do Monocacy. Diga-lhe que ele terá que encontrar outro assistente de cozinha.”

Se ele pudesse, em um prazo tão curto, pensou Sherlock, mas ele sorriu tranquilizadamente para Wu Chung. “Levarei sua mensagem”, ele disse. “Tenho certeza que você pode encontrar outro emprego local, sem muitos problemas.”

Wu balançou a cabeça. “Não do jeito que estou me sentindo agora.”

“Você comeu alguma coisa que possa ter causado isso?” Perguntou Sherlock.

“Nada que minha família não tenha comido também.” Seu rosto espasmou, e de repente ele torceu para o lado e trouxe a água que tinha bebido momentos antes para o chão. Tsi Huen adiantou-se para segurar seus ombros.

Quando ele se acomodou na cama, pálido e tremendo, Sherlock notou algo em suas costas. Ele só viu por um momento, conforme a camisa de algodão de Wu Chung se deslocou, mas chamou sua atenção.

“Incline-se para frente”, disse ele.

“O quê?”

“Incline-se para frente!”

Tsi Huen e seu filho se entreolharam, intrigados. Wu Chung encarou Sherlock por um momento, então ele concordou. Sua esposa e seu filho vieram ajudá-lo quando ele se sentou na cama e se inclinou para frente. Sherlock puxou o tecido úmido para longe de seu ombro.

Lá, embaixo do pescoço de Wu Chung e acima de seu ombro direito, havia duas marcas vermelhas. Um era pequeno e arrumado, enquanto o outro era maior e tinha bordas irregulares. As duas marcas estavam a cerca de uma polegada de distância, e a pele ao redor delas estava marcada com uma erupção vermelha.

Tsi Huen engasgou. “Mordida de cobra!” Ela chorou. Ela saltou para trás da cama, olhando horrorizada para o chão de azulejos. “Fung-Yi – vá! Pode estar debaixo da cama.”

O corpo de Sherlock queria correr também, mas sua mente estava fascinada

com a ideia de que pudesse haver um réptil venenoso embaixo da cama baixa. Com o combate entre o corpo e a mente, ele congelou no lugar. Foi necessário Cameron agarrar seu ombro e puxá-lo para fazê-lo mover-se.

Wu Chung trouxe seus joelhos contra seu peito e olhou nervosamente. “Eu não senti nenhuma picada”, disse ele. Em segurança a um metro e meio da escuridão debaixo da cama, Sherlock caiu para os joelhos e olhou para as sombras, pronto no caso de algo atacá-lo. Mas não havia nada. O espaço debaixo da cama estava vazio. Ele levantou-se, sacudindo a cabeça. “Se havia uma cobra lá, então, ela já foi embora.”

“Claro que havia uma cobra!” Tsi Huen exclamou. “Você viu as marcas!” Ela gemeu em angústia. “Como isso pode acontecer com a gente?”

Olhando ao redor da sala, Sherlock perguntava a mesma coisa. “As janelas são tão altas que eu não posso ver como uma cobra poderia subir lá em cima”, ele pensou, “e este quarto é no final de um corredor. A cobra teria de deslizar um longo caminho para chegar até aqui, e depois deslizar um longo caminho para voltar. Por que ela faria algo assim?”

“Talvez ela se enfiou em algum buraco”, Cameron sugeriu. Sherlock olhou ao redor da sala, na linha onde as paredes encontravam com o piso em cerâmica. “Olhe por aí”, ele disse. “Eu não consigo avistar qualquer buraco.”

“Não há buracos”, o filho de Wu Chung, Wu Fung-Yi, disse orgulhosamente. “Mamãe me fez enchê-los todos com argila para que ratos e camundongos não pudessem entrar. Eu verifico toda semana para verificar se mais buracos surgiram.”

“Bom garoto”, disse Wu Chung fracamente, deitando-se na cama. Seu rosto estava cinza e pálido.

“Quando foi a última vez que verificou?” Perguntou Sherlock

“Ontem”, disse o garoto.

Cameron olhou em volta. Ele levantou sua bengala. “Vou verificar os outros cômodos, no caso de ele ainda estar aqui.” Ele olhou para Tsi Huen. “Se estiver tubo bem para você?”

Ela assentiu. “Tenha cuidado.”

“Olhe sob todos os móveis”, Sherlock advertiu.

O filho de Wu Chung avançou. “Eu vou ajudar”, ele anunciou. “Dois pares de olhos são melhores do que um.” Ele assentiu de maneira sombria para Cameron.

Tsi Huen parecia prestes a protestar, mas um olhar de seu marido a fez fechar a boca. “Deixe-o ir”, Wu Chung disse, a voz fraca. “Ele é um garoto corajoso, e eu tenho muito orgulho dele.”

Cameron e Wu Fung-Yi saíram da sala, com cautela olhando ao redor. Wu Chung gesticulou para Sherlock e Tsi Huen se aproximarem da cama.

“Melhor que ele não esteja aqui”, disse ele. “Eu não quero que ele me veja assim.” Ele tossiu, e Sherlock ficou chocado ao ver sangue em seus lábios.

“Talvez fosse melhor se eu estivesse doente. Para picada de cobra não há recuperação. Não o deixe voltar aqui. Nenhuma criança deveria assistir seu pai morrer.”

Tsi Huen gritou, em seguida, abafou o grito com as costas da sua mão. Seus olhos estavam arregalados e assustados.

“Você não vai morrer”, disse Sherlock com mais firmeza do que realmente sentia. Olhando para Wu, ele pensou que o homem podia estar certo, e de repente ele sentiu lágrimas brotando de seus olhos. “Precisamos arrumar um curandeiro”, disse ele. “Onde podemos encontrar um?” Ele chamou a atenção de Tsi Huen. “Cameron e eu vamos buscar o curandeiro. Vamos levar Wu Fung-Yi com a gente.”

Tsi Huen assentiu sua gratidão, lágrimas em seus olhos. Sherlock percebeu que ela entendia que Sherlock sabia o que estava fazendo – dando-lhe a chance de dizer adeus a seu marido, se de fato ele estava morrendo.

Cameron e Wu Fung-Yi voltaram ao quarto. “Não há cobras”, o filho de Wu anunciou com orgulho. “Checamos em toda parte. “Ele olhou para seu pai, e seus olhos de repente entristeram. Ele suspeitou o que estava acontecendo também.

“Nós estamos indo buscar um curandeiro”, Sherlock anunciou.

Tsi Huen escreveu uma breve nota sobre um pedaço de papel com um pincel de tinta. “Aqui”, ela disse, dando a Cameron. “Este é o endereço, e uma nota para o curandeiro. Sejam rápidos. O mais rápido possível.” Ela franziu o cenho para Cameron. “Você pode ler Hanzi?” Ele balançou a cabeça, e examinou a nota. “Eu sei onde é”, ele confirmou.

Sherlock olhou para Wu Chung. Ele acenou um adeus.

O cozinheiro acenou de volta, sorrindo fracamente.

“Vamos lá”, disse ele. “Vamos.”

A luz do dia do lado de fora era ofuscante, e levou um momento para seus olhos se ajustarem. Cameron liderou o caminho rapidamente pela rua. Wu Fung-Yi seguia na retaguarda, olhando para a casa onde seu pai estava doente. Possivelmente morrendo.

“Há muitas cobras venenosas na China?” Sherlock gritou para Cameron enquanto corriam.

“Algumas”, respondeu Cameron por cima do ombro. “Geralmente, na zona rural. Eu não ouvi falar de nenhum que entrasse nas cidades. Não sem terminar em uma panela, de qualquer modo.”

“Os chineses comem cobras?” Sherlock questionou.

Cameron assentiu. “Os chineses comem qualquer coisa.”

Primeiramente Cameron liderou o caminho através das ruas lotadas, mas Wu Fung-Yi continuou tentando alcançá-lo. “Eu sei onde estamos indo!” Ele gritou.

Cameron empurrou seu caminho de volta para a posição de liderança por um par de vezes, mas, eventualmente, Sherlock agarrou-o pelo ombro. “Deixe-o ir

na frente”, disse ele. “Ele precisa sentir que está fazendo algo para ajudar seu pai.”

“Acho que sim”, disse Cameron, encolhendo os ombros. “Eu provavelmente sentiria o mesmo.”

Eventualmente, eles chegaram a um pequeno barraco que estava separado para além de outras construções da área. Amuletos e quinquilharias pendurados em cordões no teto, balançando suavemente com a brisa. Sherlock percebeu que o jardim em torno dele, frente e verso, continham plantas que eram diferentes dos arbustos floridos que todos os outros pareciam cultivar. Estas plantas especialmente não tinham flores, ou se tinham, então eram flores maçantes e pouco definidas. Eram inexpressivas, coisas finas, mais como ervas daninhas do que qualquer coisa que alguém queresse manter por perto.

Wu Fung-Yi correu até a entrada. Não havia porta, apenas um cobertor fino que pendia sobre a entrada. Ele bateu na moldura da porta.

“Por favor!” Ele chamou. “Honorável senhor – precisamos da sua ajuda!”

Quando Sherlock e Cameron se juntaram a Wu Fung-Yi, um homem idoso puxou o cobertor. Ele era, talvez, o ser humano mais idoso que Sherlock já vira. Sua pele tinha a textura de couro que fora amarrotado e deixado secar no sol. Seus olhos eram quase invisíveis por trás de uma paisagem de rugas que lembrou a Sherlock as rachaduras na lama de um lago seco. Ele era magro, bigode branco que pendia de cada lado da sua boca até suas clavículas. Sua cabeça estava quase careca a não ser por um rabo de cavalo, pouco maior do que os fios do seu bigode, que enfeitava a parte de trás de sua cabeça. Quando ele abriu a boca para falar, Sherlock viu que ele só tinha um dente à esquerda, e as gengivas eram negras.

“Quem são vocês, que perturbam meu sono?” Ele resmungou em uma voz estridente.

Wu Fung-Yi se curvou rapidamente. “Minhas desculpas, venerável curandeiro. Meu pai está doente. Minha mãe mandou para implorar por sua ajuda.”

O velho olhou para Wu Fung-Yi por um longo momento, seus olhos meros reflexos de luz sob as dobras escuras de suas pálpebras. Saindo para o jardim, ele moveu a cabeça para olhar para Sherlock e Cameron. Ele segurava uma vara de madeira na mão, e a usava para suportar o seu peso. Era torcido, como a raiz de uma árvore. “Então, demônios estrangeiros também”, ele disse casualmente. “Dias interessantes. Dias interessantes de fato.”

Wu Fung-Yi virou-se para olhar os dois meninos. “São visitantes”, disse ele, meio em tom de desculpa. “Eles me seguiram até aqui.”

Cameron parecia prestes a discutir, então Sherlock o cutucou nas costas. Ele fechou a boca, e entregou o pedaço de papel que Tsi Huen lhe dera.

O velho desdobrou e leu. Ele balançou a cabeça lentamente. “Picada de

cobra, hein? Muito sério. Muito caro o tratamento.”

Wu Fung-Yi eriçou-se. “Podemos pagar!” Ele protestou.

“Se ele não puder pagar eu posso”, disse Cameron. Ele se virou para olhar Sherlock. “Ei, posso até pensar que essa coisa toda é uma estupidez, mas não vou deixar seu amigo morrer se eu posso ajudá-lo.”

“Obrigado”, disse Sherlock. “Eu aprecio isso.”

“Deixe-me ver as coisas que vou precisar”, disse o velho. Em vez de voltar para trás dentro do barraco, como Sherlock esperava que ele fizesse, ele caminhou até seu jardim. Curvando-se com a flexibilidade de um homem de um terço de sua idade, ele segurou várias plantas, verificando suas folhas e caules, e puxava-as para fora da terra ou as deixava e seguia em frente. Por fim, ele tinha mais ou menos dez plantas pendendo de sua mão.

“Medicinais”, disse ele, acenando com as plantas para os meninos. “Muito bom para picadas de cobras e insetos.”

A viagem de regresso foi mais lenta do que a viagem até lá. O velho andou mais rápido do que Sherlock tinha esperado pela aparência dele, mas ele não podia correr. Ou, não queria, Sherlock não tinha certeza. Ele até parou uma ou duas vezes para falar com as pessoas que ele reconheceu a caminho, e Wu Fung-Yi teve que praticamente arrastá-lo para longe da conversa, a fim de fazê-lo andar novamente.

Quando chegaram a East Renmin Street, Tsi Huen estava do lado de fora da porta da casa. Suas mãos vibravam como pássaros quando ela olhou ao longo da rua. Quando ela viu os três rapazes e o curandeiro idoso suas mãos foram até o pescoço de alívio.

“Como está o Papai?” Wu Fung-Yi chamando quando ela chegou mais perto.

Ela fez uma careta. “Nada bom.” Ela juntou suas mãos e inclinou-se para o curandeiro ancião quando ele chegou a entrada.

“Obrigado por ter vindo. Estou em dívida com você.”

Ele inclinou a cabeça para ela. “Vamos ver o que pode ser feito”, respondeu ele. “Eu não faço promessas.”

Ele entrou na casa, usando a vara para se apoiar. Tsi Huen o seguiu, suas mãos ainda vibrando. Wu Fung-Yi moveu-se para a porta, mas Sherlock colocou a mão em seu ombro. “Espere aqui, com a gente”, disse ele. “O curandeiro precisa trabalhar, e você pode distraí-lo. Além disso, sua mãe precisa se preocupar com seu pai, e não com você.”

Wu Fung-Yi virou-se para olhar Sherlock. Seus olhos estavam brilhando com lágrimas. “Mas... ele pode morrer.”

Sherlock assentiu. “Sim, ele pode, e se acontecer você não deve estar lá. Você deve lembrar-se dele do jeito que ele era.”

O tempo parecia passar lentamente. Os três se sentaram do lado de fora, esperando. A certa altura Cameron se afastou e voltou alguns minutos depois com

uma melancia que ele começou a cortar com uma faca de bolso. Os meninos sorveram a umidade das fatias. Houve pouca conversa.

Tsi Huen saiu de casa pouco tempo depois de terem terminado a melancia. Ela parecia cansada, tensa.

“Como...?” Wu Fung-Yi começou a perguntar, mas ele não conseguiu terminar a pergunta.

Tsi Huen encolheu os ombros. “Ele está muito doente”, disse ela em voz baixa. “O curandeiro está fazendo tudo que pode.”

Ela voltou para dentro, e os meninos voltaram a esperar.

Depois de mais outra hora ou por volta disso, o curandeiro chegou à porta. Ele gesticulou para Sherlock. “Você – diabo estrangeiro – você parece inteligente. Você se lembra aonde é minha casa?”

“Sim, senhor.” Sherlock respondeu. “Eu penso que sim.”

“Muito importante – você precisa ir lá agora, rapidamente, e obter uma planta do jardim. É uma planta alta, até sua cintura, com pequenas flores azuis e folhas que são enroladas para cima. Você entendeu?”

“Eu entendi.” Sherlock falou. Ele acenou com a cabeça na direção de Wu Fung-Yi. “Mas ele não deveria ir? Quero dizer, ele conhece a cidade melhor do que eu. Ela não iria se perder.”

O curandeiro olhou para Wu Fung-Yi com uma expressão indecifrável no rosto. “Ele precisa estar aqui”, disse ele em voz baixa. “Caso...”

“Eu entendo.” Sherlock olhou para Cameron. “Mas mesmo ele conhece a cidade melhor do que eu.”

“Sim”, disse o curandeiro, “mas ele não parece tão inteligente quanto você. Ele poderia voltar com a planta errada. Agora vá.”

“Sim, senhor.”

Sherlock partiu, refazendo a viagem que ele e os outros meninos tinham feito antes. Ele correu o mais rápido que pôde, o coração batendo em seu peito e as veias pulsando em seu pescoço e nas têmporas. Quando chegou ao barraco do velho ele parou por um segundo, as mãos nos joelhos enquanto ele sugava o máximo de ar possível para seus pulmões que estavam queimando. Assim que ele foi capaz de se mover mais uma vez ele correu para o jardim e rapidamente sorteou entre as plantas. Alto demais... curta demais... flores não azuis... folhas não curvadas... sim! Havia uma planta, mais perto da casa, que combinava com a descrição do curandeiro. Sherlock puxou-a do solo e correu de volta com ela.

Quando chegou à casa de Wu Chung, Cameron e Wu Fung-Yi estavam parados do lado de fora de fora com Tsi Huen. Ela estava sentada no degrau da frente, chorando. A mão de Wu Fung-Yi descansava em seu ombro. Ele estava chorando também.

Cameron caminhou até Sherlock

“Ele está morto”, disse ele, e o som dessas três palavras simples eram como

pedras caindo pesadamente no chão.

Capítulo 8

“Cheguei tarde!” Disse Sherlock. Todo o peso da corrida para e do barraco de repente caiu sobre ele, ele se sentia fraco e exausto e derrotado.

Cameron negou com a cabeça. “Não é sua culpa”, disse ele sombriamente. “Wu Chung morreu cerca de dez minutos depois que você saiu. O curandeiro veio e nos disse que ele tinha ‘juntado-se aos seus ilustres ancestrais’, que é o que o povo chinês diz quando alguém morre. Você nem sequer chegara no jardim quando aconteceu. Não havia nada que você poderia ter feito. Você poderia ter voado todo o caminho de ida e volta e ainda não teria feito diferença.”

Sherlock podia ouvir Cameron falando, mas soava como se as palavras de seu amigo estivessem vindo de muito longe, através de grossas fibras de algodão. Ele descobriu que a enormidade da morte do cozinheiro era mais do que ele podia lidar. Ele não tinha realmente se preparado para o fato de que realmente poderia acontecer. Que Wu Chung poderia de repente... não estar mais lá.

Ele sentiu-se estranho. Desconectado. Ele sentia como se estivesse flutuando um pouco acima do chão, e que o mundo estava inclinando gradualmente para o lado.

Ele se inclinou, colocou as mãos sobre os joelhos e tomou respirações lentas, tentando se firmar.

Ele tinha visto a morte antes, é claro. Mesmo quando ele havia acabado de sair da Deepdene School para garotos e se mudado para Farnham, tinha visto um corpo na mata fora da mansão de seu tio e tia, e mais tarde ele tinha visto os homens morrerem no forte napoleônico que o barão Maupertuis usava como base. Ele tinha visto Duque Balthassar morrer nas garras e dentes de seus pumas, e também viu o corpo de um homem esfaqueado no Diógenes Club. Houve o marinheiro que tinha caído e quebrado o pescoço no Glória Scott, e os outros que foram mortos pela tempestade e pelos piratas. Mas tudo isso foi com pessoas que ele não conhecia – ou, pelo menos, mal conhecia. Ele nunca teve que aceitar os termos da morte de um amigo.

Não era como se Wu Chung fosse um amigo próximo, ele tentou dizer a si mesmo. Ele não era como Matty Arnatt ou Amyus Crowe – ou até mesmo, ele pensou com um calafrio, Virginia Crowe. Não era como se ele fosse um membro da família de Sherlock, como Mycroft, ou sua irmã Emma, e ainda... Sherlock era próximo a ele. O homem chinês havia lhe ensinado muito, e ele tinha sido uma parte importante da vida de Sherlock, e sua ausência deixaria um buraco que seria impossível de preencher.

“Como Wu Fung-Yi e Tsi Huen estão lidando?” Sherlock perguntou, e ele podia ver que sua voz estava rouca – pouco mais que um sussurro.

“Sua esposa está consideravelmente arrasada”, disse Cameron. “Deve ser difícil, ter o seu marido longe por tanto tempo, então perdê-lo de novo no momento em que ele volta. O garoto está com uma aparência corajosa.

Francamente, eu não acho que ele sabe muito bem o que está sentindo. Ele é do tipo que é guiado pelo que sua mãe está fazendo.”

Quando Sherlock olhou para a casa, o curandeiro surgiu, ainda apoiado em sua vara. Ele passou por Tsi Huen e Wu Fung-Yi em direção a Sherlock e Cameron. Ele olhou calmamente para a planta que pendia da mão de Sherlock.

“Eu a quero de volta.”, ele pediu. “Posso ser capaz de replantá-la. Talvez”

“O que aconteceu?” Perguntou Sherlock.

O curandeiro olhou para ele, surpreso. “Você sabe o que aconteceu. Ele foi mordido por uma cobra. Eu fiz o que pude, mas não foi o bastante. O veneno havia tomado conta de seu corpo. Não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar.”

“Você tem certeza que era picada de cobra?” Sherlock ouviu-se perguntar. Por um momento ele se viu surpreendido com as palavras, até que ele percebeu que sua boca estava expressando um pensamento que seu cérebro estava justamente processando.

O curandeiro assentiu. “Há uma clara marca de mordida em suas costas.”

“Mas como é que a cobra entrou no quarto?” Perguntou Sherlock. “A única janela era muito alta para qualquer cobra deslizar até ela, e se ela tivesse entrado pela porta da frente, então ela teria que passar pela porta da frente, e então teria que passar por vários outros cômodos, antes de chegar a Wu Chung.

“Quem pode prever as ações de uma cobra?”, Disse o curandeiro encolhendo os ombros. “Não há dúvida em minha mente – uma cobra o mordeu, e o veneno o matou. Eu já vi esse tipo de coisa antes.”

“Na cidade?” Sherlock pressionou. “Em um quarto?”

O curandeiro levantou sua branca, e fina sobancelha. “Você tem alguma ideia melhor?”

“Não”, Sherlock teve que admitir. “Não, não tenho.”

O curandeiro estendeu a mão e pegou a planta da mão de Sherlock. Sherlock observou o velho caminhar lentamente de volta para Tsi Huen. Ainda chorando, ela pegou algumas moedas de uma bolsa e passou-as para ele. Ele abaixou a cabeça, agradecendo a ela, e afastou-se, a planta ainda pendurada em sua mão. Sherlock encontrou-se na esperança de que o curandeiro não tivesse cobrado dela pela planta que chegou tarde demais.

Wu Fung-Yi estava em pé de um lado, olhando para casa. Sherlock e Cameron andaram até ele.

“Sinto muito”, disse Cameron, sem jeito.

“Eu também”, disse Sherlock.

Wu Fung-Yi não disse nada. Ele só olhava para o nada.

“Eu gostaria de poder ver o corpo”, disse Sherlock silenciosamente para Cameron.

“O quê?”

“O corpo de Wu Chung. Eu gostaria de poder vê-lo novamente.”

“Isso é um pouco mórbido, não é?”

Sherlock deu de ombros. “É mesmo? Ele está morto – Tenho certeza de que ele não vai se importar.”

“Talvez sua esposa e seu filho possam.”

Sherlock olhou para eles. “Eu suponho que eles não precisam saber.”

“Por que você quer olhar o corpo?”

“Eu quero verificar a mordida. A única em suas costas.”

Cameron estremeceu. “Nem me lembre.”

“Isso não te leva a pensar que há algo de estranho aqui?”

“Como o quê?”

Sherlock sacudiu a cabeça, tentando visualizar a ferida que tinha visto antes nas costas de Wu Chung. Parte dele sabia que ele estava pensando na morte de Wu Chung como se fosse um quebra-cabeça para que ele não tivesse que lidar com a emoção, mas outra parte dele sabia que não era realmente um quebra-cabeça. “Eu não tenho certeza”, disse ele. “As marcas das presas, se é isso que elas eram, pareciam ser de tamanhos diferentes. Uma delas era maior do que a outra – e parecia despedaçada.”

“Então a cobra tinha uma presa quebrada. O que isso significa?”

“Eu não sei. Mas um velho amigo meu uma vez me disse para olhar para as coisas que estavam fora do lugar. Essas são as coisas que lhe dizem que algo interessante está acontecendo, ele disse.”

“E uma cobra com a presa quebrada é interessante?”

“Isso depende do que quebrou o dente.” Ele olhou para onde o menino e sua mãe estavam abraçados.

“Você acha que se eu pedir ela me deixa entrar?”

Cameron olhou para Tsi Huen, então de volta para Sherlock. “O marido dela morreu. Eu odeio pensar como eu me sentiria se meu pai morresse de repente. Como você se sentiria?”

Inesperadamente, Sherlock encontrou seus pensamentos, de repente empurrados em direção ao seu próprio pai, em algum lugar na Índia. Talvez ele estivesse morto. Talvez ele tivesse sido morto em alguma ação do exército britânico contra os nativos, e a mensagem não tivesse chegado a Inglaterra ainda. Ou talvez tivesse chegado a Inglaterra, e sua mãe, sua irmã e seu irmão já sabiam, mas não conseguiam lhe contar. Ele tentou analisar os sentimentos que brotavam dentro dele, mas não podia. Havia algo lá, uma mistura confusa de emoções, mas ele não poderia separá-los.

“Às vezes”, ele encontrou-se dizendo. “Eu me questiono se meu pai já está morto para mim. Eu acho cada vez mais difícil lembrar de seu rosto ou sua voz, ou sua risada. Eu costumava ter lembranças dele – agora eu acho que eu só tenho lembranças das memórias.

“Isso é terrível”, Cameron sussurrou.

“Isso é?” Sherlock olhou para Wu Fung-Yi. “Talvez o terrível seja se importar demais.” Ele se sacudiu. “Olha eu fiz uma promessa”, disse ele. “Eu disse a Wu Chung que diria ao Capitão da USS Monocacy que ele não faria a viagem. É

melhor eu ir.”

“Acho que eu deveria ir e contar a minha Mãe e meu Pai o que aconteceu aqui. Eu não tenho certeza quanto ao uso da minha presença aqui.”

Sherlock olhou em volta. Ninguém por perto parecia interessado. “Eu acho”, disse ele, “que estar aqui é o suficiente. Olha, eu estarei de volta dentro de uma hora, eu prometo.”

“Tudo bem.”

Sherlock deixou a casa e se dirigiu pelo declive, em direção ao cais. Seu lado doía de tanto correr, e ele teve que se curvar para a frente enquanto caminhava para manter a dor sob controle. Ele não tinha notado antes, mas havia lugares onde a vastidão azul da baía era visível através dos espaços entre as casas. Ele podia até mesmo ver os mastros dos navios pulando acima dos telhados, e como ele estava mais perto da beira do mar, ele via de vez em quando a grande roda do USS Monocacy aparecendo acima de todos.

Foi só quando ele passava pelo portão na muralha que corria ao redor da cidade, passando pelos guardas uniformizados, que de repente ele se perguntou como ele faria para voltar para dentro. Ele deu de ombros afastando o pensamento. Ele enfrentaria esse problema mais tarde se necessário.

Ele fez seu caminho ao longo do cais em direção a comprida estrutura do navio americano. Há ainda muitos marinheiros e chineses locais ao redor. Ele manteve-se atento para a gangue de jovens que tentaram roubar seu dinheiro no dia anterior, mas havia muitas pessoas com aquela exata idade ao redor, e ele não reconheceu nenhum deles. Mais importante., talvez, nenhum deles o reconheceu.

Diversas pontes levavam do cais ao convés do Monocacy. Cada um era guardado por um par de marinheiros americanos armados com uniformes azul escuros. Os marinheiros mantinham uma vigilância cautelosa sobre as pessoas que passavam por eles.

Sherlock notou que muitos dos habitantes chineses lançavam olhares desagradáveis para o navio, e os marinheiros. De vez em quando alguém gritava um insulto para os americanos. Sherlock entendia as palavras – o seu cantonês ficava melhor e melhor quanto mais ele ouvia – e ele decidiu que era uma coisa boa que os marinheiros não entendiam. Alguns dos nomes de estavam sendo chamados eram bem desagradáveis, e os marinheiros estavam armados, além de tudo. Insultos, temperamentos e armas não se dão muito bem juntos.

Quando chegou perto da ponte, Sherlock viu com preocupação que um pequeno grupo de moradores se reunira a poucos metros de distância. Um deles inclinou-se e pegou um repolho podre. Ele o arremessou através do ar. Ele pegou um americano uniformizado na lateral de sua cabeça, explodindo em fragmentos de vegetal fedorento e um spray de água. O marinheiro tropeçou, em seguida, virou-se e levantou a arma para a multidão. Seu rosto contorcido em raiva e

desgosto. Seu companheiro pegou seu braço e o puxou para baixo. Os dois argumentaram por um momento, enquanto a multidão zombava.

Outro vegetal saiu voando de entre a multidão e bateu no chão entre os dois guardas. Eles olharam para Sherlock como se não tivessem certeza se recuavam até a ponte, tomavam alguma ação ou fingiam que nada estava acontecendo.

A crescente tensão foi quebrada quando alguém começou a andar pela ponte em direção ao cais. Era o homem que Sherlock tinha visto na noite anterior no jantar dos Mackenzie – Capitão Bryan. Era uma visão impressionante, em seu uniforme completo e sobrecasaca, ele era seguido por dois oficiais subalternos e um homem chinês em vestes ornamentadas – um tradutor, possivelmente. Sherlock pensou ter reconhecido os oficiais subalternos do jantar também.

Mesmo a essa distância, Sherlock podia ver que os olhos azuis brilhantes de Bryan foram levantando-se sobre tudo o que estava acontecendo a sua frente. Ele chegou ao final da ponte e os dois marinheiros romperam sua atenção. Sem parar, ele caminhou a frente da multidão.

“O que significa isso?” Ele explodiu em inglês. O tradutor apressadamente traduziu.

Os vários membros da multidão se entreolharam. Ninguém parecia disposto a falar por eles.

“Somos visitantes aqui”, continuou o Capitão Bryan. “Nós somos, como o fui levado a acreditar pelo seu Governador, convidados de honra.” Ele fez uma pausa, enquanto o tradutor terminava. “A palavra da hospitalidade do Império Chinês se espalhou. Eu estou desapontado ao ver que essas palavras aparentemente eram falsas.” Mais uma vez ele pausou, e Sherlock notou que alguns membros da multidão pareciam estar envergonhados.

“Onde quer que esse navio atracou ao redor do mundo, ele foi recebido com a mão da amizade. Não deixem que este porto seja diferente. Não desonrem seus antepassados e seu imperador com esta zombaria mesquinha.”

Conforme o tradutor corria para transmitir suas palavras na língua nativa da multidão, o Capitão Bryan deixava seu olhar pousar sobre as várias pessoas ali. Nenhuma delas poderia olhá-lo nos olhos. Ele esperou por alguns momentos após o tradutor ter terminado, então virou-se abruptamente e caminhou de volta para a ponte, aparentemente ignorando a possibilidade de que alguém pudesse arremessar outro repolho em suas costas. Seus oficiais subalternos esperaram alguns segundos, em seguida, viraram-se e seguiram-no. O tradutor olhava nervosamente para a multidão. Quando ele percebeu que estava sozinho, ele rapidamente correu para se juntar a eles.

Sherlock ficou impressionado ao ver a multidão começar a se dispersar. Os moradores pareciam como se o vento tivesse começado a atingir as suas velas

Sherlock repentinamente percebeu que perderia sua chance se não agisse rapidamente. Ele disparou a toda em direção ao Capitão Bryan.

Ouvindo seus passos, os dois oficiais subalternos viraram-se para encará-lo. Ao pé da ponte os dois marinheiros aramados giraram seus fuzis em direção a Sherlock, temendo que ele fosse mais uma ameaça local. Ele diminuiu a uma rápida caminhada e ergueu as mãos para o ar.

“Eu sou britânico”, disse ele. “Meu nome é Sherlock Holmes. Eu tenho uma mensagem para o Capitão.”

“Você estava no jantar dos Mackenzie na noite passada”, disse o Capitão Bryan, virando-se. “Eu lembro de você. Nós nunca tivemos uma chance de conversar.”

“O senhor estava muito ocupado e eu sou de pouca importância para incomodá-lo”, disse Sherlock. “Mas obrigado por fingir que poderia querer falar comigo.”

Bryan sorriu. “Você é refrescantemente honesto, filho. Nenhum de meus oficiais se atreveria a dizer qualquer coisa que soasse como estivessem discordando de mim, e esse país parece apressar-se a dizer uma coisa na sua frente e outra às suas costas. Agora, você diz ter uma mensagem?”

“Sim, senhor.” Sherlock respirou. “O senhor recentemente tomou um assistente de cozinheiro. Lamento dizer-lhe que ele morreu hoje. Praticamente suas últimas palavras para mim foram que ele queria que o senhor soubesse, para que não pensassem que ele tinha esquecido, ou tivesse uma oferta melhor.”

Capitão Bryan fez uma careta. Um de seus oficiais subalternos inclinou-se para frente e sussurrou em seu ouvido. Ele balançou a cabeça e voltou-se para Sherlock

“Nós arremeteremos em subir o rio Yangtze, dentro de uma hora”, disse ele. “É tarde demais para adquirir outro assistente de cozinheiro. Vamos ter que administrar sem um, eu suponho, o que é irritante, uma vez acabamos de substituir nosso principal cozinheiro por um homem local. Mas aprecio o esforço que fez a fim de transmitir esta mensagem.”

Ele balançou a cabeça e voltou-se para a estrutura do USS Monocacy. Depois de um momento ele olhou para Sherlock

“Você conhecia este homem?”

“Conhecia.”

“Era um bom homem?”

Sherlock assentiu. “Eu estava com ele no Glória Scott.”

“Então, minhas condolências. Bons homens são difíceis de encontrar. Bons cozinheiros ainda mais difíceis. Como ele morreu?”

“Foi mordido por uma cobra.”

O Capitão Bryan meneou a cabeça tristemente. “Pícada de cobra, hein? Deve haver um monte de mendigos ao redor. Nosso próprio Cozinheiro Chefe foi mordido por uma cobra e morreu, há poucos dias. Você não encontraria cascavéis no meio de uma cidade americana, eu garanto.”

Assim que o Capitão reembarcou no navio, um apito soou em algum lugar no convés. Os pares de marinheiros armados na parte inferior de cada ponte romperam sua atenção, e correram rapidamente a bordo. Enquanto Sherlock observava, as pontes eram puxadas até o convés por mãos invisíveis. Dentro de alguns momentos apenas cordas individuais ligavam o navio a terra. Aquele era agora um mundo a parte. Um mundo americano.

Sherlock esperou por um tempo, mas o navio não se mexeu. Presumivelmente eles estavam armazenando vapor, ou verificando suas cartas, ou se preparando de outra forma.

Eventualmente, ele virou-se e partiu à muralha da cidade.

Ao se aproximar do portão, e ver os guardas em seus uniformes amarelos e vermelhos e seus elmos de metal feito baldes, ele lembrou-se de repente, de seu temor anterior de conseguir retornar a cidade. O que ele faria?

Ele olhou para suas roupas. Felizmente, ele havia selecionado coisas no armário de Cameron que o faziam parecer, pelo menos razoavelmente, um chinês. Seu rosto era outra história. Um olhar para seus olhos e sua pele seria suficiente para denunciá-lo.

Sua mente corria. Ele tinha de fazer algo para se disfarçar.

Olhando ao redor, ele viu um mendigo idoso ao lado da via. Ele usava um chapéu de palha largo para proteger o rosto do sol, e olhava para cada pessoa que passava com uma expressão de súplica no rosto e com a mão estendida. Sherlock atravessou a rua até ele. Seus olhos brilharam quando ele viu a abordagem de Sherlock.

“Uma moeda de cobre, jovem mestre?” Perguntou ele. “Uma moeda de cobre que eu possa usar para uma xícara de chá e um prato de macarrão?”

“Duas moedas de cobre”, disse Sherlock, “pelo seu chapéu.”

O mendigo olhou para Sherlock “Três”, disse ele.

“Isso dá um monte de chá e macarrão.”

O homem sorriu, revelando uma boca com mais dentes do que teria um mendigo propriamente dito. “Eu tenho um grande apetite”, disse ele, acariciando o estômago.

Sherlock meteu a mão em seus bolsos e pegou três moedas de cobre, junto com um estranho pedaço de metal que ele não pode identificar imediatamente. Ele jogou as moedas para o mendigo. “Aqui – tente não comer tudo de uma vez. Ou vai ter uma indigestão.”

“Possivelmente seria uma boa coisa”, resmungou o mendigo. Ele tirou o chapéu da cabeça e atirou-o para Sherlock “Tome conta dele.”

Sherlock parou por um momento, olhando para o objeto de metal em sua mão. Era a coisa que ele tinha pego no deck do navio do lado de fora da cabine do Sr. Arrhenius. Ele ainda não sabia o que era. Por alguns segundos, ele pensou em jogá-la fora, mas ele detestava um mistério, mesmo um tão pequeno. Ele iria

mantê-lo até que ele soubesse o que era.

Sherlock arrumou o chapéu na cabeça e inclinou-se para frente para esconder seu rosto. Olhando em volta, ele viu uma vara de bambu abandonada na beira da estrada. Perto dele havia dois baldes quebrados. Ele os pegou, espanou a sujeira deles e pendurou-os nas extremidades da vara de bambu, então equilibrou a vara cuidadosamente em seu ombro direito, de modo que um balde ficou pendurado na frente e outro pendurado atrás. Então, com um profundo suspiro, ele partiu para o portão.

Ele conseguiu entrar por detrás de um grupo de trabalhadores voltando de algum lugar da área do cais. Eles estavam resmungando, e empurrando uns aos outros, e ele percebeu que se ficasse na parte de trás e curvasse as costas para disfarçar sua altura, em seguida, ele estaria bastante bloqueado da visão dos guardas.

“Ei, você!” Um dos guardas chamou. “Você com os baldes!”

Sherlock manteve a cabeça baixa. Se ele mostrasse o seu rosto, em seguida, eles saberiam que ele não era oriental. Se ele sequer abrisse a boca para falar eles saberiam pelo seu forte sotaque.

Um dos guardas entrou pela via na frente do grupo de trabalhadores

Sherlock tentou desesperadamente pensar em alguma história convincente que explicaria por que ele estava tentando esgueirar-se para a cidade disfarçado como um trabalhador chinês. Ele olhou para cima, pronto pra dizer alguma coisa, mas o guarda estava levando uma mulher chinesa para a frente do grupo. Ela tinha dois baldes equilibrados em uma vara por cima do ombro também. Eles estavam cheios de algo que parecia leite. Talvez fosse leite – Sherlock não saberia dizer.

“Nós estamos com sede”, disse um dos guardas. “Dê-nos algo ou não a deixaremos ir!”

Sherlock deu um suspiro de alívio. Embora ele sentisse pena da mulher, ele estava feliz que os guardas o ignoraram. Ele passou por eles, a cabeça inclinada, enquanto eles bebiam ruidosamente dos baldes dela.

Uma vez dentro da cidade, ele deu um suspiro de alívio. Estranho, pensou, como ainda ontem o Glória Scott era sua casa e Xangai era um território desconhecido, mas agora em Xangai ele se sentia em casa. As multidões, os cheiros, mesmo as casas... talvez eles simplesmente tenham sido imersos nele ao longo do dia, mas sentia tudo familiar.

E Farnham? Era como um outro mundo agora. Como um sonho.

Ele seguiu em frente rapidamente. Ele não tinha certeza do que o esperava na... na casa de Tsi Huen... mas ele sentia a obrigação de voltar lá. Cameron estava esperando por ele, para começar, mas ele tinha gostado do filho Wu Chung nas poucas horas que passou na companhia do garoto. Ele tinha uma silenciosa dignidade sobre ele, e Sherlock queria ter certeza que ia dar tudo certo.

Um rosto ocidental passou por ele, dirigindo-se em seu mesmo caminho, e Sherlock teve que olhar duas vezes antes que ele reconhecesse o pai de Cameron – Malcom Mackenzie. A razão pela qual fora tão difícil de reconhecê-lo, era que seu rosto estava torcido em o que Sherlock pensou de primeira que fosse uma careta, mas depois reconheceu que era uma carranca de preocupação e inquietação.

Sherlock estava prestes a encarar como um encontro casual e continuar em seu próprio caminho, quando percebeu que Malcom Mackenzie estava sendo seguido. Algo estava deslizando por entre a multidão atrás dele.

Capítulo 9

Fosse o que fosse que estava seguindo Malcom Mackenzie, Sherlock não conseguiu distinguir sua forma. Ele só tinha ideia do seu tamanho, que era próximo a de um cão de grande porte. Essencialmente ele via seu movimento, algo como um borão passando em frente de muros e vegetações. Ele mudou de posição ao redor, tentando ter uma visão melhor, mas era impossível. O que estava seguindo o pai de Cameron parecia estar sempre atrás de alguma pessoa ou uma árvore ou um carrinho. Ele tinha uma habilidade incrível para ficar escondido.

Sherlock suspeitava que era a mesma coisa que ele tinha vislumbrado no jardim da casa Mackenzie na noite anterior. Talvez não fosse um assaltante, mas estava observando Malcom Mackenzie, por algum motivo, observando-o de longe. Ou talvez fosse um assaltante e ainda estava mirando ele como uma vítima.

Sherlock encontrou-se dividido. Por um lado, ele queria voltar até Cameron, e Wu Fung-Yi e sua mãe, mas por outro lado ele queria saber o que era essa coisa e por que estava seguindo Malcom Mackenzie. A última ganhou. Em vez de ir em frente, ele desviou para o lado, mantendo o pai de Cameron à vista. Ele sabia que se mantivesse os olhos em Malcom Mackenzie, em seguida, todos os três acabariam no mesmo lugar. Onde quer que fosse. Estranhamente, ninguém tomou conhecimento desta coisa misteriosa que estava deslizando por entre eles. Algumas pessoas se viravam, confusas por um momento, quando passava, mas quando não viam nada lá eles coçavam a cabeça e voltavam para o que estava fazendo.

Felizmente, Sherlock foi capaz de continuar a seguir o Sr. Mackenzie sem ser visto. Em parte, porque o perseguidor estava concentrado em sua presa, enquanto Malcom Mackenzie olhava tristemente para frente, a mandíbula fortemente cerrada, e em parte foi porque Sherlock estava eficazmente disfarçado. Ele pensou em se livrar da vara de bambu e dos baldes, para ficar mais fácil de andar por entre a multidão, mas decidiu retê-los por hora. Ele sempre pode jogá-los fora depois, se precisar.

Mackenzie estava indo para cima. Quanto mais próximo do topo, maiores, mais ornamentados e coloridos os edifícios ficavam. Eles ficavam mais espaçados também, de modo que cada edifício tinha uma quantidade de área livre ao redor. Isso tornou as coisas mais difíceis para o perseguidor, sendo que tinha cada vez menos áreas de sombra para escondê-lo. Duas vezes Sherlock viu correr por uma área de terreno aberto, mas frustrantemente ele ainda não conseguia distinguir o que era – apenas que parecia correr sobre duas pernas e agachando-se no chão.

Eventualmente, havia apenas um edifício à frente – um grande, uma extensa construção no topo da colina, com paredes tão brancas que deslumbravam o

olhar. Seu telhado era feito de azulejos amarelos e era cercado por cerejeiras. Guardas vestido de maneira semelhante aos que estavam fora do portão da cidade, estavam ao lado das várias portas, e nos cantos do edifício. Sherlock presumiu que era a residência de alguém importante – talvez o prefeito que o Capitão Bryan tinha mencionado.

A multidão havia se diluído também, de modo que as únicas pessoas em volta eram as que iam para o edifício – a residência, Sherlock decidiu pensar que fosse – e vinham dele.

Do alto da colina toda a Xangai se estendia abaixo de Sherlock. Ele podia ver as ruas sinuosas e as avenidas largas que as cruzavam. Ele podia ver as casas quadradas com seus jardins escondidos formando manchas verdes em seu centro. Ele podia ver as muralhas da cidade, mantendo tudo dentro em um abraço apertado. Além das paredes ele podia ver as águas azuis dos mares ao sul da China cintilando ao sol. Vários navios estavam alinhados ao longo do cais – incluindo o Glória Scott, que ele reconheceu a partir dos mastros e cordame que se tornaram tão familiares a ele ao longo dos meses. Ele também podia ver a longa estrutura cinzenta do USS Monocacy. Suas rodas movidas a vapor estavam girando, e vapor branco estava saindo de suas chaminés. Ele estava se preparando para deixar o cais e seguir para o rio Yangtze.

Voltando sua atenção para os edifícios, Sherlock viu o Sr. Mackenzie indo diretamente para a entrada principal da residência, mas o que o seguia parecia ter desaparecido. A entrada era um portão duplo formidável feito de madeira grossa e cravejado com parafusos de metal. Tinha quatro guardas de pé em cada lado. Um oficial chinês estava em frente aos portões. Ele usava um manto longo bordado com mangas grandes e um pequeno chapéu sem aba preto na cabeça. As pessoas iam até ele falar por um momento, e ele as deixava entrar pelas portas ou as mandava embora. A maioria das pessoas foram mandadas embora, com apenas alguns gatos pingados que entravam. Sherlock notou que esses poucos que entravam tinham em mãos uma bolsa de moedas para o guardião do portão. As transações eram rápidas e bem escondidas pelas longas mangas do funcionário. Suborno? Talvez.

Além dos habitantes que chegavam e partiam, algumas pessoas tinham bancas de onde vendiam bebidas, lanches e chapéus para se proteger do sol. Sherlock passou pelo oficial em frente a entrada principal e encontrou um espaço perto o suficiente para ouvir o que estava sendo dito, sem ser observado. Ele agachou-se e manteve o chapéu baixo sobre o rosto, esperando que qualquer um que o notasse o tomasse por um mendigo.

Malcom Mackenzie foi o terceiro a partir da frente da fila. Ele continuou se contorcendo e se movimentando como se houvesse algo o incomodando.

Sherlock olhou ao redor, tão discretamente quanto possível. Ele estava procurando pelo misterioso perseguidor. Certamente ele não poderia desaparecer?

Eventualmente, ele viu – ou, pelo menos, ele viu algo que pensou que fosse – em uma cerejeira com vista para a residência. Oculto pelas folhas e flores, mas Sherlock podia ver o galho cedendo sob seu peso, e enquanto havia pássaros em todas as outras árvores, esta estava isenta de vida selvagem. Eles obviamente foram afugentados.

“Meu nome é Malcom Mackenzie”, disse o pai de Cameron em cantonês quando ele finalmente alcançou o oficial. “Eu preciso falar com o prefeito Chen urgentemente.”

“Você agendou uma audiência?” O oficial perguntou calmamente.

“Não. Como eu disse – isto é urgente.”

“Ah”. O oficial tirou as mãos de suas mangas e gesticulou com um encolher de ombros. “Todo negócio é urgente para os que o carregam, mas o que é urgente para um homem pode ser trivial para outro.”

“Eu lhe garanto, esta é uma situação de emergência”, falou Mackenzie com uma frustração óbvia.

“Ninguém nunca vem ao Prefeito, dizendo: ‘eu tenho um pequeno problema que não tem importância real e pode esperar’”, o oficial apontou imperturbável.

Mackenzie parecia preparado para jurar, mas ao invés disso ele enfiou a mão no bolso e tirou com um punhado de moedas. “Isso fará meu negócio mais urgente?” Ele esbravejou, empurrando as moedas debaixo do nariz do oficial.

O funcionário olhou triste. “Infelizmente”, disse ele, “não fará.” Sherlock suspeitava que foi a agressividade com que o suborno foi oferecido, e não o tamanho, que foi o problema. Ou talvez só o povo chinês possa subornar um funcionário chinês.

“Posso saber quando uma audiência pode ser feita?” Mackenzie perguntou com os dentes cerrados.

“Para isso, você tem que falar com o secretário dos compromissos do prefeito.” O oficial inclinou a cabeça. “Ele está no Portão das Bênçãos Celestiais, que fica do outro lado da residência.”

“As mãos de Mackenzie ficavam abrindo e fechando. “Eu poderia então deixar uma mensagem para o Prefeito?”

“Você pode deixar uma mensagem, e eu posso garantir que será passado para o secretário de correspondência do Prefeito. Se ele decidir que é importante o suficiente, então ele irá transmiti-lo.”

“Você”, disse Mackenzie, “têm um pincel, tinta e papel?”

“Há, sem dúvida, alguém por aqui vendendo esses itens”, falou o oficial polidamente. “E por um valor adicional ele será certamente capaz de formular a mensagem de uma forma que agarrará o ouvido do Prefeito.”

Mackenzie assentiu. “Obrigado”, ele retrucou, embora estivesse claro que ele gostaria de ter dito mais alguma coisa.

Sherlock observava enquanto Mackenzie virava-se e procurava por alguém

que pudesse escrever uma mensagem para ele, ou fornecesse os meios com os quais ele poderia escrever sua própria mensagem. Uma tenda perto do canto da Residência parecia ter o que ele queria. Ele dirigiu-se para ela. Infelizmente, poucas pessoas estavam nessa extremidade da parede, e Sherlock suspeitava que se tentasse segui-lo ele seria visto pelo pai de Cameron, com disfarce ou sem disfarce.

Sherlock virou a cabeça para olhar para a cerejeira. O galho que estava curvado antes, estava agora em sua posição natural, e havia aves empoleiradas nos galhos mais altos. O misterioso perseguidor havia se movido na árvore, ou a abandonara de vez.

Quando Sherlock voltou sua atenção para a banca do escritor de cartas, o vendedor estava enrolando um papel de cima da mesa e selando-o com uma gora de cera vermelha. Entregou-o a Mackenzie com um floreio. O pai de Cameron o arrebata de sua mão e praticamente correu para o funcionário na frente dos portões principais, ignorando a fila de moradores chineses que já estavam lá. Ele tentou entregar a carta ao homem diretamente, mas o funcionário negou com a cabeça, com uma expressão triste no rosto.

“Por favor – volte para o fim da fila”, disse ele. “A tomarei de você no momento correto.”

“Isto é realmente urgente!” Mackenzie protestou.

“O que é urgente hoje, é de interesse passageiro amanhã”, disse o funcionário, como se estivesse citando alguma coisa. “Nuvens passam em frente ao sol e então elas se vão.”

Mackenzie olhou para ele por um longo momento, então relutantemente foi para o fim da fila, que por esta altura consistia em cerca de dez pessoas. Impaciente, ele esperou que eles fossem atendidas uma a uma, batendo a mensagem contra a sua perna. Eventualmente, ele estava frente a frente com o funcionário novamente.

“Pois não”, perguntou o oficial.

Mackenzie olhou para ele, incrédulo. “Eu preciso que o Prefeito veja isso”, disse ele. “Existe qualquer maneira de que ele a obtenha?”

O funcionário pegou o pergaminho. “Vou passá-la ao secretário de correspondência do Prefeito. Depois disso, o assunto ficará nas mãos dos deuses.” Deslizou o rolo para uma de suas volumosas mangas, ele bateu palma duas vezes. Um funcionário jovem, igualmente em um manto, atravessou os portais de dentro da residência. O funcionário passou para ele o pergaminho com uma enxurrada de instruções em uma linguagem que Sherlock não reconheceu. Era esse o idioma mandarim que ele tinha ouvido falar – a linguagem reservada aos funcionários e os governantes Manchu? O jovem partiu – desaparecendo no interior da residência novamente.

“Está feito”, disse o oficial a Malcom Mackenzie, curvando-se. “Que bençãos

caíam sobre você como flores de cerejeira.”

“E que a sua honra e riqueza aumente de forma constante, como um filete de água que se torna um fluxo e, em seguida, um rio”, respondeu Mackenzie. Era com certeza uma saudação ensaiada, algo que era esperado em conversas com a classe alta chinesa. Ele olhou para o oficial por um longo momento, obviamente, na dúvida se devia ou não acrescentar alguma coisa, mas, eventualmente, ele se virou e foi embora, mãos cerradas em seus lados. Passar a mensagem não tinha, obviamente, aliviado suas preocupações.

Sherlock deu-lhe alguns minutos de dianteira, e então recolheu seus baldes e sua vara de bambu e dirigiu-se colina a baixo. Tendo o misterioso perseguidor ido embora, ou se ocultado, não havia nenhum sentido em permanecer por ali, e o pai de Cameron, era quase certo, voltaria para casa, desapontado, então não haveria nenhum ponto em segui-lo.

Seu senso de direção sempre foi muito bom, e ele rapidamente encontrou o caminho de volta para a rua transversal que ele sabia que o levaria de volta para a casa da família Wu na East Renmin Street.

Dentro de dez minutos ele estava do lado de fora da casa. A rua estava vazia com exceção de um punhado de transeuntes. Deixando sua vara de bambu e baldes na beira da via, Sherlock cautelosamente caminhou até a porta e bateu no batente da porta.

Cameron surgiu na entrada. Ele parecia cansado, exaurido.

“O que está acontecendo?” Sherlock perguntou a ele.

Em vez de responder, Cameron saiu da casa e juntou-se a Sherlock “Alguns amigos e parentes vieram das redondezas”, disse ele. “Eles estão falando tão rápido que eu quase não consigo acompanhar. Um sacerdote taoista está aqui, e o corpo está sendo preparado para o enterro.”

Sherlock assentiu. “Como estão Tsi Huen e Wu Fung-Yi?”

“Qual é aquela frase? ‘Assim como se espera’”. Ele encolheu os ombros. “Isto é dos trópicos. Pessoas morrem o tempo todo aqui. É... esperado. Ou pelo menos, não é incomum.”

“Isto é”, Sherlock murmurou.

“O que você quer dizer?”

“Eu só não acredito que uma cobra poderia ter feito seu caminho até o quarto de Wu Chung e saído novamente sem auxílio e sem ser vista. A distância era muito longa, e não havia janelas, e Wu Fung-Yi tinha certeza que ele tinha impedido todos os buracos nas paredes e no chão.”

“O que você está sugerindo?” O rosto de Cameron a imagem da curiosidade.

A voz de Sherlock estava sombria. “Estou sugerindo que a cobra foi introduzida ali deliberadamente. Acho que Wu Chung foi assassinado!”

“Mas por quê?” Perguntou Cameron, obviamente atordoado.

Sherlock deu de ombros. “Talvez tenha sido algo a ver com o fato de ele ter

acabado de voltar. Talvez houvesse alguém aqui que o odiava o suficiente para matá-lo.” Ele fez uma pausa, correndo entre todas as possibilidades. “Ou talvez tenham se ressentido do fato que ele começou a trabalhar com os norte-americanos e quiseram puni-lo. Há, obviamente, um grande descontentamento local.”

“Não me leve a mal, mas ele era um cozinheiro. Um cozinheiro assistente.”

“Ela era um cozinheiro, sim, mas trabalhando para um navio militar norte-americano”, disse Sherlock. As palavras de repente desencadearam sua memória. “O Capitão Bryan me disse que o cozinheiro chefe do Monocacy tinha morrido depois de ser mordido por uma cobra. Isso não pode ser coincidência, não é?”

“É uma teoria interessante”, disse Cameron, inclinando a cabeça para um lado e olhando para Sherlock. “Mas não há nenhuma evidência. Tudo que você tem é uma história que se encaixa nos fatos, mas eu poderia jogar em cima outra história tão plausível quanto.”

“Tipo o quê?”

“Dê-me um minuto e eu vou pensar em uma.”

Sherlock hesitou por um momento, se perguntando se diria as próximas palavras ou não. “Olha Cameron – Eu vi seu pai agora a pouco, quando voltava do cais. Ele se dirigia a residência do prefeito, e estava com pressa. Ele queria uma audiência. Ele não entrou, então ele escreveu uma mensagem e deixou com um funcionário para levá-la para ele. Ele ressaltou que era urgente. Cameron – acho que ele sabe o que está acontecendo. Aquela coisa do jardim ontem à noite – estava seguindo ele!”

“Você seguiu meu pai”, disse Cameron em voz baixa. Seu tom era calmo e firme. Sherlock não poderia dizer se ele estava com raiva, surpreso ou intrigado. Ou, talvez, fosse uma mistura de todos os três.

“Sim”, respondeu Sherlock. “Segui. E você faria a mesma coisa se o tivesse visto.”

Cameron olhou para Sherlock por um longo momento. “De fato, você tem razão”, disse ele finalmente. “Eu provavelmente o teria feito.” Ele suspirou e desviou o olhar. “Ele tem agido estranhamente recentemente, irritável, argumentativo e facilmente distraído. Você viu como ele estava no café da manhã. Até mesmo Mamãe está preocupada com ele. Acho que tem alguma coisa errada.” Sua boca torceu de repente, e Sherlock percebeu com surpresa o quanto Cameron estava preocupado com seu pai, e o quão difícil estava sendo para ele tentar esconder isso.

“Eu realmente acho que ele sabe o que está acontecendo”, Sherlock repetiu. “Ou, pelo menos, ele tem alguma ideia.” Ele sentiu seu pulso batendo com a excitação de colocar os fatos em conjunto para formar um muro de tijolos com as evidências que começavam a ser levantadas por ele. “Você viu, no jardim

ontem à noite, o Sr. Arrhenius deu a seu pai um pacote? Eu acho que sei o que era. Eu vi um conjunto de diagramas em sua cabine, no Glória Scott. Eles pareciam teias de aranha. Acho que é isso o que o Sr. Arrhenius entregou a seu pai.” Ele lembrou-se de repente do ataque dos piratas. “E acho que existem pessoas que querem se apossar destes diagramas. Piratas atacaram o Glória Scott e um deles se infiltrou na cabine do Sr. Arrhenius, à procura de alguma coisa. Então havia aquela coisa no jardim ontem à noite – possivelmente ele procurava os diagramas também.”

Os olhos de Cameron piscaram com interesse. “O que era? Você o viu?”

“Ele se movia muito rapidamente”, disse Sherlock. “E permanecia escondido nas sombras. Eu não consegui ter uma linha clara de visão.”

“Então o que faremos?” Cameron suspirou. “Suspeitamos que há algum tipo de conspiração em andamento envolvendo o USS Monocacy mas não sabemos o que é. Suspeitamos que meu pai está envolvido, mas não sabemos como. Suspeitamos que esses diagramas de aranha são importantes, mas não sabemos porquê. É um resumo justo?”

“Muito justo.” Sherlock coçou a cabeça. “Acho que de qualquer modo podemos perguntar ao seu pai o que está acontecendo. Ele pode nos dizer.”

“Possível, mas não provável. Pode ser melhor tentar encontrar os diagramas de aranha que você falou. Elas podem nos dizer muito mais.”

“Tudo bem”, disse Sherlock. “Vamos fazer assim.”

Os dois garotos olharam um para o outro por um momento, um esperando o outro dar o primeiro passo. Eventualmente, Cameron quebrou o impasse.

“Vamos então”, ele disse bruscamente. “Vamos terminar com isso.”

À medida que se afastavam, Sherlock se perguntou se ele voltaria a ver Wu Fung-Yi e sua mãe novamente. Será que ele lembraria até mesmo de seus rostos em um ano ou dois, o apenas os seus nomes? Parecia um desperdício, ter fragmentos de memórias, como que flutuando dentro de sua cabeça, desconectado de qualquer coisa real ou importante. Ele desejou que pudesse se lembrar perfeitamente de tudo o que já tinha visto, lido ou ouvido, ou que tivesse a capacidade de apagar as memórias que ele não precisasse mais. Como era, ele ainda lembrava dos apelidos e rostos dos meninos que haviam estudado com ele na Deepdene School, e provavelmente ele nunca precisaria dessas memórias novamente.

Os dois fizeram seu caminho de volta para a casa da família Mackenzie pelas agora familiares ruas de Xangai. Era o meio da tarde, e o sol brilhava em um céu de azul esmaltado. Cameron parou abruptamente em certo ponto em que passava uma barraca vendendo macarrão. Ele jogou algumas moedas para o vendedor e saiu com duas cestas de bambu com macarrão misturado com pedaços de carne e coberto com molho. “Aqui”, ele disse, entregando uma delas. “Coma isso. Passou um bom tempo desde o café da manhã.”

“Eu suponho que tenha”, disse Sherlock, de repente, percebendo que estava faminto. Ele pegou a cesta de bambu que veio com dois palitos de madeira, e ele usou os palitos para levar o macarrão à sua boca, enquanto caminhavam. O molho era doce e picante, e a coisa toda tinha um sabor maravilhoso. Por que a comida na Inglaterra é tão suave? Ele se perguntou.

No momento em que eles chegaram a casa de Cameron eles terminaram o macarrão. Cameron jogou as cestas fora. “Mamãe não gosta que eu coma na rua”, disse ele em tom de desculpa. “Ela acha que vou pegar alguma doença terrível.”

“Talvez você esteja se protegendo de doenças, por comer a comida local e brincar com as crianças locais”, sugeriu Sherlock. “Talvez as pessoas que ficam dentro de casa o tempo todo e se isolam de tudo são os que pegam a primeira doença que encontram, em vez de evitá-la.”

Cameron olhou para ele. “Você sabe que pensa muito, não é?”

Quando eles entraram, não havia ninguém por perto. A porta do escritório do Sr. Mackenzie estava fechada – possivelmente ele estava lá dentro, fazendo o importante trabalho que ele tinha vindo a comentar no café da manhã. Será que envolviam os diagramas de aranha? Sherlock se perguntou. A Sra. Mackenzie não se encontrava em nenhum lugar óbvio da casa, mas Cameron disse que muitas vezes ela ia e se deitava por um tempo.

Nenhum dos meninos queria abrir a porta do escritório de Malcom Mackenzie para que eles pudessem tentar encontrar os diagramas de aranha. Em vez disso, deslocaram-se para o quarto de Cameron. Enquanto Cameron atirou-se para sua cama e ali ficou, um braço sobre os olhos, Sherlock encontrou um caderno de notas e esboçou nele o que ele conseguia se lembrar da picada de cobra nas costas de Wu Chung.

Havia algo sobre a picada de cobra que ainda o incomodava. O melhor que pôde, ele desenhou as duas marcas de presas diferentes – o que parecia ser uma marca de mordida normal e aquele maltrapilho que parecia como se tivesse sido feito por uma presa quebrada. Ele também tentou obter o espaçamento correto entre as marcas. Ele não sabia por que era importante que ele mantivesse um registro, mas ele queria ter certeza de que o teria em mãos, caso precisasse.

Assim que ele obteve o esboço do jeito que ele queria, registrando com precisão a ferida que tinha visto nas costas de Wu Chung, de repente, ele ouviu um gongo sendo tocado em algum lugar lá fora.

“Esse é o sinal para o chá da tarde”, disse Cameron, tirando o braço do rosto. “Eu acho que perdemos nossa chance de ir pesquisar o estudo do Papai.”

“Falar isso é uma fanfarrice”, disse Sherlock. “Acho que nenhum de nós pensou realmente que íamos fazer isso.”

Rapidamente eles lavaram os rostos e as mãos, e se vestiram com camisas frescas. Cameron liderou o caminho através do jardim de pedras e areia para as

áreas principais da casa.

A Sra. Mackenzie já estava na sala de estar, onde bules de chá de café, e uma série de pequenos bolos, haviam sido postos. Ela sorriu para os meninos. “Vocês tiveram um bom dia?”

Cameron deu de ombros, mas Sherlock sorriu para ela. “Sim, obrigado. Cameron é um grande guia da área.”

Ela estendeu a mão e bagunçou o cabelo de Cameron. Ele se afastou, envergonhado. “Sim, ele é ótimo em muitas coisas”, disse ela orgulhosa. Ela olhou para a porta. “Malcom vai perder todos os bolos se não se apressar. Cameron – seja bonzinho e vá chamar seu pai.”

Cameron pegou um prato e um bolo e, apesar do olhar de desaprovação de sua mãe, saiu da sala de jantar segurando um e comendo o outro. Sherlock atravessou a mesa. “Gostaria que eu lhe enchesse uma xícara de chá?” Perguntou ele.

“Isso seria amável”, disse a Sra. Mackenzie.

Lá fora, do outro lado do corredor, Sherlock ouviu Cameron batendo na porta.

“Papai? O senhor está perdendo os bolos e o chá!”

Houve, obviamente, nenhuma resposta, porque Cameron bateu novamente.

“Papai? O senhor está aí?”

Sherlock tomou conhecimento de a Sra. Mackenzie estava sentada perfeitamente imóvel, ouvindo o que estava acontecendo com uma expressão preocupada no rosto.

“Papai?” Cameron bateu novamente. Momentos depois, Sherlock ouviu o som da porta sendo aberta.

A próxima coisa que ele ouviu foi um grito de pura angústia - “Papai!” – e som de um prato quebrando no chão.

Capítulo 10

Sherlock e a Sra. Mackenzie olharam ambos assustados para a porta, e então olharam um para o outro. O rosto da Sra. Mackenzie demonstrava ansiedade e surpresa. Sherlock sabia que seu próprio rosto devia estar com o mesmo aspecto.

Ele correu para a porta. A Sra. Mackenzie estando apenas alguns momentos após ele, suas mãos já sobre o coração, como se tentasse impedi-lo de explodir para fora de seu peito.

O estudo de Malcom Mackenzie estava caído pelo corredor e em torno dos cantos da sala de estar. Conforme ele se arremessou para contornar a esquina Sherlock viu Cameron em pé na porta. Ele parecia congelado no lugar. Ele estava segurando o batente da porta com tanta força que Sherlock podia ver o branco dos ossos de seus dedos brilhando sobre a pele esticada. Um prato despedaçado e um bolo achatado estava caído no chão aos seus pés.

Servos surgiram em ambas as extremidades dos corredores, rostos chineses e ocidentais todos compartilhando as mesmas expressões chocadas.

Sherlock chegou ao seu amigo derrapando até parar. Ele olhou para o rosto de Cameron por um momento, então seu olhar seguiu o de Cameron para dentro do cômodo. A cena que ele viu ali permaneceria com ele para o resto de sua vida.

O layout em si lembrou-o do escritório de seu irmão Mycroft. Estantes cobriam as paredes, revestidas com volumes revestido em couro de várias cores. Uma moldura ornamentada suportava um grande globo em um canto. A escrivaninha postada no fundo da sala, era uma grande chapa de madeira escura nativa suportada em grossas pernas. Em um lado havia uma poltrona confortavelmente estofada com uma pequena mesa lateral ao lado. Um livro estava aberto, deitado para baixo, sobre a mesa. Estava posto ao lado de um copo com meia dose de algum líquido com âmbar, provavelmente uísque com soda, a julgar pelo leve odor esfumaçado que Sherlock podia detectar no ar.

Atrás da mesa tinha uma cadeira de madeira, e por detrás da cadeira havia uma grande janela que dava para o jardim interior. A janela estava fechada e o vidro intacto – não havia nenhum fluxo de ar soprando sobre as cortinas que pendiam na frente dela.

Na cadeira atrás da mesa Malcom Mackenzie estava sentado. Ambas as suas mãos estavam a sua frente sobre a mesa, como se estivesse agarrando os papéis que estavam espalhados sobre ela. Seu rosto estava contorcido em uma máscara de horror absoluto, os olhos arregalados e a boca aberta. Seu cabelo parecia ter eriçado com o choque.

Ele não se movia. Seus olhos não olhavam para Sherlock, ou Cameron, ou qualquer coisa no escritório. Eles focavam uma área vazia no espaço de um lado da porta. Sherlock deliberadamente seguiu seu olhar, tentando ver o que ele estava olhando, mas não havia nada lá. Absolutamente nada.

O coração de Sherlock parecia ter subido bem alto em seu peito, com o

perigo de bloquear sua garganta e impedi-lo de respirar, mas a próxima coisa que ele viu ameaçou pará-lo completamente.

Os braços de Malcom Mackenzie estavam estendidos sobre a mesa de modo que as mangas de sua camisa e seu casaco estavam puxados até a metade de seus antebraços. Em seu antebraço direito havia uma marca que Sherlock pensou por um momento ser uma tatuagem, mas quando seus olhos pousaram sobre ela, ele percebeu a terrível verdade. Era uma marca de mordida, dois furos na pele com uma mancha de sangue através delas.

“Papai?” Cameron exclamou novamente.

Sherlock passou por ele, justamente quando a Sra. Mackenzie chegou à porta. Ela engasgou, levando a mão à boca. Rompendo sua paralisia, Cameron correu até a mesa. Ele e Sherlock chegaram a Malcom Mackenzie ao mesmo tempo. Sherlock chegou a tocar uma de suas mãos, enquanto Cameron estendeu a mão em direção ao seu rosto. A pele de Mackenzie estava fria, e ele não reagiu ao contato.

Sherlock deslizou o dedo sob o pulso do Sr. Mackenzie e levantou-o para fora da mesa, verificando seu pulso. Não havia nada. Sem sangue fluindo por suas veias, e seu braço estava tão indiferente quanto o galho de uma árvore. Quando Sherlock a soltou, sua mão aterrissou com um baque surdo.

“Eu temo”, disse Sherlock, com a voz embargada, “que ele está morto.”

A Sra. Mackenzie soltou um grito. Alguns momentos depois Sherlock ouviu um segundo baque quando ela desmaiou e caiu no chão.

“Leve-a para um lugar confortável onde possa se deitar”, disse Sherlock virando-se para os servos que tinham começado a aparecer na porta. Ele viu o rosto do mordomo Harris, atrás dos outros. Ele olhava, branco e chocado. “Harris!”, ele chamou. “Cuide bem de sua senhora! Providencie que as criadas a levem para seu quarto!” Quando o mordomo não se moveu, Sherlock estalou os dedos audivelmente. “Depressa! E mande alguém chamar um médico. Não um curandeiro local, mas um médico de verdade – um europeu. Deve haver um, em algum lugar de Xangai!”

“Há um”, Cameron murmurou. “Dr. Forbes. Ele mora cerca de cinco minutos daqui.”

Sherlock olhou para o mordomo, até que o homem de repente pareceu assumir o controle sobre si e começou a emitir ordens para os funcionários. Sherlock deu um tapinha no ombro de Cameron, em seguida, foi até a porta e fechou-a. Ele sabia que Malcom Mackenzie estava além de qualquer necessidade de privacidade agora, mas, mesmo assim, ele sentiu que o homem deveria ser respeitado, sem ter espectadores em cima. Além disso, se a cobra ainda estivesse no quarto, ele não queria dar-lhe a chance de escapar. Ele queria aquela coisa morta.

Quando a porta se fechou, ele se virou para olhar para Cameron. Seu amigo

estava olhando para o rosto contorcido de seu pai. “O que aconteceu, Sherlock? O que aconteceu com ele?”

“Ele foi mordido por uma cobra, pelo que parece”, disse Sherlock. Ele se aproximou e indicou a mordida no antebraço de Malcom Mackenzie. Existe, obviamente, um monte delas por aqui.”

“Mas quais são as chances de duas picadas de cobra acontecer num único dia por onde andamos?” Perguntou Cameron atordoado.

“A questão mais interessante”, Sherlock meditou, olhando mais de perto a mordida, “quais são as chances de a mesma cobra morder duas pessoas diferentes em lugares diferentes, enquanto estamos por perto?”

Cameron fez uma careta. “O que você quer dizer?”

Sherlock indicou a mordida. “Olha – uma das presas é maior do que a outra.” Ele tirou do bolso o esboço que tinha feito anteriormente, baseado em sua memorização da mordida no ombro de Wu Chung. Ele segurou o esboço ao lado da verdadeira mordida. “Eles são exatamente do mesmo tamanho, exatamente a mesma distância, e uma das marcas parece com a de uma presa quebrada.”

Cameron olhou ao redor da sala, o rosto contorcido em uma careta. “Ela ainda pode estar aqui, não é?”

“A janela está fechada. A porta estava fechada quando você chegou aqui?”

“Estava.”

“E alguém teria visto uma cobra saindo nos últimos minutos, havia muitas pessoas ao redor. Ela ainda deve estar aqui.” Os olhos de Sherlock rapidamente catalogaram todos os lugares escuros e escondidos em volta no cômodo – abaixo das mobílias, em cima dos livros, entre as cortinas.

“Vamos ter que procurá-la.”

Cameron abriu uma gaveta da escrivaninha de seu pai. De dentro dela ele tirou um revólver. “Meu pai me ensinou a usar isso”, disse ele em voz baixa.

Sherlock agarrou uma bengala que estava encostada no batente da porta, basicamente era melhor do que nada.

Pelos próximos dez minutos os meninos fizeram o seu caminho cuidadosamente ao redor do cômodo, procurando pela cobra. Sherlock usava a bengala para cutucar e investigar qualquer lugar provável em que ela se esconderia, enquanto Cameron estava em volta pronto para atirar se alguma coisa atacasse. Sherlock tinha uma ideia de como as cobras se moviam rápido. Sua única experiência com répteis foram com os lagartos gigantes que o Duque Balthassar mantinha como seus animais de estimação. Eles eram muito lentos e deliberados em seus movimentos, mas ele suspeitava que as cobras poderiam ser bem mais rápidas. Toda vez que ele olhava um lugar escuro e escondido – uma lacuna entre dois livros, ou uma almofada apoiada em uma cadeira com um espaço atrás dela – ele tinha o cuidado de ficar bem para trás, enquanto ele usava a bengala para cutucar em torno. Seu coração estava disparado e ele podia sentir

o suor escorrendo em seu peito. O pensamento de que, a qualquer momento, uma cobra venenosa podia se arremessar pelo ar em direção ao seu rosto o fez sentir mais medo do que já não sentia a muito tempo.

De vez em quando ele olhava para o Sr. Mackenzie. O homem ficava ali sentado, como se de repente fosse virar e perguntar o que eles estavam fazendo, mas o coração de Sherlock doía quando ele se lembrava, todas as vezes, que Malcom Mackenzie não faria mais nada. Sherlock tinha gostado dele. Mais do que isso, ele o respeitava. E Cameron, obviamente, o amava.

Eventualmente, eles tiveram que aceitar que não havia nenhuma cobra no cômodo. Todos os possíveis esconderijos haviam sido investigados. Sherlock até mesmo percorreu a bengala até o topo das cortinas no caso de a cobra de alguma forma tivesse subido até lá em cima, mas nada veio caindo. Ela já tinha ido.

Cameron estava tremendo com a raiva reprimida, e seu rosto estava branco. Ele obviamente queria se vingar da cobra, e estava se sentindo traído. “Onde ela está?”, ele continuou a perguntar. “Onde ela está?”

“Ela se foi pelo mesmo lugar em que entrou na casa de Wu Chung”, disse Sherlock.

“Você tem certeza de que é a mesma cobra?”

“Oh, eu tenho certeza. Eu só não sei se a estamos caçando ou ela está nos caçando.”

Cameron olhou para ele. “Como uma coisa dessas pode acontecer? Cobras são estúpidas. Elas não podem pensar por si mesmas.”

“De fato”, Sherlock murmurou. “Estranho não é?” Ele olhou com culpa, consciente de que estava ignorando a tragédia da morte de Malcom Mackenzie e concentrando-se mais no problema interessante levantado pela cobra, mas Cameron não pareceu notar.

A porta se abriu de repente e Harris apareceu. Ele introduziu no cômodo um homem pequeno, com uma barba branca pontiaguda e uma juba de cabelos brancos ao redor da cabeça e no resto era careca. “Ah, jovem Cameron”, disse ele, vendo o amigo de Sherlock. “Uma tragédia. Uma tragédia de fato. Seu pai – um homem bom. Assim sempre pensei.” Ele inclinou a cabeça para o lado e olhou Sherlock. “Eu não o conheço. Ou conheço?”

“Sherlock Holmes – Sou amigo de Cameron.”

“Ah, sim. Ótimo.” Ele pareceu notar Malcom Mackenzie pela primeira vez, e cruzou o cômodo até o corpo, verificando-o com cuidado. “Vocês, eu presumo, viram a serpente?” Eu odiaria encontrá-la escondida em uma manga ou algo assim.”

“Não está na sala”, Sherlock confirmou. Na verdade, ele tinha examinado o corpo do pai de Cameron rapidamente, enquanto seu amigo estava distraído. A cobra não havia se escondido em seu colo, em suas roupas ou em qualquer outro lugar ao redor do corpo.

“Como está a Mamãe?” Perguntou Cameron silenciosamente quando o Dr. Forbes tirou um estetoscópio e ouviu o peito do Mackenzie procurando qualquer vestígio de um batimento cardíaco.

“Eu a examinei brevemente”, o médico murmurou. “É uma mulher forte. Precisou de um barbitúrico para ajudá-la a dormir. Está obviamente perturbada.” Ele olhou para Cameron. “E você, jovem. Como está se sentindo?”

“Chocado”, Cameron admitiu. “Confuso. Assustado.”

“Todas reações bastante normais.”

Sherlock indicou o corpo. “Eu presumo que....?”

Forbes meneou a cabeça. “Nenhum traço de vida, eu temo. Olhando para o inchaço e a vermelhidão em torno das feridas, posso dizer que foi uma cobra venenosa. Provavelmente causou um imediato ataque do coração. Pobre homem.”

“Isso não aconteceu com Wu Chung”, Sherlock meditou. Quando ele viu o Dr. Forbes levantar uma sobrancelha, ele acrescentou, “outro homem foi mordido hoje cedo – um homem chinês local. Ele morreu também, mas levou muito mais tempo.”

Forbes fez uma careta. “Poderia ter sido um tipo diferente de serpente. Veneno diferente.”

“Pelo contrário”, disse Sherlock, “nós achamos que não só era o mesmo tipo de cobra, achamos que na verdade era a mesma cobra.”

“Então o veneno deveria trabalhar exatamente da mesma maneira.”

“Isso é um bom ponto”, disse Sherlock “Se for a mesma cobra, então, algo mudou de lá para cá. Eu me pergunto o que é.”

O Dr. Forbes afastou-se da mesa. “Temo que não há nada que eu possa fazer mais, meu jovem”, disse ele. “Seu pai está morto já há algum tempo. Vou preencher o atestado de óbito descrevendo que ele foi mordido por uma cobra venenosa. As autoridades locais terão que ser alertadas, eles podem querer fazer sua própria investigação... Eu posso fazer isso, se desejar.” Ele fez uma careta. “Eu sinto muito. É trágico. Muito trágico. Seu pai era um bom homem. Vou pedir aos servos para levarem o corpo para um quarto, onde ele ficará em paz até que os arranjos para o funeral sejam feitos.”

Forbes saiu da sala. Sherlock e Cameron ficaram em silêncio por alguns momentos.

“Eu deveria fazer alguma coisa”, disse Cameron. “Eu deveria estar organizando o funeral, ou reconfortando Mamãe, ou organizando os servos. Afinal de contas, eu sou o homem da casa agora.” Seu rosto pareceu desabar, e ele parecia menor, uma criança vulnerável. “O que vai acontecer com a gente? Com Papai morto os negócios vão acabar.”

“Talvez você pudesse voltar para a América”, Sherlock sugeriu fracamente. “Tenho certeza que seu pai levantou certa quantidade de dinheiro de seu negócio.

Sua mãe pode querer voltar para casa, perto de sua própria família, se ela tiver alguma. E você sempre quis ver a América.”

Cameron balançou a cabeça lentamente. “Talvez.” Ele se sacudiu. “Eu conferir como está minha mãe, e então vou ter certeza que as autoridades locais saibam o que está acontecendo. Vou mandar uma mensagem para o padre católico local, também. Tenho certeza que ele pode nos aconselhar sobre o que precisamos fazer para o funeral.”

Ele saiu, deixando Sherlock para trás. Momentos depois, Harris e dois servos chineses homens entraram na sala. Os servos carregavam uma maca – um comprimento de tecido com uma vara de bambu correndo em cada lado – e Harris tinha uma folha dobrada em sua mão.

Harris acenou com a cabeça para Sherlock. “Fomos instruídos a...”

“...levar o corpo do Sr. Mackenzie para o quarto”, Sherlock concluiu para o mordomo hesitante. “Está tudo bem. Vocês precisam de uma mão?”

Harris meneou a cabeça. “Acredito que podemos cuidar disso, senhor.” Ele indicou a maca. “Estava enfiado em um armário por anos. Ninguém pôde lembrar porque que estava lá. Mas ainda bem que estava.”

Enquanto Sherlock observava, Harris e os dois servos levantaram delicadamente o corpo de Malcom Mackenzie da cadeira e colocaram na maca. Uma vez que ele fora ajeitado com as mãos no peito, Harris colocou cuidadosamente o pano por cima do corpo, escondendo-o de vista. Harris dirigiu os dois servos cada um em uma extremidade. Eles levantaram a maca com um pouco de esforço, e Harris liderou o caminho para fora.

Sherlock os assistiu irem, sentindo-se estranhamente inútil. Todo mundo parecia estar a fazer alguma coisa, exceto ele.

Ele olhou ao redor da sala, esperando ver alguma coisa que chamasse sua atenção. Ele lembrou da máxima de Amyus Crowe sobre a procura de coisas que se destacavam, coisas que eram incomuns.

Eventualmente Sherlock vagou até a janela, mais por tédio do que por qualquer outro motivo. Ele queria verificar se ela estava realmente fechada, que nada poderia ter conseguido entrar ou sair. Ele passou as mãos em torno das bordas do batente e empurrou o vidro experimentalmente, mas não havia folga nenhuma, não tinha como. A janela estava totalmente selada.

Ele olhou ao redor da sala, deixando seus olhos percorrer rapidamente pelas coisas sem focá-las, na esperança de alguma coisa saltaria para fora até ele. E algo o fez. Ele de repente notou uma mancha no chão perto da porta. Por um segundo ele pensou que fosse um rastro de terra deixado no cômodo por ele, ou Cameron, ou o Dr. Forbes, mas a mancha estava à esquerda do batente da porta, perto da parede. Ele se aproximou e se ajoelhou no chão, dando uma olhada mais atenta. Agora que estava mais perto, podia ver que a mancha tinha a forma de uma pegada. Ele podia ver claramente as impressões dos dedos e a esfera do

pé. Ele teria assumido que era a pegada de uma criança com exceção das marcas no carpete em frente aos dedos do pé. As marcas pareciam ter sido feitas por garras – algo afiado que tinha cravado no tapete e puxado as fibras.

Ele se balançou para trás em seus calcanhares, pensando. Uma criança com garras? Alguma espécie de animal que deixa pegadas, como as de uma criança? Com o que exatamente ele estava lidando aqui?

Ele lembrou-se da coisa que tinha visto – ou quase visto – no jardim e então perseguido o pai de Cameron por Xangai. Teria ele estado no escritório de Malcom Mackenzie? Isso parecia provável, mas o que era, e o que ele queria?

Ele procurou em volta, mas não havia outros sinais que ele pudesse ver em qualquer outro lugar através do carpete. Apenas ali. Não havia nenhuma maneira de traçar as idas e vindas da criatura.

Ele endireitou-se e estava prestes a sair da sala quando lhe ocorreu que os papéis sobre a mesa estavam todo esparramados. O resto da sala estava em ordem, e ele não queria que Cameron ou a Sra. Mackenzie andassem por ali um tempo depois, e vissem os papéis espalhados por toda a parte e fossem lembrados de que eles eram as últimas coisas que Malcom Mackenzie tinha tocado. Se Sherlock apenas os colocasse em uma pilha organizada, pelo menos já seria alguma coisa. Ele sentiria que, pelo menos, pudesse ter contribuído para ajudar a família no seu momento de crise.

Ele caminhou de volta para a mesa e pegou um punhado de papéis. Eles estavam de cabeça para baixo. Ele os virou, com base no princípio de que poderia colocá-los em algum tipo de ordenação, enquanto os arrumava. Ele certamente não queria lê-los – eles provavelmente tinham algo a ver com os acordos comerciais de Malcom Mackenzie – mas eles poderiam estar numerados ou algo assim.

Ele olhou para a primeira folha, e seu coração deu um salto. Era uma das folhas que ele tinha visto na cabine do Sr. Arrhenius, a bordo do Glória Scott – um dos diagramas que pareciam com uma teia de aranha. Rapidamente ele folheou o restante das folhas. Eles eram todos semelhantes – todos os diagramas se pareciam com várias combinações de linhas e círculos cruzando e descruzando uns aos outros. Estendeu-os sobre a mesa, fascinados com eles. O que diabos eles significam?

O olhar afiado de Sherlock escaneou através dos diagramas, à procura de elementos comuns, tentando enxergar como eles eram construídos. As folhas eram grandes, mas o papel era fino – quase translúcido. Se ele trazia um até a janela, então ele parecia brilhar com a luz que irradiava através dele.

Cada folha tinha um grande número de pequenos círculos desenhados em tinta. Os círculos eram do tamanho de uma moeda. Cada círculo tinha duas linhas retas que saíam dela em direções diferentes, e as linhas se entrecruzavam em seu caminho através do papel, formando triângulos, paralelogramos,

retângulos e outras formas geométricas mais exóticas. Exceto... não, de repente ele viu que dois dos círculos só tinham uma linha que saíam deles, e ver isso o fez perceber que as linhas realmente formavam um caminho. Se ele colocasse o dedo indicador em um dos círculos que só tinha uma linha saindo dele, então ele poderia seguir essa linha por toda a folha até um segundo círculo, em seguida, seguir a outra linha para um terceiro círculo, e assim por diante, até que finalmente acabou no outro círculo que só tinha uma linha saindo dela – ou, neste caso, entrando nele. Era uma jornada, mas o que significa? O que aquilo estava tentando dizer a ele?

Ele olhou para todas as páginas sucessivamente. Ele as segurou aos pares contra a luz, tentando ver se alguma delas eram iguais, ou mesmo semelhantes, mas elas eram todas diferentes. Embora todas consistissem de pequenos círculos e linhas longas, todos os círculos e linhas estavam em lugares diferentes.

Estes eram definitivamente os diagramas que o Sr. Arrhenius mantinha em sua cabine – os que o pirata estava procurando. Sherlock tinha razão quando disse a Cameron que eram esses os que o holandês tinham entregue ao pai de Cameron na noite anterior. Mas por quê? Sherlock estava quebrando a cabeça. Eram eles algum tipo de mensagem codificadas destinadas para Malcom Mackenzie ver – algo que só ele podia decodificar, e que pareceria apenas rabiscos para quem se deparasse com ele por acidente? Seria a decodificação o trabalho que Malcom Mackenzie tinha falado sobre no café da manhã, quando ele ficou tão irritado e com raiva? Se for assim, isso indica que a mensagem que está escondida dentro dos diagramas é importante. Tão importante que, quando ele havia decodificado, Mackenzie foi direto para a casa do Prefeito contar-lhe.

E então ele tinha morrido. Por acidente? Sherlock começava a pensar que não.

“O que você está fazendo?” Era Cameron, que estava porta a dentro olhando para Sherlock.

“Está tudo bem com você?”

“É difícil dizer”, disse Cameron, “Eu me sinto como se eu estivesse apenas sendo levado pelo momento, embora eu não tenho certeza do está a fazer mover-me. E quanto a você?”

“Eu acho que encontrei algum tipo de mensagem codificada”, Sherlock explicou. Ele gesticulou para Cameron vir, e rapidamente explicou o seu raciocínio.

Cameron olhou para os diagramas, franzindo a testa. “Eles não significam nada para mim”, disse ele.

“Seu pai nunca recebeu nada como isso antes?”

“Não que eu tenha visto.”

“Hmm.” Sherlock olhou para os diagramas. “Deve haver algum tipo de chave que poderíamos usar para decodificá-los.”

“O que você quer dizer?”

“Bem, existem diferentes tipos de códigos que as pessoas usam. Em alguns códigos você substitui as letras por alguma outra coisa – substituí cada letra 'a' pelo número '1', talvez, ou cada letra 'b' pelo número '2', e assim por diante – exceto que seria muito simples, obviamente não haveria mais do que 26 números, então as pessoas que estivessem trabalhando nele descobririam rapidamente como você o fez. Você pode substituir todos os 'a' com um 'b', todos os 'b' com um 'c' e assim por diante, até 'z', que você pode substituir com a letra 'a'. Esse é mais difícil de resolver.” Ele pegou o diagrama no topo da pilha. “Mas esse é diferente. Aqui não há qualquer substituição. Aqui não há diferentes combinações de símbolos ou letras, ou imagens.”

“Parece que é algum tipo de viagem”, Cameron ressaltou. “Você vê como as folhas são quase transparentes? Se você puder colocá-los sobre a página de um livro, em seguida, os pequenos círculos podem acabar sobre certas letras. Se você começar pelo círculo inicial e, em seguida, ir ao longo das linhas, talvez as letras dentro de cada círculo no caminho soletraria uma mensagem. Talvez as pessoas que criaram o diagrama usaram algum livro que possuísem, e ele disse ao meu pai que livro era.”

“É isso”, Sherlock disse, “é uma ideia muito inteligente. Exceto pelo fato de que não há muitos livros grandes o suficiente em que essas folhas caibam, e não haveria nenhuma garantia de que seu pai teria o mesmo livro, a menos que tenham organizado tudo com antecedência.” Ele pensou por um momento. “Que tipo de livros você poderia garantir que as pessoas iriam ter? A Bíblia, eu suponho, e um dicionário. Talvez as obras completas de Shakespeare. Ou algo perto disso.”

“Bíblia são grandes”, Cameron ressaltou. “Pelo menos, aquelas que são lidas na igreja todos os domingos. Aquelas coisas são enormes.”

Sherlock olhou ao redor da sala. “Acho que podemos passar por todas as prateleiras e fazer uma pilha de todos os livros grandes o suficiente para que um desses diagramas possam cobrir a página e em seguida, trabalhamos com todos eles, página por página, um após o outro...” Ele sentiu os dedos se contraindo em punho de frustração. “É esse o real problema – mesmo se soubéssemos que livro usar, não sabemos em quais páginas ir para cada uma dessas folhas. Não há nada sobre eles para nos dizer.”

“Talvez haja uma chave separada que menciona qual o livro e quais as páginas?” Disse Cameron. “Talvez essa chave tenha tomado um caminho diferente e tenha chegado algum tempo depois.”

Algo na mente de Sherlock lhe dizia que Cameron havia dito algo importante. Várias coisas importantes. As frases estranhamente se repetiam: “Parece que é algum tipo de viagem.” “Talvez as letras abaixo de cada círculo no caminho soletram uma mensagem.” “Talvez essa chave tenha tomado uma rota diferente.”

Jornada. Caminho. Rota.

“O que mais a maioria das pessoas têm em sua posse?” Perguntou Sherlock. “Mapas! Cada família, cada casa, tem um mapa mundi! E há alguns mapas que são geralmente considerados como sendo melhores do que todos os outros – Ordnance Survey para mapas ingleses, e Admiralty para mapas do mundo. Onde seu pai guarda os seus mapas?”

“Onde ele guardava seus mapas?” Cameron corrigiu suavemente.

Sherlock estremeceu. “Desculpe, isso foi embaraçoso.”

Cameron deu de ombros. “Vai levar um tempo.” Ele apontou para uma prateleira em que não havia nenhum livro sobre ela, mas continha uma quantidade de papéis enrolados. “Eles estão lá.”

“Ajude-me a olhar.”

Rapidamente os dois desenrolaram os papéis, um após o outro. Todos eram mapas – alguns da China, alguns da área de Xangai, mas alguns eram do mundo. Sherlock rapidamente focou no mapa mais detalhado e colorido – que também mostravam rotas atualizadas e as áreas mais rasas do mar, bem como as massas de terra. O texto na parte superior identificou-o como um mapa almirantado.

“Certo, vamos colocá-lo sobre a mesa.”

Sherlock esticou o mapa sobre a mesa, enquanto Cameron pegou alguns pinos de marcação de uma gaveta e os colocou em um canto mais abaixo. Então Sherlock tomou a primeira folha com os diagramas de aranha e colocou-os em cima do mapa.

Ele era menor.

“Onde ela se encaixa?” Perguntou Cameron. “Podemos deslizá-la por todo lugar.”

Sherlock moveu a folha coincidindo canto superior esquerdo dela com o canto superior esquerdo do mapa. “Vamos tentar a opção mais simples.”

Ele rapidamente localizou um dos círculos que só tinha uma linha que saía dele. “Aqui, vamos começar com esse primeiro.”

“Está justamente sobre uma cidade da Ásia”, Cameron ressaltou. “Ulan Bator.”

“Tudo bem, vamos seguir a linha para o próximo círculo.”

“Ainda está na Ásia.” Cameron não soou muito impressionado. “Esta é outra cidade – Cingapura.”*

* em inglês: Singapore.//

“U-S”, Sherlock murmurou. “È difícil dizer se isso é o início de uma mensagem ou é apenas um par aleatório de letras.”

“Escócia”,* disse Cameron, traçando com seu dedo ao longo da linha para o terceiro círculo.

* em inglês: Scotland.//

“U-S-S”, disse Sherlock. “Estou começando a ter uma ideia de onde isso vai

dar. Rápido – escreva o que eu for dizendo.” Ele correu com o dedo através do mapa de círculo a círculo, lendo o nome das cidades, vilas, rios, nomes de países e oceanos que iam sendo revelado nos interiores dos círculos. Às vezes eles circulavam as letras iniciais, às vezes eles eram encravados em algum lugar no meio do nome.

“Certo”, disse ele finalmente. “O que temos aqui?” Cameron não disse nada. Seu rosto estava triste, e seus olhos estavam assustados enquanto ele falava: “USS Monocacy vai ser explodido no Rio Yangtze!”

Capítulo II

“Você tem certeza?”

“Ah, sim. Está muito claro.”

Sherlock rapidamente passou os dedos de círculo a círculo novamente. Cameron estava certo. “Dê-me outra folha.”

Cameron lhe passou a próxima folha. Sherlock parou o canto superior esquerdo do mapa, mas desta vez os círculos apenas ocasionalmente coincidiam com alguma letra nos nomes de lugares. Ele franziu a testa, pensou por um momento, então ele deslizou a folha de lado até o canto superior direito pareando com o canto superior do mapa. Rapidamente ele verificou os círculos. Todos eles tinham letras dentro.

“Inteligente”, disse ele. “É uma boa forma de se trabalhar a ordem das folhas. Começando com superior esquerdo, em seguida, superior direito, então presumivelmente canto inferior direito e inferior esquerdo.”

“O que diz a mensagem?”

Sherlock deixou seu dedo deslizar ao longo das linhas. Cada vez que ele chegava a um círculo ele falava a letra realçada. Ele tentou guardá-los em sua mente, mas depois de cinco ou seis, ele perdeu o controle.

Quando ele chegou ao último círculo, ele solicitou, “Certo – o que temos aí?”

“Nada que faça algum sentido.”

Sherlock considerou isso por um momento. “Vamos revertê-lo”, disse ele. “Talvez nós acidentalmente tenhamos começado com o último círculo em vez do primeiro, desta vez.”

Cameron anotou uma versão invertida da mensagem abaixo do que ele já tinha escrito. “A explosão vai ser atribuída a rebeldes Taiping inocentes”, ele leu sem fôlego.

“Os rebeldes Taiping? Eles não são os chineses da etnia han? Seu pai não dizia que eles queriam derrubar os governantes Manchu?” Perguntou Sherlock

Cameron concordou. “É isso mesmo – eles fazem um ocasional pequeno ataque a uma cidade, ou assumem uma aldeia por um tempo. Eles são mais um incômodo do que qualquer outra coisa. Eles não tem nenhum poder real.”

“Mas se as pessoas pensarem que de repente eles explodira um navio militar norte-americano, eles vão levá-los a sério”, Sherlock apontou.

“Mas por que eles querem explodir um navio militar norte-americano? Quero dizer, por que as pessoas acreditariam que eles queriam explodir um navio militar norte-americano, quando todo mundo sabe que o seu alvo é direcionado aos Manchus do país?”

Sherlock deu de ombros. “Talvez eles queiram tão desesperadamente a China para os chineses que eles se ressentem de qualquer influência externa que seja. Talvez eles pensem que os governantes Manchu são corruptos aceitando suborno do governo americano. Mas as razões não importam – os rebeldes Taiping são

um bode expiatório conveniente para quem quer que esteja por detrás do ataque. O Imperador Chinês vai enviar o exército para caçá-los como cães. Ele vai ter que enviar.”

“Pior do que isso.” Cameron parecia sombrio. “E nem posso imaginar como o governo americano vai reagir a isso. Eles vão enviar a Marinha.”

“Isso pode levar à guerra!” Sherlock falou, horrorizado.

“E onde há uma guerra, há oportunidades de comércio.”

Sherlock olhou para Cameron. “O que você quer dizer?”

“Quero dizer que, como a classe dominante, os funcionários Manchu tem atualmente o domínio sobre todo o comércio da China. Tudo flui por através de sua mãos – eles podem ditar os preços, eles chegam a decidir o que é comprado e vendido. Isso deixava meu pai furioso. Ele queria que houvesse liberdade completa para os comerciantes ocidentais para comprar e vender qualquer coisa, e pudessem competir entre si quando quisessem, sem ter que pagar subornos aos funcionários Manchu. Um mercado livre. Mas se houver uma frota americana inteira esperando na costa, e se o Imperador se curvar para o embaixador americano para impedir o início da guerra, então os comerciantes americanos terão uma mão superior. A América terminará por anexar toda esta área e transformar-lha em um trigésimo oitavo estado.

“As oportunidades comerciais é o que importam?” Sherlock perguntou, incapaz de acreditar no que estava ouvindo.”

“A seda e a prata que saem da China poderiam fazer de um comerciante ocidental um milionário”, disse Cameron sombriamente.

“E cada camponês chinês é um cliente em potencial para os bens ocidentais – vocês britânicos descobriram isso com o comércio de ópio. Os Estados Unidos querem uma parte tão grande disso quanto possível.”

Sherlock olhou para os outros dois diagramas de aranha. “Nós precisamos descobrir o que essas duas últimas mensagens são”, disse ele severamente.

Por agora os dois meninos já tinham dominado o processo. Levou apenas alguns minutos para decodificar a terceira mensagem. Dizia: 'Ocorrerá a explosão em Snake Bite Hill no rio Yangtze. Evite a área a todo custo. Não viaje no USS Monocacy se for convidado.'

Cameron olhou para Sherlock. “Quem enviou essa mensagem a meu pai está falando em assassinato em massa como se fosse outra tática para fazer dinheiro”, ele respirou. “Ele não parece se importar que as pessoas vão morrer! Eles falam sobre sacrificar toda a população do Monocacy e qualquer chinês que for pego na explosão também.”

Sherlock assentiu. “Acho que eles pensavam que é um preço pequeno a se pagar pelos benefícios comerciais que se seguirão. A única coisa que faria com que a Marinha Americana bloqueasse os portos chineses e fossem para a guerra contra o Imperador seria a morte de um grupo de americanos.”

“O que acha que há na última mensagem?” Cameron perguntou.

“Eu acho que posso até adivinhar”, Sherlock murmurou.

Este levou menos tempo ainda: ‘prepare-se para tirar proveito do caos político e econômico por fazer o melhor que você puder, para o benefício das empresas norte-americanas. Estamos contando com você.’

“Eu não posso acreditar que meu pai estava envolvido nisso”, Cameron sussurrou. Seu rosto estava sem cor e sua voz estava rouca.

“Se serve de consolo, eu não acho que ele pretendia prosseguir com isso”, Sherlock apontou. “Eu não acho que ele fosse fazer parte disso.”

“O que o faz pensar assim?”

“Bem, nós sabemos que ele estava esperando a mensagem, mas a julgar pela forma como ele agiu no café da manhã, ele realmente não gostou do conteúdo. Sabemos que foi até a Residência do Prefeito com uma mensagem urgente. Eu acho que ele decidiu que ele não poderia participar disso, e queria alertar as autoridades.”

“E então ele morreu.” Cameron olhou para Sherlock, e seus olhos estavam vermelhos de tristeza e – raiva. “Sua morte foi acidental, Sherlock?”

Sherlock meneou a cabeça. “Seria uma grande coincidência se fosse. Não, eu acho que ele foi assassinado para que não pudesse avisar ninguém.” Ele estendeu a mão e apertou o braço de Cameron. “Eu sinto... muito.”

“Mas ele já comunicou o Prefeito”, Cameron lamentou. “Não havia nenhum ponto em matá-lo!”

Sherlock meneou a cabeça. “Eu acho que a mensagem foi interceptada por aquela... coisa... que o seguia, seja lá o que fosse. Eu acho que ele viu a mensagem sendo recebida pelo funcionário e de alguma forma entrou na Residência e a recuperou. Eu sei que ele parou de perseguir seu pai assim que ele passou a mensagem para frente. As chances são de que parou de segui-lo e passou a perseguir a mensagem em seu lugar.”

“A mensagem pode ter sido tomada e escondida por alguém de dentro da residência – alguém que tenha sido subornado.”

“Um amigo meu me disse uma vez que a explicação mais simples geralmente é a certa. Neste caso já sabemos que algo estava perseguindo seu pai. Faz mais sentido então supor que a coisa, então, pegou a mensagem, em vez de inventar um funcionário subornado para fazer o mesmo trabalho.”

“Mas como podemos saber que a mensagem foi realmente interceptada antes de chegar ao Prefeito?”

“Porque”, Sherlock disse severamente, “se tivesse chegado ao Prefeito, você teria sua casa cheia de oficiais chineses agora – e, é claro, não teria havido nenhum ponto em matar seu pai.”

“Então – então você acha que meu pai estava tentando fazer a coisa certa?”

“Eu acho. Mais do que isso – eu acho que ele foi punido por isso.”

“Por quem?”

“Isso”, Sherlock disse, “é algo que precisamos descobrir o quanto antes.”

“Mas quem realmente enviou as mensagens?”

Sherlock deu de ombros. “Para quem seu pai trabalhava?”

“Ele não trabalhava para ninguém”, disse Cameron. “Quero dizer, ele tinha acordos com várias empresas nos Estados Unidos de quem ele representava seus produtos aqui na China, e tinha comissão sobre as vendas, mas ele não se reportava a ninguém.”

“Eu suspeito que alguém de uma dessas empresas contactou ele e contou-lhe que eles tinham um plano que aumentaria o valor de seus bens em uma centena de vezes. Suponho que eles o envolveram nisso, sem se dizer exatamente o que ia acontecer. No momento em que ele percebeu a verdade, já era tarde demais. Ele estava nisso até o pescoço.”

Cameron, de repente parecia confuso. “Mas o que isso tem a ver com o seu amigo cozinheiro – Wu Chung? Por que ele foi morto?”

“Eu estive pensando sobre isso. Eu ainda acho que é por que ele conseguiu acidentalmente um emprego como assistente cozinheiro no USS Monocacy.” Sherlock pensou por um momento. “Eu acho que Wu Chung encontrou algo a bordo do navio que teria revelado os seus planos, e eles tiveram que matá-lo por isso.”

“Você se lembra do que ele disse?” Perguntou Cameron lentamente. “Ele disse que tinha estado no Monocacy e ele notou que o cozinheiro chefe tinha solicitado muitos barris de água. Ele lhes disse que o navio estava indo para um rio de água doce, eles poderiam obter água a qualquer hora que quisessem, então por que ele solicitou tantos barris?”

“Você acha que havia algo naqueles barris?” Sherlock franziu o cenho. “Você acha que havia explosivos naqueles barris?”

Cameron deu de ombros. “É necessário uma grande quantidade de explosivos para explodir um navio do tamanho do Monocacy. Havia um monte de barris. Assim Wu Chung falou.”

“Suponho que os conspiradores poderiam fazer algo com os motores a vapor em vez disso”, Sherlock meditou. “Você sabe – aumentar a pressão ou algo assim até que ele explodisse.”

“Mas haveria engenheiros e outras pessoas em torno dos motores o tempo todo. Eles pegarem e, brincarem com os controles, e em seguida, deixar a pressão aumentar gradualmente levaria muito tempo, e alguém seria obrigado a observar. Não a solução mais óbvia seria levar um monte de explosivos para dentro.”

“Disfarçado como barris de água”, Sherlock concordou, balançando a cabeça. “Faz todo o sentido”

“Então o que vamos fazer sobre isso?”

Sherlock olhou para Cameron. Cameron olhou de volta.

“Poderíamos contar as autoridades de Xangai”, Sherlock sugeriu.

“Mas meu pai já tentou isso, e claramente falhou. Mesmo se pudéssemos contar a alguém, eles não acreditariam em duas crianças com uma história maluca como essa.”

“Poderíamos mandar uma mensagem para o Capitão do USS Monocacy.”

“Mas nós não saberíamos, com certeza, se a mensagem chegou a eles a tempo ou não. Mesmo se soubéssemos, por que eles acreditariam em uma mensagem anônima lhe dizendo que o navio vai explodir? Ele amassaria e jogaria fora.”

“Então...”

“Então... a única coisa que podemos fazer”, Cameron disse, “é ir rio acima atrás do Monocacy, subir a bordo e de alguma forma contar ao capitão nós mesmos. Você conhece ele, e ele conhece meu pai. Ele pode nos dar atenção enquanto não daria a qualquer outro que ele não conhecesse.”

Sherlock balançou a cabeça lentamente. “Não consigo ver qualquer outra opção. Tem que ser a gente.”

Cameron respirou lentamente. “Vai ser uma jornada interessante. Já estive no Yangtze antes, mas não fui muito longe. Meu pai me levou para pescar algumas vezes...”

“Como vamos fazer a viagem?” Perguntou Sherlock. “A cavalo?”

“Muito lento”, disse Cameron, balançando a cabeça. “O terreno é pantanoso ao longo das margens do rio. Pare chegar em terra firme teríamos que percorrer um longo caminho voltando. O Monocacy faria um tempo melhor ao longo do rio do que nós por estrada. Não, a melhor coisa seria a barco. Há pequenos veleiros que descem e sobem o rio. Eles são eficientes com a velocidade. O Monocacy é limitado por seu peso. Acho que podemos alcançá-lo.”

“Então é melhor irmos imediatamente.” Sherlock hesitou. “E sua mãe – o que você vai dizer a ela?”

O olhar de Cameron tremulou para Sherlock, então desviou. Havia um expressão triste em seu rosto. “O médico a sedou. Ele disse que ela vai dormir por horas. Dias, talvez.” Havia um brilho de lágrimas nos olhos. “Ela amava meu pai intensamente. Cada vez que ela acorda e percebe mais uma vez que ele está morto, o médico diz que ele pode ter que sedá-la novamente...”

Houve silêncio por um longo tempo.

“E quanto a você?” Sherlock perguntou eventualmente. “De quanto tempo você precisará para poder lidar com isso?”

“Meu pai está morto. Eu sei disso, Sherlock. Ele não vai voltar. Não vou conseguir nada ficando aqui. Eu quero fazer alguma coisa! Quero pegar as pessoas que o mataram! Quero fazer a diferença!”

“Eu entendo”, disse Sherlock.

“Você não entende”, respondeu Cameron suavemente. “Com todo o respeito, Sherlock, não estou certo se um dia entenderá. Você não é como as pessoas comuns. Você não se importa da mesma forma. Mas obrigado por estar aqui, de qualquer maneira, e muito obrigado por me ouvir... Agora, vamos subir o rio Yangtze e impedir o navio de explodir, ou vamos ficar aqui a conversar?”

“Há mais uma coisa de que precisamos”, Sherlock apontou.

“O que seria?”

“O filho de Wu Chung – Wu Fung-Yi.”

Cameron olhou para ele sem expressão. “O quê?”

“Precisamos de um nativo, alguém que conheça o rio. Até que localizemos e contratemos um barqueiro, será tarde demais. A única pessoa que conheço que pode nos ajudar é Wu Fung-Yi.” Sherlock pausou. “W lembre-se que eles mataram seu pai também. Ele tem tanto interesse nisso como nós.”

“Você tem razão”, disse Cameron. “Como eles exatamente conseguiram introduzir uma cobra no escritório de pai e fizeram que ela o mordesse? Como introduziram a mesma cobra no quarto de Wu Chung e fizeram que o mordesse? Isso me parece uma coisa muito arriscada de se fazer. Deve haver melhores formas de se matar alguém.”

“Mas eles não queriam que fosse óbvio que o seu pai foi assassinado.”

Sherlock apontou. “E certamente não queriam que fosse óbvio que Wu Chung foi assassinado. Isso faria as pessoas suspeitar de imediato, e poderia haver uma investigação. Eles fizeram ambos os assassinatos parecerem acidentes – e pelo que eu pude perceber, em um país como este, picadas de cobras são um risco bastante normal, no dia a dia.” Ele franziu o cenho. “Eu até mesmo duvido que fosse realmente uma cobra. Você estava certo – seria muito arriscado. As serpentes são animais imprevisíveis, eu suponho. Eles não tinham como garantir que ela cooperaria. Não, quanto mais eu penso sobre isso, mais eu suspeito que alguém usou algum tipo de dispositivo que injetou o veneno. O usaram nas costas de Wu Chung enquanto ele dormia. E enfiaram no braço de seu pai enquanto ele estava distraído. Ele provavelmente continha veneno real que fora tomado de uma cobra de verdade algum tempo antes, mas era uma arma mais controlável. Como uma seringa hipodérmica ou algo assim.”

“Isso explicaria como eles entraram no quarto e no escritório”, disse Cameron, “mas, mesmo assim é um pouco arriscado, não é? Quero dizer, se esgueirar ao redor da casa das pessoas?”

“Isso depende de quem está se esgueirando furtivamente. Se for um funcionário de doca robusto de dois metros, então sim, pode ser notado. Mas se fosse alguém menor...”

“Como aquela coisa que você viu no jardim, e daí você a viu seguindo meu pai?”

Sherlock assentiu. “Seja lá o que fosse, era do tamanho certo para entrar na

casa de alguém e injetá-los enquanto não estivessem olhando.” Ele cerrou o punho. “Se eu pudesse descobrir o que é.”

“Mas e sobre as diferenças no tempo que levou para Wu Chung e meu pai morrer?” Perguntou Cameron. “Mesmo se for um dispositivo sendo usado para injetar o veneno, então ele deveria trabalhar da mesma forma.”

“Pode haver n diferenças. Nós não sabemos.” Sherlock deu de ombros. “Talvez o veneno que eles usaram em Wu Chung fosse de um lote mais antigo, mas eles conseguiram um veneno mais recente para usar em seu pai. Talvez tenha sido uma cobra diferente, com um veneno mais poderoso. Nós simplesmente não sabemos – ainda não, de qualquer forma.”

“Eles irão tentar nos impedir?” O rosto de Cameron estava determinado. “Espero que tentem. Quero conhecê-los.”

“Eu acho que, provavelmente, eles estão nos observando”, Sherlock confirmou. “Por isso, precisamos estar alertas.”

Cameron ergueu o revólver de seu pai. “Estou pronto para eles.”

“Vamos ter certeza de estamos pegando as pessoas certas em primeiro lugar.” Sherlock olhou ao redor do escritório. “Vamos levar as mensagens e o mapa com a gente. Podemos precisar usá-los para convencer o Capitão Bryan. Você precisa contar a alguém onde você está indo?”

“Vou deixar uma mensagem”, disse Cameron. “Vou dizer que preciso de um tempo para mim mesmo. As pessoas vão entender. Estará um caos por aqui, de qualquer maneira. Eu ficaria surpreso se alguém notasse que eu fui embora.”

Dez minutos depois, os dois rapazes estavam saindo de casa. O sol da tarde estava mergulhando em direção ao horizonte. Feirantes estavam começando a arrumar os seus produtos para irem para casa. Sherlock percebeu que ele estava com fome. Ele queria ter certeza que ele e Cameron teriam algo para comer. Ele suspeitava que Cameron não estava se sentindo com fome, mas também sabia que tinha que manter o seu amigo com a energia alta.

Cameron agarrou o braço de Sherlock enquanto atravessavam a estrada. “Espere”, disse ele. “Olha lá.”

Sherlock seguiu o dedo indicador de Cameron. Em pé à vista de alguns metros de distância havia uma figura pequena, com os cabelos escuros de Wu Fung-Yi. Ele o estava observando. Depois que ele percebeu que eles o tinham visto, ele se aproximou. Ele acenou para Cameron. “Eu ouvi a má notícia sobre você”, disse ele sombriamente. “Eu sinto muito por sua perda.”

“Obrigado. E... eu entendo a sua perda agora de uma forma que eu não entendia antes.”

“Está acontecendo alguma coisa”, disse Wu Fung-Yi, sorrindo tristemente. “Alguma coisa estranha. Vocês já sabem sobre o que é. Meu sabia disso, e eu sei agora.”

“É por isso que você está aqui?” Perguntou Sherlock.

“Eu gostaria de ter alguém com quem eu pudesse conversar sobre.” Wu Fung-Yi deu de ombros, sem jeito. “Não a minha mãe. Ela acredita que meu pai foi morto por uma cobra, mas eu lembro das coisas que você disse sobre o quão difícil teria sido para uma cobra entrar na casa. Eu o quão duro eu trabalhei para preencher todos os buracos nas paredes.” Seu olhar cintilou de Sherlock para Cameron e de novo para Sherlock. Era como se ele quisesse confiá-los alguma coisa, mas ele não tinha certeza de como fazê-lo. “Eu vi alguma coisa, naquela noite”, disse ele mais calmamente. “Eu não disse antes, porque eu pensei que vocês poderiam pensar que eu estava louco. Eu não contei a minha mãe também.” Ele respirou fundo, obrigando-se a continuar. “Eu estava dormindo, mas eu fui acordado por um barulho. Eu pensei que talvez fosse meu pai vagando pela casa. Eu não estava acostumado a tê-lo em casa – ele roncava, e virava-se em seu sono, e fez todo um tipo de novos sons. Lembro-me de olhar para o lado de fora do meu quarto, e...” Ele hesitou. “E havia algo lá. Uma sombra. Era muito pequena para ser minha mãe ou meu pai, e muito imóvel para ser um gato ou um cão ou um macaco. Eu não podia ver seus olhos, mas sabia que ele estava me observando, então eu fiquei parado. Depois de um tempo, ele não estava mais lá.” Ele estremeceu. “Havia algo maligno naquilo. Eu podia sentir o seu olhar em mim, como brasas. Eu pensei que poderia ser um espírito do mal, mas agora eu sei que era a coisa que matou meu pai.”

“Nós a vimos também”, Sherlock confirmou. “Não sabemos o que é, mas sabemos que tem algo a ver com o que está acontecendo.” Sherlock olhou para Cameron, depois de volta para Wu Fung-Yi. “Vamos falar enquanto estivermos nos movendo”, sugeriu ele. “Precisamos pegar logo um barco, para subir o rio. Você pode nos ajudar?”

“Isso vai ajudar a explicar a morte do meu pai?”

Sherlock assentiu. “Vai.”

“Então me contem.”

No caminho atravessando a cidade, Sherlock e Cameron explicaram para Wu Fung-Yi exatamente o que eles achavam que estavam acontecendo. Enquanto caminhavam, Sherlock percebeu que eles estavam saindo de Xangai, em uma direção em que eles nunca estiveram antes.

“Pensei que estivéssemos indo para o porto”, disse ele. “Não é onde o rio Yangtze começa? Quero dizer, o rio tem que fluir para o mar, não é?”

“Isso é verdade”, disse Wu Fung-Yi por sobre o ombro. “Mas o rio se alarga consideravelmente lá, e as correntezas são traiçoeiras. Se você quiser ir rio acima, então faz mais sentido você cortar caminho e enfrentá-lo um pouco mais acima. Confie em mim, eu sei o que estou fazendo.”

Depois de um tempo Sherlock notou que eles estavam se aproximando da muralha da cidade. Havia outro portão aqui, mas este era guardado por apenas um guarda e ele simplesmente movia as pessoas para dentro e para fora.

Presumivelmente, o risco de terem estrangeiros em torno daqui é menor do que na zona portuária.

“Este é o 'Portão da Phoenix virtuosa'”, disse Cameron sussurrando enquanto eles se aproximavam. “Se nos separarmos por qualquer razão, nos encontraremos de novo aqui.”

Eles saíram sem problemas. Além da cidade um vasto caminho de terra levava para a zona rural montanhosa da China. Os três meninos partiram em direção ao rio Yangtze.

“Qual o plano?” Sherlock perguntou enquanto caminhavam.

“Meu tio tem vários veleiros”, disse Wu Fung-Yi. “Eu tenho certeza que ele vai ceder um para nós, se eu pedir.” Ele suspirou. “A notícia sobre meu pai não chegou a ele ainda. Terei que contar a ele.”]

A paisagem fora dos muros da cidade era montanhosa, tornando difícil ver muito longe. A estrada serpenteava, mas Sherlock percebeu que quanto mais longe de Xangai ela levava gradualmente a um declive. Era amplo, e usado por muitas pessoas. Carroças estavam indo em ambas as direções – a cidade e para longe dela. As carroças estavam carregadas com feno, vegetais, madeira e todo tipo de coisas, inclusive alguns que Sherlock não reconheceu. Havia outras coisas na estrada que deixaram Sherlock surpreso. Alguns agricultores locais estavam empurrando carrinhos de mão, com uma única roda na frente, mas na parte de trás do carrinho de mão havia um mastro levantado no ar, e no mastro havia uma tela de tecido vermelho. Os agricultores estavam aproveitando as fortes brisas que sopravam em todo o campo para ajudá-los a empurrar os carrinhos de mão junto. Era uma ideia tão óbvia que Sherlock não conseguia descobrir por que ninguém na Inglaterra tinha feito isso antes.

Enquanto caminhavam, o chão sob seus pés tornou-se encharcado. Nos campos que margeavam a estrada foram plantados ervas que cresciam até a altura de um homem. O solo fora alagado, e Sherlock podia ver conjuntos de tubos de bambu trazendo água do rio para os campos, e portas que eram abertas ou fechadas para inundá-los.

“O que está crescendo aqui?” Ele perguntou a Wu Fung-Yi.

“Arroz”, disse o menino. “Estes são os chamados campos de arroz. Nós os mantemos inundados e assim cresce mais arroz do que qualquer outra coisa. É o que nós mais comemos.”

“Igual batata na Inglaterra”, Sherlock murmurou.

Finalmente a estrada fez uma curva ao redor de uma última colina, e lá atrás dela estava uma grande extensão de água azul salpicada de cristas de ondas brancas.

“O rio Yangtze”, disse Wu Fung-Yi. “Agora o trabalho duro começa de verdade.”

Capítulo 12

Sherlock ficou surpreso com o quão grande o rio Yangtze era, especialmente em comparação com os outros rios que já tinha visto, como o Tâmis, em Londres, ou o Hudson, em Nova York. A outra margem parecia estar a quilômetros de distância. Havia névoa em volta, levantando-se dos campos de arroz e fazendo com que parecesse um pouco com uma terra de fantasia mística. As colinas se levantavam em ambos os lados do rio, deixando o vento passar gradualmente, em suas curvas graciosas o que significava que era impossível ver por mais de um quilômetro e meio para algum lado.

“É o terceiro rio mais longo do mundo”, disse Cameron orgulhoso. “Ele começa no planalto tibetano e flui por seis mil e quinhentos quilômetros antes de chegar ao oceano.” Ele olhou de soslaio para Sherlock. “O quê? Eu não deveria me interessar pelo lugar onde eu moro?”

Sherlock podia ver centenas, até mesmo, milhares de embarcações no rio. Alguns eram tão pequenos que poderiam levar apenas um homem com um remo; outros eram tão grandes que tinham três ou quatro velas feito leques e carregavam uma tripulação completa.

Ao longo das margens havia centenas de barcos de fundo chato que pareciam ter casas a bordo. Ou, pelo menos, barracos. Sherlock percebeu que não eram barcos para viajar; eram barcos para morar. Eram vilarejos construídos dentro do rio e então crescido, pouco a pouco.

Os meninos escanearam o rio em busca do USS Monocacy, mas não havia sinal dele. Sherlock tinha certeza de que se tivesse estado aqui então eles o teriam visto.

“Ali!” Wu apontou à sua esquerda, em um molhe* de bambu fino que se projetava do rio num ponto em que as aldeias de barcos terminaram. Três barcos estavam amarrados ao molhe.

* Uma longa e estreita estrutura que se estende em direção ao mar/rio.

“É aqui o lugar que meu tio mora.”

“Então vamos até lá”, disse Sherlock.

Os três se dirigiram para baixo, a terra sendo espremida sob seus pés. Depois de alguns minutos eles passaram pela aldeia de barcos e estavam no cais. Wu sinalizou para eles ficarem na margem e dirigiu-se ao local onde três homens chineses estavam trabalhando em um barco. O homem maior, tomou Wu quando ele chegou perto e deu-lhe um forte abraço. Ele estava sorrindo, obviamente, satisfeito por ver seu sobrinho.

Wu começou a falar, e os homens escutavam. Sherlock olhou ao redor. A margem do rio mergulhava diretamente na água apenas onde ele e Cameron estavam. Plantas cresciam diretamente de dentro da água por todo o caminho ao longo da margem do rio, alguns pareciam arroz-silvestre e alguns pareciam bambu. Havia até mesmo flores flutuando na água, e quando Sherlock olhou mais

de perto ele pode ver uma rede de hastes que suportavam as flores sob a superfície.

Tudo parecia tão bonito, com o sol baixo no céu e as montanhas enevoadas em todos os lados do rio. Era difícil conciliar essa beleza com o que Sherlock sabia que aconteceria em breve. Em algum lugar rio acima havia um navio americano tripulado por algumas centenas de marinheiros americanos. Se a bomba a bordo explodir então, provavelmente todos eles vão morrer, e isso seria apenas o começo. Os Estados Unidos enviaria a Marinha Americana, e haveria um bloqueio, o imperador chinês provavelmente mandaria seus navios para defender o país, e antes que alguém se apercebesse a América estaria em guerra com a China, só para alguns empresários conseguirem um preço melhor para suas importações e pagassem menos por suas exportações!

Sherlock não tinha ainda dado muita consideração para o seu futuro quando regressasse a Inglaterra. Em algum momento ele teria que conseguir um emprego, ele supôs, mas nada realmente recorria a ele. Ele não achava que poderia fazer o que seu irmão fazia – trabalhar para o governo. Ele não era diplomático o suficiente. Começar um negócio tinha sido uma possibilidade, mas agora, pensando sobre a insensibilidade dessas pessoas que estavam para começar uma guerra a fim de fazer lucro, ele prometeu a si mesmo que ele nunca trabalharia para qualquer empresa que comprasse ou vendesse bens.

O que não deixava sobrar muita coisa, pensou desanimado. Cameron devia estar tendo seus próprios pensamentos sombrios sobre o USS Monocacy. Ele chamou a atenção de Sherlock em voz baixa, “Temos que tentar. Pelo menos podemos chegar ao Monocacy com um barco, e, pelo menos, o Capitão Bryan nos conhece de vista. Ele pode nos dar tempo suficiente para convencê-lo.”

Wu acenou para eles a partir do píer. Cameron e Sherlock caminharam ao longo da estrutura de madeira precária, sentindo-o ranger sob seu peso. Na outra extremidade, Wu os apresentou a seu tio e os dois filhos de seu tio, “Ele disse que podemos levar um de seus barcos para a viagem rio acima”, disse Wu excitado. “Mas primeiro ele quer ter certeza que sabemos como levantar e abaixar as velas e conduzi-las.”

Sherlock olhou para o barco mais próximo. Rapidamente, ele traçou os vários cabos que seguravam a vela em volta de seus pontos de fixação nos lados do barco. Usando o conhecimento que ele tinha tão dolorosamente adquirido com o Glória Scott, ele calculou quais cordas puxariam a vela em uma direção. Em seguida, subiu para o barco, e rapidamente arriou e desfraldou a vela com precisão, economizando movimentos.

O tio de Wu assentiu com aprovação. “Bom trabalho”, disse ele. “Você obviamente fez seu caminho para conhecer os barcos.”

“Em qual direção os ventos soprarão esta noite?”

“Rio acima”, disse o tio de Wu. “Interior. Você terá uma constante brisa

noturna empurrando-o para lá.”

“Posso te perguntar uma coisa? Você viu um grande navio com uma enorme roda do lado? Esteve rio acima recentemente?”

O tio de Wu assentiu. “Um navio é o que era”, disse ele. Todos nós comentamos sobre ele. A chaminé danificada. Nunca vi nada como aquilo antes, não em todos os meus dias. Alguém me disse que foi construído por demônios estrangeiros e alimentado por espíritos malignos.” Ele sorriu. “Sem querer ofender.”

“Sem problema”, disse Sherlock. “Ele foi construído por demônios estrangeiros, mas é alimentado por motores a vapor.

Os três chineses se entreolharam. “Eu te disse – espíritos malignos”, um deles murmurou.

“Há quanto tempo você o viu?” Perguntou Sherlock.

O tio de Wu pensou por um momento. “Três horas?” Ele arriscou. “Talvez quatro.”

Sherlock praguejou mentalmente. O Monocacy tinha uma boa vantagem sobre eles.

Pensando nas mensagens que ele e Cameron tinham decodificado, Sherlock perguntou, “Você conhece algum lugar chamado 'Snake Bite Hill'?”

O tio de Wu olhou para seus filhos. Eles cochicharam por um momento, então o grande marinheiro olhou para Sherlock e disse, “O único lugar que podemos pensar é perto de Wushan. Deve ser, o que, trinta milhas rio acima? Mais ou menos isso.”

“Obrigado”, disse Sherlock. Ele olhou para Cameron e Wu. “É aí que precisamos chegar”, ele disse calmamente. “É onde tudo vai acontecer.”

Dentro de cinco minutos eles partiram e se fizeram às velas. A brisa empurrou-os para longe do molhe através de ondulações na água. Sherlock manejava a vela enquanto Cameron assumia o leme e Wu estava sentado na frente, olhando à frente sondando troncos de árvores e outros obstáculos submersos na água.

Não muito tempo depois eles já estavam no rio propriamente dizendo, e Cameron estava ajustando seu curso para levá-los na direção que precisavam ir. O canal do rio estava congestionado, mas eles conseguiram manejar para o lado externo do canal, fazendo uma boa velocidade. Não parecia haver qualquer regra em particular – marinheiros dirigiam-se para onde quer que quisessem ir, e desafiavam os outros para saírem do seu caminho.

Quando a noite caiu algo salpicou água a poucos metros do casco do barco. Sherlock se arrastou pelo convés para dar uma olhada. À luz da lua, ele podia ver um peixe estranho olhando para ele com olhos que pareciam quase humanos. A pele do peixe era de um cinza emborrachado, e tinha um focinho longo e fino – quase como um bico – que se projetava de sua cabeça. A boca estava cheia de

dentos bem pequenos, mas muito afiados, e era curvado, o que aparentava até um sorriso. Ele flutuava lá na água, olhando para Sherlock. A mente de Sherlock voltou para quando tinha visto uns peixes no oceano, fora do Glória Scott. Botos, alguém lhe havia explicado. Era este um boto também?

Com um arremesso de sua larga cauda, ele foi embora.

“O que era aquilo?” Sherlock perguntou a Wu, que estava assistindo a partir da frente do barco.

“Nós as chamamos de 'deusas do rio'. Ver uma é considerado boa sorte. Você deve considerar-se abençoado.”

“Vou tentar.”

Estando na água o som viaja de maneira diferente, Sherlock percebeu. A cada poucos momentos ele ouvia uma voz dizer: 'Cuidado!' ou “Cuidado aí, seu idiota!", e ele olhava em volta, esperando ver um barco indo diretamente em direção a eles, apenas para descobrir que o orador estava a centenas de metros de distância conversando com alguém ao lado.

Um súbito 'crash' e um solavanco quando seu próprio barco estalou trouxe a atenção de Sherlock de volta para o presente. Uma voz chinesa áspera gritou: “Que os espíritos das profundezas do rio amaldiçoem seus descendentes, seus tolos desajeitados!” Eles tinham colidido com outro barco. O proprietário – um chinês idoso com uma cobertura de cabelos brancos – estava apontando para Cameron e o amaldiçoando. Sherlock agarrou um remo, do fundo do barco e empurrou o outro para afastá-lo, sorrindo em desculpa enquanto fazia isso.

“O que aconteceu?”, Ele perguntou enquanto o outro barco se afastava, eu proprietário ainda sacudindo o punho para eles.

“Desculpe”, disse Cameron. Ele parecia confuso. “Eu acho que adormeci por um momento.”

“Olha, tem sido um longo dia”, disse Wu Fung-Yi. “Muita coisa aconteceu a todos nós. Se continuar assim teremos um acidente grave.”

“Precisamos continuar”, disse Sherlock. “Temos que encontrar o Monocacy antes que a bomba exploda!”

“Se batermos em alguma coisa e afundarmos, não faremos bem a ninguém”, Cameron ressaltou. “Mas já lhe ocorreu, e se o Monocacy for ancorar e parar para a noite?” Se continuarem na escuridão, então eles podem chocar-se diretamente com outro barco e afundá-lo, ou eles podem bater nas pedras na margem do rio e fazer uma fenda em seu próprio casco. Se eles pararem e nós continuarmos poderíamos passar diretamente por eles sem perceber, e então nunca seremos capazes de avisá-los.”

Sherlock teve que admitir que sua lógica era convincente. Além disso, ele percebeu que estava exausto. “Tudo bem”, disse ele relutantemente. “Vamos mais para a margem e dormimos um pouco. Mas começaremos de novo ao amanhecer.”

Os outros dois assentiram. “Concordo”, disse Wu.

Cameron usou o leme para orientá-los para a margem mais próxima, enquanto Wu observava a profundidade da água e Sherlock preparou-se para descer a vela antes que eles encalhassem. Com os três trabalhando juntos, eles conseguiram guiar o barco em segurança. Sherlock saltou para a margem do rio com uma corda e amarrou o barco em uma árvore torcida que estava crescendo em ângulo.

Olhando para a escuridão do rio, ele notou um barco com duas lanternas – um verde e um amarelo. Eles pareciam direcionar-se para a margem um pouco à frente deles. Presumivelmente, quem estava no comando havia decidido parar para a noite também.

Sherlock saltou de volta para o barco, sentindo-o balançar sob seu peso. Cameron estava buscando cobertores fora do barracão assentado na parte de trás do barco, enquanto Wu parecia desembrulhar algo em um pacote de pano que estavam arrumados debaixo de um assento. Ele entregou um pacote para Sherlock.

“Comida. Meu tio me disse que havia alguma aqui. Ele guardava para si mesmo para mais tarde, mas ele decidiu que precisávamos dela mais do que ele.”

Sherlock olhou para o pacote que Wu lhe dera, enquanto Wu entregava outro para Cameron. Parecia uma folha grande que tinha sido enrolado em torno de algo pegajoso e amarrado com barbante. “O que é isso?” Perguntou ele.

“Folhas de lótus cheios de arroz grudento e camarão seco.”

Cameron já havia desembrulhado a folha de lótus e colocado o recheio de arroz e camarão seco em sua boca com os dedos. “É Ótimo”, disse ele sobre a comida.

Sherlock experimentou. Embora o arroz estivesse frio e grudento ainda sim era saboroso, e salgado, o gosto do camarão dava aquilo um impulso adicional. Era realmente muito bom.

Depois de terem comido, e lavarem as mãos no rio, os três se acomodaram para dormir, envoltos nos cobertores. Sherlock de repente percebeu o quanto ele estava exausto.

“Algo me ocorreu.” A voz de Cameron saiu da escuridão. “Não temos um nome para o nosso barco.”

“O nome de um barco é um negócio sério”, disse Wu Fung-Yi. “Tem que ser feito corretamente, com uma cerimônia apropriada. Além disso, meu tio pode já ter dado um nome a ele.”

Cameron não deixaria isso passar. “Nós podemos chamá-lo de Hudson”, disse ele. “Igual o rio Hudson, em Nova York”

“Este não é um bom nome”, disse Wu. Houve silêncio por alguns instantes, em seguida, acrescentou: “E você Sherlock? Alguma ideia?”

“Eu acho que devemos chamá-lo de Virgínia”, disse ele em voz baixa.

Ninguém argumentou. Depois de alguns minutos, Cameron começou a roncar, assim Sherlock assumiu que havia conseguido ter a última palavra.

Alguma coisa respingou nas proximidades. Um peixe? Uma das 'deusas do rio', talvez? Sherlock de repente considerou que ele não sabia nada sobre a vida selvagem local. Haveria alguma coisa perigosa? Ele levantou-se sobre um cotovelo para perguntar, mas, em seguida deitou-se sem dizer nada. Wu os teria alertado se houvesse qualquer perigo. Ele devia confiar no menino chinês e descansar um pouco.

Ele percebeu, agora que estava ali, como isso era difícil. Ele nunca tinha realmente confiado em qualquer pessoa – e não ajuda Mycroft constantemente alertá-lo sobre os perigos de fazê-lo. Ele assumia que sabia mais, mas aqui, em um país no qual não estava familiarizado, ele tinha que confiar em Wu Fung-Yi para levá-los onde eles precisassem ir.

Não era um pensamento particularmente agradável com o qual se fosse ir dormir.

Estrelas brilhavam na noite negra. Fiapos de nuvem passavam por entre elas com teias de aranha sopradas pelo vento. Por um tempo ele tentou identificar as constelações familiares e estrelas em particular, mas tudo aqui parecia diferente. Perguntou-se por um momento se Virgínia estava olhando para as mesmas estrelas, mas depois ele percebeu que ela não podia estar. Ela estava quase do outro lado do mundo a partir de onde ele estava agora. Qualquer que fosse o céu que ela estivesse olhando, estava agora azul e ensolarado, não negro e estrelado.

Ele gradualmente caiu no sono sem sequer perceber, e seus sonhos eram uma confusa miscelânea de memórias e rostos. Matty estava em algum lugar, assim como Amyus Crowe, mas estavam aplaudindo do lado de fora enquanto ele corria em algum tipo de corrida; o problema era que ele não sabia onde era a linha de chegada, ou em que direção ele deveria estar indo.

Ele acordou algum tempo depois. Ainda estava escuro. Ele se perguntou o que exatamente o tinha acordado – o ronco de Cameron, talvez, ou Wu falando em seu sono?

Alguma coisa atingiu a lateral do barco. Parecia a mão de alguém, ou o pé, roçando contra a madeira.

Cada nervo de Sherlock ficou subitamente em alerta. O barco balançava como que, o que quer fosse aquilo, estivesse subindo a bordo. Eram ladrões – piratas, talvez? Os moradores locais decidiram ir ver se poderiam obter qualquer alimento ou dinheiro dos três meninos? Era um animal, esgueirando-se a bordo? Uma cobra, talvez? Sua imaginação corria selvagemmente, pintando todo o tipo de imagens de coisas terríveis. Ele sentiu, mais do que ouviu, o que quer que estivesse pairando sobre ele, observando-o. Ele tentou respirar profundamente, de maneira uniforme, tentando parecer como se estivesse dormindo. Ele podia

sentir o olhar fixo na parte de trás de sua cabeça como brasas. Era a sensação mais estranha.

Eventualmente, ele ouviu o intruso se afastando. Ele bocejou alto, e virou-se, mantendo os olhos fechados firmemente no pressuposto de que o intruso estava olhando para ele para ver se ele estava acordando.

Silêncio por alguns instantes e, em seguida, o intruso começou a se mover novamente. Sherlock gradualmente abriu os olhos. Por um momento tudo estava embaçado e escuro, mas depois ele começou a distinguir as formas – o mastro, a borda do casco, o barracão na parte de trás do barco e a forma do leme.

E algo que não estava no barco antes. Parecia uma pessoa, mas menor. Sherlock podia ver ombros, e uma pequena cabeça, uma silhueta contra o céu noturno.

Ele estava debruçado sobre Cameron.

“Hey!” Ele gritou, sentando-se ereto.

Seja lá o que fosse, de repente virou-se para encará-lo. As nuvens dispersaram naquele momento descobrindo a face da lua, e foi como se alguém tivesse de repente virado um holofote sobre o convés.

Era uma criança, mais jovem do qualquer um deles três; uma menina. E ela estava segurando alguma coisa contra a garganta de Cameron.

Capítulo 13

Sherlock olhou para a menina em perplexidade. Ela olhou para trás, os olhos cheios de alguma emoção fervente que Sherlock não conseguia identificar – fúria, talvez? Ou talvez violenta frustração ao ser descoberta?

Sua pele era acinzentada. Sherlock não sabia por que. Seus cabelos e seus olhos eram cinza também. Seus braços e pernas eram finos, como varas, e seu corpo não tinha um centímetro se quer de gordura sobrando nele. Suas roupas eram da mesma cor que sua carne, um cinza empoeirado. Parecia uma pequena estátua, ali de pé, preparada para correr. Apenas a oscilação de seus olhos quando ela olhava ao redor dava alguma indicação de sua humanidade essencial.

A atenção de Sherlock deslocou-se para o objeto que a garota estava segurando. Ele era feito de metal, mas parecia um pouco com um conjunto de dentaduras – dentes e gengivas brilhando a luz da lua, assim como a pele da garota. Havia um mecanismo de relógio em algum lugar ali, e uma mola, segurando os dois lados do dispositivo separadamente. Sherlock podia ver também, algo vermelho e emborrachado ocultado atrás dos dentes. Que diabos era aquilo?

Os olhos da moça moveram-se para o lado, para Cameron, e Sherlock percebeu o que ela ia fazer. “Pra trás!” Ele gritou, e Cameron atirou-se para trás quando a menina fechou os dentes de metal em sua garganta. Os dentes passaram por um pela sua artéria carótida por um fio de cabelo, estalando como castanholas quando a menina os pressionou juntamente pela força da mola.

Por trás da garota, Wu Fung-Yí surgiu. Ele olhou confuso, como se tivesse acordado e ainda se encontrasse no meio de um pesadelo. Ele agarrou-a pelo braço. Ela virou-se e sibilou para ele. Surpreso, ele cambaleou para trás e a deixou ir. Ela voltou sua atenção para Cameron e saltou para ele, os braços estendidos, os dentes do dispositivo direcionados diretamente para sua garganta. Cameron se jogou para o outro lado no convés do barco, apavorado.

Sherlock quebrou a paralisia. Ele correu pelo convés e pegou a menina pela cintura, puxando-a para trás, assim que ela tinha chegado à Cameron. Ela atacou com um pé, pegando Sherlock na cabeça. Seus pés estavam descalços, mas suas unhas eram fenomenalmente duros e afiados. Sherlock sentiu-os arrancas a sua pele, rasgando para longe de sua testa em uma tira crua de agonia. Era como se alguém tivesse lhe acertado com uma forquilha de jardinagem. Ele soltou, e ela caiu para frente, rolando pelo convés. Sua mão bateu na madeira e a coisa que ela segurava escorregou para as sombras. Ela sibilou outra vez, sacudindo a cabeça de um lado para o outro. Sua língua lambia os lábios, mas Sherlock ficou chocado em ver que ela era negra em vez de rosada. Parecia uma lesma hedionda tentando rastejar para fora de sua boca.

Sherlock estendeu a mão para a coisa que a menina tinha derrubado. Seus dedos se fecharam em algo com arestas sólidas e metálicas. Rapidamente ele a

pegou. Ela olhou para sua mão, depois para sua mão, e então ela saltou para ele.

Sherlock jogou o objeto metálico para Wu Fung-Yi e gritou: “Leve isso para longe!”, quando a menina chegou a ele com os braços estendidos. Ele agarrou-lhes os pulsos, parando seus dedos em uma fração de centímetros antes que tocassem a seu rosto. Suas unhas eram como as dos pés, duras e afiadas. Elas pairavam na frente dos olhos de Sherlock, brilhando feito agulhas. Ela esforçou-se contra ele, tentando fazer com que suas garras – e elas eram garras, Sherlock decidira – em sua pele. Ele sabia o que aconteceria em seguida. Ela iria cortá-lo em pedaços.

Ele olhou profundamente em seus olhos quando os dois estavam ali, focados em seu congelado combate. Ele procurou por algum fragmento de humanidade, por algum pequeno traço de emoção. Mas não havia nada. Além de seu porte e a maneira em que seu cabelo enrolava, não havia nada de humano sobre ela.

Rosnando, de repente ela jogou seu peso para trás em vez de avançar. Pego de surpresa, Sherlock encontrou-se sendo puxado em direção a ela. Ela trouxe um pé contra seu estômago. Ele podia sentir as garras duras que eram suas unhas arranhando sua pele. Ela caiu no convés, ainda indo para trás, e Sherlock sentiu seus pés se levantando para fora do convés. Ela puxou-o sobre sua cabeça, rolando de costas, e, em seguida, soltando seus pulsos. Ele rodou pelo ar, vindo o convés abaixo dele sendo substituído pelos juncos. Ele atingiu a superfície do Yangtze, levantando uma enorme explosão de respingos de água. O impacto tirou o fôlego de seu corpo. A água fechou-se sobre sua cabeça. Ele podia sentir o gosto da lama, e ele podia sentir os grãos entre seus lábios e seus dentes. Desesperado, ele se debateu para fora, mas ele havia perdido seu senso de direção na queda e ele não poderia dizer em qual direção estava indo. Seus braços golpeavam freneticamente. Havia ervas daninhas sob a superfície do rio; viscosa, coisas longas e fibrosas que se enrolavam ao seu redor e o impediam de flutuar de volta a superfície. Ele queria desesperadamente tomar um fôlego. Apesar do fogo que ardia em seus pulmões, ele golpeava com seus braços e pernas, tentando quebrar o aperto insidioso das ervas daninhas. Mais por sorte do que por bom julgamento seu pé bateu em uma pedra no leito do rio, e ele empurrou para cima o mais forte que pode. As ervas que o seguravam se rasgaram soltando do leito do rio. Seu pé escorregou da pedra, mas não importava – ele tinha dado suficiente impulso para cima até que sua cabeça rompeu a superfície e ele inspirou grandes goladas de ar.

Por alguns momentos, ele não conseguia ouvir nada além da água correndo em seus ouvidos e o esforço de seus pulmões enquanto tentava respirar, mas aos poucos ele se tornou consciente de vozes que chamavam por ele – “Sherlock! Sherlock!” – e as vozes vindo de outros barcos pedindo um pouco de paz e tranquilidade.

Algo bateu na água perto de sua cabeça. Ele se afastou, pensando que a

garota tinha mergulhado atrás dele, mas era um remo do barco. Wu Fung-Yi estava segurando ele para Sherlock.

Sherlock agarrou o remo e deixou que Wu o puxasse para o barco. Seus braços estavam fracos demais para subir de volta, e ele teve que deixar Cameron e Wu desajeitadamente manobrar-lho para fora da água. Até o momento em que ele caiu para o convés, os três estavam encharcados e exaustos.

“O que diabos era aquilo?” Perguntou Cameron.

“Uma garota”, Sherlock arquejou.

Cameron ergueu as sobrancelhas. “Eu nunca me dei muito com as meninas”, disse ele secamente. “Elas são todas assim?”

Wu e Sherlock apenas olharam para ele, e então todos riram.

“O que aconteceu a ela?” Perguntou Sherlock.

Foi Wu quem respondeu. “Depois que ela o jogou na água, ficou no convés olhando para nós. Ela olhava de Cameron para mim e depois de volta para Cameron. Acho que ela tentava decidir em qual ordem iria nos atacar. Então você rompeu a superfície e começou a espirrar água. Ela percebeu que havia muita coisa acontecendo, então ela pulou para o lado do barco e correu para a margem. Eu a vi correndo entre as canas, então eu a perdi de vista.”

“Eu acho”, disse Sherlock, eventualmente, “que nós finalmente encontramos a coisa que invadiu sua casa, Wu – e a sua Cameron. A mesma coisa que matou a ambos seus pais.”

“Mas – é uma menina”, disse Wu, incrédulo. “Por que seria ela?”

“Eu duvido que tenha sido ideia sua”, Sherlock respondeu. “Eu suponho que ela estava seguindo instruções.”

“Eu só a vi brevemente”, disse Cameron, “mas sua pele... ela me lembrou de algo. De alguém.”

O mesmo pensamento ocorrera a Sherlock. “Ela se parece com o Sr. Arrhenius”, disse ele severamente.

“Quem?” Perguntou Wu, franzindo o cenho.

“Sr. Arrhenius. Ele era um dos passageiros do Glória Scott. Sua pele tem essa mesma cor cinza prateado. Ele disse que é assim por que bebeu algum tipo de líquido à base de prata para evitar contrair doenças. Ele disse que a prata de alguma forma natural forma uma barreira contra as doenças.” Sherlock franziu o cenho, pensando. “Talvez essa seja sua filha. As chances de duas pessoas que têm pele assim e não estarem conectadas são bastante reduzidas. E eu achava que tinha algo, ou alguém, em sua cabine, lá no navio. Ele a trouxe a bordo em sua bagagem – lá havia uma caixa com buracos para entrada de ar. Mas... sua filha?”

“Havia algo desumano sobre ela”, disse Cameron, tremendo. “Você viu os olhos dela?”

Sherlock assentiu. “Eu podia ver inteligência lá”, disse ele, “mas não era

como olhar nos olhos de uma pessoa.”

“Você acha que ela nasceu assim?” Perguntou Wu.

“Se seu pai estava bebendo prata líquida antes de ela ter nascido, então pode ter tido esse efeito”, Sherlock meditou. “Talvez isso a tenha modificado antes de ela nascer. Ouvi dizer que as mulheres que bebem muito gim dão à luz bebês que têm... problemas. Talvez isso seja um caso semelhante.”

“Eu me pergunto o que aconteceu a sua mãe”, disse Cameron em voz baixa. “Eu me pergunto se ela ainda está viva.”

O pensamento foi o suficiente para encerrar a conversa dos três pelos próximos minutos.

“O que era aquela coisa que ela tinha em sua mão?” disse Wu eventualmente.

“Eu não sei.” Sherlock olhou para o menino chinês. “Você foi o último a tê-lo. O que fez com ele?”

“Penso tê-lo jogado em um local seguro”, disse Wu. Ele se levantou e foi até o barracão no meio do convés. “Por aqui, eu acho.” Ele desapareceu por um momento, depois voltou com algo de metal em sua mão. “Aqui!”, disse ele, entregando-o a Sherlock.

Ele segurou o objeto na frente de seu rosto e o examinou enquanto Cameron e Wu se aproximavam. Era como ele tinha pensado, uma boca falsa feita de metal, com um maxilar superior e inferior juntamente articulados – mas não uma boca humana. Era muito pequena, muito bicuda, e os dentes eram muito longos e afiados. Os dois dentes da frente em particular, eram do comprimento de seu dedo mindinho. A presa direita chegava a uma ponta afiada, enquanto a esquerda parecia estar um pouco quebrada na ponta.

Era uma mandíbula de cobra, feita de metal, e supridas de molas para que as mandíbulas inferiores e superiores pudessem se fechar com uma certa pressão.

Ele teve a sensação de que ele tinha visto a ponta da presa perdida antes. Ele achava que a tinha pego no Glória Scott certa vez, quando ele estava do lado de fora da cabine do Sr. Arrhenius.

Olhando para as presas, Sherlock percebeu que havia buracos estreitos nelas, percorrendo todo o caminho da ponta a base. Por detrás dos dentes, no céu da boca, havia um bulbo feito de algum material emborrachado. Sherlock apertou experimentalmente, e assistiu em choque quando duas pequenas gotas do líquido se formaram uma em cada presa.

“Isso é o que eu penso que é?” Perguntou Cameron.

“É veneno”, disse Sherlock, fascinado. “Não toque nisso!” Ele olhou para as gotas líquidas, espantado. “Veja – isto é um crânio falso de uma cobra, feito por alguém com metal, tem um sistema que injeta o veneno. Com isso, você pode efetuar uma mordida em alguém e injetar veneno suficiente para matá-lo. Não há necessidade de ter uma cobra de verdade para ir junto.”

De repente, ele percebeu o que tinha dito. Ele olhou para cima para ver Cameron e Wu ambos olhando para ele.

“Isto é o que matou seus pais”, disse ele. “Meu Deus – Eu sinto muito.”

Foi Cameron quem fez a pergunta óbvia. “Meu pai foi morto por uma garota? Uma menina mais nova do que eu?”

Wu Fung-Yi balançou a cabeça. “Eu não posso acreditar nisso”, ele respirou. “Por que uma menina tão pequena faria algo assim?”

“Você a viu”, Sherlock apontou. “Há algo sobre ela que não está certo. Assumindo-se que ela seja a filha de Arrhenius, acho que toda aquela prata no corpo de seu pai a fez nascer... diferente... das demais pessoas. Ela parece diferente. Eu acho que seu pai a usa, como você usaria uma ferramenta, ou uma arma.”

“Então o que vai acontecer agora?” Perguntou Wu. “Você acha que ela irá atrás de nós?”

Sherlock deu de ombros. “Quem sabe?” Uma ideia surgiu em sua mente, e ele a examinou por alguns momentos. “Lembro-me de que quando chegamos a beira do rio mais cedo, eu vi um outro barco. Ou, pelo menos, eu vi as luzes. Estava atrás de nós no rio. Vi-o encabeçar para a margem mais para adiante. Talvez seja de onde ela veio. Se ela é filha do Sr. Arrhenius, então ele pode estar navegando nesse barco, seja nos seguindo pelo rio ou tentando chegar ao USS Monocacy antes de nós.” Ele olhou para Cameron e Wu. “Eu acho que preciso ir dar uma olhada.”

“As chances são de que é uma coincidência. Havia um bocado de barcos no rio. Não há nenhuma garantia de que ele realmente estava nos seguindo.”

“Talvez não”, Sherlock concordou, “mas a menina teve que vir de algum lugar. É quase o amanhecer. Vocês fiquem com o barco pronto para sair. Eu vou fazer algum reconhecimento.”

Os dois garotos se entreolharam, então eles assentiram.

“Tudo bem”, disse Cameron. “Volte em meia hora. Temos que chegar ao Monocacy e avisar o capitão sobre a bomba. Se você não estiver de volta, então teremos que partir sem você. Nós não temos nenhuma escolha.”

“Eu sei”, disse Sherlock.

Ele olhou para as presas de cobra de metal em sua mão. Ali deveria haver uma trava de segurança em algum lugar, um meio de garantir que as mandíbulas permanecessem de modo que não fosse perigoso carregá-las. Olhando mais de perto, ele podia ver que as mandíbulas estavam pressionadas cuidadosamente próximas, de modo que as presas estavam protegidas em seu encaixe, e havia uma pequena trava que podia ser movimentada nela de modo a segurar os maxilares fechados. Deixando-os seguros, ele escorregou-os para seu bolso. “Voltarei em breve”, disse ele, com mais confiança do que realmente sentia.

Ele pulou para a lateral do barco e sentiu seus pés afundarem na lama macia

da margem do rio. Uma linha tênue de plantas partidas conduzia a margem. Era provavelmente o lugar onde a menina tinha ido. Ele seguiu a trilha e logo estava em terra seca.

Um caminho levava ao longo da margem do rio, ladeada pelo mato alto. Sherlock movia-se em um passo rápido, agachando-se para que ele não deixasse sua silhueta contra o céu. Ele fez seu caminho para o lugar onde ele tinha visto o barco com as lanternas verdes e amarelas irem. Assumindo que não haveria quinze barcos ancorados todos no mesmo lugar, ele deveria ser capaz de descobrir qual ele queria.

Algo se moveu através do mato na frente dele. Seu coração de repente parecia bater várias vezes em rápida sucessão, martelando em seu peito. Ele fez uma pausa, mal ousando respirar, esperando para ver o que estava se movendo e o que ela ia fazer. Era a menina, preparando-se para atacá-lo de novo?

A poucos metros de distância dele as hastes se separaram e uma cabeça surgiu. Era verrugosa e coberta de pelos, com um focinho longo e duas presas que apontavam para cima a partir do maxilar inferior. Era um porco de alguma espécie, ele percebeu com alívio. Na verdade, era mais um javali do que um porco. Ele olhou para ele com olhos negros e redondos, bufando em desafio, mas quando ele não obteve resposta ele puxou-se de volta e afastou-se através do mato alto. Estava, provavelmente, apenas defendendo sua toca, ele decidiu. Talvez tivesse filhotes. Ele supôs que, se o javali o atacasse em seguida, ele poderia ter tido problemas, mas ele tinha o deixado e partido por causa de seu tamanho e sua aparente falta de medo. Uma lição útil para o futuro, ele decidiu; se você olhasse como se não estivesse com medo, então os animais, e talvez até mesmo as pessoas, iriam tratá-lo como se você realmente não estivesse com medo.

Ele deu ao javali alguns segundos para sair do seu caminho, em seguida, ele seguiu em frente. Poucos minutos depois, ele se achou olhando para um barco semelhante ao que ele e os outros meninos estavam usando. Estava amarrado a um toco de árvore na margem do rio. Duas lanternas estavam anexadas ao mastro, mas elas não estavam acesas e Sherlock não poderia dizer de que cores elas eram. Era este o barco certo? Estaria ele perdendo seu tempo?

Algo se moveu no convés, e ele abaixou-se atrás de uma moita de juncos, para que não fosse visto. Cautelosamente, ele separou as canas e olhou através da abertura.

Um homem surgiu a partir de uma cabine na parte traseira do convés. Era o Sr. Arrhenius. Ele estava usando seu terno de linho claro e um chapéu panamá. Sua pele prateada parecia brilhar ao luar minguante, e seus olhos brilhavam como joias individuais. Ele ficou ali por um momento, olhando em volta, e depois assobiou uma única nota, calmamente.

Um pouco distante de onde Sherlock estava escondido, os juncos se

separaram e uma pequena figura escorreu da lama da beira do rio para o barco. Rapidamente ela correu até a corda que prendia o barco perto da margem. Como o Sr. Arrhenius, sua pele parecia brilhar na luz escassa.

A menina fez uma pausa quando ela chegou ao convés. Sua cabeça se movia pra frente e pra trás, ligeiramente elevada, como se estivesse farejando o ar.

O Sr. Arrhenius caminhou em sua direção, parando a poucos metros de distância. “Você teve sucesso?” Ele perguntou suavemente, sua voz quase sendo levada pelo ar para onde Sherlock estava escondido. “Estão aqueles moleques intrometidos realmente mortos?”

A menina olhou para ele, não dando nenhuma indicação de que ela entendeu suas palavras. Ou talvez ele entendesse, mas não se importava o suficiente para responder.

“O que há de errado?” Perguntou Arrhenius. Sherlock não podia observar como, mas de alguma forma ele tinha pego algo em sua maneira, algum desconforto ou hesitação. “Eles não estavam lá? Era o barco errado?”

Ela continuou a olhá-lo por alguns instantes e, em seguida desviou o olhar sem expressão, olhando para o rio escuro.

“Você falhou”, disse ele, de alguma forma entendendo a verdade do que tinha acontecido. “Três meninos, três crianças, e você falhou!” Sua voz ficou mais alta e mais áspera. “E ainda tem coragem de voltar aqui?” Ele deu um passo para frente. Antes que ela pudesse se mover, ele deu um tapa com força. Ela girou a cabeça e tropeçou, caindo de joelhos. Ela ficou ali, no convés do barco, de cabeça baixa.

Sherlock estava atordoado. Sua experiência sobre a menina não era grande, mas até agora ele a tinha visto tão rápida, forte, implacável e perigosa, mas ela nem se quer estava tentando se defender. Era como se ela não pudesse usar os punhos contra seu próprio pai.

Arrhenius olhou para as mãos da menina, que estava mancando no convés sobre os joelhos. “E quanto ao injetor? O ele está? Você o perdeu? Você o deixou para trás, onde eles podem encontrar?”

Sherlock pensou que podia ver algo brilhando nos olhos da menina, mas não tinha aspecto de prateado. Pareciam lágrimas.

“Você o perdeu, não é?”

Ela aparentemente não queria encontrar o olhar de Arrhenius. Ele aproximou-se dela e agarrou-lhe o queixo, erguendo a cabeça para cima, de modo que ela foi forçada a olhar para ele.

“Patético”, ele sibilo. “Tudo que eu fiz por você desde que sua mãe morreu, e você me trata dessa maneira. Patético! Nós já estamos correndo contra o tempo por causa do seu fracasso. Se você tivesse matado Malcom Mackenzie quando deveria, então não seria necessário segui-lo até a residência do Prefeito para roubar sua nota de aviso, e eu já gostaria de estar no local da explosão, para

dar o sinal. Por sua causa estou agora tentando chegar lá... desta maneira indigna.” Ele cerrou sua mandíbula fortemente. Sherlock podia ver os recortes de seus dedos sob a pele. “Você é uma decepção para mim, menina. Uma grande decepção.”

Sherlock de repente percebeu que o terreno onde estava agachado estava se movendo. Aquilo empinou-se, abrindo para revelar uma úmida, e vermelha, garganta com fileiras de dentes irregulares. Ampla, pele escamosa pendurada abaixo da boca, balançando conforme a criatura se lançava contra ele, as mandíbulas escancaradas.

Capítulo 14

Sherlock caiu para trás, chocado, como a criatura que estava se escondendo a seu lado, alavancou-se para fora da lama na margem do rio em quatro patas curtas, que terminavam em garras ferozes.

Seus olhos eram pequenos e estreitos, e eles olhavam para Sherlock sem emoção, como fragmentos de pedra. Por detrás das patas traseiras seu corpo se convertia em uma cauda longa e plana que ocupava a metade de seu comprimento. Havia cristas como fios de navalha que corriam em ambos os lados da cauda. A coisa era um réptil de algum tipo. Sua pele é marcada por ranhuras profundas, e se pendura abaixo dele em montes e dobras. Sua cabeça era plana, como uma pá. Duas narinas fixadas bem na frontal, e em cima, para poder respirar enquanto deitado na água, Sherlock deduziu. Era obviamente um caçador, e um que estava a espera, na clandestinidade. Da ponta do focinho à extremidade da cauda, tinha aproximadamente o mesmo tamanho de Sherlock, mas parecia ser em músculos na sua totalidade.

Todos esses detalhes Sherlock pegou no fragmento de um segundo em que a criatura levou para usar sua cauda e se movimentar em direção a ele. Ele esticou os braços, tentando pegar a coisa no ar. Suas mãos agarraram seu focinho e pressionaram sua boca fechada. Metade dos dentes parecia ainda estar fora da boca, apontando em todas as direções. Ele podia ouvir os sopros de ar através de suas narinas, e podia sentir o cheiro de sua respiração – carne apodrecida e peixe podre. Suas garras dianteiras rasgavam seu tórax, tirando sangue e ferroando, enquanto suas garras traseiras arranhavam para avançar sobre o terreno. Sua cauda musculosa chicoteava contra a lama, numa tentativa de empurrá-lo para mais perto de Sherlock. As cristas afiadas ao longo dos lados de sua cauda chocavam-se contra a pele de suas pernas, rasgando a carne e deixando linhas de agonia ardente em seu rastro.

Sherlock se contorceu, forçando a criatura em torno de si de modo que ficasse em baixo dele. Suas mãos ainda estavam apertando sua boca fechada, e ele forçou-a para baixo na lama, manobrando seu corpo de modo que ele ficasse com o joelho em seu focinho, segurando suas mandíbulas fechadas, e o outro joelho prendendo sua cauda. Ele se contorcia e se contorcia embaixo dele, mas ele se certificou de que ficasse preso. Por um tempo, de qualquer maneira.

Ele olhou para o barco, entrou em pânico. Arrhenius e sua filha estavam olhando para a margem. Eles tinham, obviamente, ouvido alguma coisa da luta, mas não visto nada. O mais incrível era que a criatura não fazia quase som algum exceto o sopro de sua respiração pelas narinas. Qualquer outro animal latiria ou rosnando ou guinchando ou algo assim, parecia incapaz ou sem vontade de fazer barulho enquanto lutava.

Com uma ação rápida Sherlock colocou todo o seu peso para o soco mais forte que conseguiu, dirigido à direita na parte de trás do pescoço da criatura. Ele

se contorceu debaixo dele por um tempo, depois ficou imóvel. Por um momento glorioso ele pensou que tinha matado ele, mas depois ele percebeu que ele ainda podia sentir seus lados em movimento, sendo que ainda respirava. Ele deveria ter o atordoado – ou talvez estivesse apenas se fingindo de morto, esperando que fosse libertado.

“Vá e veja o que está fazendo esse barulho.” A voz do Sr. Arrhenius fluuava do barco abaixo. “Se for um dos adolescentes, então, mate-o. Daí eu quero que você volte para o barco deles e recupere o injetor de veneno. Eu não posso me dar ao luxo de isso ser descoberto. Em seguida, use-o para matar os outros. Desta vez, faça direito.”

A menina correu para a borda do barco. Ela movia-se como um animal – em quatro patas, mãos e pés todas estando em contato com o convés. Ela saltou e, quando bateu na margem, ela passou a correr subitamente sobre duas pernas, usando as mãos para empurrar os juncos para fora do caminho. Ela parecia desesperada para provar para ele.... Ele o quê? Seu pai? Sherlock ainda não conseguia acreditar.

O olhar de Sherlock se deslocava entre a menina que se aproximava e a criatura que estava presa embaixo dele. Ele não conseguia descobrir o que era o melhor a fazer, como escapar.

Ele podia ouvir o silvo das canas se despedaçando para que a menina passasse. Ela estaria com ele em pouco tempo, e mesmo sem o injetor de veneno ela seria capaz de rasgar sua garganta com as unhas rígidas de seus dedos. E ela, bem – ele não tinha visto mais misericórdia nos olhos dela do que tinha visto nos olhos da criatura sobre a qual ele estava ajoelhado. Mas ele deixou de segurar a criatura reptiliana para baixo, pronto para defender-se da menina, então ela iria quase certamente virar-se contra ele e atacá-lo. Ele poderia segurá-la com uma mão, o que significava que ele poderia obter o injetor de veneno em seu bolso.

Ele fez a única coisa que podia. Na parte de trás de sua cabeça, ele ouviu a voz de Amyus Crowe dizendo: 'Se a vida lhe der limões, Sherlock, faça uma limonada. Use o que você tem à mão para obter a sua vantagem. Coisas que parecem ser problemas, podem na verdade ser soluções para outros problemas.'

Ainda segurando o focinho do réptil, ele deslizou a outra mão por baixo e agarrou sua pata. Ele tirou seu joelho de sua cauda. Imediatamente ele começou a lutar. Antes que pudesse esquivar de sua mão, ele usou cada grama de sua força para içá-lo no ar. A criatura resistiu e se contorceu, mas ele segurou.

As canas se separaram e a menina saiu. Seus dentes estavam à mostra e sua língua negra estava estendida. Seus olhos brilhantes fixaram-se em Sherlock e ela rosnoou.

Então ele jogou o réptil nela.

Ele tentou virar no ar para mordê-lo, mas ele tinha jogado ele com muito

força e bem longe para ele alcançá-lo. Ele atingiu a menina em cheio no rosto. Chocada, ela caiu de costas, com as mão agarrando o réptil para contê-lo. Sentindo algo quente ao seu redor, a criatura se virou e tentou mordê-la. Ela agarrou seu focinho com uma mão e suas garras arranhando com a outra. Pelo que Sherlock conseguia ver no rosto dela, ela não estava com medo, ou mesmo surpreendida. Ela estava totalmente focada em derrotar essa nova ameaça.

Os dois – a menina e réptil – desapareceram entre as canas. Sherlock podia ouvir os sons contínuos de sua luta, ficando cada vez mais fraco à medida que rolavam pela margem do rio em direção à água. Houve um respingo, e, em seguida, uma série de espirros. Então houve silêncio.

Ele levantou-se e olhou para o rio. Ele não podia ver a menina, ou o réptil, mas ele podia ver o Sr. Arrhenius. O homem estava se lançando, preparado para zarpar. Ele se virou e olhou para Sherlock.

“Você e o crocodilo do rio parecem ter resolvido um problema para mim”, ele falou alegremente. “Ela estava começando a ser mais uma responsabilidade do que uma vantagem.”

“O que você está buscando fazer é loucura!” Sherlock gritou. “Você não percebe quantas pessoas vão morrer?”

Arrhenius deu de ombros enquanto o barco ia a deriva no rio. “Eu não me importo. Estou sendo bem pago para isso. Meus empregadores não se importam tanto. Afinal de contas, eles dirigem minas onde as pessoas morrem o tempo todo, e fábricas onde as pessoas respiram venenos que a cada dia encurtam suas vidas. Enquanto eles estiverem fazendo lucro, a morte é apenas um infeliz subproduto de seus negócios.” Ele tirou o chapéu. “Você tem sido um adversário interessante. Creio que não iremos nos encontrar de novo.”

“Eu vou para você!” Sherlock gritou. “Eu vou pará-lo.”

“Cuidado com a mordida da cobra, meu jovem.” Arrhenius avisou. Ele colocou o chapéu de volta na cabeça e voltou-se para checar a vela.

Descontroladamente, Sherlock mergulhou para baixo da encosta do rio. Se ele chegasse até Arrhenius, se ele pudesse de alguma forma impedir o homem de partir, então talvez o navio não fosse explodir. Arrhenius parece ter dito a garota que ele tinha que chegar ao local onde a explosão aconteceria – provavelmente o mesmo lugar onde o governador da província embarcaria no navio – e daria um sinal. Lama agarrou-se aos seus pés e ele quase caiu duas vezes enquanto ele fazia seu caminho para baixo, mas era tarde demais. O barco de Arrhenius estava já no rio em rápido movimento. Havia uma brisa matutina soprando da costa, e as velas de Arrhenius a capturaram e foram impelidas para frente.

Ele bateu com o punho em sua perna com frustração. Tão perto e tão longe.

Hesitando apenas por um momento, ele se virou e subiu a margem novamente. Quando ele chegou ao caminho no topo ele correu de volta para onde ele havia deixado Cameron e Wu Fung-Yi. Não havia nenhum sinal da

menina. Se ela tivesse sobrevivido à luta com o réptil, então, ela deve ter fugido, procurando quer pelo pai, quer por um abrigo.

Sherlock tentou se sentir culpado pelo que ele tinha feito – lutado com uma menina! – mas ele não podia. Havia algo de muito errado com ela. Ela era mais animal do que garota, e ela estava provavelmente melhor sem Arrhenius. Sherlock tinha a sensação de que ela sobreviveria, não importa quais fossem as circunstâncias.

Ele se perguntou qual seria seu nome. Parecia uma coisa tão trivial, mas era difícil pensar nela como uma pessoa sem realmente sabê-lo.

Levou apenas alguns minutos para chegar ao barco. Ele derrapou para baixo até margem e saltou para o convés. Os dois meninos estavam esperando por ele.

“O que aconteceu?” Perguntou Cameron.

“Vou contar-lhes quando tivermos partido, nós estamos em uma corrida”, disse Sherlock. Ofegante. “Precisamos nos lançar, levantar a vela e encabeçar rio acima.”

“Você está ferido”, Cameron observou, olhando para os arranhões sangrentos no peito, no rosto e nas pernas de Sherlock

“Preocupemo-nos com isso mais tarde. Precisamos nos mover.”

Conforme Sherlock arrematava, Cameron se esforçou para levantar a vela e Wu Fung-Yi assumiu o leme. Sherlock ofegou para fora a história tanto quanto pode. “Arrhenius precisa dar um sinal para o falso cozinheiro a bordo do Monocacy”, Sherlock concluía conforme o barco ficava a deriva no rio e a vela pegava a brisa. “Se ele não estiver lá a bomba não explode.”

“Por que ele precisa dar um sinal, em primeiro lugar?” Wu falou da parte traseira do barco. “Não bastaria definir os explosivos para que explodissem?”

Sherlock pensou por um momento. “O Monocacy é um grande navio. Sabemos que os explosivos estão armazenados em barris de água falsos, e isso significa que provavelmente eles estão armazenados perto da cozinha, no fundo do navio, onde o cozinheiro chefe pode manter um olho neles. Ele terá que acender um fusível, a fim de desencadear a explosão. Ela não terá como saber, escondido no interior do navio, quando o Governador tiver ido a bordo. Ele precisará de alguém de fora do navio para lhe dizer quando acender o pavio – o que significa que ele vai, provavelmente, estar olhando através de uma escotilha, à espera do sinal.”

“Mas por que não poderia qualquer pessoa fazê-lo?” Perguntou Cameron, olhando por cima do ombro para Sherlock. “Por que tem que ser o Sr. Arrhenius?”

Sherlock deu de ombros. “Talvez Arrhenius não confie em nenhuma outra pessoa. Ou talvez eles queiram restringir o número de pessoas que estão envolvidas com a conspiração – afinal, quanto mais pessoas souberem, então há mais chances de alguém delatá-los, e este serviço em particular precisa ser

mantido em grande segredo para que funcione.”

“Há uma coisa que eu não entendo”, disse Cameron. “Qual era o papel do meu pai nisso? Ele era um dos conspiradores, ou ele descobriu sobre isso de alguma outra maneira?”

Sherlock meditou. “Ele era, obviamente, parte dela, mas ele também, obviamente, teve uma mudança de coração. Talvez fosse o trabalho dele viajar rio acima para onde o Monocacy estará ancorado e dar o sinal. Lembro-me de vê-lo conversando com Arrhenius no jantar em sua casa. Arrhenius parecia com raiva. Talvez foi quando então, ele disse que não ia tomar parte na conspiração. Eu acho que ele decidiu que não poderia tolerar a perda de vidas que resultaria da explosão. Então Arrhenius fez que fosse assassinado, mas, em seguida, Arrhenius teve que tomar seu lugar e dar o sinal.”

“Então, ele foi um herói, no final?” Perguntou Cameron calmamente. “Ele tentou fazer a coisa certa?”

“Sim”, disse Sherlock “Ele tentou.”

Era possível ver através do rio agora. O sol ainda não era visível acima do horizonte, mas as estrelas tinham desaparecido e o próprio céu era azul agora em vez de negro. O rio já estava se enchendo de outros barcos conforme as pessoas aproveitavam a oportunidade para começar suas atividades bem cedo.

“Qual barco pertence a Arrhenius?” Perguntou Wu. Ambos, Sherlock e Cameron, escanearam o rio para tentar vê-lo.

“Impossível dizer”, Cameron respondeu. “Ainda está muito escuro, e eles estão todos muito longe. Se o plano é tentar interceptá-lo, então provavelmente nunca o faremos. Ele tem uma vantagem sobre nós, e não podemos detectar qual barco é o dele.”

Sherlock cerrou os punhos em frustração. Sua única chance era impedir Arrhenius de enviar o sinal, mas eles não podiam avistá-lo, e nem alcançá-lo, então que chance eles teriam?

O USS Monocacy ia explodir, e as pessoas iam morrer, e ele não podia fazer nada para detê-lo. Sentia-se tão impotente.

Sherlock notou um barco em particular que estava flutuando fora da multidão principal. Era longo e fino, e feito de madeira que tinha sido pintado de vermelho brilhante. As bordas do barco foram decoradas com tinta dourada, e na frente tinha sido esculpido uma cabeça de dragão, tendo dentes afiados e narinas dilatadas e, estranhamente, fios de barba penduradas sob o seu queixo. Dez homens estavam no barco, oito deles manejavam os remos, um operava o leme na parte traseira, enquanto o décimo estava sentado na parte da frente com as costas viradas para fora e um tambor entre os joelhos. “O que é aquilo?” Sherlock perguntou, apontando.

Cameron olhou. “É chamado de Barco Dragão”, ele disse. “Cada aldeia tem um. Eles correm um contra o outro em festivais.”

“São rápidos?” Sherlock perguntou.

“Muito”, Wu falou da parte de trás do barco. “Veja os músculos dos remadores.”

Sherlock olhou para o Barco Dragão. Os braços dos remadores eram mais robustos do que suas pernas.

“O que eles fazem aqui?” Ele pergunta a Wu.

“Praticando”, Wu respondeu. “Eles praticam todas as manhãs antes de ir para o trabalho nos campos. Um grande festival se aproxima.”

“Nos leve até eles. Eu quero lhes falar.”

Wu ajustou o leme para levá-los até o Barco Dragão, enquanto Sherlock e Cameron enrolavam sua vela para que não passassem por eles direto. Os remadores e o baterista na frente olharam com curiosidade.

“Precisamos da sua ajuda”, Sherlock chamou.

“Precisamos estar rio acima o mais rápido possível.”

Os homens olharam para ele.

“Eu posso pagar”, disse ele. Ele olhou para Cameron, que assentiu.

“Quanto querem para nos levar?”

Os homens discutiram isso brevemente. O baterista falou por todos: “Cinco em dinheiro.”

“Concordo”, disse Sherlock, não tendo muita certeza de quanto isso era em moedas, mas sabendo que eles tinham que obter sua ajuda.

“Pra cada um.”

Sherlock olhou para Cameron novamente. “De acordo”, ele suspirou.

“Não podemos simplesmente deixar o barco de meu tio aqui à deriva!” Wu falou desde o leme.

Sherlock assentiu. “Vamos deixar três dos remadores a bordo. Eles podem levá-lo para a margem. Podemos recuperá-lo mais tarde. Isso deixará espaço para nos sentarmos. Mas teremos que remar, eu temo.”

Cameron deu de ombros. “Será uma experiência nova. Minha vida no momento parece estar cheio de novas experiências.”

Dentro de poucos minutos, os três haviam trocado de lugar com os remadores, e o barco do tio de Wu se dirigia para margem. Os outros barcos se desviavam deles.

Sherlock olhou para o remo. Era largo na base, com um cabo longo. Ele o ergueu experimentalmente, em seguida, olhou para o baterista. O homem estava nu da cintura para cima, e era musculoso como os remadores. Seu cabelo preto estava pendurado atrás das costas em uma trança.

“Quando estiver pronto”, disse Sherlock.

O baterista sorriu para ele, então deliberadamente trouxe a baqueta para baixo no tambor. Um profundo 'dumm!', vibrou através do barco. Ele bateu novamente com a outra baqueta – 'dumm!'. Os remadores estavam prontos.

Quando ouviu o terceiro 'dumm!', que sacudiu os ossos de Sherlock, todos os remadores se inclinaram para frente e empurraram seus remos na água. Sherlock, Cameron e Wu se juntaram a eles.

O barco foi atirado para frente, espuma branca espirrando acima dos arcos.

O homem que segurava o leme dirigiu-os para os barcos que subiam o rio. Sherlock foi surpreendido com a rapidez com que ganhavam velocidade.. Os outros barcos passavam por eles, e Sherlock pegava visões momentâneas de rostos congelados em várias expressões que variavam de aborrecidos a surpresos. Eles estavam viajando facilmente três ou quatro vezes mais rápidos do que os outros barcos. No começo, ele tentou manter uma busca pelo Sr. Arrhenius, mas tudo começou a diluir em um fluxo contínuo de imagens a partir do qual era difícil distinguir qualquer coisa em particular. Sherlock rapidamente caiu a uma rotina exaustiva no remo. Os músculos de seus braços e ombros queimando com o exercício inesperado. Ele sentia a carne rasgada em seu peito pingando para fora como que fogo líquido. A água salpicava em seu rosto, e ele permaneceu lambendo os lábios para obter um pouco de umidade em seu corpo. O som do tambor tornou-se o som de um pulso latejante em seus ouvidos: 'Dumm! Dumm! Dumm!'

Ele olhou por cima do ombro para onde Cameron estava sentado atrás dele. O rosto de Cameron estava rígido, sua mandíbula cerrada, o seu olhar parecia passar por Sherlock, sem realmente reconhecê-lo.

Depois de um período de tempo que poderiam ter sido minutos ou poderiam ter sido horas, ele ouviu a voz de Wu Fung-Yí chamando seu nome. "Sherlock! Sherlock!"

"O quê?" Ele respondeu, balançando a cabeça para limpá-la do enevoamento.

"O que é aquilo lá na frente?"

Sherlock olhou passando pelos remadores na frente dele. Além dos arcos do Barco Dragão e passando pela cabeça de madeira esculpida do próprio Dragão, ele viu uma grande roda saindo da água.

"É o Monocacy!" Sua voz estava rouca. "Nós temos que chegar lá! Diga-lhes para orientarem para o navio!"

O Monocacy estava parado, perto da margem do rio. Estava amarrado a um cais de madeira. Montes se elevavam bruscamente das bordas do rio. Do outro lado estavam ruínas do que parecia ser um velho forte militar. Uma torre e algumas paredes ainda de pé, mas o resto era escombros.

O Barco do Dragão fez o seu caminho através da água, indo para o USS Monocacy. Os marinheiros a bordo perceberam sua aproximação e miraram suas armas no Barco do Dragão.

Sherlock acenou para o baterista na frente do barco para diminuir o ritmo, e trazê-los a uma parada em uma centena de metros ou mais do navio. Ele colocou

o remo no barco e levantou-se com cautela sentindo o barco feito pedra embaixo dele. Ele se esforçou para manter o equilíbrio, se ele caísse na água agora, então ele não tinha certeza de que seus braços teriam força suficiente para impedi-lo de afundar.

“Meu nome é Sherlock Holmes”, ele gritou em inglês através da água para os marinheiros. “Sou um cidadão britânico. Preciso falar com o Capitão Bryan urgentemente.”

“Não se aproxime!” Uma voz respondeu de volta. “Se fizer isso, abriremos fogo!”

“É imperativo que eu fale com o Capitão Bryan!”

O fato de que ele sabia o nome do capitão, obviamente, impressionou os marinheiros. Eles conferenciaram entre si e, eventualmente, alguém de maior patente respondeu.

“Meu nome é tenente MacCrery. Qual é a sua mensagem?”, ele gritou para baixo de sua posição no convés do Monocacy.

“Explosivos foram escondidos a bordo!” Sherlock gritou.

“O quê?”

“Há uma bomba a bordo de seu navio!”

De modo mais frenético ele conferiu, então: “Você disse que há uma bomba a bordo deste navio?”

“Isso foi exatamente o que eu disse.”

“Venha para a lateral do cais. Mas com cuidado; tem armas apontadas para você. Qualquer sinal de problema e nós atiramos!”

Sherlock fez um gesto para os remadores levarem o barco até o cais. Eles, obviamente, não conseguiram entender o que tinha sido dito, mas eles sabiam que havia armas apontadas para eles, e eles estavam nervosos. Sherlock podia ouvir a suave discussão por detrás dele ao longo das linhas que deveria ser sobre perdirem mais dinheiro.

O Barco Dragão aproximou-se do cais. Sherlock esperou até que eles estivessem ao lado da estrutura de madeira, em seguida, ele pegou uma escada que estava presa em sua lateral. O USS Monocacy subia acima dele como um penhasco de um branco sujo.

“Vou avisar o capitão Bryan”, ele disse para Cameron e Wu. “Vocês dois mantenham-se atento para o Sr. Arrhenius. Ele não pode estar muito longe atrás de nós, e eu odiaria vê-lo dar o sinal enquanto eu estivesse a bordo.”

“O que fazemos se o avistá-lo?” Perguntou Wu.

“Soem o alarme”, Sherlock sugeriu. “E em seguida vão atrás dele.”

“Ele matou meu pai”, Cameron apontou severamente. “E ele matou o seu pai também. Eu consigo pensar em uma série de coisas que quero dizer a ele quando encontrá-lo.”

“Não façam nada... finalizador.” Sherlock sugeriu. “Pode ser que precisemos

dele vivo para corroborar nossa história. Se pudermos trazê-lo a bordo do navio, então eu duvido que ele será capaz de enviar o sinal ao homem com os explosivos.” Ele olhou para o navio e o grupo de marinheiros que esperava por ele. “Desejem-me sorte. Esta pode ser a conversa mais importante e difícil de minha vida.”

“Se Arrhenius estiver aqui e não pudermos o achá-lo”, disse Cameron, “pode ser também o mais curto.”

Capítulo 15

Quando Sherlock subiu até o convés, ele percebeu que estava mais cansado do que nunca tinha estado em toda sua vida. Cada músculo de seu corpo doía, e seu peito e pernas latejavam com a dor de onde o crocodilo lhe tinha arranhado. O que ele realmente queria era deitar e descansar por um tempo, mas ele sabia que não podia.

Uma ponte conduzia do pier ao Monocacy. Um grupo de marinheiros uniformizados estavam no topo. Um deles apontou para ele subir. Por um momento ele pensou em pedir-lhes que descessem – ele não tinha certeza de que suas pernas poderiam gerir a subida – mas ele precisava da ajuda deles, por isso era melhor que ele fosse até eles.

Lá pela metade do caminho, suas pernas tremiam. Até o momento em que ele chegou no topo ele teve que puxar-se para a frente com as mãos.

Um grupo de marinheiros com rifles estava no convés. Os fuzis não estavam apontados para Sherlock, diretamente, mas não estavam apontados para longe também.

Conforme Sherlock recuperava o fôlego, notou que o capitão Bryan se aproximava. Ele estava verificando seu relógio e conversando com um de seus oficiais. Ele parecia estressado. Olhando ao redor, Sherlock notou que havia chineses no convés. O partido do governador, obviamente, ainda não chegara, mas a forma em que o capitão Bryan olhava para o relógio sugeria que não demorariam a chegar.

As primeiras palavras de Bryan aparentemente confirmaram a dedução de Sherlock. “Seja rápido jovem. Estou esperando convidados importantes. Você tem algo a me dizer?” Ele franziu a testa quando viu o rosto de Sherlock evidentemente pela primeira vez. “Eu me lembro de você. Eu o vi no jantar na residência Mackenzie, e novamente no cais ontem.”

“Sim, senhor. Obrigado por vir me receber.” Sherlock respirou fundo. “Malcom Mackenzie está morto. Ele foi assassinado porque ele estava indo avisar o prefeito de Xangai sobre uma conspiração para explodir seu navio.”

“Por que alguém quereria explodir este navio?” Perguntou o capitão Bryan. Ele fez uma careta. “Não, esqueça essa pergunta – Eu posso pensar em uma série de razões. Os Estados Unidos da América não é dos mais queridos nesta parte do mundo.”

“Algumas pessoas querem levar a América a interferir militarmente na região”, disse Sherlock. “É tudo sobre comércio.”

“E não é sempre assim?” Bryan respondeu. Ele olhou da ponte para o cais, e olhou para o relógio novamente. “Maldição, o governador da província de Jiangsu estará aqui a qualquer momento.”

“E é quando a boma explodirá”, falou Sherlock. “Um sinal será dado em algum lugar em terra para que se ascenda o pavio.”

“Onde está a bomba?” Bryan rugiu. Um de seus oficiais pegou em seu braço e murmurou algo em seu ouvido. Bryan balançou a cabeça. “Não importa se eu acredito na criança ou não”, ele retrucou. “Se houver a menor chance de uma bomba no navio, então isto precisa ser checado. Além disso – olhe para ele. Ele passou por um inferno para chegar até aqui. Ele obviamente acredita em sua história.”

“Eu penso que é próximo à cozinha, disfarçado como barris de água”, Sherlock admitiu, “mas eu posso estar errado. Pode estar escondido em qualquer lugar.”

“Quem a plantou?”

“Seu novo cozinheiro chefe”, disse Sherlock.

O capitão Bryan abriu caminho para o interior de seu navio e descendo por uma escada. Para um homem que estava no comando geral de tudo, Sherlock refletiu, ele se envolvia bastante nos detalhes. Ele parecia querer fazer tudo sozinho. Sherlock o seguiu, e atrás dele vinham um bando de oficiais. Eles marcharam ao longo de um corredor, contornaram uma esquina, desceram por outra escada e passaram ao longo de outro corredor. Sherlock tentou descobrir onde eles estavam em relação ao convés e ao píer, e decidiu que eles estavam do outro lado do navio, próximo ao casco.

O capitão Bryan abriu uma porta e entrou numa sala grande cheia de fornos, pias, bancadas e potes pendurados. Isso lembrou a Sherlock a cozinha de Wu Chung no Glória Scott, mas ampliado cem vezes.

A cozinha estava deserta. O capitão Bryan estalou o dedo para dois de seus oficiais. “Procurem em toda parte”, ele ordenou.

Do outro lado da cozinha, uma porta dava para uma área de armazenamento. Bryan atravessou até ela, com Sherlock e o restante bem próximos após ele. Ele abriu a porta e entrou.

Ali era, obviamente, uma despensa. Era escuro, iluminado apenas por duas lâmpadas a óleo penduradas. Havia prateleiras por toda parte, com caixas de provisões empilhadas. Frutas e legumes penduradas em ganchos, junto a pernas e laterais de um porco, um cordeiro e um boi. Ao longo da parede do fundo, barris estavam alinhados e empilhados em três partes, com exceção de um espaço em uma extremidade.

“Chequem os barris”, disse Bryan aos oficiais. “Vejam o quanto eles pesam. Quebrem a tampa se for preciso.” Ele olhou ao redor. “Onde está esse maldito cozinheiro? Deve estar fora fumando seu cachimbo de ópio, ou algo assim, estou certo disso.”

Sherlock e o capitão Bryan observaram pelos próximos cinco minutos, enquanto os oficiais iam de barril a barril, sacudindo-os para ver seus conteúdos, se eram líquidos e sólidos. Algumas tampas tiveram que ser retiradas com os pés de cabra pendurados em alguns ganchos na parede. Eventualmente, cada barril

havia sido checado. Um oficial foi para onde Bryan e Sherlock estavam. “Nada.”, disse ele, olhando com desdém para Sherlock. “Os barris contêm água, ou rum, ou carne salgada. Isso é tudo.”

O capitão Bryan virou-se para Sherlock. “Parece que você vendeu um gato por lebre, filho”, disse ele sem ser antipático.

Sherlock sentiu seu coração afundar. Ele sabia que suas deduções estavam corretas, mas ele não podia ver de que outra forma os explosivos poderiam ter sido escondidos. Se eles não o encontrassem logo, o sinal seria dado e o navio seria explodido!

“Eu suponho que você não poderia considerar a evacuação do navio?” Perguntou ele.

Dois oficiais riram alto.

“Baseado apenas em sua palavra?” Perguntou o capitão Bryan. “Temo que não, filho. Isso seria um insulto para o governador, que deve chegar a qualquer momento. Boa tentativa, mesmo assim.”

Sherlock desejou poder ver a margem oposta, no caso de Arrhenius estar lá fora, pronto para dar o sinal. Talvez vendo o homem, e o reconhecendo a partir do jantar, seria suficiente para convencer o capitão que algo estava acontecendo. Então Sherlock percebeu que não havia nenhuma escotilha na despensa, apesar de, pelos seus cálculos eles estarem próximos ao casco.

“Não lhe ocorreu”, disse ele, “que esta despensa é menor do que deveria ser?”

Os oficiais e o capitão Bryan olharam criticamente. Eles se entreolharam com expressões intrigadas. “Agora que você mencionou...” Disse um deles, diminuindo a voz, confuso.

Sherlock indicou a parede do fundo, contra a qual os barris estavam empilhados. “Acho que verão que esta parede é falsa”, disse ele. “Eu suponho que os explosivos estão por detrás dele.”

Os oficiais olharam um para o outro, então começaram a trabalhar com os pés de cabra. Sherlock estava certo. Levou menos de um minuto para trazê-lo a baixo.

Atrás da parede falsa havia um espaço de cerca de seis metros de profundidade. Estava cheio de barris, e desta vez Sherlock pensava que o conteúdo seria água, rum ou carne salgada. Um cabo saía de cada um dos barris. Os cabos de todos eles se uniram em uma trança que corria para um espaço na lateral. Agachado no espaço, abaixo de uma escotilha que deixava um fecho de luz do lado de fora entrar, havia um homem chinês em uniforme de chefe. Ele estava com a trança do pavio na mão com uma expressão assustada no rosto. Ao seu lado no chão, havia uma caixa de fósforos.

“Prendam esse homem!” Gritou o capitão Bryan. “E pelo amor de Deus retirem os pavios desses barris antes que algo desastroso aconteça!”

O cozinheiro chinês tentou correr para a porta, mas dois dos oficiais o agarraram. Eles o levaram para fora da despensa. Outro oficial pegou a caixa de fósforos, enquanto o restante ia de barril em barril puxando o pavio de cada um.

“Como ele fez para chegar aqui sozinho?” Bryan pensou maravilhado. “E como pretendia escapar uma vez que tivesse acendido o pavio? Certamente ele não iria sacrificar-se?”

“Eu duvido”, Sherlock respondeu. Ele indicou um canto na área oculta onde o homem estava escondido. “Acho que há uma porta secreta ali. Lembra-se, há um espaço ali sem barris. Penso que ele esperaria o sinal para acender o pavio, passaria pela porta escondida, pularia na água e nadaria para longe.”

“E ele construiu tudo isso sozinho?” Bryan perguntou, olhando para a parede falsa.

“Não precisava ser perfeito”, Sherlock apontou. “Estava coberto de barris. Ele provavelmente a levantou em seções.”

“Filho, eu lhe tenho uma dívida de gratidão. Se não fosse por você, este navio seria uma pilha de destroços em chamas e centenas de homens estariam mortos.”

“E uma guerra estaria prestes a começar”, disse Sherlock calmamente. Ele foi até a escotilha e olhou para fora. Ele podia ver todo o caminho para o outro lado do rio Yangtze... onde um barco com duas lanternas no mastro estava amarrado a margem, justamente do lado do forte arruinado.

“Capitão”, ele disse em voz baixa. “O senhor tem um pequeno barco a remos para me emprestar?”

Dez minutos depois, Sherlock estava descendo uma escada presa na lateral do Monocacy e pisou em um barco que tinha sido baixado por cordas. O capitão Bryan queria mandar alguém com ele, mas o governador da província de Jiangsu tinha acabado de chegar com sua comitiva, e todas as mãos foram requeridas para uma inspeção oficial em todo o convés. Assim, enquanto um visitante importante estava chegando a ponte, Sherlock estava secretamente escapulindo do outro lado do navio.

Seus braços ainda doíam, e ele descobriu que o remo através da água do rio puxava os seus músculos de uma maneira que enviava picos de dor no peito e nas costas. Ele estava indo em ângulo reto com o fluxo normal de embarcações, e ele teve que continuar parando para permitir que outros navios pudessem passar. Mesmo assim, havia um monte de gritos e maldições direcionados para seu caminho.

Ele continuou olhando ao redor para Cameron e Wu Fung-Yi, mas não havia nenhum sinal deles. Se eles ainda estivessem procurando o Sr. Arrhenius então eles estavam procurando no lugar errado.

Eventualmente, o barco de Sherlock atingiu a margem no outro lado do rio. Ele saiu e o prendeu.

Relutantemente, ele se arrastou até a margem do rio lamacento e ficou na frente das ruínas de pedra do forte. Ele realmente não queria fazer isso. Cada músculo de seu corpo parecia que estava prestes a desistir, e os cortes em todo seu peito, onde o sangue havia coagulado, rachou-se novamente e começou a sangrar, enquanto ele remava. Sua cabeça doía, onde a menina tinha chutado ele, e ele estava ficando com uma sensação oscilante nos cantos de sua visão. Mas ele sabia que precisava fazer isso. Se ele não fizesse, então Arrhenius fugiria, e isso não era certo. Não depois dos assassinatos do amigo de Sherlock, Wu Chung e do pai de Cameron.

Às vezes, ele pensou, fazer a coisa certa era mais difícil do que fazer a coisa errada. Às vezes, fazer a coisa certa era a coisa mais difícil do mundo.

Nada ansioso para o que encontraria, ele se arrastava em torno da meia-parede arruinada do forte até que ele chegou em entrada em arco que levava pra dentro.

Mato crescia entre as pedras. Não havia teto, e os restos da parede mal passavam da cabeça de Sherlock. Havia lacunas em vários pontos, onde o tempo e o clima fizeram a argamassa que segurava as pedras desmoronar.

Dois soldados chineses estavam deitados no chão do primeiro cômodo que viria a ser – a área de um grande salão. Sherlock agachou até eles. Ambos estavam inconscientes; ambos tinham cortes sangrentos em seu couro cabeludo. Ele suspeitava que esses eram guardas designados para a ruína, ou talvez eles fossem parte da estacionada ao longo da margem do rio, em preparação a chegada do governador. Seja qual fosse a razão de sua presença, foi má sorte para eles. Nenhum deles estava armado, o que preocupava Sherlock. Presumivelmente Arrhenius tomou suas armas após dominá-los.

Tendo a certeza de deixar os dois soldados inconscientes ao menos confortáveis, ele mudou-se de um cômodo para outro através de uma porta.

Este cômodo era tão grande quanto o primeiro. O Sr. Arrhenius estava ali, de pé em uma janela sem vidro que dava para o rio. Ele segurava uma lâmpada, e estava pacientemente abrindo e fechando o obturador em uma sequência regular, enviando flashes de luz através do rio para o USS Monocacy.

Onde nada acontecia.

“Eu presumo que você conseguiu alertar a tripulação do navio quanto a presença dos explosivos”, disse Arrhenius em sua voz estridente. Ele não virou a cabeça. “Eu também presumo que a tripulação descobriu a localização dos explosivos, apesar da maneira meticulosa em que eles estavam escondidos, e apreendido o agente que estava esperando para acender o pavio. Estou presumindo tudo isso por causa da óbvia falta de qualquer explosão, apesar do fato de que eu posso ver a comitiva do governador no convés e eu estou sinalizando para o agente a cinco minutos.” Ele colocou a lanterna no parapeito de pedra da janela e virou-se para Sherlock. “O agente havia dito que o pavio

queimaria por cinco minutos, dando-lhe tempo para fazer sua fuga”, ele continuou. “NA verdade, ele queimaria por apenas trinta segundos. Em cinco minutos, alguém poderia o ter descoberto e o posto para fora.”

“Não”, disse Sherlock, “é um problema agora, eu temo.”

“Aparentemente, não.” Arrhenius suspirou. “Você realmente é um jovem impressionante. Você não iria acreditar na quantidade de tempo, esforço e frieza, o dinheiro vivo que foi dispendido sobre este plano. Então você vem e o sabota apenas por” - ele dá de ombros - “apenas por observação e dedução. Realmente muito impressionante.” Ele alcançou sua traseira, onde Sherlock viu algo encostado contra a parede. “Impressionante e problemático. Acho que vou salvar o mundo do incômodo de lidar com você no futuro, eliminando-o agora. Dessa forma, eu, pelo menos, terei feito alguma coisa hoje.”

Ele levou as mãos por detrás das costas. Ele segurava um bastão de madeira comprida, Sherlock viu, mas terminava em uma lâmina de metal com uma forma estranha. Parecia muito afiada. Ele deve ter tomado de um dos soldados inconscientes.

“Por favor”, Arrhenius disse, “tente resistir. Tente fugir. Isso fará com que o processo seja muito mais divertido para mim.”

“O que aconteceu com a garota?” Sherlock perguntou, dando um passo para o lado. Distraindo Arrhenius, atrasando-o de atacar, era decididamente, sua melhor opção.

Sua melhor opção entre um pequeno grupo de opções muito insatisfatórios, sua mente não poderia deixar de acrescentar.

Arrhenius retornou lentamente para segui-lo, segurando a arma branca na frente de si, como um carrasco em repouso. “A minha filha? Oh, eu presumo que ela ainda está lá fora, em algum lugar ao longo do rio.

“E você não se importa?”

“Quanto mais velha ela fica, mais teimosa ela se torna. Eu estava começando a perder o controle sobre ela. Era só uma questão de tempo antes que ela me deixasse. A única questão em minha mente era se ela tentaria me matar primeiro, ou simplesmente desapareceria. Ao abandoná-la - com sua ajuda é claro. - Eu simplesmente antecipei e controlei um resultado inevitável.

Sherlock meneou a cabeça. “Mas... sua própria filha?”

Arrhenius deu de ombros. “Oh, eu não tenho sentimentos paternais pela menina. Sua mãe morreu no parto. Seu próprio desenvolvimento foi afetado pelas grandes quantidades de prata coloidal que eu havia consumido, e com que eu a alimentei enquanto ela crescia. Ela nunca foi normal, como as outras crianças. Ela nunca teria crescido feliz, eu temo.” Ele deu um passo para frente, balançando a lâmina para as pernas de Sherlock. “Assim como você não vai crescer de tudo!”

Sherlock atirou-se para trás, contra as lajes. A lâmina assobiou pelo ar, o

perdendo por uma plegada. Ele tentou se por de pé, empurrando seu corpo para a frente e para cima com os cotovelos, mas Arrhenius correu para ele de novo, trazendo a lâmina para baixo em direção a cabeça de Sherlock.

Ele rolou para o lado. A lâmina bateu na laje. Faíscas e fragmentos de pedra explodiram para cima. Sherlock sentiu-os salpicarem seu rosto, tirando sangue, enquanto ele rolava.

Arrhenius pareceu momentaneamente em choque com as vibrações do impacto da lâmina na pedra. Seu rosto se contorceu de dor. Sherlock teve sua chance de subir para o pé e cambalear para distância.

Segurando a coisa como uma lança, Arrhenius virou-se e pulou em Sherlock, com a lâmina apontada diretamente para o coração do menino. Com apenas um momento para descobrir o que fazer, Sherlock decidiu que a sua melhor opção era mergulhar aos pés de Arrhenius, enrolando-se em uma bola enquanto fazia isso. Arrhenius tentou saltar sobre Sherlock, mas tropeçou e caiu sobre o corpo enrolado do menino. Sherlock ficou de pé antes de Arrhenius poder reagir e se arrastou para longe em suas mãos e joelhos.

Ele estava junto a parede agora, a parede com o buraco no meio com vista para o rio. No chão, perto de onde Arrhenius estava parado Sherlock podia ver uma espada. Arrhenius deve tê-la tomado do segundo soldado inconsciente. Sherlock pegou-a, levantando-a experimentalmente em sua mão. A lâmina era de uma forma estranha em comparação com as espadas europeias que ele estava acostumado, mas as coisas estavam desesperadoras e ele não tinha muita escolha.

Espada na mão, coração batendo, Sherlock avançou.

Arrhenius de repente reverteu a coisa e bateu várias vezes, tendo o peito de Sherlock como o seu fim. Assustado, Sherlock se defendia com a espada, arrancado pedaços da madeira, mas um dos golpes atingiu o seu esterno. Ele pensou que seu coração havia parado, tão duro foi o impacto. Ele cambaleou para trás, tentando desesperadamente recuperar o fôlego.

Abruptamente Arrhenius balançou a coisa ao redor, trazendo a lâmina para baixo na testa de Sherlock. Sherlock podia ouvir o silvo do ar conforme a lâmina cortava até ele.

Ele trouxe a espada para cima, segurando-a com as duas mãos, para que ela interceptasse a lâmina. O impacto o deixou de joelhos.

Usando cada última gota de sua força, ele forçou seu caminho de volta aos seus pés, empurrando a lâmina de Arrhenius para cima. Por um longo momento os dois ficaram ali, congelados como estátuas. Os músculos de Sherlock gritavam com o esforço.

Gradualmente Arrhenius empurrou sua espada cada vez mais perto do rosto de Sherlock. Sherlock podia ver o brilho líquido de luz na borda afiada. O rosto de Arrhenius estava contorcido em um grunhido, os lábios enegrecidos puxados para

trás sobre os dentes que brilhavam como metal. Suas íris eram tão escuras que eram quase pretas.

“Eu penso que você foi levado a loucura por toda a prata que você bebeu”, Sherlock resmungou. “Eu penso que ela está entupindo a sua mente, como uma espécie de lodo metálico. Você não pensa mais como um ser humano. Você não se importa com as pessoas, assim como sua filha não se importava.”

“Eu tenho novidades para você.”, Arrhenius sibilo. “Eu nunca tive. Emoção não paga as contas. Só a prata faz isso.”

Ele recou abruptamente, puxando sua coisa para longe e, em seguida, balançou-a trazendo para baixo, cortando aos pés de Sherlock. Sherlock defendeu. O som estridente quando as lâminas se chocaram ecoou por entre as paredes de pedra do forte.

Arrhenius deu dois passos para trás. Ele não parecia respirar pesadamente – na verdade, seus lábios cinzas enegrecidos estavam torcidos em algo próximo a um sorriso – mas os pulmões de Sherlock estavam queimando com o esforço de puxar o ar.

“Desista, filho”, disse Arrhenius com calma. “Você pode lutar, e então eu vou matar você, ou você pode largar a espada agora, e daí eu te mato. De qualquer forma, você estará morto, mas você pode salvar um monte de dor e estresse durante a jornada.”

Você matou meu amigo”, disse Sherlock com os dentes cerrados. “E você matou o pai de meu amigo.”

“Eu não matei nenhum deles, não diretamente, embora eu possa confirmar que eu tramei as suas mortes.” Ele fez uma pausa, considerando. “Eu acho, que eu jamais tenha matado alguém diretamente.” Ele sorriu. “Até agora, isto é. Esta será minha primeira vez. Devo dizer que estou ansioso por isso. Será interessante descobrir o que ela realmente sente – tirando uma outra vida. Obrigado por me dar essa oportunidade.”

“De nada”, disse Sherlock. “Mas não espere que será fácil.”

“O que vale a pena nunca é.” Arrhenius fez um pequeno movimento com a sua lâmina. “Agora, vamos acabar com isso? Com o fracasso do plano de explodir o USS Monocacy, estou encurtado em várias centenas de dólares em pagamentos. Vou precisar começar a construir pontes diplomáticas com meus empregadores se quiser continuar a trabalhar.”

Sherlock abriu a boca, para dizer algo sem sentido e adiar o inevitável, mas Arrhenius virou abruptamente a sua coisa ao redor, trazendo a lâmina para o rosto de Sherlock. Sherlock trouxe sua espada para cima, bloqueando o golpe, mas o impacto o derrubou de lado, fazendo-o girar. Seu ombro bateu na parede. Sua espada caiu de seus dedos entorpecidos, fazendo barulho no chão.

“Adeus, mestre Holmes”, disse Arrhenius. Ele chutou a espada para longe. Ela deslizou pela laje. Arrhenius ergueu sua coisa com lâmina feito uma lança. O

ponta visava o coração de Sherlock. Sherlock sentiu uma pedra fria e dura contra suas costas. Ela parecia sugar o calor, mesmo a vida, dele.

Sherlock deixou as mãos caírem para o lado. Era isso. O jogo tinha acabado.

Seus dedos roçaram algo no bolso de sua mão direita; era duro, com gumes, um objeto de metal. Ele enfiou a mão dentro do bolso e fechou os dedos sobre ela, sentindo as arestas. Sentindo um súbito ímpeto de esperança.

“Adeus, Sr. Arrhenius”, disse ele.

Ele puxou o objeto para fora e levantou-o até seu rosto. Com um movimento de seu polegar, Sherlock operou o mecanismo de mola. As mandíbulas estalaram abertas. Seu polegar encontrou o bulbo de borracha dentro e espremeu-o com força.

Um spray de veneno de cobra se arqueou através dos poucos centímetros entre Sherlock e Arrhenius. Ele gritou, deixando cair sua coisa com lâmina e apertou as mãos sobre a face. Ele cambaleou para trás, ainda gritando.

“Pelo amor de Deus!” Arrhenius chorou. “A dor! A dor! Mate-me! Mate-me agora! Eu lhe imploro mate-me agora!”

“Não a sangue frio”, disse Sherlock calmamente. “Eu não sou esse tipo de pessoa.”

Arrhenius caiu de joelhos enquanto se contorcia, e gritou, e gritou, e caiu para frente, de modo que ficou deitado sobre seu rosto sobre as lajes de pedra que formavam o piso do forte arruinado. Eventualmente Arrhenius parou de se mover. Só então Sherlock virou e foi embora.

Capítulo 16

Três dias depois, Sherlock estava sentado em um caixote vazio no cais, olhando para o Glória Scott. Marinheiros europeus e trabalhadores portuários chineses estavam todos correndo feito formigas, verificando o equipamento e as velas, e carregando barris e caixas pela ponte.

“Ele vai partir amanhã”, disse Cameron ao lado dele.

“Eu sei”, Sherlock respondeu.

“Você estará nele?”

Ele assentiu com a cabeça. “Eu pensei em ficar”, disse ele. “Mas há muita gente esperando por mim em casa. Meu irmão, meus amigos....”

“E aquela menina”, disse Wu Fung-Yi, do outro lado, a Sherlock. “A única sobre quem você não fala.”

“Então, como é que você sabe que há uma garota?” Perguntou Sherlock.

“Porquê você está voltando por ela”, disse Wu Fung-Yi com uma lógica indiscutível.

Sherlock virou-se para olhar Cameron. “E quanto a você?” Perguntou Sherlock. “Acha que ficará em Xangai?”

Cameron deu de ombros. “Eu duvido”, disse ele finalmente. “Eu acho que Mamã quer voltar para a América. Devo admitir, eu gostaria de ver o lugar. Eu quero ver se é tão grande como todo mundo fala.”

“E você ficará?” Sherlock perguntou, virando-se para Wu.

O menino chinês assentiu. “Minha mãe precisa de mim. Eu sou tudo que lhe resta. Então, eu ficarei. Talvez eu aprenda a cozinhar, como meu pai. Talvez eu vá fazer outra coisa. Mãe quer que eu faça os exames para o serviço público, mas custa muito dinheiro e toma muito tempo.

“Mas se você entrar”, Cameron observou, “então você estará feito na vida. Não terá mais problemas financeiros, nunca.”

Wu sorriu e acenou com a cabeça. “Meu pai ficaria orgulhoso”, disse ele. “se....”.

“Sim”, Cameron disse em voz baixa. “Se.”

“Escrevam-me”, disse Sherlock. “Se puderem. Se tiverem a chance. Vou lhes dar o endereço.”

Os três rapazes ficaram lá por um tempo em silêncio, cada um com seus próprios pensamentos.

“Teremos algum almoço saboroso”, perguntou Cameron eventualmente. “Estou ficando com fome.”

“Um dos barcos de pesca trouxe uma captura de lula hoje mais cedo”, disse Wu. “Frito no gengibre e molho de soja, é maravilhoso. Vocês não conseguiriam fazer melhor.”

“Melhor do que ovos e bacon?”

“Muito melhor.”

Os dois rapazes se levantaram. “Você vem?” Cameron perguntou a Sherlock. “Irei segui-los em um minuto”, disse ele. “Deixem algumas lulas para mim....”

Os dois meninos saíram, discutindo e se empurrando, e Sherlock os assistiu ir com um sorriso no rosto. Nunca lhe ocorrera que ele encontraria amigos tão bons quanto Matty e Virgínia, como ele encontrou. Talvez ele sempre os encontrasse, onde quer que fosse.

Ele pensou sobre o que ele diria a Matty e Virgínia sobre suas aventuras quando ele voltasse para a Inglaterra. Ele pensou sobre a viagem de vinda; a tempestade e o ataque dos piratas, e pensou sobre as experiências que ele passou em Xangai, e ao longo do rio Yangtze. Tanta coisa para dizer.

O ataque pirata. Algo o incomodava sobre isso. Era a maneira em que ele havia encontrado o pirata na cabine do Sr. Arrhenius, aparentemente procurando a mensagem codificada destinada a Malcom Mackenzie. O pirata sabia que ela estava lá, o que sugere que todo o ataque pirata tinha sido montado para que eles pudessem se apossar dessa mensagem. Mas quem teria o alcance e a influência para organizar o ataque dos piratas chineses ao navio de comércio, para que pudessem se apossar de uma mensagem codificada?

A Câmara Paradol, é claro.

Eles haviam sequestrado Sherlock, em primeiro lugar, e o colocado no Glória Scott. Sherlock tinha chegado a assumir todo esse tempo que eles tinham feito isso por vingança, para puni-lo pela forma em que ele tinha interferido em seus planos, mas talvez fosse mais do que isso. Talvez a Câmara Paradol houvesse descoberto sobre os planos para explodir um navio americano e queria detê-lo. Talvez uma guerra entre os Estados Unidos e a China não viessem a servir a seus propósitos, e eles decidiram interferir.

E esse era o verdadeiro motivo de a Câmara Paradol ter colocado Sherlock no Glória Scott? Será que ele estava, inadvertidamente, trabalhando para eles todo esse tempo? Mas, certamente, com um alcance como o deles, eles poderiam tê-lo impedido de alguma outra forma? Eles precisariam de um menino inglês e alguns piratas chineses para fazê-lo?

Ele sorriu. Realmente, não importava. Ele, Cameron e Wu tinham salvo vidas e impedido uma guerra. Não importava de quem tinha sido a ideia. Eles tinham feito a coisa certa.

“Com licença.”

Ele olhou para cima. Um homem estava em pé na frente dele. Ele estava usando roupas típicas de marinheiro, e a julgar por branqueamento solar, aparentemente sal endurecido, e a sua pele bronzeada, ele havia desembarcado recentemente de algum navio. Sherlock olhou de cima a baixo, e rapidamente o caracterizou, com base no que ele pode ver. Nascido em Yorkshire, mas vivendo em Londres. Casado. Cinco crianças. Mãe viva, mas o pai morreu recentemente.

“Sim?”, Disse ele educadamente.

“O seu nome é Holmes? Sherlock Holmes?”

Ele se endireitou. “Sim. Sim, é.”

O homem estendeu um envelope. Ele tinha sido dobrado e redobrado muitas vezes, bem como contia manchas de água e cera de vela no papel pardo grosso. “Isto é para você. Eu o trouxe da Inglaterra. Me entregaram ele.”

A boca de Sherlock ficou subitamente seca, e seu coração estava batendo mais rápido do que tinha batido enquanto lutava com o Sr. Arrhenius.

“Obrigado...”, disse ele, estendendo a mão para pegá-la. Sua outra mão mergulhou no bolso. “Aqui, olha, eu deveria.”

O homem meneou a cabeça. “Não se preocupe. Fui bem pago para entregá-lo. Eu tenho trabalhado para seu irmão já por vários anos, viajando ao redor do mundo para ele. Ele me disse que tomasse nenhum dinheiro de você. Ele disse: 'Diga ao rapaz que ele precisa conservar seu dinheiro, se quiser ter alguma esperança de voltar para casa, inteiro.'”

Sherlock riu. A impressão que o marinheiro tinha de seu irmão Mycroft era impecável. “Obrigado”, disse ele. “Eu aprecio isso.”

O marinheiro olhou ao redor. “Você já está aqui por um tempo”, ele disse. “Alguma dica?”

“Aparentemente”, disse Sherlock, “a lula é muito boa.”

O marinheiro franziu a testa, em seguida, balançou a cabeça e se afastou. Sherlock notou que suas pernas ainda não tinham se habituado a terra seca.

Com as mãos tremendo um pouco mais do que ele gostaria, Sherlock abriu o envelope. De dentro, ele puxou uma carta e um outro envelope menor. Colocou o envelope menor do lado, e começou a ler a carta.

Meu caro Sherlock,

Esta é uma das várias cartas que enviei por várias mãos para muitos destinos diferentes ao longo do percurso, na esperança de que, pelo menos, uma chegue até você. Se você receber mais de uma, então por favor não perca a energia na leitura das outras – todas dizem a mesma coisa. E antes que pergunte, sim eu escrevi todas estas cartas a próprio punho, em vez de tê-las redigido por um secretário. Foi um grande esforço, mas senti que devia, pelo menos, fazer alguma coisa em reconhecimento das duras experiências que você tem, sem dúvida, passado.

Seu tutor, o Sr. Crowe, sua tia e tio, e seus amigos Matthew e Virgínia tem todos me intimidado a passar seus melhores cumprimentos a você. Virgínia, em especial, me pediu para anexar uma carta especificamente dela. Eu sinto que eu deveria prepará-lo para o conteúdo. Você esteve fora por algum tempo – talvez mais do que imagina – e as coisas mudaram. Amyus Crowe foi forçado a assumir outros alunos, a fim de ganhar a vida, e Virgínia tornou-se particularmente próximo de um deles – o filho de um empresário americano que

trabalha em Guildford. Seu nome é Aaron Wilson Jr., e ele pediu Virgínia em casamento. Lamento dizer-lhe que ela aceitou...

Sherlock baixou a carta. Sua mão estava tremendo. Ele pegou o segundo envelope. A escrita na frente era delicada, feminina. Um minuto atrás, sabendo que era uma mensagem de Virgínia, nada poderia tê-lo impedido de lê-lo. Agora, depois de ter visto a mensagem de Mycroft, a última coisa no mundo que ele queria fazer era abri-la. Mas já era tarde. A mensagem tinha sido transmitida. O gênio tinha sido liberado da garrafa.

Ele engoliu em seco e olhou para o Glória Scott, que estava sendo preparado para a viagem para casa.

Como poderiam algumas palavras mudar o seu mundo tão completamente?

Como poderia ser coração ser tão rapidamente quebrado por alguém assim, longe?

Lentamente, ele amassou a carta meia lida de Mycroft, e o envelope fechado da Virgínia, enquanto olhava cegamente ao redor na atividade movimentada do cais.

Também por Andrew Lane,
Young Sherlock Holmes: Death Cloud;
Young Sherlock Holmes: Red Leech;
Young Sherlock Holmes: Black Ice;
Young Sherlock Holmes: Fire Storm.

Nota do Autor

Cinco livros. Eu nunca pensei que eu faria até cinco livros sobre Sherlock Holmes como um adolescente, mas eu fiz, e não mais para onde correr. Pelo menos mais um e (Macmillan Children's Books willing), possivelmente, outros três ou mais em cima disso. Eu tenho que trazer Sherlock Holmes de volta da China inteiro, o que pode levar algum tempo, e então eu tenho que, de alguma forma, resolver o problema da Câmara Paradol. E, claro, o que aconteceu com Virgínia – como isso afetou Sherlock? (Aqueles de vocês que leram algumas de todas as histórias de Conan Doyle, é claro, sabem a resposta para essa pergunta).

Arthur Conan Doyle, que escreveu as histórias de Sherlock Holmes originais, nos disse que Sherlock era (pelos seus vinte e poucos anos) um espadachim expert, pugilista, lutador de artes marciais, químico, ator e violinista. Eu consegui, nos cinco livros que eu escrevi sobre o início da vida de Sherlock, até agora, lançar a base para o boxe, sua atuação, suas artes marciais e sua forma de tocar violino. Eu ainda tenho que fazer algum trabalho em sua espada e seu amor por química, e isso tem que ser em dois livros diferentes.

Como de costume, eu tentei fazer o livro tão preciso quanto possível, de modo que, em vez de confiar no que eu achava sobre como era a China na década de 1860 (amplamente baseado em uma antiga série de TV Japonesa passando-se na China e chamado de A Margem da Água e que foi mostrado, mal dublado, no Reino Unido, enquanto eu crescia). Eu li um quantidade enorme de livros sobre o assunto, na tentativa de obter a correta atmosfera. Alguns desses são livros modernos olhando para a China de mais de cem anos atrás, enquanto outros foram escritos por pessoas que viajaram no extremo oriente mais ou menos neste exato período.

O mais útil dos livros modernos foram, apenas a título de interesse:

The Opium War: Drugs, Dreams and the Making of China, por Julia Lovell (Picador, 2011). Um livro absolutamente brilhante, escrito e exaustivamente pesquisado sobre o hipócrita e vergonhoso jogo duplo que caracterizou o relacionamento da Grã-Bretanha com a China. Infelizmente, ela tem um “pop” injustificado no personagem fictício do Fu Manchú – mas, fora isso, é imaculado.

The Scramble for China: Foreign Devils in the Qing Empire, 1832–1914 por Robert Bickers (Allen Lane, 2011). Esta é uma boa, embora idiossincrática, história escrita sobre as relações do Oeste com a China.

Chinese Characters by Sarah Lloyd (HarperCollins, 1987). Este brilhante livro é, em face disso, um diário de viagem do tempo Sarah Lloyd na China, mas é também uma meditação sobre os chineses, a história chinesa, o persona chinês e todo esse tipo de coisas, e tudo escrito em prosa clara, mas poética. Eu li esse porque muita coisa da China de hoje, especialmente os campos e fazendas, não são muito diferentes da forma como eram no tempo de Sherlock. Vale a pena a leitura.

Os livros mais úteis do período foram:

Lady's Captivity Among Chinese Pirates by Fanny Loviot (Museu Marítimo Nacional, 2008) - um suposto relato verdadeiro de uma senhora do Victorian que viajou da Inglaterra para a América e, em seguida, para a China, e teria sido capturado por piratas. Como podem realmente os eventos serem factuais é um assunto para debate...

Acredite ou não, a doença desfigurante sofrido pelo Sr. Arrhenius é real. Eu não ousaria fazer algo tão bizarro. É chamado argyria, e você pode procurá-lo na internet e até mesmo ver fotos de pessoas que sofrem com isso. Mais e mais pessoas hoje em dia estão tomando prata para tentar afastar doenças, por isso argyria poderia muito bem ser algo que está a aumentar.

O USS Monocacy foi um navio de guerra americano real que esteve estacionado no Extremo Oriente no final dos anos 1860 e início dos anos 1870. Ele fez a viagem até o Rio Yangtze em uma expedição de mapeamento por volta do tempo em que eu defini neste livro (na verdade, eu posso ter falsificado-o por um ou dois anos, pela causa da trama). O navio foi construído em 1864, e permaneceu em serviço até 1903, quando foi vendido para um empresário japonês. Henry Francis Bryan foi seu capitão por alguns anos. Ele se tornou o governador de Samoa.

E o que mais? Os animais que Sherlock se depara durante suas aventuras no rio Yangtze são reais - o golfinho do rio Yangtze (ou Baiji) e o crocodilo do Rio Yangtze. O Baiji está em declínio no momento, graças à pesca e à poluição no rio. Pode até ser extinto. Ah, e uma nota para os verdadeiros sherlockianos aqui - o Gloria Scott nesta história não é a mesma como mencionado na história de Arthur Conan Doyle "A aventura do Gloria Scott". Esse barco foi afundado em 1855 em seu caminho para a Austrália. Não, este é Gloria Scott diferente. Por que um Gloria Scott diferente? A resposta é simples, porque eu queria chamá-lo pelo nome de outro navio mencionado nas histórias de Conan Doyle - o Matilda Briggs - mas eu me lembrei o nome errado, e na hora que eu percebi que eu tinha lembrado o nome errado era tarde demais para mudá-lo. É tão simples (e tão estúpido) como isso.

Uma nota sobre a pronúncia chinesa, enquanto estamos nessa parte. E os nomes chineses também. No tempo de Sherlock, a maneira que os sons chineses foram convertidos em Inglês era conhecido como o sistema Wade-Giles (a língua chinesa tem sons nele que não ocorrem em Inglês). Ele foi desenvolvido por Thomas Francis Wade, um embaixador britânico na China que publicou o primeiro livro do chinês para o Inglês em 1867. O sistema foi aperfeiçoado em 1912 por Herbert Allen Giles (daí vem o Wade-Giles). O sistema Wade-Giles foi substituído pelo sistema Pinyin na década de 1950. O problema é que os dois sistemas pode dar resultados bastante diferentes da mesma palavra chinesa. Por exemplo, a cidade conhecida como Pequim no sistema Wade-Giles de repente se

tornou Beijing no sistema Pinyin (você pode ver que eles tem sons semelhantes, mas eles não são o mesmo). Da mesma forma, Mao Tse-tung, com a China entre 1949 e 1976, de repente se tornou Mao Zedong. Eu usei largamente o sistema Wade-Giles neste livro, em vez de o sistema Pinyin, porque é o único com que Sherlock e Cameron Mackenzie estariam familiarizados. Isso, infelizmente, dá a alguns dos nomes dos personagens chineses (Wu Chung, Wu Fung-Yi) um antiquado som (Wu Chung, seria Wu Zhong no sistema Pinyin, enquanto Wu Fung-Yi teria sido bastante semelhante a Wu Feng-Yi). Nomes chineses têm o sobrenome em primeiro lugar, por isso, enquanto Sherlock Holmes é o filho de Siger Holmes, Wu Fung-Yi é o filho de Wu Chung. (Mulheres chinesas da época mantinham seus próprios nomes, razão pela qual Tsi Huen não tem um Wu em qualquer lugar.) Tudo certo? (Você pode ser testado sobre isso mais tarde). Em um livro anterior eu falei um pouco sobre dinheiro na Inglaterra vitoriana. Na China do período imperial tardio (que é quando este livro está definido) o Imperador mantinha um sistema de moedas de prata e cobre. As moedas de cobre foram chamadas dinheiro (embora provavelmente não é aqui que temos o uso da palavra "dinheiro"). O sistema tinha várias moedas de prata: o Tael, a maça, o Candareen e o li. (Se você alguma vez encontrar-se no fim da China Imperial, lembre-se que $1 \text{ tael} = 10 \text{ mace} = 100 \text{ candareens} = 1,000 \text{ li}$ – um sistema decimal.)

Então, onde é que tudo isto nos deixa? Bem, Sherlock tem que chegar em casa, é claro. Ele, sem dúvida, terá todos os tipos de aventuras no caminho (eu acho que ele provavelmente vai acabar no Japão por vários meses, e talvez na Índia), mas essas histórias nunca poderão ser contadas - ou não contadas por mim, pelo menos. Eu acho que o próximo livro - o sexto - terá lugar na Inglaterra, e eu acho que vai envolver a Câmara Paradol novamente (e, talvez, marcar o reaparecimento de um vilão determinado a partir de histórias anteriores). Uma coisa é certa, no entanto – quando Sherlock chega em casa ele estará mais velho e mais sábio, e muito mais triste.